

Liliana Joaquina Mesquita Machado

30 Anos de Reportagem na Imprensa Escrita do Porto

O Caso do *Jornal de Notícias*, *O Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto* (1974/2004)

Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2010

Liliana Joaquina Mesquita Machado

30 Anos de Reportagem na Imprensa Escrita do Porto

O Caso do *Jornal de Notícias*, *O Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto* (1974/2004)

Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2010

30 Anos de Reportagem na Imprensa Escrita do Porto

O Caso do *Jornal de Notícias*, *O Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto* (1974/2004)

Liliana Joaquina Mesquita Machado

Orientador: Professor Doutor Jorge Pedro Sousa

Dissertação apresentada à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Comunicação - Jornalismo.

Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2010

Resumo: Com o avanço do Webjornalismo discute-se o futuro da Imprensa e dos géneros jornalísticos a ela anexados. A reportagem assume-se como um género que exige a investigação e uma dose de criatividade escrita, de modo a tornar-se apelativa, havendo uma aproximação à literatura, sem perder, no entanto, o cariz informativo e fiel aos factos. Para conhecer o futuro da imprensa escrita é necessário conhecer o seu passado, o passado da reportagem (género que nasce no seio da imprensa). Para compreender a reportagem na imprensa escrita desenvolveu-se um estudo quantitativo e qualitativo de 30 anos de reportagens nos jornais *Jornal de Notícias*, *O Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto* (1974/2004). As reportagens seleccionadas para o estudo têm um cariz político-social, tendo em conta o panorama histórico de Portugal a partir do 25 de Abril de 1974. Com este estudo foi possível analisar a evolução da reportagem ao longo do período em estudo no *Jornal de Notícias*, *O Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto*, relativamente ao tipo de reportagens, ao espaço ocupado dentro das páginas dos jornais e o seu enquadramento em relação aos restantes géneros jornalísticos.

Abstract: With the development of Webjournalism we can start thinking about the future of the press and the journalistic types related to it. The report defines itself as a genus that requires research and a dose of creative writing in order to become attractive, with an approach to literature, without losing, however, its informative nature and staying faithful to the facts. To know the future of the press, you need to know its past, the report's past (genus that comes with the press). To understand the story of the press, a quantitative and qualitative study of 30 years of reporting was developed in the *Jornal de Notícias*, *O Primeiro de Janeiro* and *O Comércio do Porto* (1974/2004). The stories selected for this study have a political and social nature, taking into account the historical background of Portugal from April 25th, 1974. This study was able to examine the development of reporting in *Jornal de Notícias*, *O Primeiro de Janeiro* and *O Comércio do Porto*, during the period under study, concerning the type of reports, the space occupied within the pages of the newspapers and how it fitted within other journalistic types.

Palavras-chave (Keywords): Reportagem (Reporting); Imprensa Escrita (Press); Tipos de Reportagens (Types of Reports); Webreportagem (Web report).

Dedico esta tese

À minha família:

À minha mãe pela ajuda, pela força e pelo apoio. Ao meu pai pelo carinho, pela compreensão e pela dedicação. Ao meu irmão pela mão amiga, pelos conselhos e pelo companheirismo. Ao amor incondicional que faz crescer em mim a vontade de conquistar a vida.

Agradecimentos:

Ao orientador Professor Doutor Jorge Pedro Sousa pelo seu profissionalismo e dedicação, pela sua exigência e, sobretudo, pela amizade. Todas estas características estimulam, influenciam e têm marcado o meu caminho académico. Como diz William Arthur Ward “O grande professor inspira” e neste percurso o professor tem sido a minha inspiração. Obrigado Professor Doutor Jorge Pedro Sousa por acreditar em mim e por me ter acolhido desde a licenciatura.

À Universidad Complutense de Madrid – Facultad de Ciencias da la Información e Universidad Carlos III de Madrid por me cederem a bibliografia solicitada para esta Dissertação. A María Isabel Cintas Guillén por me oferecer o seu livro e pelo cartão e ao Professor Doutor José Manuel Leão Martins por ter sido intermediário na requisição deste livro.

Aos funcionários da Biblioteca Pública Municipal do Porto que, durante seis meses, me auxiliaram e prestaram a ajuda necessária para que este estudo fosse possível de realizar.

A Deus pela coragem de seguir em frente e lutar, mesmo quando todos os caminhos profissionais parecem não ter saída.

Índice:

Resumo.	5
Introdução:.....	13
Capítulo I – A Reportagem e a Imprensa Escrita	17
1.1 – Definição de Reportagem enquanto género jornalístico.....	17
1.2 – Tipos de Reportagem	37
1.3- A Reportagem na Imprensa Escrita:	45
Capítulo II – A Reportagem na imprensa escrita: passado e futuro.....	53
1.2 – Enquadramento Histórico da Reportagem.....	53
1.2 – A Reportagem nos Webjornais	65
Capítulo III – Estudo do Jornal de Notícias, Primeiro de Janeiro e Comércio do Porto (1974/2004).	74
2.1 – Contexto e Metodologia do Estudo de Caso	74
2.2- Resultados e discussão da análise quantitativa do discurso do Jornal de Notícias (JN), O Primeiro de Janeiro e O Comércio do Porto.....	85
2.3- Resultados e discussão da análise qualitativa do discurso do Jornal de Notícias, O Primeiro de Janeiro e O Comércio do Porto.	143
2.3.1 – Os Títulos:.....	144
2.3.2 – Os Leads:.....	155
2.3.3 – Os Corpos de reportagem:	169
2.3.4 – Reportagem e Literatura	183
2.3.5 – A Fotografia nas reportagens.....	189
Conclusão:	210
Bibliografia:	213

Índice de Tabelas e Gráficos:

Tabela 1 – Gestão do Espaço dedicado às reportagens no <i>JN</i> , <i>O Primeiro de Janeiro</i> e <i>O Comércio do Porto</i> – total dos 30 anos.	85
Gráfico 1 – Gestão do Espaço dedicado às reportagens no <i>JN</i> , <i>O Primeiro de Janeiro</i> e <i>O Comércio do Porto</i>	85
Tabela 1.1 – Gestão do Espaço dedicado à Reportagem – década de 70.....	86
Gráfico 1.1 – Gestão do Espaço dedicado à Reportagem – década de 80.	87
Tabela 1.2 – Gestão do Espaço dedicado à Reportagem – década de 80.....	87
Gráfico 1.2 – Gestão do Espaço dedicado à Reportagem – década de 80.	87
Tabela 1.3 – Gestão do Espaço dedicado à Reportagem – década de 90.....	88
Gráfico 1.3 – Gestão do Espaço dedicado à Reportagem – década de 90.	88
Tabela 1.4 – Gestão do Espaço dedicado à Reportagem – 2000/04	89
Gráfico 1.4 – Gestão do Espaço dedicado à Reportagem – 2000/04	89
Tabela 2 – Enquadramento da Reportagem relativamente aos restantes géneros jornalísticos – total dos 30 anos.....	90
Gráficos 2 – Enquadramento da Reportagem relativamente aos restantes géneros jornalísticos.....	91
Tabela 2.1 – Enquadramento da Reportagem relativamente aos restantes géneros jornalísticos – década de 70	92
Gráfico 2.1 – Enquadramento da Reportagem relativamente aos restantes géneros jornalísticos – década de 70	92
Tabela 2.2 – Enquadramento da Reportagem relativamente aos restantes géneros jornalísticos – década de 80	93
Gráfico 2.2 – Enquadramento da Reportagem relativamente aos restantes géneros jornalísticos – década de 80	93
Tabela 2.3 – Enquadramento da Reportagem relativamente aos restantes géneros jornalísticos – década de 90	94
Gráfico 2.3 – Enquadramento da Reportagem relativamente aos restantes géneros jornalísticos – década de 90	94
Tabela 2.4 – Enquadramento da Reportagem relativamente aos restantes géneros jornalísticos – 2000/2004	95
Gráfico 2.4 – Enquadramento da Reportagem relativamente aos restantes géneros jornalísticos – 2000/2004	95

Tabela 3 – Os Tipos de Reportagem verificados no <i>Jornal de Notícias</i> , <i>O Primeiro de Janeiro</i> e <i>O Comércio do Porto</i> – total dos 30 anos.	96
Gráfico 3 – Os Tipos de Reportagem verificados no <i>Jornal de Notícias</i> , <i>O Primeiro de Janeiro</i> e <i>O Comércio do Porto</i>	97
Tabela 3.1 – Os Tipos de Reportagem verificados no <i>Jornal de Notícias</i> , <i>O Primeiro de Janeiro</i> e <i>O Comércio do Porto</i> – década de 70.	98
Gráfico 3.1 – Os Tipos de Reportagem verificados no <i>Jornal de Notícias</i> , <i>O Primeiro de Janeiro</i> e <i>O Comércio do Porto</i> – década de 70.	98
Tabela 3.2 – Os Tipos de Reportagem verificados no <i>Jornal de Notícias</i> , <i>O Primeiro de Janeiro</i> e <i>O Comércio do Porto</i> – década de 80.	99
Gráfico 3.2 – Os Tipos de Reportagem verificados no <i>Jornal de Notícias</i> , <i>O Primeiro de Janeiro</i> e <i>O Comércio do Porto</i> – década de 80.	99
Tabela 3.3 – Os Tipos de Reportagem verificados no <i>Jornal de Notícias</i> , <i>O Primeiro de Janeiro</i> e <i>O Comércio do Porto</i> – década de 90.	100
Gráfico 3.3 – Os Tipos de Reportagem verificados no <i>Jornal de Notícias</i> , <i>O Primeiro de Janeiro</i> e <i>O Comércio do Porto</i> – década de 90.	100
Tabela 3.4 – Os Tipos de Reportagem verificados no <i>Jornal de Notícias</i> , <i>O Primeiro de Janeiro</i> e <i>O Comércio do Porto</i> – 2000/2004.	101
Gráfico 3.4 – Os Tipos de Reportagem verificados no <i>Jornal de Notícias</i> , <i>O Primeiro de Janeiro</i> e <i>O Comércio do Porto</i> – 2000/2004.	101
Tabela 4 – Tipos de Fotografias – total dos 30 anos.	102
Gráficos 4 – Tipos de Fotografias.	103
Tabela 4.1 – Tipos de Fotografias – década de 70.	103
Gráficos 4.1 – Tipos de Fotografias – década de 70.	103
Tabela 4.2 – Tipos de Fotografias – década de 80.	104
Gráficos 4.2 – Tipos de Fotografias – década de 80.	104
Tabela 4.3 – Tipos de Fotografias – década de 90.	105
Gráficos 4.3 – Tipos de Fotografias – década de 90.	105
Tabela 4.4 – Tipos de Fotografias – 2000/2004.	106
Gráficos 4.4 – Tipos de Fotografias – 2000/2004.	106
Tabela 5 – Origem das fontes utilizadas para a realização das reportagens – total dos 30 anos.	107
Gráficos 5 – Origem das fontes utilizadas para a realização das reportagens.	108
Tabela 5.1 – Origem das fontes – década de 70.	109
Gráfico 5.1 – Origem das fontes – década de 70.	109

Tabela 5.2 – Origem das fontes – década de 80.....	110
Gráfico 5.2 – Origem das fontes – década de 80.	110
Tabela 5.3 – Origem das fontes – década de 90.....	111
Gráfico 5.3 – Origem das fontes – década de 90.	111
Tabela 5.4 – Origem das fontes – 2000/2004.	112
Gráfico 5.4 – Origem das fontes – 2000/2004.	112
Tabela 6 – Tipos de Fontes utilizadas nas reportagens – total dos 30 anos.	113
Gráfico 6 – Tipos de Fontes utilizadas nas reportagens – Total dos 30 anos.....	113
Tabela 6.1 – Tipos de Fontes utilizadas nas reportagens – década de 70.	114
Gráfico 6.1 – Tipos de Fontes utilizadas nas reportagens – década de 70.....	115
Tabela 6.2 – Tipos de Fontes utilizadas nas reportagens – década de 80.	115
Gráfico 6.2 – Tipos de Fontes utilizadas nas reportagens – década de 80.....	116
Tabela 6.3 – Tipos de Fontes utilizadas nas reportagens – década de 90.	117
Gráfico 6.3 – Tipos de Fontes utilizadas nas reportagens – década de 90.....	117
Tabela 6.4 – Tipos de Fontes utilizadas nas reportagens – 2000/2004.	118
Gráfico 6.4 – Tipos de Fontes utilizadas nas reportagens – 2000/2004.....	118
Tabela 7 - Origem das fotografias presentes nas reportagens – total dos 30 anos.	119
Gráficos 7 – Origem das fotografias presentes nas reportagens.	120
Tabela 7.1 - Origem das fotografias presentes nas reportagens – década de 70.	120
Gráficos 7.1 – Origem das fotografias presentes nas reportagens – década de 70.	121
Tabela 7.2 - Origem das fotografias presentes nas reportagens – década de 80.	121
Gráficos 7.2 – Origem das fotografias presentes nas reportagens – década de 80.	122
Tabela 7.3 - Origem das fotografias presentes nas reportagens – década de 90.	122
Gráficos 7.3 – Origem das fotografias presentes nas reportagens – década de 90.	123
Tabela 7.4 - Origem das fotografias presentes nas reportagens – 2000/2004.....	123
Gráficos 7.4 – Origem das fotografias presentes nas reportagens – 2000/2004.	124
Tabela 8 – Origem dos textos das reportagens – total dos 30 anos.	124
Gráficos 8 – Origem dos textos das reportagens.	125
Tabela 8.1 – Origem dos textos das reportagens – década de 70.....	126
Gráficos 8.1 – Origem dos textos das reportagens – década de 70.....	126
Tabela 8.2 – Origem dos textos das reportagens – década de 80.....	127
Gráficos 8.2 – Origem dos textos das reportagens – década de 80.....	127

Tabela 8.3 – Origem dos textos das reportagens – década de 90.....	128
Gráficos 8.3 – Origem dos textos das reportagens – década de 90.....	128
Tabela 8.4 – Origem dos textos das reportagens – 2000/2004.	129
Gráficos 8.4 – Origem dos textos das reportagens – 2000/2004.....	129
Tabela 9 – Foco geográfico das reportagens – total dos 30 anos.	130
Gráficos 9 – Foco Geográfico das reportagens.	130
Tabela 9.1 – Foco geográfico das reportagens – década de 70.....	131
Gráficos 9.1 – Foco Geográfico das reportagens – década de 70.	132
Tabela 9.2 – Foco geográfico das reportagens – década de 80.	132
Gráficos 9.2 – Foco Geográfico das reportagens – década de 80.	133
Tabela 9.3 – Foco geográfico das reportagens – década de 90.....	133
Gráficos 9.3 – Foco Geográfico das reportagens – década de 90.	134
Tabela 9.4 – Foco geográfico das reportagens – 2000/2004.....	134
Gráficos 9.4 – Foco Geográfico das reportagens – 2000/2004.....	134
Tabela 10 – Os temas abordados pelos três jornais nas suas reportagens – total dos 30 anos.....	135
Gráficos 10 – Os temas abordados pelos três jornais nas suas reportagens.....	136
Tabela 10.1 – Os temas abordados nas reportagens – década de 70.....	137
Gráfico 10.1 – Os temas abordados nas reportagens – década de 70.	138
Tabela 10.2 – Os temas abordados nas reportagens – década de 80.....	138
Gráfico 10.2 – Os temas abordados nas reportagens – década de 80.	139
Tabela 10.3 – Os temas abordados nas reportagens – década de 90.....	140
Gráfico 10.3 – Os temas abordados nas reportagens – década de 90.	140
Tabela 10.4 – Os temas abordados nas reportagens – 2000/2004.....	141
Gráfico 10.4 – Os temas abordados nas reportagens – 2000/2004.	142

Introdução:

O tema, *30 Anos de Reportagem na Imprensa Escrita do Porto – O Caso do Jornal de Notícias, O Primeiro de Janeiro e O Comércio do Porto*, tem como objectivo descobrir um pouco mais sobre o género jornalístico reportagem e como ele é tratado/usado pela imprensa.

Este estudo está dividido em três capítulos: o capítulo I expõe a reportagem enquanto género jornalístico, a sua importância na imprensa e os tipos de reportagem existentes. O capítulo II mostra o passado da reportagem, o seu percurso na história da imprensa até aos dias de hoje, como ela tem sido aproveitada na era digital e, levanta o véu para o futuro, questionando se o webjornalismo vai fazer da webreportagem o seu género de excelência. O capítulo III apresenta o estudo de caso desta dissertação – 30 anos de reportagem na imprensa escrita do Porto: o caso do *Jornal de Notícias, O Primeiro de Janeiro e O Comércio do Porto* – que está dividido entre estudo quantitativo: onde são tratados os dados referentes aos tipos de reportagem, aos temas mais abordados, ao espaço dedicado à reportagem e outros pontos de interesse ligados a este género, e entre estudo qualitativo, onde é realizado uma análise de discurso: análise de títulos, de leads, de corpos de reportagem, aproximação da reportagem à literatura e análise das fotografias das reportagens mais significativas.

No fundo, são objectivos deste trabalho destacar a reportagem escrita, as suas características enquanto género jornalístico, que tipos de reportagens existem e que podem ser usados em imprensa escrita, fazer um enquadramento histórico da reportagem, observando o contexto em que nasceu este género jornalístico. Estes objectivos poderão ajudar a perceber a evolução do jornalismo e da escrita informativa e, apesar da parte metodológica desta dissertação olhar para o passado de três jornais do

Porto, uns dos propósitos na parte teórica foi levantar a cortina para o futuro deste género jornalístico no novo jornalismo de imprensa escrita que, do papel, passa para o monitor dos computadores, perceber se a reportagem tem lugar no webjornalismo e se o lugar que existe é ou não importante para relatar histórias reais.

A reportagem permite uma certa dose de criatividade no enfoque do tema e na redacção do texto e é dos poucos, se não o único, géneros jornalísticos que permite uma relação directa com a realidade, usando critérios de aproximação do leitor com os factos e com os acontecimentos.

A reportagem destaca-se pela sua capacidade fotográfica, ou seja, através da sua narrativa criativa e livre, ela consegue criar cenários imaginários, localiza o leitor no espaço e no tempo, como se estivesse a viver experiências, como se estivesse a ser um dos actantes da história. O leitor deixa de ser um mero observador e, através da escrita realista que a reportagem permite, passa a ser um figurante na acção.

A nova era da comunicação – a era digital – tem sido vista como uma ameaça constante para a imprensa escrita.

- Até que ponto a reportagem pode ser usada como arma para manter de pé e com dignidade este meio de comunicação?
- No Webjornalismo ela é modificada ou as suas particularidades mantêm-se?

Estas perguntas surgem como ponto de interesse para conhecer a importância da reportagem na imprensa escrita ao longo dos anos. É importante conhecer a sua história para perceber que espaço terá no futuro, é relevante tentar descobrir se a reportagem foi e tem sido a grande heroína da era tradicional do jornalismo e se, apesar da era Webjornalismo, a reportagem, enquanto género jornalístico, ainda resgata o interesse do

espectador para a leitura de jornais; se é ela que pode afastar a hipótese de possível extinção da imprensa escrita no futuro:

- A reportagem tem sido um dos géneros jornalísticos mais importantes para a imprensa escrita?
- Que motivações ela traz para a continuidade deste meio de comunicação?

São estas as questões que tentaram ser respondidas, com base em várias perspectivas de muitos autores, na parte teórica desta dissertação e através de um estudo de caso direccionado para a utilização da reportagem ao longo de 30 anos, de modo a conhecer, não só a sua evolução, mas também a sua importância ao longo dos tempos.

Como já foi referido, este trabalho está dividido em três capítulos: o primeiro e segundo capítulo fazem uma abordagem mais teórica da reportagem, focando o conceito de reportagem enquanto género jornalístico, aos vários tipos de reportagens (que dão a conhecer a variedade da técnica da reportagem enquanto género jornalístico), a importância da reportagem para a imprensa escrita, o enquadramento histórico e a reportagem nos Webjornais. O terceiro capítulo faz uma abordagem prática da reportagem, analisando quantitativa e qualitativamente a presença da reportagem na imprensa escrita do Porto, usando como amostra os jornais *Jornal de Notícias*, *O Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto* por um período de 30 anos.

Os instrumentos usados nesta pesquisa foram os 468 jornais que correspondem ao período escolhido para esta pesquisa. A análise quantitativa foi processada em Excel, programa de cálculo que permitiu chegar aos resultados finais, a nível quantitativo, deste estudo.

Os limites temporais deste estudo, 30 anos (1974/2004) de reportagem na imprensa escrita do Porto, divididos por períodos político-sociais mais marcantes no panorama nacional, foram assim destacados por se considerar que é um período suficiente para

fundamentar conclusões e observar algumas evoluções quanto à utilização de reportagens.

A selecção das categorias de análise do discurso, como por exemplo, os temas mais abordados, os tipos de reportagens e a área geográfica nacional objecto de reportagem, baseia-se na curiosidade que existe em saber o que importa mais aos três meios de comunicação e, no fundo, aos seus leitores.

Com esta dissertação foi possível estabelecer um contacto com a reportagem e conhecê-la como fio condutor para o êxito da imprensa escrita ao longo dos tempos. Alcançaram-se as metas e os objectivos pretendidos, nomeadamente, saber que importância tem a reportagem, como surgiu na história e sob que necessidade e como se adaptará ao futuro. Foi ainda possível, através de uma análise, conhecer como é posto em prática este género jornalístico na imprensa escrita, saber como se desenvolve, com que métodos, com que estilo e que assuntos merecem mais a sua atenção.

Esta dissertação pretende ainda dar um contributo para a divulgação académica deste género jornalístico que tem dado cor às páginas da imprensa escrita e que poderá ser um género de excelência na era dos Webjornais.

Capítulo I – A Reportagem e a Imprensa Escrita

1.1 – Definição de Reportagem enquanto género jornalístico

“Aprender a fazer jornalismo é aprender a produzir géneros jornalísticos”. Lia Seixas (2009, p.1).

O termo reportagem deriva da raiz latina com o termo “reportare” que significa: anunciar, trazer ou levar uma notícia. À partida, quando tocamos neste termo, rapidamente surge um significado comum: a reportagem como uma história verdadeira ou um facto que se relata ou que se considera digno de ser contado. Até mesmo se procuramos no dicionário, Dicionário da Língua Portuguesa, o significado de reportagem, a resposta é insatisfatória: “notícia pormenorizada nos órgãos de comunicação”, apesar de bastante correcta, esta é uma básica e singela definição de reportagem, ainda assim, a palavra “pormenorizada” consegue abranger o seu verdadeiro significado. Pois a reportagem oferece ao leitor a informação com todos os pormenores sobre o tema, transmite a imagem completa da ocorrência, através da descrição de todos os factos do acontecimento. No entanto, é aconselhado ao repórter o não afastamento do núcleo da reportagem, pois o jornalista pode ficar tão absorvido pelo acontecimento, com o desejo de encontrar muitos factos, que se esquece que, por vezes, quantidade não é qualidade. Ou seja, o jornalista deve ter presente que muita informação pode ser demais e pode aborrecer o leitor.

O termo reportagem é uma designação do termo inglês “reporting”, do francês “reportage” e do espanhol “reportaje” e que significam “dar conta de”, “narrar” e os três estão bastante próximos do termo português “relatar”. Porém, é necessário conhecer a fundo o significado de reportagem, com uma definição mais ampla e, por consequência, mais científica.

A reportagem, juntamente com a crónica, enquadra-se nos géneros narrativos, porque são géneros jornalísticos que se expandem na linguagem, deixam de ter uma função meramente informativa, para se alargarem a factos secundários, narrando um acontecimento com minúcia. Ainda assim, há autores que encaixam a reportagem, a par com a notícia, nos géneros informativos, tal como Felipe Franceschini (2004, p. 147): “O mesmo não acontece com os géneros de carácter informativo, como a notícia e a reportagem” ao falar destes dois géneros destaca-os dos restantes em termos de preferência do público. Aliás, o autor (2004, p. 147) refere o seguinte:

O que chama a atenção da maioria do público – acreditam os jornalistas –, o que vende jornal, é a novidade anunciada pela notícia, é a revelação feita pela reportagem. A simples observação das primeiras páginas estampadas em qualquer banca de jornais permite constatar que são a reportagem e especialmente a notícia os géneros que os veículos pressupõem ser os de maior consumo, de maior impacto junto ao público.

Considerando a classificação inicial, os géneros jornalísticos estão divididos em quatro categorias: os géneros informativos (notícia), géneros dialógicos (entrevista), géneros argumentativos de opinião (editorial e o artigo) e géneros narrativos (reportagem e crónica).

“A reportagem é o género nobre do jornalismo, uma vez que exige o domínio de todos os outros géneros jornalísticos, de cuja síntese depende em última instância”, diz Campos (1994, p. 42).

“Se a notícia é o género básico do jornalismo, a reportagem é o género jornalístico por excelência”, compara Jorge Pedro Sousa (2004, p. 97).

Felipe Franceschini (2004, p. 150) também estabelece a diferença entre notícia e reportagem, apesar de colocar estes dois géneros nos géneros informativos:

Em primeiro lugar, a reportagem trata de assuntos, e não necessariamente de fatos novos. Seu objetivo é contar uma história verdadeira, expor uma situação ou interpretar fatos. Enquanto a notícia é imediatista, (...) a reportagem preocupa-se em ser atual e mais abrangente (...).

A reportagem é uma técnica de informação elaborada, pois exige muito do jornalista. É necessário ao jornalista um profundo conhecimento do assunto ou acontecimento a tratar. A reportagem é uma técnica de informação que exige investigação. Não existe conhecimento profundo se não existir uma investigação detalhada do acontecimento a relatar. Praticar a reportagem é submeter o jornalista a um incessante trabalho de campo e pesquisa. A reportagem alude acções verdadeiras, o seu objectivo é contar um acontecimento, dá-lo a conhecer na íntegra, fazer entender essa mesma realidade. Ela integra a categoria dos géneros narrativos por tudo isto, porque relata acontecimentos com pormenor, de forma mais elaborada e mais expansiva. A reportagem envolve personagens reais, com acções reais e tem como função principal explicar o que se passa realmente. Jean-Dominique Boucher (2004, p. 9) refere-se à reportagem como “um género jornalístico bem definido, tem o papel de informar de maneira diferente. Para alcançar este objectivo, faz que o leitor viva no coração do acontecimento”. A reportagem deve aproximar-se da imagem fotográfica, quer isto dizer, que o uso da linguagem para comunicar deve pormenorizar o acontecimento de forma a dar uma imagem quase real do sucedido. Segundo adianta Jorge Pedro Sousa (2004, p. 97):

A reportagem é um espaço apropriado para expor causas e consequências de um acontecimento, para o contextualizar, interpretar e aprofundar, num estilo vivo, que aproxime o leitor do acontecimento, que imirja o leitor na história.

A reportagem tem como função dar vida às personagens (reais) para que o leitor as sinta próximas. Um repórter deve, para além de informar, recriar o acontecimento no imaginário do seu receptor, como um filme sem imagem, mas sem perder de vista a realidade da ocorrência. Aliás, é a função da reportagem conseguir surpreender e espantar o leitor. Um velho tema pode sempre ser o mote para uma nova reportagem e apesar de o tema estar esgotado, a reportagem tem essa capacidade, desenterrar factos novos que espantem o leitor. Em reportagem, os acontecimentos são relatados sob uma certa perspectiva; como diz Boucher (2004, p. 31) “de que ângulo vai o jornalista contar

o que viu e ouviu?”. Boucher (2004, p.31) explica que “o ângulo não é o assunto. O ângulo é a forma.” O modo escolhido para reportar, ou seja, o panorama que o repórter vai escolher para dar uma visão do acontecimento ao leitor, para focar o assunto.

Mar de Fontcuberta (2002, p. 82) refere-se à reportagem da seguinte forma:

É o relato de factos actuais que não são estritamente notícia (embora às vezes o possam ser), e procura contar o essencial desses factos e das suas circunstâncias explicativas (...) é também ocasional, não se repete, não possui continuidade: uma série é na realidade uma única reportagem, embora publicada ou emitida durante vários dias (...) estilo narrativos e criativa, o que mais pontos de contacto tem com a literatura e (...) é um género escrito por um repórter.

A reportagem interessa-se sobretudo por dar informação dos factos que interessam ao leitor. Nuno Crato (1992, p. 141) demarca a diferença entre reportagem e notícia:

Tal como na notícia os factos continuam em primeiro plano e a opinião própria do jornalista habitualmente não aparece. A diferença está em que, na reportagem, os acontecimentos já não são narrados puramente segundo a sua lógica própria: introduz-se na narrativa a actividade de procura de informação e então o tom do discurso e o próprio narrador podem aparecer com certa personalidade.

Isto significa que, apesar de a opinião do jornalista não se verificar na reportagem tal como na notícia, a faceta (personalidade) do repórter pode fazer-se sobressair, ao adoptar um certo estilo, uma forma de narrativa, um ângulo de abordagem.

Diz Nuno Crato (1992, p. 141) que “o objectivo é criar no leitor a intimidade com a narrativa e dar maior realismo aos factos exteriores e isso raramente se consegue com a descrição exacta do processo real”. Para tal a reportagem não se obriga a uma forma rigorosa de escrita, com técnicas, como a da pirâmide invertida na notícia. E Nuno Crato (1992, p. 141) avança:

(...) impõe-se no entanto um começo sedutor e informativo e um desenvolvimento interessante. A reportagem deverá ser mais completa que a notícia e contar com uma profusão de pormenores e descrições do ambiente que dêem ao leitor a ideia de uma informação completa.

A reportagem assume-se como um género jornalístico próximo da literatura, que lhe permite expandir-se no contar da história, relatando até os factos secundários de um acontecimento. Integra um estilo criativo que lhe confere o êxito final, a criatividade auferir a atenção do leitor. No entanto, ao evocar a arte da reportagem, Matilde Rosa Araújo (1946, p. 25) chama a atenção para o seguinte:

Qual é então a sua arte? Já Fernão Lopes notou que «a frescura e novidade das palavras» prejudicava a Verdade». A arte do repórter será pois dar essa verdade com a parcimónia do verbo. Não uma secura de noticiária, mas uma relação viva entre o facto ocorrido e o que os olhos viram.

O uso exagerado da literatura pode, por vezes, afectar a veracidade dos factos, pode fugir da essência do Jornalismo – relatar a história com verdade. Portanto, o recurso à literatura é bem vista na reportagem se o repórter não perder de vista que, acima de tudo, o importante é relatar ao leitor a verdade da história.

Os espanhóis, na linguagem corrente, costumam dizer que a reportagem é apenas “a notícia vista à lupa”. De facto este género jornalístico propõe-se a investigar à lupa todas as questões relativas ao acontecimento. José Jorge Letria e José Goulão (1986, p. 79) referem que “com uma lupa procura-se o que não se vê à vista desarmada”. A reportagem poderá ser a lupa do jornalismo, tendo em conta que é este género jornalístico que permite mostrar o que “não se vê à vista desarmada”, por exemplo, numa notícia, pois a reportagem explora, investiga, absorve, filtra e, finalmente, mostra o que foi deixado para trás por qualquer outro género jornalístico.

A reportagem tem todos os ingredientes que representam a essência do jornalismo: reúne uma certa dose de criatividade na escolha e no enfoque do tema e na redacção do texto; e tem também uma relação directa com a realidade e o adorno dos factos. A

reportagem escolhe uma história verdadeira e debruça-se sobre o acontecimento. A reportagem pega no acontecimento/história e esclarece-o, desmembrando passo a passo a sucessão dos factos e dá, assim, vida à informação em bruto. Como explica o jornalista Hervé Chabalier (*cit. in* Boucher, 2004, p. 7): “interessar o público consiste sempre em contar uma história”. É com essa ideia que a reportagem desenvolve o seu trabalho. Jean-Dominique Boucher (2004, p. 7) expõe a sua ideia sobre o papel que desempenha a reportagem na imprensa:

Na imprensa escrita, diária ou periódica, o papel da reportagem continua a ser essencial. Na época da imagem omnipresente, a reportagem escrita visualiza a informação, dá-lhe autenticidade e credibilidade.

Assiste-se, actualmente, a uma busca incessante de informação, pois cada vez mais a humanidade vive com necessidade de conhecimento, principalmente conhecimento daquilo que o rodeia, do mundo em que vive. É dessa necessidade de conhecimento que a reportagem se alimenta. Utilizando os mais variados métodos, a reportagem reúne as condições perfeitas para ser a mais procurada e pretendida pelo leitor. Pois aprofunda a matéria, faz um tratamento fidedigno dos acontecimentos e pode alargar-se no tempo sem ter de resumir a história para a tornar menos morosa, pois servindo-se bem da linguagem e dos seus artifícios, a reportagem capta a atenção do seu leitor. À primeira vista, a reportagem pode ser apenas um simples relato de factos reais, no entanto, a reportagem exige uma construção dessa mesma realidade, utilizando técnicas que lhe suportam credibilidade. Aliado ao termo reportagem está um vasto conjunto de características que a designam, como a riqueza informativa que a reportagem comporta e o prazer da investigação que a reportagem exige. Ou seja, a reportagem é uma arte que, utilizando as mais variadas técnicas, bem explica e narra uma história, um feito ou um acontecimento. Actualmente, cada vez mais as revistas de informação exibem na capa tema de grandes reportagens. Isto acontece porque, cada vez mais, a imprensa escrita está a adquirir consciência de que a reportagem pode ser a arma mais forte contra o actual paradigma do jornalismo – a imagem com a televisão e cada vez mais com a era da informação digital difundida na Internet em que tudo está à distância de um “clique”, inclusive a informação suportada com a imagem e som.

Sobre a importância da reportagem para a imprensa escrita opina María Isabel Cintas Guillén (2001, p. 22):

No mundo actual, a reportagem tem sido objecto dos «média». A reportagem escrita tem competido com sistemas mais vistosos e agradáveis para o receptor, como o cinema e a televisão. «Mas, a reportagem é o último elemento de competição da imprensa contra a televisão e a rádio», na opinião de Gabriel García Márquez. O que a reportagem moderna perde em possibilidade de acesso ao leitor supera em qualidade literária.¹

Aliás, a reportagem na imprensa escrita funciona fazendo uso da imagem através da fotografia e da “fotografia mental” usando a linguística. Ou seja, descrevendo, o autor da reportagem fomenta no leitor a necessidade de imaginar um cenário, uma personagem, um acontecimento e esta magia da reportagem existe apenas no papel, ou seja, na imprensa escrita, pois no suporte digital ou na televisão, alguém cria os cenários por nós, dando ao leitor/espectador a imagem que ele não escolheu, mas que lhe foi imposta. A reportagem não se classifica como mero texto informativo. Ela é trabalhosa, precisa de muita perícia e destreza do repórter. É que a reportagem exige muito, porque mais de que um mero texto informativo, a reportagem é a investigação. Jorge Campos cita Phillipe Gaillard acerca do repórter e da reportagem:

O repórter sabe que trabalha para um determinado público. Em função do interesse desse público, não se contenta com registar tudo o que chega ao seu conhecimento; investiga os elementos complementares que lhe parecem úteis e, em lugar de apresentar uma simples análise, dá-se ao trabalho de fornecer ao leitor um artigo que põe em relevo a significação dos factos. O leitor não espera do jornalista que lhe transmita apenas uma ocorrência; pretende, também ser transformado numa testemunha, na medida do possível. O famoso estilo jornalístico é indispensável para conseguir tal objectivo, mas não é suficiente: a condição primeira é a aplicação de um método rigoroso de reportagem.

É por todas estas razões que a reportagem é apreciada, pois o seu estilo de informação, permite ao leitor, mais do que estar informado acerca de um acontecimento, permite

¹ “En el mundo actual, el reportaje ha sido objeto de todos los «media». El reportaje escrito ha de competir, pues, con sistemas más vistosos y cómodos para el receptor, como el cine o la televisión. «Ahora, el reportaje es el último elemento de competición de la prensa contra la televisión y la radio», en opinión de Gabriel García Márquez. Lo que pierde el reportaje moderno de posibilidad de acceso al lector ha de suplirlo con la calidad literaria”

estar lá, no local/espço onde ocorre a acção, como refere Phillipe Gaillard. É exigido, portanto, ao repórter muito conhecimento do assunto a ser tratado, ele deve conter um conjunto de características para que a sua reportagem atinja sucesso. O repórter deve ter curiosidade, capacidade de observação, sentido crítico, rapidez de reflexão, de decisão, poder de análise e de síntese, alargado domínio da linguagem e facilidade nos relacionamentos humanos, no contacto com os outros. No entanto, o repórter deve ter cuidado nessa relação que cria com os outros. A sua relação com as fontes deve ser bastante cautelosa, pois a convivência e as boas relações podem gerar laços mais afectivos, como a amizade, laços que, de alguma forma, podem prejudicar, afectar negativamente o trabalho do jornalista. Geralmente é aconselhado ao repórter que mantenha um certo afastamento sentimental das suas fontes ou dos intervenientes da história para não se deixar influenciar.

Um repórter da imprensa escrita é os olhos e os ouvidos do leitor, pois ele é a testemunha do sucedido, uma vez que este meio de comunicação não consegue dar voz e imagem senão através do seu repórter. Jorge Pedro Sousa (2005, p. 191) comenta que “a observação e descrição dos cenários e das personagens é uma das formas de aproximar o leitor das experiências que o jornalista viveu.”

A reportagem representa uma nova estenografia, uma técnica que dá ao leitor a recuperação da realidade, uma certa proximidade com os factos e uma semelhança com o real. Digamos que, lutando contra o som (voz) da rádio e som e imagem da televisão, e som, imagem e rapidez da Internet, a reportagem na imprensa escrita é um espelho da realidade, trazendo até ao leitor, através da investigação e da descrição pormenorizada, o próprio acontecimento e levando o leitor até ao local. A reportagem serve-se sobretudo da técnica da descrição e das testemunhas oculares para atrair, seduzir e prender o leitor às páginas. Para ver à lupa o acontecimento, o repórter tem de se propor fazer um trabalho mais exigente, com um estudo profundo dos assuntos, recolhendo informação junto de várias fontes (multiplicação das fontes da informação), consulta de vários documentos, estatísticas, materiais de arquivo, entre outros, e a esse trabalho chama-se investigação. A reportagem tem uma característica, ela não é um género de informação que exige a urgência, pois tem de ser trabalhada e para tal é preciso tempo.

E para tal o jornalista dispõe do tempo necessário para proceder à investigação, estudar o tema, aprofundá-lo e elaborar a forma. Nesse sentido, a reportagem será então importante para manter viva a investigação, pois este género jornalístico assenta na transmissão da realidade e da veracidade dos factos, permite ir além do superficial numa história e possibilita ao leitor estar por dentro da actualidade de forma densa. A elaboração da reportagem é bastante importante para conseguir captar a atenção do leitor. Um *lead* atraente, aliado a um desenvolvimento correcto do corpo, são boas razões para se obter um trabalho excelente, uma reportagem eficaz quanto aos resultados que se propõe.

María Isabel Cintas Guillén (2001, p. 22) fala da estrutura de reportagem:

A descrição deve ser narrativo-descendente. É importante o primeiro parágrafo da reportagem, porque vai conduzir o leitor; e terminará quando já não há nada de interessante a dizer.²

Convém lembrar que a reportagem depende muito do estilo pessoal do jornalista, da investigação que realizou, da simplicidade e da clareza da linguagem, dos métodos pessoais, estilo próprio de escrita que deverá ser de simples compreensão. María Isabel Cintas Guillén (2001, p. 22) ressalva algumas das características importantes do repórter:

O «repórter» (como se chama na época que estudamos) tem de possuir características concretas que o diferenciam de um jornalista normal: tem de ser inquieto, interessado na realidade e na actualidade, observador e perspicaz, ameno, directo, simples nas suas exposições, claro no seu pensamento, carente de ostentação e de prepotência; amante da aventura e muitas vezes arriscado. Sensível e comunicativo. E com forte sentido ético.³

² “el relato debe ser narrativo-descendente. Es importante el primer párrafo del reportaje, porque há de encadilar al lector; y terminará cuando ya no quede nada interesante que decir.”

³ “El «repórter» (como se llamada al reportero en lá época que estudiamos) ha de tener por su parte unas características concretas que lo diferencian del periodista normal: ha de ser inquieto, interesado en la realidad y en la actualidad, analizador y perspicaz, ameno, directo, sencillo en sus exposiciones, claro en su pensamiento, carente de ostentación y de prepotencia; amante de la aventura y no pocas veces arriesgado. Sensible y comunicativo. Y com fuerte sentido ético.”

A reportagem é uma junção entre a recolha de informação de um acontecimento e a narração desse mesmo acontecimento e que só funciona se o repórter ou escritor reunir o conjunto de características necessárias e citadas pela autora María Guillén (2001, p. 24) que defende ainda o seguinte:

O repórter é um intermediário entre a notícia e o leitor. Entra dentro das habilidades de seu ofício para saber onde está o interesse do leitor para lhe servir a notícia da melhor forma possível, entendendo a capacidade de harmonização de dois elementos: o interesse do tema e a «beleza» da exposição.⁴

Portanto, o papel do repórter é fundamental para o sucesso da reportagem junto do público, pois, apesar de a reportagem ter em si características que a diferenciam dos restantes géneros jornalísticos e que a possam conduzir à excelência dos géneros, é importante também que o repórter saiba tirar partido dessas particularidades, investigando igualmente qual a sede de temas que o leitor padece.

Tal como um livro, a reportagem deve reunir ingredientes de acção, ou seja, é sugerido que os factos sejam narrados como se estivessem a ocorrer naquele mesmo momento, no presente, para que o leitor se sinta presente na acção.

De acordo com Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (*cit. in* Jorge Pedro Sousa 2005), a reportagem pode assumir várias características:

- Predominância da narração;
- Humanização do relato;
- Texto impressivo;
- Factualidade da narrativa.

⁴ “El reportero es un intermediario entre la noticia y el lector. Entra dentro de las habilidades de su oficio saber donde está el interés del lector y servirle la noticia de la mejor forma posible, entendiendo por tal la capacidad de armonización de dos elementos: el interés del tema y la «belleza» de la exposición.”

Jorge Pedro Sousa (2005, p. 187) afirma que “o acontecimento deve ser o coração da reportagem, o foco da reportagem”, é em volta do acontecimento que o jornalista deve desenvolver a reportagem, deve trabalhar o acontecimento de forma a torná-lo informação. No entanto, “é usual notar-se a intervenção do jornalista sobre o discurso”, refere Jorge Pedro Sousa (2005, p. 187).

A reportagem transpõe o sentido de movimento, ou seja, o repórter sai para a rua para investigar, para descobrir e para observar o acontecimento. Jorge Pedro Sousa (2005, p. 188) salienta que “a palavra reportagem, para além de denominar um género jornalístico, tem ainda o sentido de acção. Diz-se que um jornalista está em serviço de reportagem quando ele se encontra no exterior do jornal a cobrir determinados acontecimentos”.

A reportagem é um género jornalístico muito diversificado e versátil, faz uso dos vários recursos estilísticos, aborda os mais variados temas e consegue, por vezes, absorver os outros géneros jornalísticos, segundo adianta Fermín Galindo Arranz. No entanto, este género tem, tal como os restantes géneros limites que a claridade, a exactidão e a eficácia exigem na forma de tratar os factos que tornam a reportagem em jornalismo de qualidade. A reportagem é uma estratégia para se fazer um jornalismo mais criativo, mais expressivo e mais literário, tornando mais fácil a sua interpretação, mais fácil e leve a sua leitura e muito mais atractiva ao leitor.

Acerca do cariz literário da reportagem María Isabel Cintas Guillén (2001 p. 25) cita três autores:

Martín Vivaldi diz que a reportagem é um:

Relato jornalístico essencialmente informativo, livre quanto ao tema, objectivo quanto ao modo e redigido, preferencialmente, em estilo directo, em que se dá conta de um facto ou acontecimento

de interesse actual ou humano. (...) E uma narração informativa, de voo mais ou menos literário, concebida e realizada segundo a personalidade do escritor-jornalista.⁵

José Acosta Montoro, que segundo a autora que o cita, defende que a entrevista e a reportagem são os géneros jornalísticos mais próximos da literatura, expõe o seguinte:

A reportagem sai do domínio jornalístico quando se converte numa expressão próxima da narrativa, do teatro, da história... A reportagem é a essência fundamental do jornalismo moderno, aquele que devolve à literatura a sua hegemonia. Porque se durante muitos séculos a literatura impôs a sua força sobre o jornalismo, chegou o momento em que o jornalismo influi poderosamente sobre as formas literárias. E isso só se consegue com o aparecimento e desenvolvimento do rei dos géneros jornalísticos: a reportagem.⁶

E o terceiro e último autor citado por María Guillén (2001, p. 25) relativamente à presença da literatura em reportagem, Martínez Albertos expõe:

Um relato jornalístico – descritivo ou narrativo – com uma certa extensão e estilo literário muito pessoal, quanto à forma como se tenta explicar como sucederam factos actuais ou recentes, ainda que estes factos não sejam actuais no sentido rigoroso do conceito.⁷

A verdade é que vários são os autores a notar a presença literária no género jornalístico reportagem. O seu estilo aproxima-se do estilo literário, ou seja, uma escrita criativa e envolvente, que leve o leitor a sair da sua rotina e a conhecer outras histórias e realidades. A reportagem tem ao seu serviço uma ferramenta capaz de prender o consumidor de notícias e de factos actuais, a escrita literária permite o aprofundamento da realidade dos factos, como conhecer o espaço e o tempo em que a acção decorre. Matilde Rosa de Araújo (1946, p. 34/35) vai mais longe e estabelece relação quase directa entre Reportagem e Teatro, entre repórter e autor citando um artigo de Eduardo

⁵ “relato periodístico esencialmente informativo, libré en cuanto al tema, objectivo en cuanto al modo y redactado preferentemente en estilo directo, en el que se da cuenta de un hecho o suceso de interés actual o humano. (...) Es una narración informativa, de vuelo más o menos literário, concebida y realizada según la personalidad del escritor-periodista.”

⁶ “El reportaje se sale de lo periodístico al convertirse en una expresión que lo mismo afecta a la narrativa, al teatro, a la historia... El reportaje es la esencia fundamental del periodismo moderno, aquello que devuelve a la literatura su hegemonia. Porque si en siglos la literatura impuso su total fuerza sobre el periodismo, llegó un momento en que el periodismo influyó poderosamente sobre las formas literárias. Y ello se produjo con la aparición y desarrollo del rey de los géneros periodísticos: el reportaje.”

⁷ “um relato periodístico – descritivo ou narrativo – de uma certa extensão e estilo literário muito pessoal, em que se tenta explicar como han sucedido unos hechos actuales o recientes, aunque estos hechos no sean actuales en un sentido riguroso del concepto.”

Schwalbach inserto no N° Comemorativo do Centenário da Gazeta de Lisboa, editado pelo S.N.I.:

Entre Teatro e Jornalismo há uma relação interior e uma diferença exterior. Dá-lhes vida o mesmo sangue: bifurca-os o curso dos seus intentos. O jornal alveja o leitor; o teatro alveja o espectador. O jornal faz-se para ser lido; o teatro faz-se para ser ouvido. Vêm ambos da mesma raiz, mas não são irmãos, são primos. E nessa consanguinidade, se o exercício do jornal pode cooperar na obra do Teatro também o chamado carpinteirismo do Teatro muito pode auxiliar a confecção do Jornal. Em verdade, porém se diga que a prática jornalística serve mais o teatro do que a prática do jornal. (...) Quem é que, por sua intimidade com o público, se torna indispensável ao leitor e ao mesmo tempo ilumina o caminho ao autor e lhe desvenda o segredo espiritual das personagens? Sem dúvida alguma o repórter (...) pela transformação do Jornal em tablado, pelo preparo das cenas e das situações, pela movimentação das personagens, pelo diálogo incisivo, pela graduação do interesse, pelo lance imprevisto ou pela peripécia cômica, enfim, pelo recurso a efeitos teatrais quase sempre seguros para a condução e fecho dum acto... ou duma notícia.

Matilde Rosa de Araújo (1946, p. 50) prossegue:

E teatro e reportagem são das artes que reagem mais directamente pela sua acção directa espectacular de coisa vista e ouvida por leitores, espectadores, que sofrem em tempos iguais, comumente as mesmas emoções. Podíamos, talvez, estabelecer uma proporção

Reportagem = Romance

Teatro Poesia

Mas a Arte e a Vida são bem capazes de se rirem destas coisas...

É inevitável fazer o elo entre Reportagem e Literatura tendo em conta que, no passado, outros grandes autores já o fizeram, como acentua Celso Acuña (2003, p. 34):

O jornalista como um escritor. Trata-se de uma concepção do Jornalismo, mais especificamente da escrita informativa criativa, e que está presente na obra de jornalistas como Oriana Fallaci, Tom Wolfe, Truman Capote e Norman Mailer, bem como de autores espanhóis como Manuel Vicent, Manuel Rivas e Rosa Montero, e de mexicanos como Elena Poniatowska, Carlos

Monsiváis, Cristina Pacheco e Vicente Leñero, entre outros tantos repórteres com estilos muito personalizados de escrita jornalística que permitem despertar novas sensibilidades no leitor.⁸

Já sobre a diversidade Xosé López e Miguel Túñez (*cit. in* Arranz) salientam que a reportagem é:

Um género informativo em que se referem factos que não têm de ser estritamente actuais, com um estilo informativo que permite mais liberdade que a notícia, e sem continuidade na agenda dos média.⁹

Fermín Galindo Arranz refere-se à reportagem distinguindo as suas funções, modalidades e formato:

Se se tem em conta as funções que exercem e as modalidades de tratamento da informação, podem distinguir-se reportagens informativas, interpretativas, de investigação, de precisão, de exame, de pronóstico ou de serviços. Considerando-se o formato, reportagens breves, grandes reportagens, reportagens em série, informais, dossier, etc.¹⁰

O estilo literário exigido por este género jornalístico é um estilo ágil e pessoal. Pois a forma como o acontecimento é tratado quanto ao estilo literário vai influenciar em larga escala a forma como o leitor vai encarar o texto. Dessa forma, a reportagem deve ser exigente quanto ao recurso estilístico, de forma a captar a atenção e a prender o leitor às páginas. Deve assumir um estilo “quente”, uma proximidade física com o leitor, oferecendo-lhe a realidade de “mão beijada”. O facto de a reportagem ser um género mais preenchido, exige mais tempo para dedicar à leitura. É um género jornalístico mais intenso, feito para ser lido, na sua maioria por leitores que gostam de saber mais, de conhecer os pormenores, que dispõem do seu tempo para aprofundarem o

⁸ “El periodista como un escritor. Se trata de una concepción del periodismo, y específicamente de la escritura informativa de creación, que está presente en la obra de periodistas como Oriana Fallaci, Tom Wolfe, Truman Capote, y Norman Mailer, así como de autores españoles como Manuel Vicent, Manuel Rivas y Rosa Montero, y de mexicanos como Elena Poniatowska, Carlos Monsiváis, Cristina Pacheco y Vicente Leñero, entre otros tantos reporteros con estilos muy personalizados de escritura periodística que permiten despertar nuevas sensibilidades en el lector.”

⁹ “Un género informativo en el que se refieren hechos que no tienen por qué ser estrictamente actuales, con un estilo informativo que permite más libertad que la noticia, y sin continuidad en el temario de los medios”.

¹⁰ “Si se tienen en cuenta las funciones que ejercen y las modalidades de tratamiento de la información, pueden distinguirse reportajes informativos, interpretativos, de investigación, de precisión, de encuesta, de pronóstico o de servicios. Si se considera el formato, reportajes breves, grandes reportajes, reportajes seriados, informes, dossier, etc”.

conhecimento. Aliás, nesta perspectiva, muitos defendem que a presença da reportagem é mais sentida aos fins-de-semana nos jornais e revistas, como demonstra Fermín Galindo Arranz:

A presença das reportagens é preferencialmente notável aos fins-de-semana, dias em que os leitores se podem permitir dedicar tempo a uma leitura mais demorada do jornal, com textos cuidados, elaborados, criativos, libertados das limitações do dia-a-dia. Pois na reportagem incorpora-se uma série de valores que a informação diária não consegue cobrir.¹¹

A reportagem tenta aproximar o leitor, conferir intimidade com a narrativa. É objectivo da reportagem dar realismo aos factos, de forma a cativar o leitor, trazê-lo para o acontecimento, para o centro da história. Isto só é possível porque a reportagem se distancia de uma forma de contar exacta, não se limita a descrever, ela transcreve a realidade.

E qualquer acontecimento ou qualquer tema serve à reportagem, desde que obedeça aos critérios de noticiabilidade, como destaca María Isabel Cintas Guillén (2001, p. 21):

Pode ser objecto da reportagem qualquer coisa, um acontecimento grande ou intrascendente, todos os temas cabem na reportagem. É fundamental um estilo directo puro, em que o escritor desaparece, não se vê, só se vê o que conta.¹²

A autora, além de especificar qual o objecto da reportagem (qualquer acontecimento grande ou intrascendente) refere a importância da invisibilidade do repórter, retirando-lhe protagonismo. O repórter é assim como Deus para os crentes, onnipresente, mas invisível, está sempre lá, mas não se vê, só se conhece aquilo que ele conta.

¹¹ “La presencia de los reportajes es especialmente notable los fines de semana, días en los que los lectores pueden permitirse dedicar tiempo a una lectura más reposada del periódico con textos cuidados, elaborados, creativos, liberados de los límites del día a día. Pues en el reportage se incorporan una serie de valores añadidos que la información diaria non alcanza a cubrir.”

¹² “El reportage puede tener su objeto en cualquier cosa, acontecimiento grande o intrascendente, todos los temas caben en el reportage. Es fundamental en él el estilo directo puro, en el que el escritor desaparece, no se le ve; solo se ve lo que cuenta.”

Reportagem significa acção, observação, trabalho no terreno, exige concentração por parte do jornalista, obriga-o a entranhar-se no acontecimento, a vivê-lo, a senti-lo como se fosse um dos protagonistas, pois só assim, o jornalista vai conseguir interagir com o seu leitor, só assim vai conseguir o êxito ao qual está destinado este género jornalístico.

Daniel Ricardo (1989, p. 45) adianta:

Diz-se de um jornalista que «está em serviço de reportagem» quando, através da consulta de fontes de informação ou da observação directa dos acontecimentos, colige dados com vista a redigir textos que, todavia, bem podem ser simples notícias (...)

Mas Daniel Ricardo (*cit. in* Anabela Gradim, 2000, p. 69) alerta os jornalistas para o seguinte:

Tente interessar-se, tão profundamente quanto possível, pelo tema da reportagem. Não receie embrenhar-se na história. Se for caso disso, meta-se na pele dos protagonistas, para compreender as razões que os levam a agir de uma forma e não de outra, a emocionar-se, a sentir necessidade de esconder ou, pelo contrário, explicar os seus actos. Mas não se deixe enredar pelos acontecimentos ao ponto de confundir a realidade com a fantasia. Nem tome partido. E recuse o maniqueísmo. Registe, com fidelidade, as declarações de quem entrevistar, e ao tomar notas, esforce-se por reproduzir, objectivamente, os factos que presenciou.

Reportagem é igual a reportar, contar uma história a alguém, sobre qualquer coisa. Passa a ser reportagem no momento em que o contador de histórias as narra com as técnicas e critérios de noticiabilidade que a informação exige. Isto demonstra que para alguns autores e pesquisadores, como Sónia Fernández Parrat, a Teoria dos Géneros Jornalísticos está repartida em duas tradições. A primeira sistematiza os géneros jornalísticos tradicionalmente desta forma: notícia; entrevista; reportagem; crónica; editorial e artigo. A segunda tradição divide os géneros jornalísticos como género informativo, interpretativo e ideológico. Nuno Crato (1992, p. 138) refere-se a géneros jornalísticos como:

(...) rotinas próprias da escrita, caracterizadas em cada caso por factores variáveis, desde a forma como aparece a posição do autor, o estilo, o tema, até factores como a apresentação e dimensão.

Crato (1992, p. 138) constrói mesmo uma barreira entre os géneros jornalísticos e os géneros literários:

(...) enquanto no género literário há uma grande liberdade de criação que se traduz no carácter original da obra, em cada género jornalístico predomina o estereótipo, o hábito e a relativa uniformidade de apresentação.

Géneros jornalísticos e géneros literários distanciam-se assim, de um lado, um obedece à regra, ao cliché e, do outro lado, o outro goza de liberdade para criar, originar. As rotinas descritas pelo autor Nuno Crato são as regras que acompanham o estilo de escrita dos vários géneros jornalísticos, como por exemplo: pirâmide invertida, a técnica usada, quase como obrigatoriamente em notícias. Esta regra de “ouro” do género jornalístico notícia, é a base para o sucesso da mesma e por isso é usada como hábito de escrita, quase obrigatória, para que este género atinja o fim a que se propõe, que é o de informar. Outra regra, ou hábito, usada, neste caso pelo género jornalístico Crónica é a pirâmide normal. Esta técnica segue uma sequência cronológica e é usada para estimular e captar o leitor para a narrativa.

Conceição Kindermann (2003, p. 38) faz a seguinte divisão do género:

A reportagem, embora os teóricos académicos que tratam do género jornalístico não o estabeleçam explicitamente, pode ser caracterizada em duas linhas gerais: (a) como uma notícia ampliada e (b) como um género autónomo.

Kindermann (2003, p. 39) cita alguns autores para exemplificar esta divisão:

Segundo Bahia, a grande notícia é a reportagem. Acrescenta que toda reportagem é notícia, porém o inverso não. Desta forma, para o autor, a notícia não muda de natureza, mas muda de

carácter ao evoluir para a categoria de reportagem. Para Bahia, a reportagem é um tipo de notícia com regras próprias e, por isso, adquire um valor especial. Bahia afirma que a reportagem é uma notícia, porém não é qualquer notícia. Para ele, a reportagem deve expor as circunstâncias sem tomar partido.

Mas a reportagem será apenas um género ou será o conjunto dos géneros jornalísticos? Será pretensão dizer-se que a reportagem é género que faz existir os outros géneros? Celso Acuña responde a estas questões ao referir que a reportagem consegue ter em si quase todos os outros géneros jornalísticos, tornando-se o mais completo, o mais sublime de todos, porque exige o conhecimento de todos os géneros para se poder trabalhar apenas a reportagem.

A reportagem, como vemos, é um género jornalístico completo. É um género que permite responder às modificações do mundo. Na reportagem tudo cabe, mas falhará se o tom for confundido. Cada reportagem deve ser contada de uma só maneira. A reportagem é um género que é informação e arte. É uma nota informativa porque sendo antecedente, remete à notícia. É também uma crónica porque assume esta forma de registo para narrar os factos. É, além de mais, entrevista porque utiliza este recurso para recolher informação. Às vezes pode resultar em editorial quando, perante a emotividade dos acontecimentos, sucumbe-se à tentação de defender ou atacar.¹³ Acuña (2003, p. 40/41)

A notícia transforma-se em reportagem no momento em que aprofunda, explora e expõe todos os detalhes da história, alargando-se textualmente, ampliando o seu conteúdo informativo e utilizando as suas próprias técnicas, que nem sempre correspondem à técnica da pirâmide invertida, tendo em conta que uma boa história, muitas vezes, mantém o suspense até ao fim (the end of story). Aliás, revela Kindermann (2003, p. 39), citando outro autor:

¹³ El reportaje, como vemos, es el género periodístico completo. El género que permite responder a las modificaciones del mundo. En el reportaje todo cabe pero fracasará cuando el tono esté equivocado. Cada reportaje debe ser contado de una sola manera. El reportaje es género que es información y arte. Es nota informativa porque como antecedente remite a una noticia. Es también crónica porque asume esta forma de registro para narrar los hechos. Es, además, entrevista porque echa mano de ésta como recurso para recopilar información. A veces puede resultar editorial cuando ante la emotividad de los sucesos se sucumbe a la tentación de defendernos o atacarlos. El reportaje es todo eso y más: tiene otras alternativas, otros procedimientos y técnicas de trabajos complejos porque están definidas desde trincheras tanto generales como personales.

Bahia divide a reportagem em: 1) título – corresponde ao anúncio do facto em si; 2) primeiro parágrafo, cabeça ou *lead* – corresponde ao clímax; 3) desenvolvimento da história, narrativa ou texto – corresponde ao resto da história, à narrativa dos factos. Para o autor, as reportagens podem ser organizadas de diferentes formas: i) pirâmide; ii) ordem cronológica – o acontecimento é narrado de forma sequencial; iii) clímax ou remate incisivo – combina os elementos de maior significado com os de sequência temporal. É dado ao primeiro parágrafo o ângulo mais dramático e depois segue a cronologia.

Portanto, as técnicas da reportagem não são exactas e variam de acordo com o jornalista que a escreve, ao contrário da notícia que, obrigatoriamente, segue a técnica da pirâmide invertida, a reportagem é assim mais livre na forma de redigir a informação.

Celso Acuña (2003, p. 37) cita María Jesús Casals Carro para mostrar como a forma de redacção da reportagem pode assumir várias técnicas:

A reportagem é um género jornalístico [...]. Com umas regras do jogo que vão desde a selecção do tema a narrar, o seu enfoque, a selecção das fontes e as perguntas a fazer a essas fontes, vencer a tentação para não inventar e a qualidade literária da sua narração. E, não menos importante, com uma regra apriorística para destinatários e jornalistas: uma reportagem não é a realidade total, não é a verdade e nada mais que a verdade [...]. Não obstante, um jornalismo bem exercido tem um efeito transcendente na sociedade [...]. Não é uma reportagem que contribui para um bem social, é um acumular de boas reportagens. Uma reportagem bem construída mostra uma parcela da realidade e explica alguns aspectos da realidade.¹⁴

Como género autónomo Kindermann (2003, p. 40), cita Coimbra e a sua obra *O texto da reportagem impressa*:

O autor especifica que o texto da reportagem tem como modelos de estrutura a dissertação, a narração e a descrição. Na reportagem dissertativa, para o autor, a estrutura do texto se apoia num raciocínio explicativo através de informações generalizadas, seguidas de fundamentação. Já na estrutura da reportagem narrativa, o texto não vai se apoiar neste raciocínio, mas conterá

¹⁴ “El reportaje es un género periodístico [...]. Con unas reglas de juego que van desde la selección del tema para narrar, su enfoque, la selección de fuentes y las preguntas a esas fuentes, la tentación vencida de no inventar y la calidad literaria de su narración. Y, no menos importante, con una regla apriorística para destinatarios y periodistas: un reportaje no es la realidad total, no es la verdad y nada más que la verdad [...]. Sin embargo, un periodismo bien ejercido tiene un trascendental efecto para la sociedad. [...]. De modo que no es un solo reportaje lo que puede aportar un bien social, sino el cúmulo de buenos reportajes. Un reportaje bien hecho nos muestra una parcela de la realidad o nos explica algún aspecto de lo real.”

factos organizados dentro de uma relação de anterioridade ou posterioridade. A narrativa pode mostrar mudanças progressivas de estado nas pessoas e nas coisas, através do tempo.

Não é por acaso que, durante muito tempo, vários autores se referiram à reportagem como sendo um género nobre do jornalismo, pois as suas características, tão apaixonantes para quem a escreve e tão sedutoras para quem a lê, fazem da reportagem um género de excelência e, muitas vezes de preferência dentro da empresa jornalística, bem como por parte do público. A reportagem destaca-se, sobretudo, pela exigência que obriga quanto à investigação e aprofundamento dos factos, não tendo um cariz tão imediato como a notícia, como explica Celso Acuña (2003, p. 36):

É a forma de narrativa mais ambicionada pelo Jornalismo, a reportagem corresponde a uma investigação exaustiva, fundamentada com o bom uso de fontes e com a qualidade da sua redacção que aborda os factos na sua globalidade, desde a origem dos mesmos até às suas últimas consequências. A reportagem é um relato de aproximação à realidade que contextualiza os factos e documenta-os.¹⁵

Matilde Rosa de Araújo (1946, p. 32) destaca de forma interessante a Reportagem dos restantes géneros jornalísticos:

A diferença básica entre reportagem e qualquer outra criação literária é antes de tudo: na reportagem os sinais devem ser encontrados nos factos, nos outros géneros os factos vêm, quando os sinais falarem na memória, pela imaginação (...)

Tornando, assim, tão singular a reportagem enquanto género jornalístico e relativamente aos restantes géneros

¹⁵ “Como la forma narrativa del periodismo de mayores ambiciones, el reportaje corresponde a una investigación exhaustiva, fundamentada en el buen manejo de fuentes y en la calidad de su redacción que enseña los hechos en su globalidad, desde el origen de los mismos hasta sus últimas consecuencias. El reportaje es un relato de acercamiento a la realidad que contextualiza los hechos y los documenta.”

1.2 – Tipos de Reportagem

São diversas as funções da reportagem. Matilde Rosa de Araújo (1946, p. 32) divide de forma bastante abreviada a sua tipologia de Reportagem:

Teremos que fazer desde já uma distinção: reportagem longa e reportagem curta. Reportagem longa a que por si constitui um livro; reportagem curta a notícia desenvolvida num jornal. Claro que o nome reportagens era válido para ambos os casos, porque ambos reportam, só a extensão é diferente. Exemplo de reportagens longas temos as das viagens. Mas perguntamos: o viajante é repórter? Nós cremos plenamente que sim. O viajante que anota num caderno as suas impressões de viagem registou o que viu não com a intenção, sabemos bem, que faz nascer o género mas o que faz eclodir o fenómeno. Há, no entanto, o repórter intencional e o reporter accidental. O repórter intencional visa um fim utilitário que poderá redimir se for artista. O accidental tem o frescor da coisa encontrada sem o cansaço da busca.

Para Boucher (2004, p. 9) “A reportagem esclarece o acontecimento e permite ir para além dos factos em bruto.” Quer isto dizer que a reportagem não só relata como esclarece o acontecimento, como adianta Boucher (2004, p. 9):

(...) não constitui um acessório da informação. É a informação. E existem várias formas de reportar o acontecimento, de transmitir a informação. A estas formas de relatar factos chamamos Tipos de Reportagem.

Jean-Dominique Boucher (2004, p. 21) expõe a existência dos seguintes tipos de reportagem:

- A Reportagem Objectiva:

Que fornece informação sobre determinado acontecimento ou acção. Faz a descrição de factos, mas não se expande muito quanto à linguagem. É, tal como o nome sugere, objectiva.

- A Reportagem Interpretativa:

Este género faz a interpretação e análise dos factos e dos acontecimentos numa história. Faz a exposição dos acontecimentos e analisa-os, apresentando os factos tal como são.

- A Reportagem Argumentativa:

Um artigo ou comentário num editorial, num folheto, numa coluna informativa ou revista. Este género de reportagem apresenta uma atitude de persuasão e de opinião. Argumenta ideias e motivos.

- A Reportagem no Local

Actua contra a banalização da informação. Este tipo de reportagem dá vitalidade a uma crónica local. Consegue conduzir o jornalista para fora da banalidade, expulsa a rotina da actividade jornalística, afastando-a também do leitor. Quando se lhe é dada a devida importância, a reportagem no local poderá ser posta em prática com frequência.

Boucher diz ainda que as reportagens podem ser classificadas como quente, morna e fria.

- A Reportagem Quente:

Define-se reportagem quente o acontecimento imprevisto ou o acontecimento previsto, mas cuja transmissão tem de ser imediata. Designa-se por reportagem quente por se fazer servir do “calor do momento”, do imediato, dos acontecimentos “em cima do joelho” que acontecem sem estarem previstos. Neste tipo de reportagem, o repórter tem de estar mentalmente e intelectualmente preparado para saber dar resposta ao rápido desenvolvimento dos acontecimentos. Agir é a palavra imediata que surge na cabeça do jornalista perante os acontecimentos, e como tal, ele reage aos factos confeccionando uma reportagem de improviso.

- A Reportagem Morna:

Este tipo de reportagem pode ser desenvolvido em três fases:

- i. Quando um acontecimento foi tema de uma notícia urgente e rápida, e há a necessidade de mais tarde voltar a ela no formato de reportagem, a esta fase designa-se reportagem em deferido;
- ii. Esta segunda fase ocorre quando um jornalista é destacado para executar uma reportagem sobre um acontecimento que já está em curso. Por exemplo aquando do Tsunami que assolou o Sudeste Asiático, o repórter apenas chegou ao local no segundo dia da catástrofe;
- iii. A terceira fase ocorre quando há um acontecimento que perdura e que apresenta desenvolvimentos importantes. Nesta fase o acontecimento deverá ser acompanhado diariamente, tendo em conta a preparação detalhada da reportagem, quanto à linguagem e principalmente à escolha do ângulo ou ângulos. Para evitar a repetição será necessário proceder à mudança diária de ângulos.

- A Reportagem Fria:

Este tipo de reportagem diz respeito aos acontecimentos previstos, como por exemplo as eleições, um julgamento, o lançamento de um livro ou a reportagem que precede acontecimentos televisivos, como concursos, programas culturais ou debates políticos.

Boucher (2004, p. 22) continua a sua tipologia de reportagem:

- A Reportagem de Revista:

É necessário entender o que é reportagem de revista para explicar qual a sua função. Como refere Boucher, (2004, p.22), “Na maior parte dos casos, o termo designa uma reportagem que não está directamente ligada ao acontecimento do dia, mas à qual se tentará dar uma faceta da actualidade.” Isto quer dizer que não

tem de ser necessariamente novidade a essência do tema, no entanto a forma como é tratado o conteúdo, isto pode conferir novidade ao tema. Normalmente a reportagem de revista trata o acontecimento ou tema já conhecido e abordado, oferecendo novidade no conteúdo. A reportagem de revista pode estar destinada a uma secção da revista como por exemplo: saúde, cinema, lazer, economia, entre outras. Segundo esclarece Boucher, (2004, p. 22), em algumas redacções, o próprio termo revista cobre sobretudo um modo de tratamento da reportagem. “Um estilo, um tom, uma escrita de revista.”

- A Reportagem de “Sequência”.

Neste tipo de reportagem a informação é desenvolvida algum tempo depois do acontecimento. Isto quer dizer que mesmo um mês, dois ou três depois de uma catástrofe, acidente ou crime ter acontecido, a reportagem pode servir-se dele ainda para informar. Como o próprio nome sugere, este tipo de reportagem surge na sequência do acontecimento ou até mesmo de outras reportagens. Geralmente este tipo de reportagem é negligenciado pelos meios de comunicação social. Mas a reportagem de “sequência” pode ajudar a conduzir uma reflexão ou a estabelecer um balanço. Pode funcionar como uma espécie de ponte entre outras reportagens actuais, e aí então o repórter serve-se dela como elo de ligação de forma a estabelecer uma sequência.

- A Reportagem Intemporal.

É o tipo de reportagem que está mais atento a “um assunto referente à vida de todos os dias ou às preocupações constantes dos leitores.” Este tipo de reportagem aborda a actualidade nunca escaldante, mas muito perto, sempre de boa temperatura. Digamos que se coloca entre o interessante e o secundário. Interessa-se pela história do operário com problemas de perder o emprego, com histórias de racismo, entre outras tantas do género. Boucher, Jean-Dominique no seu livro A Reportagem Escrita, comenta que este tipo de reportagem designada Intemporal foi assim baptizado, mas mal, na perspectiva do autor.

- A Reportagem Relocalizada.

Como o próprio nome sugere, este tipo de reportagem refere-se ao local. Já todos ouvimos falar de reportagem no local, pois bem, é exactamente o mesmo. Um acontecimento a nível nacional ou até internacional oferece a ocasião perfeita para uma reportagem no local. Como por exemplo a recente guerra entre os Estados Unidos da América e o Iraque, os atentados em Madrid, recentemente o falecimento do Papa João Paulo II, entre outros. Tudo isto oferece uma oportunidade para uma reportagem relocalizada.

- A Reportagem Novelística

Um termo adoptado por Albert Chillón (*cit. in* Fermín Galindo Arranz 2000) e que define um tipo de jornalismo literário, preocupado em relatar feitos, muitas vezes fictícios. Este tipo de reportagem é muitas vezes caracterizado pela simbiose de dois géneros diferenciados histórica, morfológica e funcionalmente: divide-se entre a reportagem meramente informativa e pela novela de ficção. Por vezes, neste tipo de reportagem, aquilo que é ou não informação fidedigna é confundida.

Ainda segundo Fermín Galindo Arranz (2000, p. 64):

A organização interna do texto diferencia três tipos fundamentais de reportagem: de acontecimento, de acção e documental, que Carl Warren denominava de Fact story, Acción story e Quote Story.¹⁶

Acerca destes três tipos de reportagem, Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986, p. 45) aprofundam o significado esclarecendo:

- Reportagem de Factos (Fact-story)

¹⁶ “la organización interna del texto se diferencian tres tipos fundamentales de reportajes: de acontecimiento, de acción y de citas, que Carl Warren denominaba Fact story, Acción story y Quote story”.

É um relato objectivo dos acontecimentos, que obedece na redacção do texto à forma da pirâmide invertida. Tal como na notícia, os factos são narrados em sucessão, por ordem de importância.

- Reportagem de Acção (Action-story)

Relato mais ou menos movimentado dos acontecimentos, que começa sempre pelo facto mais atraente, para ir descendo aos poucos na exposição dos detalhes. O importante, neste tipo de reportagens, é o desenrolar dos acontecimentos de forma enunciante, próxima ao leitor, que fica envolvido com a visualização das cenas, como num filme.

- Reportagem Documental (Quote-story)

É o relato documentado, que apresenta os elementos de forma objectiva, acompanhados de citações que complementam e esclarecem o assunto tratado. É um tipo de reportagem mais utilizado no jornalismo escrito, é expositiva e aproxima-se da pesquisa.

Jorge Pedro Sousa (2005, p.188) mostra ainda que “as reportagens podem classificar-se de várias maneiras. Porém, esta classificação não pode ser entendida como um sistema rígido.” Desta forma o autor Jorge Pedro Sousa (2005, p.188) classifica reportagem da seguinte forma:

- i. Quanto à origem

Reportagem de rotina: reportagem do dia-a-dia.

Reportagem imprevista: reportagem sobre um acontecimento imprevisto.

Reportagem planificada: Reportagem agendada e planeada com antecedência.

- ii. Quanto à enunciação

Reportagem na primeira pessoa: escrita na primeira pessoa, evidencia a

perspectiva pessoal do repórter.

Reportagem na terceira pessoa: o repórter assume uma perspectiva de observador externo da realidade.

iii. Quanto ao tipo

Reportagem de acontecimento: aqui o tema central é um acontecimento e a sua conjuntura.

Reportagem de personalidade: onde o tema central é uma pessoa que relata a sua vida ou o seu dia-a-dia.

Reportagem temática: aborda um determinado tema central, por exemplo, reportagem desportiva, reportagem científica, etc.

Reportagem mista: integra numa única peça vários elementos dos tipos de reportagens anteriores.

iv. Quanto ao tamanho

Reportagem curta: de pequena dimensão.

Grande Reportagem: de grande dimensão, podem ocupar várias páginas de um jornal ou de uma revista ou podem ser subdivididas em várias peças mais pequenas.

v. Quanto às características estéticas e formais

Reportagem narrativa: o jornalista conta uma história.

Reportagem descritiva: caracteriza pessoas, acontecimentos, fenómenos, objectos ou lugares.

Reportagem explicativa: explica um facto difícil de compreender.

Reportagem de citações: baseia-se em citações de terceiros.

Reportagem mista: integra numa única peça vários elementos dos tipos de reportagem anteriores.

vi. Quanto à linguagem

Reportagem informal: o jornalista usa um tipo de linguagem informal, coloquial.

Reportagem formal: o jornalista usa uma linguagem formal.

Reportagem técnica: reportagem sobre um tema, especializada e que utiliza um vocabulário técnico.

Estes são os vários tipos de reportagem que trabalham para um objectivo comum: dar informação. No entanto, alerta Jean-Dominique Boucher que é preciso ter muita atenção às falsas reportagens. Estas iludem quanto à forma. Os géneros híbridos surgem com bastante frequência e são um tipo das falsas reportagens. Principalmente quando o assunto a tratar é política. Surge então, em vez de reportagem, a análise dos factos. Em vez reportar acontecimentos, os jornalistas limitam-se a fazer a análise de gráficos, das sondagens, etc. Os jornalistas especializados na área limitam-se a comentar factos e a fazer análises. Outro tipo de falsa reportagem é o inquérito de rua. Diz Boucher (2004, p. 24) que o inquérito de rua é uma “mistura de reportagem e de entrevistas à imprensa (...)”. Este género é pouco informativo, resume-se à recolha de ideias e opiniões. Falsas reportagens poderia levar o leitor a falsas informações. No entanto, simplesmente falsas reportagens conduz o leitor a informações incompletas e limitadas.

1.3- A Reportagem na Imprensa Escrita:

Um bom contador de histórias é aquele que interessa o público com as suas palavras. A reportagem é um contador de histórias, com uma única particularidade, as histórias que conta são películas da vida real.

Lazaref (*cit. in* Boucher, 2004, p. 82), quando este dizia aos jovens repórteres: “Acima de tudo, não falem do que viram. Sentem-se diante da máquina de escrever. Cusparam para o papel.”

A reportagem assume importância na imprensa, porque, de todos os géneros jornalísticos, ela é a única capaz de transpor para o papel todos os pormenores de um acontecimento. Uma reportagem é a atmosfera da imprensa escrita, aquela que dá vida, que ressuscita um tema ou um acontecimento esquecido.

Na imprensa escrita, o papel da reportagem continua a ser essencial. A comunicação social atravessa um novo paradigma, uma era que privilegia a imagem, uma época em que a imagem é onnipresente. A imprensa escrita, embora possua a imagem através da fotografia, não consegue combater a dimensão gigantesca da televisão nesse campo, ou seja, a capacidade de transmitir a imagem em movimento. No entanto, a imprensa escrita serve-se da reportagem para combater este abismo, onde através da palavra e do uso original dela pretende dar acção à imagem. A narrativa serve a reportagem permitindo que a informação se torne visível e ganhe movimento, através de uma sucessão de imagens que surgem no imaginário do leitor. À medida que o leitor segue com os seus olhos as linhas descritivas de um texto, imediatamente a sua mente reage às palavras.

A reportagem permite ir muito além dos factos em bruto, ela permite explorar todo o campo, investigar todo o meio envolvente, gerir toda a informação destacando o essencial do secundário, sem no entanto esquecer a importância da informação secundária para o êxito final que é transmitir credibilidade e autenticidade nas

informações que transmite. É, aliás, esta credibilidade e esta autenticidade que permitirá ao leitor obter uma fotografia perfeita do acontecimento ou facto relatado. Para se poder vingar nesta nova era mediatizada pela imagem, a imprensa escrita recorre aquele que poderá ser o seu maior poder – as palavras. Através delas vai brotando no imaginário do leitor uma projecção de imagens que surgem de forma organizada e definida, tal como a estrutura da reportagem.

Durante algum tempo, assim que a imagem surgiu imperial, chegou-se mesmo a declarar a falência da imprensa escrita, ainda hoje se defende que os jornais em formato papel têm os dias contados e que serão substituídos pelas páginas na Internet, que já hoje existem. No entanto, a reportagem, através das suas técnicas e com os seus critérios tem combatido a ameaça constante da imagem em movimento, da informação actualizada ao segundo, pois a reportagem, na sua essência, é trabalhosa, não é a informação a la minute, mas requiere investigação, tempo e dá mais preenchimento ao conteúdo noticioso, e, como em tudo, a informação actualizada ao segundo, poderá ser apenas uma tendência que talvez acabará em décadas, enquanto a imprensa escrita já resistiu aos desafios da rádio e da televisão, apesar de no início a imprensa escrita ter cedido a esta tirania, roubando espaço à escrita e atribuindo importância à fotografia, rápido percebeu que poderia não ser esta a estrada a seguir.

Como publicou Renata Oliveira (2008) no seu blog O Gargalo, acerca do futuro da imprensa escrita:

Com o surgimento do rádio decretou-se o fim da imprensa escrita. Tal fim não veio. Mais tarde, com o advento da televisão, novamente veio o alarde. Resultado: jornais impressos circulando diariamente e atingindo recordes de tiragem pelo mundo em plenos anos 90 do século passado. Agora a bola da vez é a internet. A cada nova tecnologia que surge ouvimos bramidos, aos quatro ventos, declararem mais uma vez a hecatombe. E o alvo predilecto dos alarmistas é sempre o jornal impresso.

O caminho certo passa pela investigação, mais tempo, mais reflexão e um domínio correcto da escrita. Isto leva a que alguns jornalistas se sintam incomodados com a

imensa responsabilidade que a reportagem comporta, assumindo um género que vai muito além da mera informação dos factos. A reportagem é um género com capacidade de satisfazer as necessidades informativas do leitor, sem o auxílio da imagem, pois ela própria vale-se das palavras para criar uma imagem. A missão da reportagem é precisamente informar todos os leitores, comunicar todos e os mais variados factos que ocorrem no mundo e no tempo.

Talvez por isso, a imprensa escrita ainda resista no tempo, apesar das ameaças que surgem como um fim do mundo para os jornais, como mostra Alberto Dines (2007) num texto publicado no Observatório da Imprensa:

Essa lengalenga apocalíptica do fim da imprensa e sua transferência imediata para a virtualidade da internet revela um desconhecimento dos desdobramentos e acomodações do processo histórico. Convém àqueles que não estão interessados em desenvolver os fundamentos originais do jornalismo – mantidos com muita vitalidade e criatividade nas mais importantes publicações do mundo. O jornalismo impresso não foi afectado pelas diferenças idiomáticas e culturais, seus traços essenciais podem ser identificados nos quatro cantos do mundo, testados diariamente nas mais dramáticas circunstâncias. Os defensores do corte abrupto são na verdade defensores do fim da história, agentes da política de terra arrasada e do voluntarismo tipo «depois de mim, o dilúvio». O jornalismo impresso não acabou, está aí, vivo, estruturado e com uma capacidade inesgotável de produzir inovações.

Jorge Campos (1994, p. 13), em relação à tirania da imagem da televisão e da imprensa, expõe o seguinte:

O espectador do futuro poderá, porventura, vir a estabelecer um relacionamento diferente com a Televisão dando preferência ao espectáculo do pensamento, à força dos argumentos no quadro da sabedoria de uma humanidade tolerante, a qual, à semelhança dos antigos gregos, encontraria prazer na arte de pensar.

Isto quer dizer que o leitor ou espectador poderá valorizar uma outra vertente que não a imagem. Poderá valorizar uma vertente que o faça pensar e a imagem, por vezes, torna preguiçoso este exercício, o do pensamento. Ver não é o mesmo que ler, pois ao

visualizarmos uma imagem temos tanta pressa em assimilar informação que nem sequer reflectimos no que estamos a observar. Ler é analisar e analisar é reflectir, é pensar, é reconstruir um facto ou acontecimento, é exercitar a nossa mente. Aliás é difícil dissociar imagem da escrita, pois pensemos por exemplo no cinema mudo, viam-se as imagens, no entanto elas não chegavam para decifrar toda a história e no intervalo de cada passagem era necessário recorrer à legenda para uma percepção correcta da história. A televisão vale-se sobretudo da imagem, e embora muitas vezes a linguagem do guião seja simples, o repórter em televisão dispõe de um conjunto de imagens que lhe valem mais do que mil palavras. Em imprensa escrita isso não acontece e é nesse sentido que acresce a importância da reportagem. As suas técnicas que defendem uma expansiva informação e uma linguagem descritiva, ajudam a valorizar a escrita em detrimento da imagem. Em imprensa é a palavra que vale mais do que mil imagens, aliás é o bom uso da palavra que traz mais vantagem à escrita e desvaloriza a imagem.

Na televisão, meio de comunicação social que mais uso faz da imagem, o texto tem a mera função de adjunto, ajudando apenas a esclarecer e a aprofundar o sentido das imagens que estão ser recebidas pelo espectador. Pode-se, então, afirmar que o texto ou a escrita surge na televisão como um anexo que comporta mais alguma informação, mas na imprensa, a reportagem escrita tem o papel principal, ela é o texto e a imagem tudo numa só caixa. Porém não podemos descurar a importância da imagem, até porque o fotojornalismo é essencial para o êxito de qualquer reportagem. É certo que a exploração das palavras, o bom uso da linguagem e as várias técnicas da reportagem fazem dela um belo quadro que retrata a realidade. No entanto, a imagem, a fotografia auxilia a tornar mais credível o discurso, o texto. Por sua vez, o texto, neste caso a reportagem escrita, com todas as suas palavras, dá movimento à imagem estática da fotografia.

Em reportagem escrita, o repórter tem a missão de colocar no papel tudo aquilo que viu, todas as imagens que presenciou e mostrá-las ao seu leitor, mesmo que não haja fotografias. A função do repórter é conseguir que o leitor alcance com os seus próprios olhos todos os factos, todos os acontecimentos, fazê-lo ver todo o cenário onde ocorreu a história. O papel do repórter não se esbate a um simples escrivão, a um agente que

registra uma ocorrência, ele é antes um pintor/escritor, que utiliza as palavras ao invés de um pincel para criar uma imagem. A sua tela é o papel, carregado de cores, de imagens, de sons, cheio de impressões, cheio de um ritmo criado pelo repórter, com personagens, que andam, que se movem e que respiram. Para que o repórter atinja a perfeição no quadro que pinta para o leitor, ele tem de seguir um conjunto de regras essenciais. Em imprensa escrita não temos imagem em movimento, essa é uma questão que está mais do que clara ao longo deste ponto.

Jean Dominique Boucher (2004, p. 83), afirma que para conseguir o objectivo da reportagem em imprensa, o repórter tem de considerar um conjunto de técnicas e regras tais como:

1.3.1- Os planos

Tal como em televisão, a imprensa escrita necessita de planos para a sua “imagem”, esses planos servem para a montagem da reportagem. O primeiro plano pode ser considerado o lead. Por exemplo, uma reportagem sobre “a guerra contra o esquecimento”. Título: sete histórias da guerra colonial, em Moçambique dos anos 70. Começar com um primeiro plano: “Alegre e Justo para com os subordinados, foi assim que o conheci em Moçambique.” Este primeiro plano serve para dar ao leitor um olhar sobre como era um dos intervenientes desta reportagem durante a guerra colonial em Moçambique. Ajuda o leitor a situar-se, a imaginar o “como era” e a fazer a transição para o plano geral, que dá conta de toda a história. O destino da reportagem é lançado nas primeiras frases e no primeiro parágrafo. Os elementos essenciais e com mais impacto devem ser inseridos logo no início. No primeiro parágrafo devem figurar a personagem chave, a cena principal e a frase decisiva.

1.3.2- A Técnica do fio condutor

Depois de escolhido o primeiro plano, e passando para o plano geral, este necessita de ser encaminhado por um fio condutor que ajuda o leitor a percorrer a história do início até ao fim. Esta técnica, como refere Boucher (2004, p. 84), “dá livre curso à criatividade, à respiração, ao ritmo.” O fio condutor é a composição

da reportagem que se rege segundo uma ordem, que muitas vezes pode seguir uma ordem cronológica. Diz Boucher (2004, p. 84) que “a reportagem não é a narrativa cronológica do que se viu, ouviu, viveu, mas uma reconstrução.” E para reconstruir aquilo que viu, ouviu e viveu, o repórter terá de seguir uma lógica de sucessão de factos que diz respeito ao fio condutor.

1.3.3- A Montagem

Esta técnica pretende reunir todos os elementos que o repórter seleccionou para a sua história, desde as personagens às citações, das cenas ao cenário e dos sons aos cheiros. Para obter um bom trabalho de escrita, tem de existir bons ingredientes, pois se as “personagens” forem más, se houver um mau diálogo e um mau cenário, mesmo que o repórter utilize todas as regras da arte da escrita, nunca conseguirá obter um bom resultado.

1.3.4- O Rodapé

É a pincelada final para o desfecho da história, aquele que fecha o círculo. O rodapé permite ao leitor uma última impressão, no entanto não deverá ser utilizado pelo repórter como meio de conclusão, uma vez que cabe ao leitor tirar as suas próprias ilações.

Quanto à reportagem nas redacções, Anabela Gradim (2000, p. 68) declara:

A reportagem supõe sempre a recolha de informação *in loco* por parte do jornalista – não se fazem reportagens pelo telefone –, permanece presa aos factos e não admite nem a intromissão da opinião de quem escreve, nem que o jornalista se tome de liberdades poéticas relativamente aos acontecimentos. Pelas suas características a reportagem é um trabalho normalmente preparado com certa antecedência nas redacções. É durante esta fase de preparação que o jornalista decide, em conjunto com editores e chefias, o tema do trabalho, o ângulo de abordagem a utilizar, e ainda os passos que deverão ser seguidos durante a realização do trabalho de campo. Significa isto que a reportagem já está praticamente fechada ainda antes do jornalista pôr o pé fora da Redacção? É evidente que não. A observação directa e a recolha de dados desempenham um papel fundamental na execução da reportagem, e são estes que ditarão essencialmente o seu carácter.

Para funcionar, a reportagem deve ser simultaneamente concisa e recheada de dados, buscar a ligação dos factos e explicar o acontecimento, para dessa forma permitir ao leitor a imagem perfeita do tema ou acontecimento sobre o qual a reportagem se debruça. A reportagem é importante na imprensa, porque se expande em pormenores sem perder o fio condutor, o ângulo de abordagem, os planos, a recolha de dados e a observação directa. Quantas vezes já não aconteceu estar a ler uma notícia e querer saber mais ainda acerca do sucedido? Pois bem, à reportagem é-lhe permitido que expanda a informação alcançada com todos os detalhes, no entanto, para que ela funcione em imprensa e para que não se torne morosa (devido à ausência de voz e imagem) é importante a forma de redacção de uma reportagem. Como aponta Jorge Pedro Sousa (2005, p. 192), “não há regras fixas para escrever uma reportagem. O texto, porém, deve ser, tanto quanto possível, vivo e aliciante.”

É a vivacidade do texto, a mobilidade da forma que incita à acção, que traz o poder de encanto do leitor face à reportagem. É a narrativa que luta contra a força dos outros meios de comunicação mais aliciantes. Pois a narrativa leva à imaginação, ajuda a criar uma imagem, leva o leitor até ao local dos acontecimentos, até ao epicentro da história.

A reportagem, como alude Jorge Pedro Sousa (2005, p. 192), “pode incluir narração, descrição, citações, dados numéricos, análise, opinião.” É que a reportagem é livre na hora de nascer, depende apenas da originalidade do jornalista para crescer com sucesso. Ela depende ainda da estrutura obrigatória para assumir o critério de noticiabilidade e distanciar-se da literatura, o que nem sempre significa ter de obedecer à técnica da pirâmide invertida.

Anabela Gradim (2000, p. 68) compara:

É evidente que pelas suas características as reportagens pedem títulos apelativos, *leads* retardados, e não se conformam à técnica da pirâmide invertida; antes são possíveis vários tipos de construção, entre os quais se contam a pirâmide normal, o encadeamento de pirâmides invertidas ou, até, pirâmide nenhuma. Tudo dependerá do talento e inspiração de quem a redige.

Jorge Pedro Sousa (2005, p. 192) adianta ainda, acerca da estrutura da reportagem, o seguinte: “estruturalmente, a reportagem deve ter, pelo menos um título, uma entrada e um corpo textual, eventualmente separado em blocos.”

Na perspectiva de Albert Chillón (*cit. in* Galindo Arranz, 2000, p. 62) “a importância da reportagem é tal, que deveria ocupar um lugar dentro da cultura jornalística”. O autor Chillón vai mais longe: “A reportagem é de longe o mais flexível, o mais completo e como o romance – o mais camaleónico dos géneros jornalísticos”.¹⁷

¹⁷ “El reportage es con diferencia el más flexible, el más complejo y también como la novela – el más camaleónico de los géneros periodísticos”.

Capítulo II – A Reportagem na imprensa escrita: passado e futuro.

1.2 – Enquadramento Histórico da Reportagem

“A palavra reportagem surge do termo francês – *reportage* – (...) de raiz latina – *reportare* –, o seu significado original faz referência a anunciar, trazer ou levar uma notícia”, Fernández Parrat (2001, p. 59).

Este género jornalístico não aparece na imprensa escrita cronologicamente exacta. É difícil situar o surgimento deste género no seio do jornalismo. É, aliás, igualmente difícil encontrar registos quando nos propomos a uma investigação exaustiva a respeito do surgimento deste género jornalístico.

Como sugere a definição de Parrat, reportagem refere-se ao anunciar, trazer ou levar uma notícia, ou seja, a reportagem surge da notícia, é um género que nasce de um outro género.

Existem muitas opiniões de vários autores acerca do nascimento da reportagem, mas nenhuma pode ser considerada a mais correcta. No entanto, apesar das opiniões e referências adoptadas pelos múltiplos autores variarem, como refere Parrat (2001, p. 59), “todos chegam a uma visão muito esclarecedora sobre as circunstâncias que rodeiam o seu nascimento”.

A reportagem existe desde que existem pessoas dispostas a contar ou relatar feitos e acontecimentos de que foram testemunhas. Poder-se-á então afirmar que a reportagem é tão antiga quanto a humanidade, pois está na natureza do homem a necessidade de contar o que viu, quando o que viu é digno de ser divulgado, ou seja, do interesse comum. Albert Chillón (*cit. in* Fernández Parrat, 2005, p. 60) vai de encontro a esta linha de pensamento: “(...) a função de contar novas, notícias ou testemunhos é provavelmente tão antiga como a existência da escrita (...)”. Carolina Magalhães,

Isadora Martinelli, Luna Costa, Marina Ventura e Paula Lopes, autoras do texto *O Desenvolvimento da Escrita Jornalística* (2008) mostram o seguinte relativamente à história da imprensa:

A escrita é uma prática própria das sociedades humanas, tendo sido desenvolvida historicamente por elas (...) Foi a partir do século XV, uma série de factores políticos, económicos e intelectuais aumentaram notavelmente a sede de notícias no Ocidente graças ao Renascimento, as Reformas, os processos de trocas bancárias e comerciais. A imprensa periódica só nasceu mais de um século e meio após a invenção da tipografia, tendo sido um verdadeiro florescimento de escritos de informação dos mais diversos. Desde o século XVI, pelo menos, as notícias já tinham se tornado uma mercadoria.

Jorge Pedro Sousa (1999, p.19) descreve os primórdios do jornalismo:

Desde sempre que o homem procurou comunicar aos seus semelhantes as novidades e as histórias socialmente relevantes de que tinha conhecimento. As necessidades de sobrevivência e de transmissão de uma herança cultural não foram alheias a essa necessidade. É óbvio que aquilo que era socialmente relevante para um grupo tribal dos primórdios da humanidade não é, necessariamente, aquilo que é socialmente relevante para o homem actual. Mas a génese do jornalismo encontra-se aí.

Quanto ao surgimento efectivo da reportagem dentro da escrita jornalística, Parrat (2005, p. 60) expõe:

Uma das primeiras reportagens que se conhece no mundo ocidental apareceu em 1587 na Alemanha, numa publicação denominada Zeitung, uma espécie de carta noticiosa que uma firma bancária editava para informar os seus clientes sobre os temas mais diversos. A reportagem publicada fala dos feitos de uma mulher sobre feitiços e pactos com o demónio, e a estrutura não difere muito de reportagens mais recentes. O primeiro parágrafo – o lead actual – anima a continuar a leitura, os sete parágrafos seguintes estão elaborados como um relato cronológico e os dois últimos culminam e suscitam ao encabeçamento.

Aliás, as feiticeiras eram um assunto bastante apreciado pela imprensa escrita nos séculos XVI e XVII. Como descreve Nelson Traquina (2002, p. 175): “Também as

feiticeiras constituíam motivo apreciado. Muitas eram as notícias sobre elas, muitas vezes retiradas dos julgamentos”.

Parrat (2001, p. 60) continua com a expansão da reportagem pela história fazendo referência a mais um texto importante:

Outro dos textos considerados fundamentais da reportagem na Europa data de 1884, quando um jornalista – conhecido como Mr. Stead – publicou no diário londiniense Pall Mall Gazette um inusual escrito sobre a prostituição na capital britânica.

O referido escrito não relatava apenas mera informação primária de um acontecimento, descrevia todos os aspectos, com bastantes dados e opiniões recolhidas entre os protagonistas e testemunhas que tornaram possível dar ao leitor uma visão profunda e real dos factos. Há, portanto, vestígios de uma técnica fundamental da reportagem, a investigação, na medida em que o jornalista da referida reportagem teve o cuidado de saber mais de modo a colocar o leitor na realidade daquela história. Para isso ouviu os protagonistas e as testemunhas da história que, melhor do que ninguém, poderiam contar a realidade com a qual conviviam de perto.

Jorge Pedro Sousa (1999, p. 29) relata também uma das passagens históricas em que a informação ganha contornos novelísticos e literários, características da reportagem:

Truman Capote, em 1965, (...) publica *In Cold Blood*, que classificou como uma novela de não-ficção, baseada em dados reais, na qual narrava o assassinato de uma família, começando no dia do crime e terminando seis anos depois, com o enforcamento dos dois homicidas. *In Cold Blood* não fazia revelações novas ou sensacionais, mas tinha trazido para o jornalismo a técnica da ficção, embora fosse um relato não ficcional. Incluía, porém, exames psicológicos dos assassinos e comentários às entrevistas efectuadas. O comportamento dos personagens da história era relacionado com factores como as condições climáticas. Para escrever o livro, Capote pesquisou durante meses em criminologia, entrevistou assassinos, etc.

Há aqui vários elementos que aproximam *In Cold Blood* de Truman Capote do género jornalístico reportagem: novela de não-ficção, ou seja, é um relato literário, mas com

personagens reais, com factos reais e com um cenário (ou vários cenários) real; pesquisa, tendo em conta que Truman Capote levou tempo a estudar criminologia, entrevistou assassinos e incluiu exames psicológicos dos assassinos o que o obrigou a obter pareceres profissionais. Mas recuemos até à época das “*folhas volantes*”, que, como classifica Nelson Traquina (2002, p.175) assumiram “uma forma pré-moderna de jornal” e geralmente dedicavam-se a informar os leitores sobre os mais variadíssimos temas. No entanto, cada edição publicava apenas um tema e não uma série de assuntos.

Jorge Pedro Sousa (1999, p. 19) diz:

“A instalação de tipografias um pouco por toda a Europa permitiu a explosão da produção de folhas volantes, de relações de acontecimentos e de gazetas, que, publicadas com carácter periódico, se podem considerar os antepassados directos dos jornais actuais.”

Na época das “folhas volantes” o que tinha interesse, o que era notícia eram os factos “absurdos” e extraordinários, como os acontecimentos bizarros de histórias de animais com duas cabeças, milagres e catástrofes. Além de acontecimentos bizarros, as “folhas volantes” interessavam-se também por relatar notícias sobre celebridades e personalidades da sociedade da época. Nelson Traquina (2002, p. 174) conta:

“As primeiras «folhas volantes» inglesas apareceram no século XVII, mas já havia «folhas volantes» publicadas na Europa, um século atrás, em Veneza. Curiosamente, também havia «folhas volantes» no Novo Mundo – uma foi publicada na Cidade do México em 1541.”

Isto quer dizer que não há registos certos do surgimento das primeiras “folhas volantes”, elas surgiram com a necessidade de cada sociedade, de cada país contar os acontecimentos mais importantes, de informar aquilo que era de interesse público na época e em cada país ou continente. Por exemplo, segundo estima Nelson Traquina (2002, p. 174):

(...) a conduta dos heróis, uma batalha naval, era assunto para ser tratado (...) muito do que era «notícia» era internacional: guerras e trocas comerciais eram dois dos assuntos principais. Quase

completamente esquecidos eram os acontecimentos de interesse local. O espaço era reservado aos assuntos a que as pessoas não tinham acesso.

As “folhas volantes” dedicavam-se sobretudo a oferecer às pessoas aquilo que era difícil de se obter: as novidades, as “novas” de longe, os acontecimentos que surgiam do outro lado do mundo ou simplesmente do país vizinho. Aquilo a que não se tem acesso é o mais apetecível e, claro, o que faz mais sucesso. As “folhas volantes” usavam sobretudo como engodo o insólito. O que espanta, o que provoca o choque era já na época das “folhas volantes” o interesse informativo. Aliás, estes ingredientes existem desde que o ser humano é curioso. No entanto, nesta época há um outro factor de interesse para contar, para informar. Como mostra Nelson Traquina (2002, p. 175): “Outro valor-notícia importante nesta época é a noticiabilidade do actor principal do acontecimento. Os actos e as palavras das pessoas importantes, as crónicas e as proezas de personalidades de «elite», como, por exemplo o rei e/ou a rainha, eram «notícia».”

Como já havia sido atrás referenciado, de facto as personalidades da sociedade da época e tudo que girava em torno delas servia como notícia, eram motivo de informação. Mas para além de tudo isto, as guerras serviam também para alimentar o desejo de novidade do público. Segundo manifesta Nelson Traquina (2002, p. 176) “O aparecimento dos primeiros jornais teve lugar no século XVII. O Aviso de Augsburg, Alemanha, é geralmente considerado como sendo o primeiro jornal, em 1609.”

Rapidamente, começaram a surgir os primeiros jornais na Europa: Inglaterra, França e outros países. Em Portugal, *Gazeta em que se Relatam as Novas Todas que Houve Nesta Corte e Que Vieram de Várias Partes no Mês de Novembro de 1641*, foi o título do primeiro jornal, que surgiu após a Restauração, mas que, segundo Jorge Pedro Sousa (1999, p. 20) “durou até Setembro de 1647, embora a sua publicação tenha sido suspensa em vários períodos, devido, entre outros factores, à imprecisão das notícias que publicava.”

Estes jornais saíam sempre uma vez por semana e relatavam os feitos da corte, histórias da sociedade actual. No entanto, há registo do aparecimento da primeira edição escrita a 19 de Outubro de 1588, com o nome *Notícia da Infelicidade da Armada de Sua Majestade Que Escreveu o Mestre de Santa Catarina*, como relata Alejandro Pizarroso Quintero (1994, p. 331).

Avançando até ao século XVIII, os jornais eram vistos pela sociedade política como uma arma que poderia ser usada contra ou a favor da política. No entanto, e com as revoluções americana e francesa, 1776 e 1789, respectivamente, muito depressa é conquistada a liberdade e assim a comunicação social, o jornalismo e as publicações periódicas assumem um papel importante na sociedade, a do “Quarto Poder”. No final do século XVIII consagra-se então uma espécie de liberdade de imprensa.

No início do século XIX surge então uma nova forma de fazer jornalismo com o aparecimento da chamada *penny press*. Sobre a participação de Portugal no jornalismo moderno Jorge Pedro Sousa (1999, p.21) descreve:

O primeiro jornal diário português, o *Diário Lisbonense*, começou a editar-se a 1 de Maio de 1809. Mas é apenas com o aparecimento do *Diário de Notícias*, em 1865, que o jornalismo português entra na modernidade. Rompe-se com a tradição da imprensa opinativa ou partidária, designada muitas vezes por imprensa de partido (*party press*), que na realidade por vezes era simultaneamente noticiosa e opinativa, em favor da informação factual, e começa a trilhar-se o caminho que haverá de conduzir à profissionalização dos jornalistas portugueses.

Até aqui os únicos assuntos que interessavam à imprensa eram os assuntos relacionados com a política, com os conflitos militares, com a economia ou com as cotações da Bolsa. Mas com o aparecimento da penny press, outros assuntos preenchem o interesse da imprensa. Este novo jornalismo dá mais atenção à informação em detrimento da propaganda política. Esta nova forma de fazer jornalismo assume também uma nova perspectiva quanto ao modo de ver a notícia. Passa-se então a fazer distinção entre factos e opiniões, cortando de vez com a existência do jornalismo de opinião para dar lugar ao jornalismo de informação.

Esta nova era do jornalismo acontece devido à crise ideológica que o século XIX atravessa. No século XIX o positivismo é reinante. Há um esforço intelectual em atingir a perfeição, um esforço intelectual que atinge as várias disciplinas, a ciência, a filosofia e a sociologia. Esta busca da perfeição encontrou no realismo fotográfico a grande parte da solução para o problema, já que a fotografia permitia na época transportar uma realidade, que até ali ainda não era acessível a todos. Nessa altura gerou-se a ideia de que a fotografia era a única componente do jornalismo que transportava consigo uma verdade exacta. Como menciona Nelson Traquina (2002, p. 36) “o realismo fotográfico tornou-se, assim, o farol orientador da prática jornalística.” Então começa a existir, nesta era positivista, uma necessidade de tratar e relatar os factos. Há uma consciencialização de que os factos devem ser relatados de forma pormenorizada, ou seja, “fotograficamente”, pois o “público” quer estar lá, no centro dos acontecimentos. É precisamente aí, dessa necessidade que nasce uma nova forma de jornalismo – a reportagem. Pois aliado a este novo género jornalístico está o jornalismo de investigação, que sai para o terreno, que investiga e que procura a verdade dos factos até à exaustão. Adianta Nelson Traquina (2002, p. 37): “No jornalismo apareceu ainda, e foi crescendo uma nova figura que iria ocupar um lugar mítico e mesmo romântico na profissão emergente – o repórter.” A partir do século XIX a notícia tinha de ser realista, fotograficamente fiel ao acontecimento, capaz de transportar o leitor para o acontecimento. Nelson Traquina (2002, p. 37) diz que “tal esforço visava transformar o jornalismo numa máquina fotográfica da realidade, no seu espelho de acordo com a nova ideologia profissional.” Ora, todos sabemos que é exactamente isso a que a Reportagem se propõe na actualidade, a mostrar fielmente a realidade dos acontecimentos, da vida real. Capaz de mostrar todos os indícios, todos os pormenores e todos os factos ao leitor. Isto significa que este novo género jornalístico sobreviveu até aos dias de hoje, talvez por ser o mais desejado, talvez por ser o único que satisfaz a necessidade da incessante busca da realidade. Foi no século XIX que esta necessidade da realidade começou a ser saciada, quando surgiu, juntamente com o positivismo, consciência de que o conhecimento da vida real é importante. Segundo Nelson Traquina cita (2002, p. 37): “A seguinte citação do século XIX traduz bem o sentimento dominante da época: «O mundo cansou-se de pregadores e sermões. Hoje, o mundo pede factos. Está cansado de fadas e anjos, pede carne e sangue.»

Da imaginação, de uma literatura de fantasia, passou-se a um novo género literário, o relato de factos da vida real que chocam por serem verdadeiros. Foi esta a herança do positivismo do século XIX. Aliás mostra Nuno Crato (1992, p. 141):

Só em meados do século XIX a imprensa europeia introduz o repórter que vai «ao local» procurar dados sobre o acontecimento. Em Portugal isso aconteceu mais tarde, nos fins do século, e só depois se inaugurou este género jornalístico, que traduz já a concorrência na luta pela actualidade e o interesse do leitor em «viver» a própria procura da informação.

Nelson Traquina (2002, p. 37) esboça bem o aparecimento da reportagem no século XIX: “Duas das palavras-chave eram a palavra «observar» e a palavra «lente».”

A Guerra da Secessão nos Estados Unidos, nos primeiros anos da década de sessenta do século XIX permitiu o surgimento de novas técnicas para informar, como relata Jorge Pedro Sousa (1999, p.24) acerca desta etapa do jornalismo:

Foi também durante a Guerra da Secessão que se puseram à prova novas técnicas de informação, como a entrevista, a reportagem e a crónica. Por sua vez, a necessidade de se recorrer ao telégrafo para se enviarem as notícias da frente de batalha para a sede dos jornais impulsionou a utilização da técnica da pirâmide invertida para a redacção de notícias. Por um lado, o telégrafo era caro, razão pela qual havia que economizar na linguagem. Por outro lado, o telégrafo era falível, razão pela qual a informação mais importante era colocada no início da peça. Se a ligação fosse cortada, pelo menos o mais importante chegava à sede do jornal.

Jacinto Godinho (2009, p. 22) marca a Guerra da Secessão como o assumir da reportagem: “(...) foi na Guerra da Sucessão (1861-1865) norte-americana que a palavra *reportage* adquire um significado mais «sério», tornando-se uma função e um género de escrita bem identificado no jornalismo.”

Nesta fase do jornalismo, em pleno século XIX, já se fala da reportagem como uma técnica para informar, como um género entre os géneros que surge para matar a sede de informação que, por esta altura, já se sentia. No entanto, com o primeiro Novo

Jornalismo, impulsionado pelos empresários Pulitzer e Hearst, a reportagem terá ficado em segundo plano, tendo em conta que, segundo Nelson Traquina (1993, p. 23/24):

Numa época marcada pelo positivismo, também os jornalistas são levados ao culto dos factos e à tarefa de reproduzir fielmente a realidade, impressionados com novos inventos, como a máquina fotográfica. A expansão da imprensa, com as suas acrescidas responsabilidades, surge acompanhada do conceito de "Quarto Poder", em que a defesa e vigilância da nova força chamada "opinião pública" é invocada como dever e actua como legitimadora da nova força social que é a imprensa."

Pois o culto dos factos restringe-se apenas a contar como ocorreu o acontecimento, limitando a informação ao essencial com uma linguagem mais simples, concisa e directa, como expõe Jorge Pedro Sousa (1999, p. 25): "Indo além da linguagem acessível, clara, concisa, directa, simples e precisa, Pulitzer introduziu no seu jornal (*The World*) um grafismo inovador e as manchetes." Isto pressupõe que no primeiro Novo Jornalismo de Pulitzer o género jornalístico dominante seria a notícia, pois era ela quem matava a sede repentina de informação que a população exigia, um jornalismo voltado para o popular, para o comercial, aquele que vende mais. Segundo Jorge Pedro Sousa (1999, p. 26) "dessa longínqua ascendência das duas gerações da imprensa popular resultaram jornais como, por exemplo, os portugueses *Tal & Qual* e *O Correio da Manhã*."

Na história do jornalismo, a reportagem volta a surgir com importância já no século XX com o segundo Novo Jornalismo, pois traz para as redacções dos jornais dois hábitos essenciais para a prática da reportagem, como menciona Jorge Pedro Sousa (1999, p. 28/29):

"Este segundo movimento de Novo Jornalismo teve duas forças motrizes principais: a assumpção da subjectividade nos relatos sobre o mundo; e a retoma do jornalismo de investigação em profundidade, que revelou ao mundo escândalos como o do *Watergate*."

A subjectividade, tudo pode ser objecto de informação, o relato é mais abrangente e a investigação em profundidade fazem entrar de novo a reportagem nas redacções.

Jorge Pedro Sousa (1999, p. 29) evidencia que é na década de sessenta do século XX que se nota com mais intensidade este segundo movimento de Novo Jornalismo e cita Tom Wolfe:

Mas é em meados da década de sessenta que essa forma de jornalismo surge como um movimento de renovação estilística, ideológica e funcional nos Estados Unidos. Tom Wolfe, no livro *The New Journalism* (London: Picador, 1975), diz que ouviu o termo, pela primeira vez, em 1965.

Este segundo movimento do Novo Jornalismo traz, assim, de novo às redacções dos jornais a prática da reportagem com a investigação e uma renovação estilística, ou seja, a vontade de dar mais realismo e, ao mesmo tempo, criatividade aos textos jornalísticos., como mostra Jorge Pedro Sousa (1999, p. 29):

O movimento do Novo Jornalismo surge como uma tentativa de retoma do jornalismo aprofundado de investigação por parte de jornalistas e escritores que desconfiavam das fontes informativas tradicionais e se sentiam descontentes com as rotinas do jornalismo, mormente com as suas limitações estilísticas e funcionais. (...) Em 1960, George Gallup reclamava da maneira formal, rotineira e sem interesse com que os jornais apresentavam a informação. Sugeriu, assim, que a imprensa adoptasse um estilo mais sedutor e ameno. Truman Capote, em 1965, correspondeu ao desafio.

A partir daqui os jornalistas adoptaram estilos diferentes de escrever a informação jornalística, de uma forma mais literária, mais sedutora e aliciante – tudo características que rodeiam a reportagem enquanto género jornalístico. Jorge Pedro Sousa (1999, p. 29) dá conta desse estilo adoptado pelos jornalistas:

No Novo Jornalismo, o jornalista procura viver o ambiente e os problemas das personagens das histórias, pelo que não se pode limitar aos seus aspectos superficiais. Os novos jornalistas tornaram-se, frequentemente, jornalistas literários, assemelhando a sua produção à literatura.

Nota-se, portanto, durante este movimento do Novo Jornalismo, a preocupação dos jornalistas em entrar no mundo do acontecimento, respirar o mesmo ambiente e sentir os factos para melhor os poder contar ao leitor e com todos os pormenores, sem esquecer os “aspectos superficiais”. Jorge Pedro Sousa (1999, p. 30) continua:

A construção cena por cena, o uso de diálogos na totalidade, o simbolismo de uma linguagem cuidada, as frases curtas, a narração minuciosa, a caracterização das personagens das histórias e a descrição dos ambientes são domínios discursivos que alguns jornalistas começaram a explorar, bem dentro desse espírito da revisão estilística operada com o segundo movimento de Novo Jornalismo. Os títulos também se tornam mais curtos, incisivos e apelativos, ideias que são importadas quer da publicidade, quer do mundo do cinema.

Os títulos também ganham uma nova importância, ficam mais curtos para melhor percepção e mais apelativos, mais criativos para captarem melhor a atenção do leitor. No entanto, todas estas mudanças que ocorreram no mundo jornalístico entre os anos 30 e 74 foram limitadas em Portugal pelo regime que operava no país, como refere Jorge Pedro Sousa (1999, p. 31):

As mudanças que sofreu o jornalismo mundial entre os anos trinta e 1974 tiveram menos impacto em Portugal do que noutros países ocidentais. A ditadura corporativa do Estado Novo amarrou Portugal a um jornalismo descritivo e declaratório, censurado e, por vezes, folclórico e festivo (era necessário, por exemplo, noticiar o aniversário do presidente do Conselho de Ministros, quer com Salazar quer com Caetano).

Em Portugal, até ao 25 de Abril de 1974 era então vigente o Modelo Autoritário de Jornalismo, em que, segundo Jorge Pedro Sousa (2008, p. 71/72): “

O exercício da actividade jornalística é sujeito ao controle directo do estado, através do Governo ou de outras instâncias. A liberdade de imprensa é condicionada (em maior ou menor grau) e a censura, mesmo quando não explícita, prolifera.

Mas a 25 de Abril de 1974, com a Revolução dos Cravos, o jornalismo português conquista uma mudança importante – a liberdade de imprensa, consequência da

liberdade de expressão. Jorge Pedro Sousa (1999, p. 31) diz que “rapidamente o jornalismo português foi contagiado pelas novidades e acompanhou as mudanças que se operaram no sistema mediático ocidental.”

João Carlos Correia (*in* Sousa, Jorge Pedro, 2008, p. 118) adianta:

O pós-25 de Abril é, para o melhor e para o pior, o mais interessante período da história do Jornalismo português: desde logo, este é o período em que se verificam as transformações mais significativas em termos estilísticos, políticos, organizacionais, empresariais e profissionais.

Jorge Pedro Sousa (1999, p. 31) fala da principal mudança que aconteceu nos anos oitenta com as novas tecnologias e o surgimento da Internet:

Mas a principal mudança talvez se esteja a desenhar nos meios *on-line*. A Internet, sobretudo o subsistema da World Wide Web, "roubou" ao jornalista parte do seu papel de gestor privilegiado dos fluxos de informação, isto é, do seu papel de *gatekeeper*, o que obrigou a reconfigurar o sistema jornalístico. As novas tecnologias da informação também permitem uma maior interactividade entre jornalistas, jornais e público, bem como o fornecimento de jornais *a la carte*, permanentemente actualizados.

Em Portugal, revela João Carlos Correia (2008, p. 126), “a difusão da Internet é realizada pelas Universidades (...) Os órgãos de comunicação social passaram, em 1995, a difundir a existência e utilidade da Internet.”

Sobre a influência da Internet na imprensa, Joaquim Fidalgo (2000, p. 2) expõe:

A segunda metade dos anos 90 foi, em Portugal, o momento da chegada dos jornais à Internet (“Jornal de Notícias”, “Público” e “Diário de Notícias” apresentaram as suas versões “on-line” em 1995), correspondendo, aliás, ao rapidíssimo movimento que nesse sentido se observava um pouco por todo o mundo.

A Internet permite, assim, a partir de 1995, a adopção de um novo meio de comunicação social que não é a rádio, a televisão, nem a imprensa, mas a possibilidade de ter acesso aos três meios através do monitor do computador. Desde os anos 90 até aos nossos dias tem-se, então, assistido a um novo paradigma do Jornalismo – o Webjornalismo. Este novo estado do Jornalismo tem levantado algumas questões essenciais no meio da comunicação: qual o futuro do jornalismo e, sobretudo, qual o futuro da imprensa neste novo paradigma.

1.2 – A Reportagem nos Webjornais

A Internet traz ao Jornalismo uma nova ferramenta de pesquisa e, ao mesmo tempo, de divulgação da informação. No entanto, falar de Jornalismo na Internet é bem mais complexo do que isto, tendo em conta que tem sido fresca a discussão de benefícios e malefícios da Internet para o Jornalismo.

Celso Acuña (2003, p. 84) aprecia:

Não são poucos os que pensam que o suporte papel desaparecerá. Nas palavras (publicadas em *El País* a 1 de Maio de 1999) de Jerry Ceppos, vice-presidente de Knight Ridder, uma das maiores cadeias de imprensa dos Estados Unidos, estamos a viver uma colisão entre os jornais e a tecnologia, dado que só no último ano, 16 por cento dos norte-americanos com acesso à internet (80 milhões) abandonaram totalmente ou em grande parte a leitura de diários em favor das notícias electrónicas. A respeito disto, o professor Ángel Benito, responsável pelo trabalho *Análisis de la Prensa del Master de Abc*, e cujo seminário eu assisti, considera que o escasso consumo da imprensa está ligado fundamentalmente a dois factores determinantes: a baixa ou nula cultura familiar no hábito de leitura e a falta de sintonia entre os valores dominantes da juventude e aqueles que constituem a agenda dos jornais diários.¹⁸

A este ponto da dissertação interessa saber como será tratada a reportagem enquanto género jornalístico e que transformação sofre na adaptação do modelo escrito/impresso

18

“No son pocos los que piensan que el soporte papel desaparecerá. En palabras (publicadas en *El País* el 1 de mayo de 1999) de Jerry Ceppos, vicepresidente de Knight Ridder, una de las dos cadenas de prensa más grande en Estados Unidos, estamos viviendo la colisión de los periódicos y la tecnología dado que sólo el último año, un 16 por ciento de los norteamericanos con acceso a Internet (80 millones) ha abandonado totalmente o en parte la lectura de diários a favor de las noticias electrónicas. Al respecto el profesor Ángel Benito, responsable de la asignatura *Análisis de la Prensa del Master de Abc*, y a cuyo seminario asistí, considera que el escaso consumo de prensa está ligado fundamentalmente a dos factores determinantes: el bajo o nulo arraigo familiar en el hábito de lectura y la falta de sintonía entre los valores dominantes de la juventud y aquellos que constituye la agenda de los diarios.”

para o modelo webjornal. Se mantém a sua essência, se evolui de forma positiva, se perde o seu carácter criativo e literário e se ganha projecção relativamente a outros géneros jornalísticos.

Joaquim Fidalgo (2000, p. 2) fala sobre o começo da relação Imprensa – Internet:

No princípio, as versões electrónicas dos jornais nada mais eram do que duplicações exactas dos materiais preparados para suporte papel. Mas as empresas jornalísticas depressa começaram a perceber que este modo de comunicação com os leitores, aliado às enormes potencialidades do suporte digital, permitia desenvolvimentos próprios — e os jornais *on line* depressa começaram a autonomizar-se dos seus “sócios” de papel, oferecendo serviços complementares só possíveis por esta via e abrindo novas possibilidades de rentabilização do espantoso manancial de dados que um jornal acumula diariamente.

A Internet exige que a redacção dos géneros jornalísticos seja revista e adaptada à nova realidade para que a informação dos jornais seja publicada no *on-line*.

João Canavilhas (2006, p. 7) considera: “Usar a técnica da pirâmide invertida na web é cercear o webjornalismo de uma das suas potencialidades mais interessantes: a adopção de uma arquitectura noticiosa aberta e de livre navegação.”

O que diferencia o jornal do formato papel para o jornal publicado na Web passa pelas limitações de espaço e, nesse sentido, modificam-se então as técnicas que existem por limitação de espaço no formato papel. Acerca disto diz João Canavilhas (2006, p. 7):

Nas edições em papel o espaço é finito e, como tal, toda a organização informativa segue um modelo que procura rentabilizar a mancha disponível. O jornalista recorre a técnicas que procuram encontrar o equilíbrio perfeito entre o que se pretende dizer e o espaço disponível para o fazer, pelo que o recurso à pirâmide invertida faz todo o sentido. (...) Nas edições online o espaço é tendencialmente infinito. Podem fazer-se cortes por razões estilísticas, mas não por questões espaciais. Em lugar de uma notícia fechada entre as quatro margens de uma página, o jornalista pode oferecer novos horizontes imediatos de leitura através de ligações entre pequenos textos e outros elementos multimédia organizados em camadas de informação.

Isto significa que em termos de espaço, a informação não está limitada nas edições online, tendo em conta que existe sempre a possibilidade de criar ligações para outros textos e, até mesmo, formas mais animadas de informação que não o texto (como por exemplo a infografia), que possibilitam dar sempre mais e mais informação e de diversos pontos de vista em termos de géneros acerca de um mesmo acontecimento. É o que se chama “esmiuçar” o acontecimento com pormenores que, através do recurso de várias ligações, o tornam sempre fresco e novo.

Daniela Bertocchi (2005, p. 1294) considera que “Reflectir sobre os géneros ciberjornalísticos é pensar sobre o próprio ciberjornalismo, uma modalidade jornalística surgida no final do século XX que se apropria do ciberespaço para a construção de conteúdos jornalísticos.”

Os conteúdos jornalísticos começam a ser desenhados de forma diferente, como forma de se adaptarem ao ciberespaço que, como já foi dito, é ilimitado e permite pormenorizar o acontecimento de forma menos morosa, mais atraente e muito mais interactiva através da hipertextualidade.

A grande mudança na forma como se constrói a reportagem nos webjornais reside na Multimedialidade que, segundo Luciana Mielniczuk (2001, p.4): “no contexto do webjornalismo, multimedialidade, trata-se da convergência dos formatos das mídias tradicionais (imagem, texto e som) na narração do facto jornalístico.”

A reportagem nos webjornais pode valer-se, além do texto, de som e imagem, o que permite ser ainda mais atraente para o leitor, mas também para o jornalista que terá de trabalhar os três formatos em simultâneo. Além de que, como a reportagem no seu formato original já se permitia ser bem mais alargada no momento de contar os factos, sem esquecer os pormenores, agora, com espaço ilimitado pode ser bem mais interactiva, apresentar-se com suportes que vão além da fotografia, como o vídeo, o som, o slideshow e a infografia, pode desdobrar-se em capítulos tal como num livro, através das hiperligações e ser assim, ainda mais sedutora e cativante.

Ainda assim, Beatriz Ribas (2006, p.10) afirma que ainda não está bem patente a diferença entre notícia e reportagem nos webjornais:

Nos primeiros momentos do webjornalismo, notícia e reportagem não apresentavam entre elas diferenças estéticas e estruturais. Ainda hoje, o que Salaverría (2005) classifica como notícia e como reportagem nos *cibermeios* possui praticamente as mesmas características, salvo o *design* mais elaborado no caso da reportagem.

A reportagem continua a ser o género jornalístico que exige mais elaboração e mais exigência na apresentação, mesmo na web. Não existe ainda definições científicas ou bem sustentadas, em termos de autores, para os géneros jornalísticos no novo panorama jornalístico – o da web. No entanto, no que se refere à reportagem Beatriz Ribas (2006, p. 11) cita o exemplo de Salaverría:

(...) reportagem multimédia destaca-se pelo uso do áudio articulado com as imagens em movimento. Essa é a integração que Salaverría considera um «amálgama indissolúvel», e talvez por isso, o autor caracterize este formato como ideal de integração. Ocorre que, se fazemos uma análise mais detalhada, trata-se de um conjunto de *slideshows* com áudio, mapas animados e uma infografia interactiva. A integração de som e imagem em movimento é perceptível, mas somente notamos uma integração entre as outras partes através do *design*. Em realidade, a reportagem multimédia assemelha-se a um micro website, ou melhor, constitui uma micronarrativa multimidiática e interactiva.”

O que sugere que a grande mudança na passagem da reportagem na imprensa escrita para a reportagem da web passa, sobretudo, pelo design, ou seja, em vez do tradicional texto descritivo suportado por fotografias, passa a existir nos webjornais a imagem com fotografia ou vídeo através da ferramenta *slideshow* com áudio, mapas animados e infografia interactiva, que permite contar o acontecimento com pormenor e com um design bem diferente do suporte papel. Mas uma outra mudança ocorre nesta passagem de formatos, como refere Beatriz Ribas (2006, p. 12):

A diferença entre os dois tipos está no uso do áudio como o elemento central da narrativa, e não do texto escrito, no caso da reportagem em profundidade. Na reportagem multimédia, o texto escrito passa a acessório, enquanto na outra, é fundamental para a compreensão da mensagem.

Não quer dizer que a aproximação da reportagem à literatura se perca com a reportagem multimédia, mas que se altera a forma como se conta a história. Tendo em conta que, no formato papel, o texto, e a forma como é redigido, é essencial para a compreensão da mensagem e até mesmo a exigência da criatividade para manter o leitor preso ao texto, com a reportagem multimédia o texto é apenas suporte do áudio e da imagem, ou seja, passamos a ter as funções invertidas.

A reportagem parece, aliás, um dos géneros com mais êxito na integração do novo paradigma – o webjornalismo, pois adapta-se com facilidade aos novos instrumentos utilizados para contar a história, como aponta Beatriz Ribas (2006, p.12):

É por esse motivo, e não pela integração de áudio e imagem em movimento, que a reportagem multimédia se destaca enquanto formato mais interessante para este género na Web. É o facto de acabar com a hegemonia do texto escrito que torna este formato mais adaptado à Web.

O carácter interactivo da web permite à reportagem ser “desmantelada” em vários textos, suportados por várias animações e ferramentas, permitindo uma abertura maior à profundidade da investigação e à transmissão de todos os factos informativos. Estas eram já as suas características – ser profunda e mais alargada no momento de contar a história, no entanto, devido à limitação de espaço no papel acaba sempre por ser asfixiada. No entanto, a multiplicidade de links existentes na web e a capacidade de serem apresentados sempre de forma diferente e animada, permite à Reportagem distribuir os factos por temas sempre ligados à mesma história, apresentando, assim, os diversos pontos de vista do acontecimento apresentados em formatos diferentes: áudio, vídeo ou fotografias com slideshow, gráficos, mapas e infografia.

Marcelo Freire Pereira de Souza e Rodrigo Carreiro (2009, p. 2) citam Beltrão:

(...) é função do jornalismo interpretativo apresentar uma multiplicidade de pontos de vista sobre o acontecimento, permitindo, desta forma, que o leitor tenha subsídios para tirar suas conclusões acerca do assunto. Entre os géneros principais do interpretativo está a reportagem em profundidade, conceituada por Beltrão.

O texto interpretativo, neste caso a reportagem, é mais utilizado na imprensa escrita, e permite o aprofundamento dos factos, para tal exige a investigação, a ampliação das fontes e o cruzamento das informações cedidas pelas fontes para garantir a sua veracidade e imparcialidade e isso exige tempo. Um tempo que é aceitável na redacções dos jornais impressos, tendo em conta que só têm a possibilidade de sair uma vez por dia, no caso dos diários, ou por semana, no caso dos semanários. Mas será que este tempo é aceitável nos webjornais, em que toda a informação é actualizada ao minuto, senão ao segundo? Ainda é tempo de experimentações e, portanto, ainda é cedo para tirar conclusões, mas o repórter das redacções dos jornais assume agora novas responsabilidades, pois além de toda a minúcia do trabalho de investigação e da criatividade que adopta na forma como aborda a história, tem agora de saber dominar diversas ferramentas e, sobretudo, trabalhar com a mesma minúcia em tempo recorde para poder concorrer com a complexidade intemporal da Internet, em que tudo acontece à distância de um clique.

Mas as ferramentas a utilizar podem fazer sobressair a criatividade do repórter que tem agora a seu favor a possibilidade de abordar a mesma história de diversos ângulos. Aliás, o slideshow é uma ferramenta que transporta para a Internet e para o Webjornalismo os princípios do Jornalismo na imprensa escrita, pois exige texto e fotografias, recorrendo à fotoreportagem, já muito utilizada pela imprensa escrita.

Os autores Marcelo Freire Pereira de Souza e Rodrigo Carreiro (2009, p. 9) falam sobre a narrativa sonora presente nos webjornais:

Neste contexto, se insere o áudio slideshow, como uma potencialização do ensaio fotográfico, oriundo da mídia impressa, que levado para internet se reconfigura na estrutura de galeria de fotos, ainda podendo ser considerado como de segunda fase devido à sua vinculação com o

formato original. É que na conjugação com o áudio transforma-se em um formato próprio da internet unindo narrativa sonora com imagens estáticas.

É só admitir que, agora, o repórter não sai para o local apenas com um gravador na mão, leva também a máquina fotográfica e uma câmara de vídeo, de modo a poder trabalhar depois a reportagem nos seus vários formatos. Além de que, quando a investigação obriga à pesquisa de documentos, há sempre a possibilidade de publicar esses mesmos documentos como suporte digital, caso, claro, obedeça à legalidade de publicação de documentos.

Sobre a complexidade da reportagem no ciberespaço, Freire Pereira de Souza e Rodrigo Carreiro (2009, p. 8) citam Gutiérrez Siglic para dizerem que este autor:

(...) defende que em uma arquitectura da informação mais elaborada é possível a redacção de «textos mais profundos e complexos, com uma maior quantidade de dados que podem ser lidos de maneira não sequencial».

Existe a possibilidade de a reportagem, ao ser distribuída por hiperlinks, ser lida/consultada não da forma tradicional, de cima para baixo, nos meios impressos, mas por temas na web. Nesse sentido, Freire Pereira de Souza e Rodrigo Carreiro (2009, p. 8) referem que Gutiérrez Siglic:

(...) indica que a construção dos hiperlinks deve ser feita levando em consideração conteúdos-chave que permitam um tratamento profundo do tema em questão e tragam diversas teorias que expliquem o caso. Consideramos, assim como maioria dos autores, a webreportagem como uma potencialização da reportagem categorizada pelos estudos de géneros oriundos do género impresso. O hipertexto, a interactividade e a multimidialidade são os principais elementos desta adequação ao novo meio, que permitem a incorporação de diferentes estilos redaccionais e formatos.”

Em reportagem, segundo López García (*cit. in* Freire Pereira de Souza e Rodrigo Carreiro, 2009, p. 6/7): “O acontecimento tratado já é conhecido pelo público, mas é

abordado de forma mais completa e documentada” e a sua estrutura está dividida nos seguintes níveis:

- **Página ou nó inicial:** A reportagem hipertextual, em um primeiro estágio, deveria limitar-se a oferecer um título e uma breve introdução geral [...]. Também poderia incorporar um “guia de leitura” proposto aos leitores de forma, que preservando a estrutura aberta da reportagem e a liberdade dos usuários para definir suas preferências, determine a possibilidade de seguir um itinerário de leitura “modelo” para adquirir a informação fundamental.
- **Extensão do texto fonte através de uma série de documentos [...]** que poderia se relacionar com os links e materiais complementares relativos aos blocos temáticos que formam a reportagem.
- **Contextualização primária:** documentos que complementam o núcleo da reportagem [...] e, em particular, trabalhos de infografia que ajudem a ilustrarem o que foi apresentado no texto fonte (e, em certos casos, cheguem a substituí-lo como núcleo da reportagem).
- **Contextualização secundária:** em linhas gerais, trata-se de realizar um aproveitamento das fontes documentais de que dispõe o meio de comunicação para complementar a informação principal [...]
- **Materiais alheios ao meio:** por último, uma reportagem que aproveita as potencialidades do meio digital em que se desenvolve teria que complementar a informação com uma selecção de links feita a partir de critérios qualitativos e quantitativos que permitam ao leitor acessar fontes externas ao meio.

Estes níveis aparecem quase como um livro de instruções para o utilizador dos webjornais, mas também para os jornalistas que agora têm de adoptar uma nova estratégia de redacção de informação.

Suzana Barbosa (2005, p. 465) cita Javier Diaz Noci:

(...) pensando os géneros jornalísticos e o texto electrónico, afirma que o que tem ocorrido até agora é que a maioria dos jornais na internet tem apenas transferido os tradicionais géneros presentes no impresso para o suporte digital. Sobre eles, Diaz Noci confirma o potencial de géneros interpretativos como a reportagem, beneficiada pela potencialidade do uso de recursos, como som, imagens fixas e em movimento, gráficos, e animações em três dimensões e, principalmente, pela ausência de limites crono-espaciais - segundo ele, a reportagem é o género por excelência do ciberespaço informativo.

Como tem sido dito, a vantagem da reportagem face aos restantes géneros jornalísticos é que se adapta facilmente aos diferentes meios sem perder o seu cariz literário e narrativo, com a liberdade criativa para contar o acontecimento e transmitir a informação. A reportagem demonstra que tem um carácter multifacetado, capaz de se adaptar aos diferentes contextos da imprensa, seja ela escrita (formato papel) ou multimédia (na web), garantindo assim o êxito e a continuidade dos jornais no futuro.

Capítulo III – Estudo do Jornal de Notícias, Primeiro de Janeiro e Comércio do Porto (1974/2004).

2.1 – Contexto e Metodologia do Estudo de Caso

A investigação científica é um processo constituído por um conjunto de acções sucessivas e interligadas.

Toda a investigação pressupõe um ou mais objectos de estudo definidos, neste caso, os jornais *Jornal de Notícias*, *O Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto*. Os objectos de estudo foram escolhidos em conformidade com o tema central deste trabalho – 30 Anos de Reportagem na Imprensa Escrita do Porto – tendo em conta que estes três jornais foram fundados na cidade do Porto.

O *Jornal de Notícias* ou *JN* é um jornal diário português, que foi fundado a 2 de Junho de 1888, no Porto, tornando-se num dos jornais de maior expansão em Portugal, especialmente a seguir à Revolução do 25 de Abril de 1974. As primeiras instalações do *JN* ficavam situadas na Rua de D. Pedro com redacção, administração, composição e impressão. Segundo a história do jornal publicada em Infopédia, quando saiu para a rua, o *Jornal de Notícias*, era dirigido por José Diogo Arroio, tinha quatro páginas de grande formato, custava dez réis e era vendido no Porto e arredores, Lisboa e Braga. A nível de conteúdo apostava em noticiário nacional e internacional e dedicava a última página a anúncios. A tiragem inicial rondava os 7500 exemplares por edição, mas começou a subir a partir de 1890, quando fez campanha política em favor dos regenerados. Pouco depois, foi introduzida uma inovação nas páginas do jornal já que, em 1891, surgiram as primeiras gravuras com retratos dos principais implicados na revolta do 31 de Janeiro. O *JN* assumiu claramente a defesa do Norte e do Porto em 1911, altura em que mudou as suas instalações para a Rua Elias Garcia. Foi o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, que ditou a volta das edições, durante alguns meses, à segunda-feira, mas essa medida só foi adoptada em definitivo em 1936. Em 1926 as instalações do *Jornal de Notícias* voltam a mudar de morada, desta vez para a Avenida dos Aliados, onde ficou

até 1970, altura em que se muda de novo para um edifício na Rua Gonçalo Cristóvão. Ao longo destes anos o jornal continuou a conquistar espaço junto do público, (...) mas nos tempos da ditadura, o *JN* passou tempos difíceis com a censura e, em 1951, chegou a ser considerado como órgão da oposição ao regime. Após a Revolução do 25 de Abril de 1974 as vendas do jornal subiram bastante e em 1978 o *JN* passou a ser o jornal nacional com maior adesão. Muitos jornais foram lançados pela empresa do *Jornal de Notícias*, como o vespertino *A Tarde* publicado durante seis meses em 1945, entre 1981 e 1984, existiu o *Notícias da Tarde* e também o jornal desportivo *O Jogo* foi lançado pelo *JN* em 1985, mas depois tornou-se autónomo. Junto com o *JN* de domingo é oferecida desde 1973 uma revista. Começou por ser a *Revista JN* mas mais tarde passou a chamar-se "*Notícias Magazine*" sendo feita em parceria com o *Diário de Notícias*. A partir de 2003, o *JN* e o *DN* começaram a publicar semanalmente aos sábados a revista *Grande Reportagem*. Da história do *Jornal de Notícias* faz ainda parte o ciclismo, tendo organizado, entre 1982 e 2000, a Volta a Portugal em bicicleta. Actualmente o director da *JN* é José Leite Pereira e pertence ao Grupo Controlinveste Media.

O Primeiro de Janeiro é um jornal diário fundado na cidade do Porto, que foi publicado pela primeira vez a 1 de Dezembro de 1868. O nome *Primeiro de Janeiro* está vinculado às manifestações da Janeirinha, que em 1 de Janeiro de 1868 iniciaram o processo que levou ao fim da Regeneração. No cabeçalho indicava tratar-se do órgão do Centro Eleitoral Portuense. Em 1870 as suas instalações mudam-se para a rua de Santa Catarina e no mesmo ano, com o deflagrar da Guerra Franco-Prussiana, o *Primeiro de Janeiro* consegue o seu primeiro grande sucesso, ao aceitar a proposta de receber os telegramas de correspondentes alemães, isto porque a concorrência, de tendências francesas, recusou a ideia e apenas transmitia informações, muito controladas, por parte dos franceses, assim, quando os alemães entraram em Paris os leitores de *O Primeiro de Janeiro* já acompanhavam de forma muito mais pormenorizada o desenrolar da guerra do que os leitores de outros jornais. Com esse prestígio a tiragem passou de 3 mil exemplares em 1870 para 15 mil no final da mesma década. *O Primeiro de Janeiro* teve como mais prestigiados colaboradores, intelectuais da época Camilo Castelo Branco, Alberto Pimentel, Guilherme de Azevedo, Guerra Junqueiro, Latino Coelho, Ramalho Ortigão, Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queirós, Gomes Leal ou António

Nobre. Em 1899, é o filho de Gaspar Baltar que, depois da morte do pai, juntamente com Joaquim Pacheco dão continuidade ao jornal, até que em 1919 o jornal é vendido a um grupo de investidores de Lisboa, devido a dificuldades financeiras, e é o jornalista Jorge de Abreu vindo de *O Século* que assume o cargo de director. No entanto, em 1923 o jornal passa para as mãos de um grupo de empresários, liderados por Manuel Pinto de Azevedo e Adriano Pimenta e em 1936 a direcção é então assumida por Manuel Pinto de Azevedo Júnior, que durante 40 anos como director, torna o jornal numa referência nacional. O prestígio nasce da aposta que o director fez na informação internacional, sendo na altura o único jornal a abrir uma secção internacional, e da tendência fortemente favorável aos Aliados durante a II Guerra Mundial. Em 1978 o jornal entra numa fase de instabilidade a nível de direcção, perda de leitores e publicidade. Em 1991 assume-se como um jornal de cariz regional e a 30 de Julho de 2008, os jornalistas da redacção do jornal foram informados de que o título encerraria em Agosto para uma reformulação gráfica, voltando em Setembro numa nova empresa. No dia 3 de Agosto de 2008 surge nas bancas com um novo director, Rui Alas Pereira.

O Comércio do Porto foi fundado no Porto a 2 de Junho de 1854 e saiu pela primeira vez para as bancas com a designação "*O Commercio*" e com uma publicação trissemanal: às segundas, quartas e sextas-feiras. Segundo o primeiro editorial, o *Comércio do Porto* surgiu pela "necessidade sentida na praça do Porto dum jornal de commercio, agricultura e indústria, onde se tratem as matérias económicas, históricas e instrutivas". Os fundadores foram Henrique Carlos Miranda e Manuel Sousa Carqueja. Em 1855 passou a diário e, em 1856, passou a chamar-se *O Comércio do Porto*, nome que manteve até ao fim. Contou com a colaboração de várias figuras históricas como Guerra Junqueiro, António Carneiro, o rei D. Carlos e a rainha D. Amélia, João de Deus, Camilo Castelo Branco, entre outros. Apesar de após o 25 de Abril, em pleno Processo Revolucionário, ter chegado a imprimir 120 mil cópias, o jornal entra em declínio a partir de 1990, com uma contínua descida das tiragens e, em 2001, foi vendido ao grupo espanhol Prensa Ibérica, mas mesmo assim o jornal acabou por não se revelar economicamente viável. A sua última edição foi impressa a 30 de Julho de 2005.

É objectivo deste estudo analisar os 30 anos da presença de reportagens político-sociais nestes três meios de informação, que tipos de reportagem se verificam mais (os tipos de reportagens apurados para este estudo foram seleccionados com base nos autores pesquisados e referidos na parte teórica desta dissertação), os temas mais abordados (política, economia, história, sociedade, cultura, desporto, ciências, mundo, justiça, guerras, saúde, religião, ambiente, educação, moda/beleza, turismo e tragédias). Por política entende-se no estudo todas as peças de reportagem ligadas a figuras políticas, a acções de campanha, a actos políticos, como o anúncio de novas medidas do governo e outras iniciativas políticas na mesma linha. Por economia entende-se reportagens cujo conteúdo se debruça sobre o mundo dos negócios e empresas, bolsa, etc. O tema história diz respeito às peças de reportagem sobre figuras e acontecimentos históricos e também relacionadas com histórias de séculos anteriores. Por sociedade o estudo entende as reportagens que focam figuras conhecidas e festas da sociedade portuguesa, e outras iniciativas que enaltecem o social. Ao tema cultura atribuiu-se reportagens relacionadas com exposições, teatro, cinema, música, literatura, artes. Ao desporto diz respeito as peças de reportagem que evidenciam assuntos sobre as várias vertentes desportivas, como por exemplo, o futebol, ténis, andebol, campeonatos de natação; sobre figuras desportivas, etc. Reportagens com teor científico, como descobertas científicas, tecnologias e afins, ficaram entregues ao tema ciência. O tema educação integra reportagens sobre o universo escolar (professores, alunos, instituições escolares, como por exemplo universidades, etc). O tema justiça envolve assuntos ligados com os tribunais, como por exemplo, julgamentos. Como o próprio nome indica, guerras é o tema atribuído às reportagens com conteúdos sobre guerra e outros actos relacionados, como, por exemplo, os massacres em Timor, atentados terroristas, etc. Saúde é o tema das reportagens que abrangem assuntos relacionados com a medicina, o tema religião foi atribuído às reportagens que falam sobre assuntos relacionados com as várias religiões e doutrinas, ao ambiente dizem respeito as reportagens que abordem questões ambientalistas, como por exemplo, desastres provocados pelo homem que afectem o ambiente, fogos florestais, etc., desfiles de moda e reportagens relacionados com a beleza física destinam-se ao tema moda/beleza, a tragédias destinam-se os desastres naturais como catástrofes e, finalmente, relacionado com o tema turismo estão as reportagens que falam de destinos de férias ou que falam de viagens.

A origem das fontes (se são nacionais ou estrangeiras) também será abordada neste estudo e, por consequência, a tipologia das fontes também será estudada.

Segundo Álex Grijelmo (2001, p. 34), os jornalistas obtêm as suas informações de três modos:

Testemunho Ocular dos factos (ex.: um debate parlamentar público, assistido pelo jornalista). Este tipo de fonte pressupõe que o jornalista assista aos factos.

Testemunho indirecto: alguém conta ao jornalista os factos a que assistiu (por exemplo, um debate parlamentar à porta fechada).

Documentos: acesso a documentos que relatem os factos (por exemplo, reprodução do debate no Diário da Assembleia, comunicados de imprensa e outros documentos).

No entanto, para este estudo foi escolhida a proposta de Nuno Crato (*cit in* Gradim, 2000, p. 80) de tipologia das fontes, por ser mais completa e, assim, ajudar a compreender melhor a reportagem no universo dos três jornais. Nuno Crato divide as fontes entre internas e externas à publicação. Por fontes internas entende os jornalistas da publicação, que através da investigação e da observação directa se transformam eles próprios em fontes. O arquivo ou centro de documentação do jornal constitui igualmente uma fonte de informação que permite contextualizar acontecimentos. Por último, são fontes internas as delegações e correspondentes que a maioria dos jornais possuem em localidades importantes relativamente afastadas da sede, ou até mesmo no estrangeiro.

A delegação é como que uma sucursal do jornal, dispõe de sede e equipamento próprio e os jornalistas que nela trabalham fazem-no a tempo inteiro e têm um vínculo contratual sólido com a empresa. Os correspondentes são normalmente free-lancers que podem trabalhar para uma ou mais publicações, não dispõem de instalações pertencentes ao jornal na cidade onde habitam, podem ou não ser profissionais, e só muito raramente pertencerão aos quadros da empresa.

Nas fontes externas ao jornal, Nuno Crato coloca as restantes empresas informativas: agências e outros órgãos de comunicação social. As agências são empresas especializadas na produção de informação que depois vendem aos seus clientes, como por exemplo, outros meios de informação: rádios, jornais, televisões.

Os outros *media* constituem-se também como fontes de informação através das notícias que publicam. Segundo Gradim (2000, p.80):

Nenhuma redacção que se preze deixará de fazer, através da Secretaria, escuta de rádio, noticiários televisivos, e leitura dos restantes jornais. Daqui os secretários de redacção tiram ideias para novos trabalhos, notícias e reportagens, e asseguram que nenhuma informação vital é perdida pela publicação. Sempre que a importância de um assunto noticiado noutro órgão o justifica, os jornalistas serão chamados a tratá-lo.

Crato classifica ainda como fontes externas as entidades oficiais como a Assembleia da República, ministérios, juntas de freguesia, câmaras municipais, forças policiais, que produzem informação, sob a forma de *press releases* ou comunicados, que enviam para as redacções; sobre, por exemplo, as sessões de Câmara, das Assembleias Municipais e votações na Assembleia da República.

Por fontes não oficiais Crato entende as colectividades, sindicatos, empresas, associações, clubes desportivos e todas as instituições não estatais, mas que dão contributo à vida social e cultural do País.

E, por fim, Crato assume os contactos pessoais do jornalista ou o público em geral como fonte de informação. Os contactos pessoais são fontes privadas cuja confiança o jornalista conquistou ao longo do tempo; e o público em geral, através de cartas, alertas, e telefonemas muitas vezes anónimos, que trazem informação sobre determinado acontecimento.

Quanto à escolha dos tipos de imagem seleccionados para este estudo assumiu-se os três tipos referidos e classificados por Jorge Pedro Sousa (1994, p. 55):

Para alguns autores, pode considerar-se a existência de três tipos de imagens:

- 1 – **Imagem-Símbolo** (imagens que projectam estereótipos);
- 2 – **Imagem Composição** (a imagem “arte”, essencialmente comunicativa e pouco informativa);
- 3 – **Imagens – Documento** (as imagens que vivem precisamente do seu valor documental, e que são as mais usadas no fotojornalismo).

Este trabalho procura, assim, dar um contributo para o estudo sobre o género jornalístico reportagem na imprensa escrita, através da análise de uma evolução de 30 anos em Jornais do Porto com projecção nacional.

Foi, naturalmente, necessário um conhecimento teórico e metodológico, pelo qual seguiu este estudo, na expectativa que este leve esta dissertação a uma conclusão satisfatória relativamente ao tema.

As perguntas de investigação que orientaram a base deste estudo são estas:

- 1) Que espaço, em número de peças, dão os três jornais à reportagem?
- 2) A reportagem assume importância relativamente a outros géneros jornalísticos?
- 3) Que temas interessam mais aos jornais em estudo?
- 4) Quais os tipos de reportagem mais usados pelos jornais em estudo como meio para informar?

5) Qual o foco geográfico (em território nacional) que os três jornais têm como preferência?

Para desenvolver o estudo foi necessário proceder a uma análise do discurso utilizando o método quantitativo (com um tratamento estatístico dos dados recolhidos) e qualitativo. A análise do discurso é a observação/investigação da relação existente entre discurso e realidade. A respeito da análise do discurso diz José Azevedo (2009, p. 107) “«Discurso» e «Análise do discurso» tornaram-se nos últimos anos designações centrais a um vasto conjunto de abordagens nas ciências sociais.” A análise qualitativa, como refere Maanen (1979, p.520):

Tem por objectivo traduzir e expressar o sentido dos fenómenos do mundo social (...) compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e descodificar os componentes num sistema complexo de significados.

Interpretar é, talvez a missão do método qualitativo, pelo menos neste estudo, uma vez que pretende decifrar as mensagens jornalísticas ao longo destes trinta anos de reportagem.

Quanto aos métodos escolhidos para este estudo, o quantitativo e qualitativo, Pope e Mays (1995, p. 42) explicam:

Os métodos qualitativos e quantitativos não se excluem. Embora difiram quanto à forma e à ênfase, os métodos qualitativos trazem como contribuição ao trabalho de pesquisa uma mistura de procedimentos de cunho racional e intuitivo capazes de contribuir para a melhor compreensão dos fenómenos. Pode-se distinguir o enfoque qualitativo do quantitativo, mas não seria correcto afirmar que guardam relação de oposição.

Luís Queiroz (2006, p. 88) diz acerca destas duas metodologias:

Pensar em pesquisa quantitativa e em pesquisa qualitativa significa, sobretudo, pensar em duas correntes paradigmáticas que têm norteado a pesquisa científica no decorrer de sua história. Tais

correntes se caracterizam por duas visões centrais que alicerçam as definições metodológicas da pesquisa em ciências humanas nos últimos tempos. São elas: a visão realista/objectivista (quantitativa) e a visão idealista/subjectivista (qualitativa).

Estas duas visões, como mostram os autores acima referidos, têm características diferentes, no entanto, podem complementar-se. Neste estudo quisemos aproveitar a diversidade de características da pesquisa quantitativa e qualitativa, porque as duas pesquisas complementam-se e completam com mais seriedade as conclusões a que, provavelmente, poderemos chegar. Aliás, acerca da diversidade e complementaridade da pesquisa quantitativa e qualitativa diz-nos Luís Queiroz (2006, p. 93):

Nessa forma de conceber a pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa, considera-se que existe de fato uma diferença entre as duas abordagens, mas que elas não são excludentes e sim complementares. (...) Assim, o uso dessas duas abordagens na pesquisa de um mesmo problema, pode apresentar um resultado mais considerável e significativo.

Assim sendo, o investigador tem a tarefa de escolher, entre vários métodos de estudo, aquele que melhor se adequa à compreensão da realidade a que se propõe estudar. E, uma vez mais, a metodologia escolhida para este estudo foi a análise quantitativa e qualitativa do discurso dos três jornais do Porto.

A aplicação do estudo dos três jornais é de 1974 a 2004 e os períodos escolhidos para este estudo foram seleccionados com base em episódios históricos que marcaram o panorama político em Portugal. Assim sendo, os períodos a estudar são:

- **1974:** A Revolução dos Cravos a 25 de Abril em Portugal depõe a ditadura. Início da 3.^a República. A Junta de Salvação Nacional assume a chefia do estado.
- **1975:** Verão Quente – período decorrente entre Março e Novembro de 1975 e foi o culminar da fase negra do PREC (Período Revolucionário em Curso), um período marcante para a sociedade portuguesa que decorreu entre a Revolução

dos Cravos e a aprovação da Constituição Portuguesa. Este período ficou marcado pela tentativa de controlar o poder, pessoas, empresas e instituições pelas forças conservadoras da direita, que tinham sido derrotadas a 11 de Março na tentativa falhada de Golpe de Estado pelo General Spínola, ocorrendo confrontos entre os apoiantes da esquerda e os apoiantes da direita com recurso à violência e a variadas formas de intimidação a que recorreram os diversos grupos políticos, ocorrendo agressões, ataques e invasões de sedes de partidos da esquerda.

- **1976:** 14 de Julho - Ramalho Eanes torna-se no 16º Presidente da República e Mário Soares (PS) vence as legislativas com 34,9% dos votos
- **1979:** A Aliança Democrática, liderada por Francisco Sá Carneiro e formada pelo PSD, CDS e PPM vence as Eleições Legislativas com 42,5% dos votos, derrotando o PS liderado por Mário Soares.
- **1980:** Aliança Democrática vence pela segunda vez consecutiva as eleições legislativas a 5 de Outubro, Sá Carneiro foi assim eleito primeiro-ministro pela segunda vez com 44,9% dos votos e derrotando Mário Soares.
- **1983:** O PS vence as Eleições Legislativas realizadas a 25 de Abril elegendo assim Mário Soares primeiro-ministro de Portugal com 36% dos votos.
- **1985:** Cavaco Silva é empossado primeiro-ministro a 6 de Novembro, aos 46 anos de idade, onde permanece por 10 anos, até 1995.
- **1986:** 1 de Janeiro - Portugal e Espanha entram na União Europeia. 9 de Março - Mário Soares torna-se no 17º Presidente da República.
- **1992:** Primeira presidência de Portugal no Conselho Europeu, por Cavaco Silva.

- **1995:** As eleições legislativas de 1995 marcaram uma viragem do país à esquerda. Após dez anos de governos do PSD, liderados por Cavaco Silva, o PS venceu as eleições com maioria relativa, em consequência disso, António Guterres foi nomeado pelo Presidente da República primeiro-ministro de Portugal.
- **1996:** Jorge Sampaio é eleito Presidente da República.
- **1999:** O Partido Socialista renova a maioria relativa e mantém Guterres como primeiro-ministro nas eleições legislativas de 10 de Outubro. A 1 de Janeiro o Euro começa a ser usado em transacções electrónicas, em onze países membros da União Europeia, designadamente a Alemanha, a Áustria, a Bélgica, a Espanha, a Finlândia, a França, a Holanda, a Irlanda, a Itália, o Luxemburgo e Portugal.
- **2002:** A 1 de Janeiro entram em circulação permanente as notas e moedas de euro e, na sequência da dissolução da Assembleia da República a Dezembro de 2001, realizam-se eleições legislativas a 17 de Março dando maioria aos partidos do centro-direita: PSD e PP, sendo eleito primeiro-ministro Durão Barroso.
- **2004:** Campeonato Europeu de Futebol 2004 realizado em Portugal. Entre 10 a 13 de Junho decorreram as eleições parlamentares europeias nos 25 Estados-Membros da União Europeia, com o dia das eleições variando de acordo com os costumes locais. Em Portugal decorreu a 13 de Junho.

O estudo tem assim como amostra um total de 468 jornais. Esta aplicação foi tida como amostra por se considerar que os períodos a seleccionar permitem conhecer a evolução da reportagem e daí tirar as conclusões pretendidas. Para o tratamento dos dados estatísticos recorreu-se à utilização de tabelas e gráficos tendo sido usada como ferramenta o programa Excel. Este programa é um utensílio informático que permite realizar várias análises estatísticas e estabelecer a relação entre diferentes e diversas variáveis.

2.2- Resultados e discussão da análise quantitativa do discurso do Jornal de Notícias (JN), O Primeiro de Janeiro e O Comércio do Porto.

A tabela 1 e respectivo gráfico referem-se à gestão do espaço feita pelos três jornais, ou seja, a distribuição que é feita por cada jornal em estudo relativamente ao texto, fotografia, legendas, margens ou outras ilustrações (gráficos, tabelas, infografia ou desenhos). Esta tabela mostra o total dos 30 anos de estudo.

Tabela 1 – Gestão do Espaço dedicado às reportagens no *JN*, *O Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto* – total dos 30 anos.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Espaço (cm ²)	(%)	Espaço (cm ²)	(%)	Espaço (cm ²)	(%)
Texto	8562,6	78,8	11187,5	77	8131,8	74,3
Margens	279,1	2,6	455,4	3,1	223,9	2,1
Fotografia	1343,7	12,4	2112,5	14,5	1862	17
Outras Ilustrações	148,3	1,4	63,4	3,1	82,8	0,8
Legendas	527,8	4,8	727,7	5	630,9	5,8

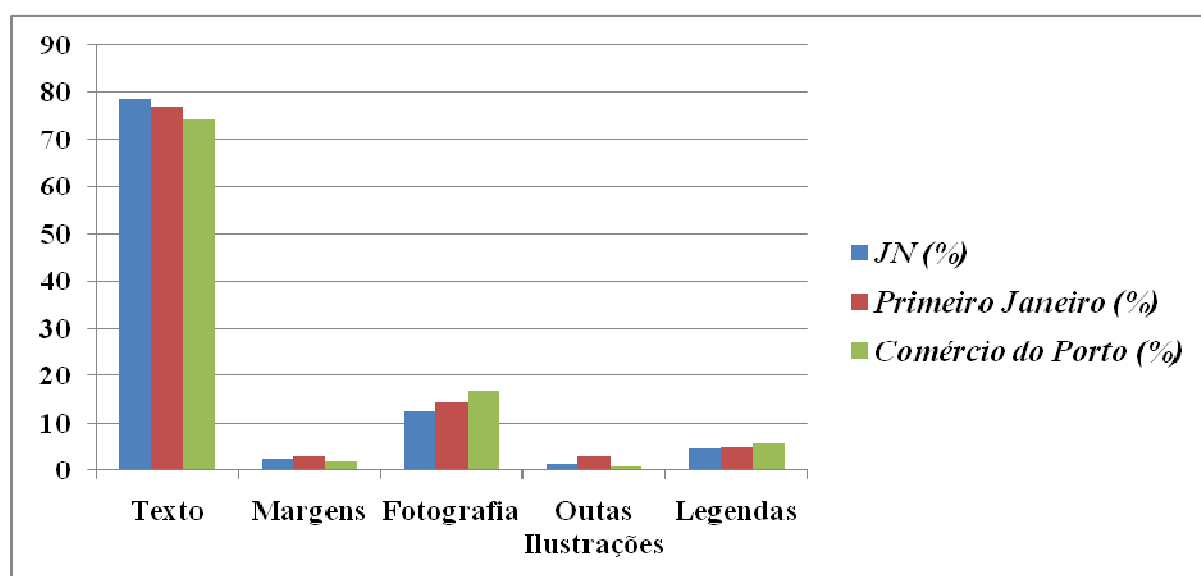


Gráfico 1 – Gestão do Espaço dedicado às reportagens no *JN*, *O Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto*.

Na tabela 1 e respectivo gráfico é visível que os três jornais privilegiam o texto e, de seguida, a fotografia. O texto domina o espaço nas reportagens, sendo considerado mais importante do que a imagem. Geralmente a fotografia aparece, apenas, em auxílio do texto. Os três jornais em estudo são coerentes nesta relação texto/imagem, não usando e abusando da fotografia.

As tabelas e gráficos 1.1, 1.2, 1.3 e 1.4 dizem respeito às décadas 70, 80, 90 e 2000/2004, de modo a entender a evolução da gestão do espaço ao longo dos anos.

Tabela 1.1 – Gestão do Espaço dedicado à Reportagem – década de 70

	<i>JN</i>		<i>Primeiro Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Espaço (cm ²)	(%)	Espaço (cm ²)	(%)	Espaço (cm ²)	(%)
Texto	4200,8	84,5	7181	79,9	4207,6	79,7
Margens	144	2,9	254,8	2,8	95,2	1,8
Fotografia	397,5	8	1106,6	12,3	643,9	12,2
Outras Ilustrações	35,7	0,7	0	0	0	0
Legendas	195,6	3,9	447,8	5	334,3	6,3

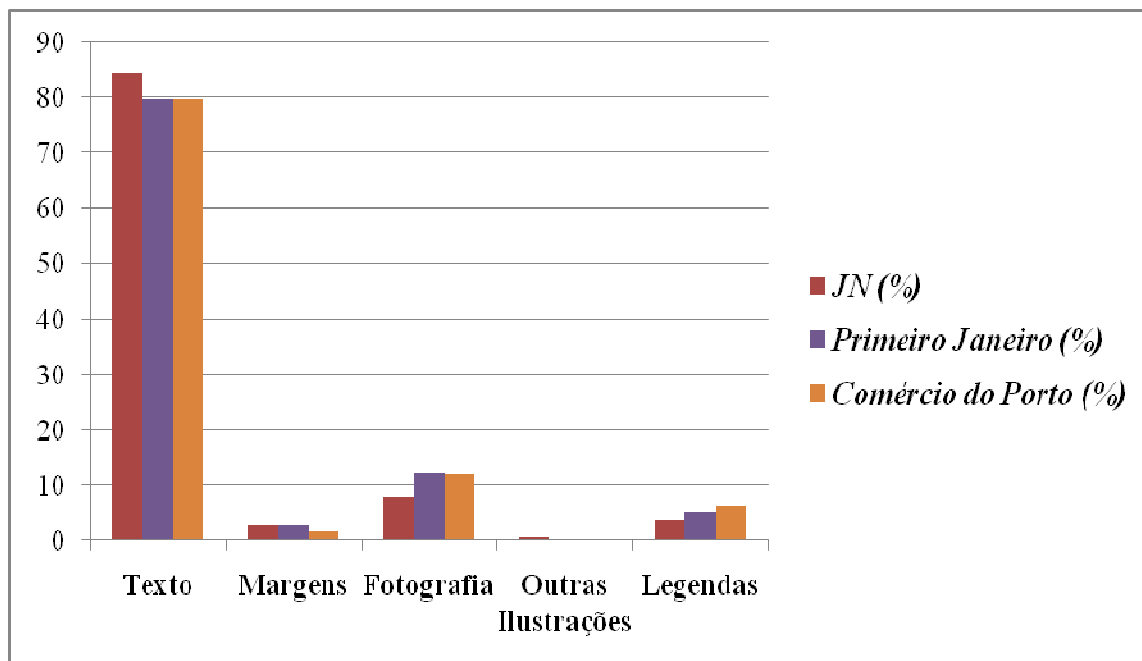


Gráfico 1.1 – Gestão do Espaço dedicado à Reportagem – década de 70.

Durante a década de 70 os três jornais são muito semelhantes quanto à distribuição do espaço da Reportagem. Destaca-se o *Jornal de Notícias* que dá mais espaço ao texto em relação à fotografia e é também o único que, nesta década, utilizou outro tipo de ilustração (infografia ou desenhos) para acompanhar os textos das suas reportagens que não as fotografias.

Tabela 1.2 – Gestão do Espaço dedicado à Reportagem – década de 80

	<i>JN</i>		<i>Primeiro Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Espaço (cm ²)	(%)	Espaço (cm ²)	(%)	Espaço (cm ²)	(%)
Texto	2292,2	76	2029	69,1	2203,1	70
Margens	81	2,7	117,6	4	61,6	2
Fotografia	353,2	11,7	566,6	19,3	616,3	19,6
Outras Ilustrações	112,6	3,7	63,4	2,1	82,8	2,6
Legendas	179,3	5,9	161,5	5,5	181,6	5,8

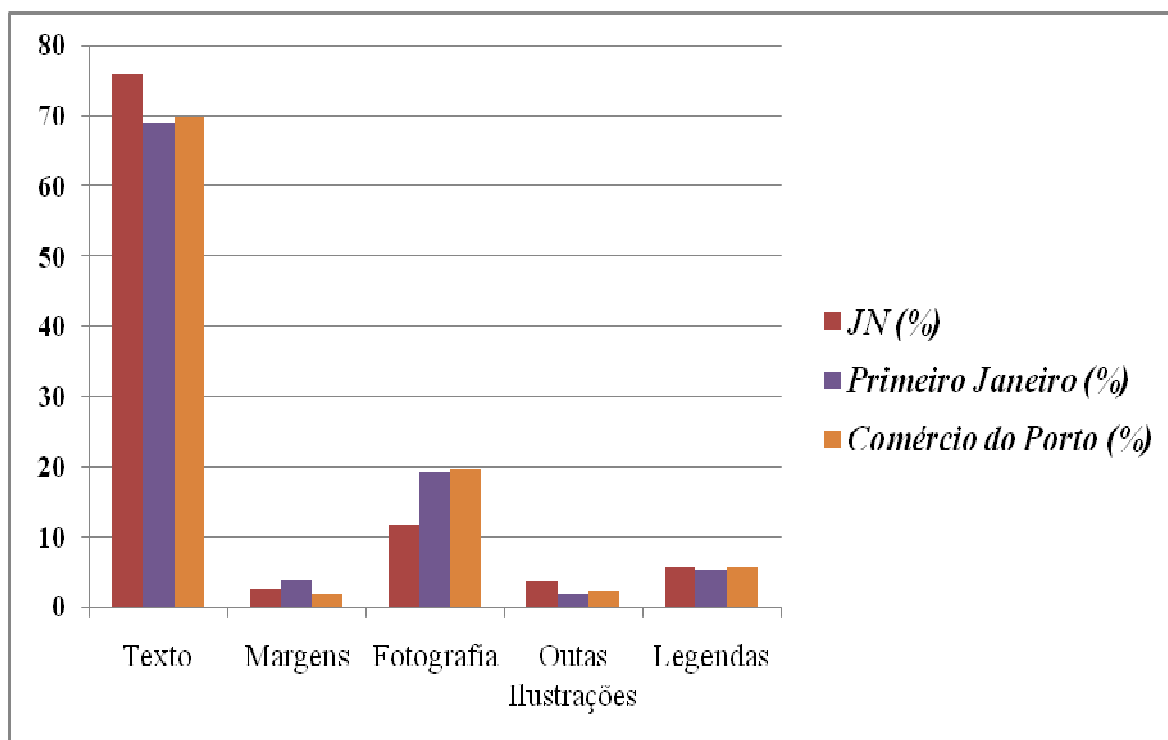


Gráfico 1.2 – Gestão do Espaço dedicado à Reportagem – década de 80.

Na década de 80 o *Jornal de Notícias* (JN) continua a destacar-se por continuar a dar mais espaço ao texto do que à fotografia e continua também na linha da frente quanto ao uso de outras ilustrações para informar visualmente os leitores. Ainda assim, os restantes dois jornais também dão mais espaço ao texto em relação à fotografia e também, nos anos 80, já começam a usar outro tipo de ilustrações que não as fotos, o que não foi registado nos anos 70 estudados, talvez para responder à exigência do seu público que começa a querer ver além do texto.

Tabela 1.3 – Gestão do Espaço dedicado à Reportagem – década de 90

	<i>JN</i>		<i>Primeiro Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Espaço (cm ²)	(%)	Espaço (cm ²)	(%)	Espaço (cm ²)	(%)
Texto	1618,5	72	1801,2	75,2	1095,8	68,4
Margens	34,1	1,5	66,9	2,8	36,1	2,3
Fotografia	474,5	21	416,1	17,4	353,9	22,1
Outras Ilustrações	0	0	0	0	0	0
Legendas	1271	5,6	109,5	4,6	115	7,2

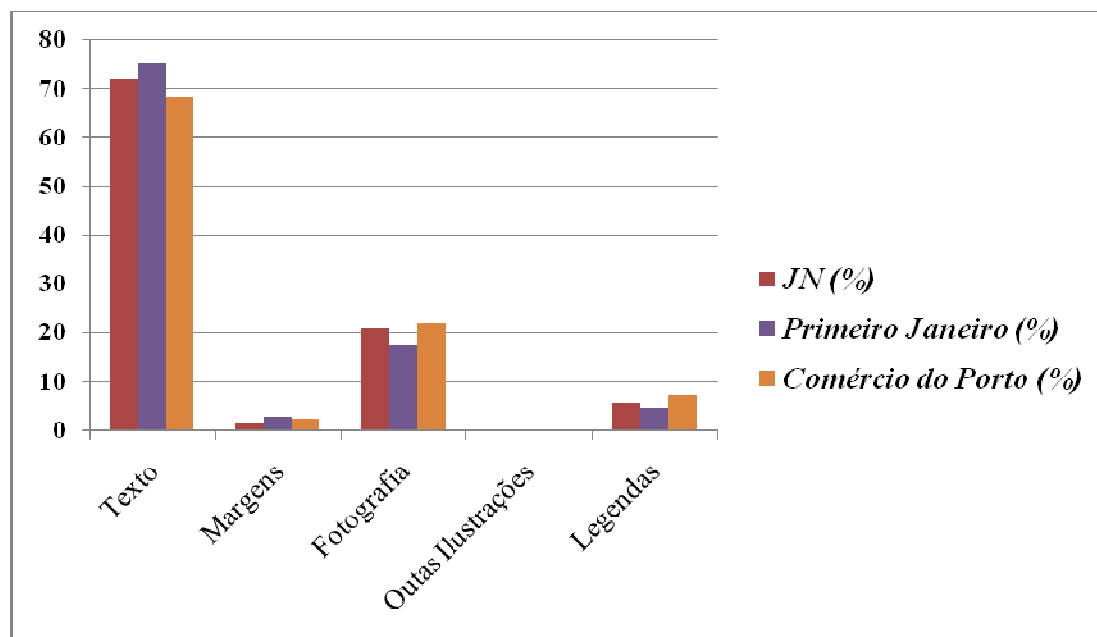


Gráfico 1.3 – Gestão do Espaço dedicado à Reportagem – década de 90.

Na década de 90 é o *Primeiro de Janeiro* quem se destaca na cedência de mais espaço ao texto do que à fotografia e o *Comércio do Porto* começa a privilegiar a imagem como suporte de informação. Ainda assim, os três jornais estão muito próximos na gestão do espaço da reportagem nas suas páginas na década de 90, embora a tendência seja a de aumentar o espaço cedido à fotografia.

Tabela 1.4 – Gestão do Espaço dedicado à Reportagem – 2000/04

	<i>JN</i>		<i>Primeiro Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Espaço (cm ²)	(%)	Espaço (cm ²)	(%)	Espaço (cm ²)	(%)
Texto	451,1	73,3	176,3	82,1	625,3	69,2
Margens	20	3,2	6,3	3	31	3,4
Fotografia	118,5	19,3	23,2	10,8	248	27,4
Outras Ilustrações	0	0	0	0	0	0
Legendas	25,8	4,2	8,9	4,1	0	0

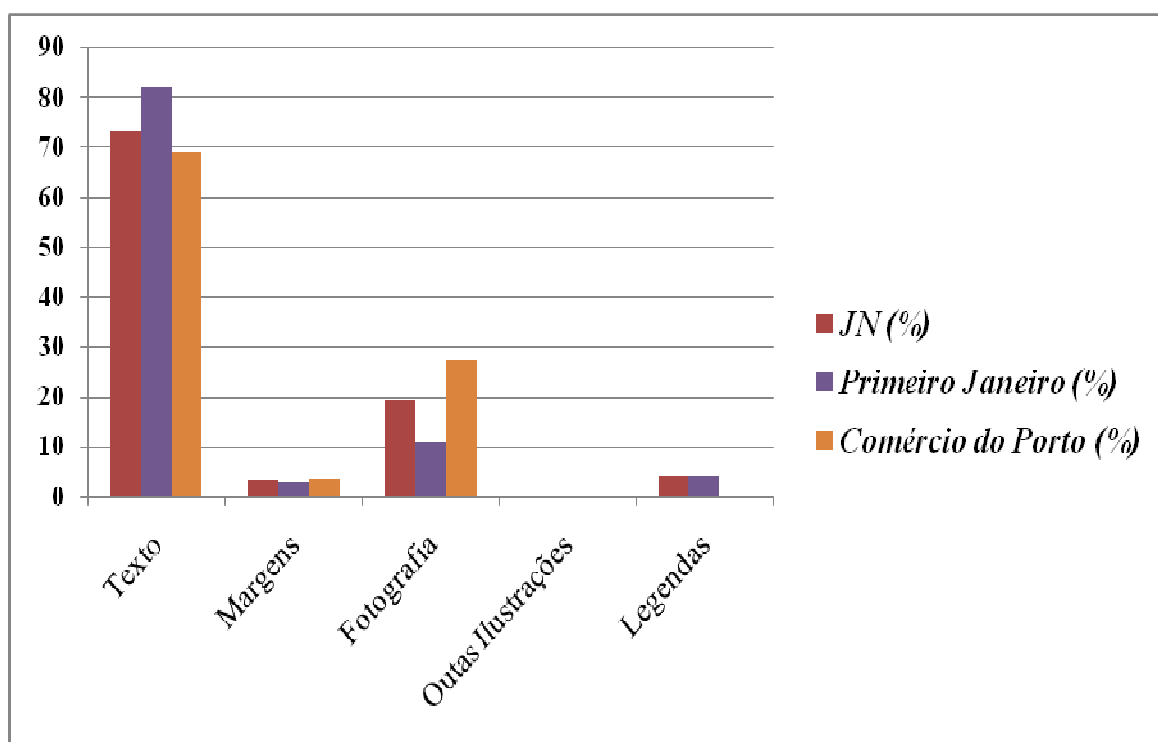


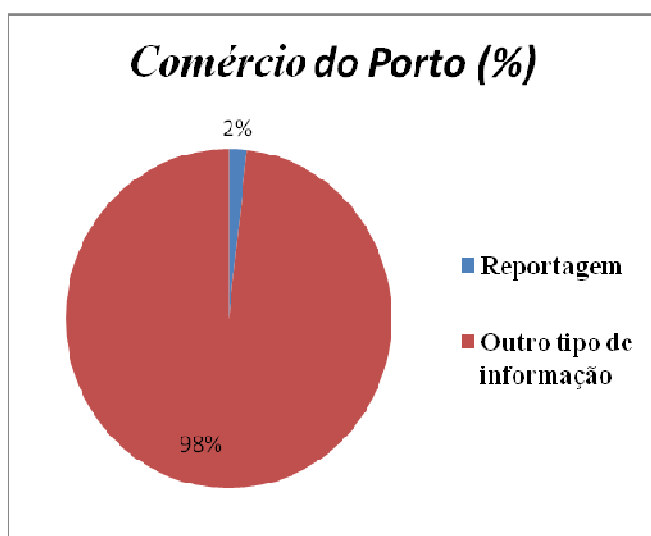
Gráfico 1.4 – Gestão do Espaço dedicado à Reportagem – 2000/04.

No início do século XXI o *Primeiro de Janeiro* continua a ceder mais espaço ao texto do que à fotografia e o *Comércio do Porto* continua, cada vez mais, a privilegiar a imagem como suporte de informação, deixando até de fazer uso das legendas, quase como se a imagem falasse por si só. No entanto, os três jornais começam a publicar com menos frequência reportagens com o tema político-social, talvez porque, no início do século XXI, a Internet já começa a fazer parte das redacções como meio e veículo para publicar a sua informação.

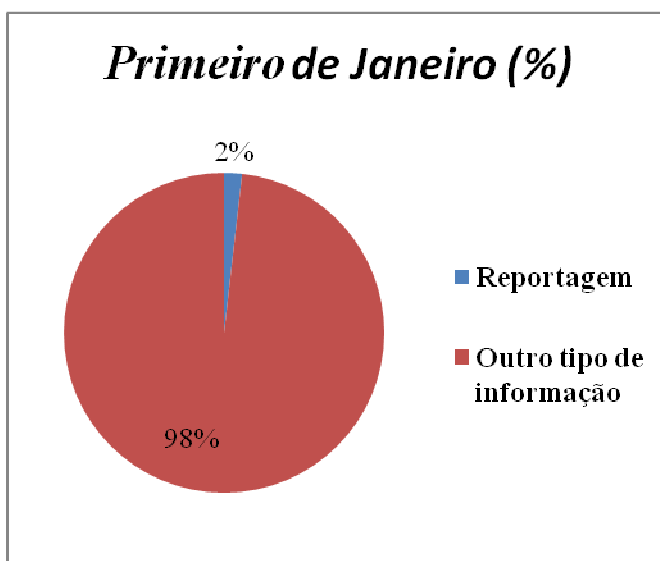
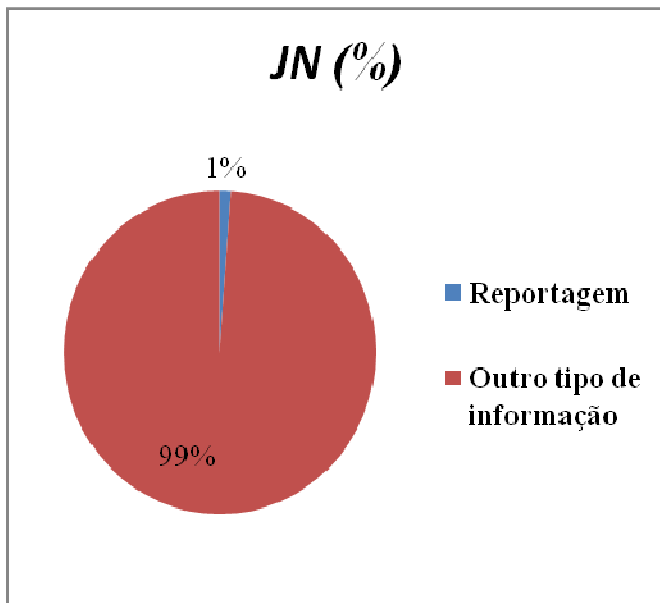
A tabela e gráfico 2 mostram o enquadramento quanto ao número de peças da reportagem face aos restantes géneros jornalísticos de modo a perceber se a reportagem é um dos géneros privilegiados com direito a várias peças por jornal. Nesta tabela e gráfico é mostrada a totalidade dos 30 anos.

Tabela 2 – Enquadramento da Reportagem relativamente aos restantes géneros jornalísticos – total dos 30 anos.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro de Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de peças	(%)	Nº de peças	(%)	Nº de peças	(%)
Reportagem	40	1,2	59	1,8	46	1,8
Outro tipo de informação	3271	98,8	3280	98,2	2482	98,2



O Comércio do Porto dedica 2% das suas publicações à reportagem, um pouco mais que o *Jornal de Notícias*, ainda assim, é uma percentagem muito pequena.



Gráficos 2 – Enquadramento da Reportagem relativamente aos restantes géneros jornalísticos.

O *Jornal de Notícias* é, dos três jornais em estudo, o que publica, em número de peças, menos reportagens. Apenas 1% das suas peças são reportagens, o restante é destinado aos outros géneros jornalísticos. Talvez porque a sua tendência como diário obrigue à produção de géneros jornalísticos que saiem de forma rápida o seu público-alvo

O *Primeiro de Janeiro* dedica, embora não em grande escala, um pouco mais, em termos de número de peças, à publicação de reportagens relativamente aos restantes géneros jornalísticos

As tabelas e gráficos 2.1, 2.2, 2.3 e 2.4 reflectem a evolução por décadas do tema Enquadramento da Reportagem relativamente aos restantes géneros jornalísticos.

Tabela 2.1 – Enquadramento da Reportagem relativamente aos restantes géneros jornalísticos – década de 70

	<i>JN</i>		<i>Primeiro de Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de peças	(%)	Nº de peças	(%)	Nº de peças	(%)
Reportagem	19	1,4	28	1,7	18	2
Outro tipo de informação	1349	98,6	1651	98,3	848	98

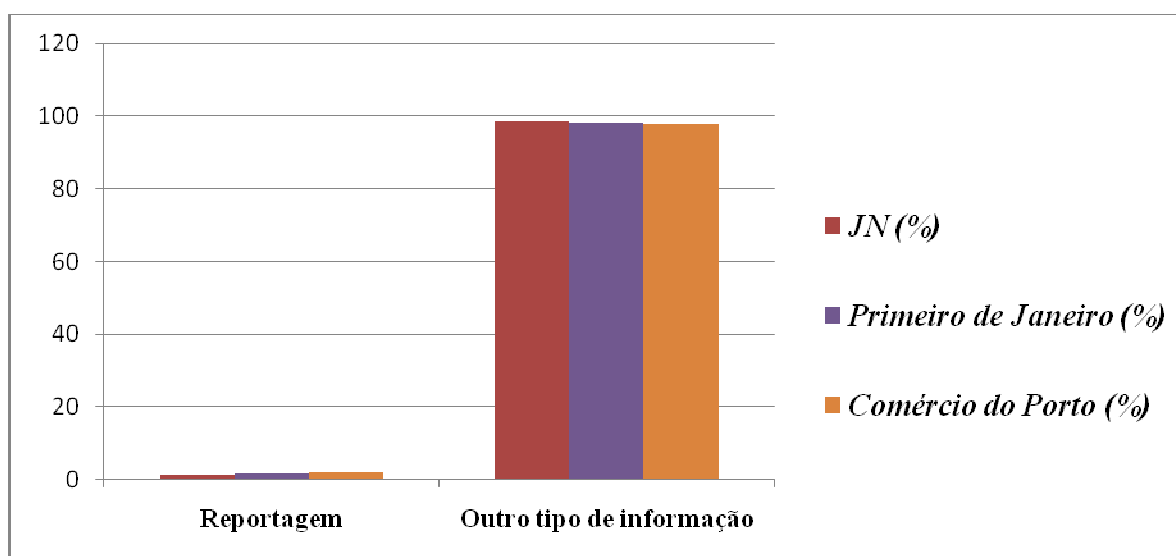


Gráfico 2.1 – Enquadramento da Reportagem relativamente aos restantes géneros jornalísticos – década de 70

É visível que na década de 70 os três jornais dão muito mais preferência a outro tipo de informação, em termos de número de peças, do que à reportagem. Ainda assim, *O Comércio do Porto* e *O Primeiro de Janeiro*, têm mais percentagem de reportagens do que o *Jornal de Notícias*, embora essa tendência seja muito pequena, ou até mesmo pouco significativa. Durante esta década, numa altura em que os jornais e a imprensa em geral saíam de uma época de censura, poderiam as redacções estarem ainda numa fase de adaptação, sem contar que a reportagem é um género que exige muito tempo, acabando por ser também mais dispendioso financeiramente.

Tabela 2.2 – Enquadramento da Reportagem relativamente aos restantes géneros jornalísticos – década de 80

	<i>JN</i>		<i>Primeiro de Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de peças	(%)	Nº de peças	(%)	Nº de peças	(%)
Reportagem	10	1,5	17	2,5	13	1,3
Outro tipo de informação	654	98,5	671	97,5	997	98,7

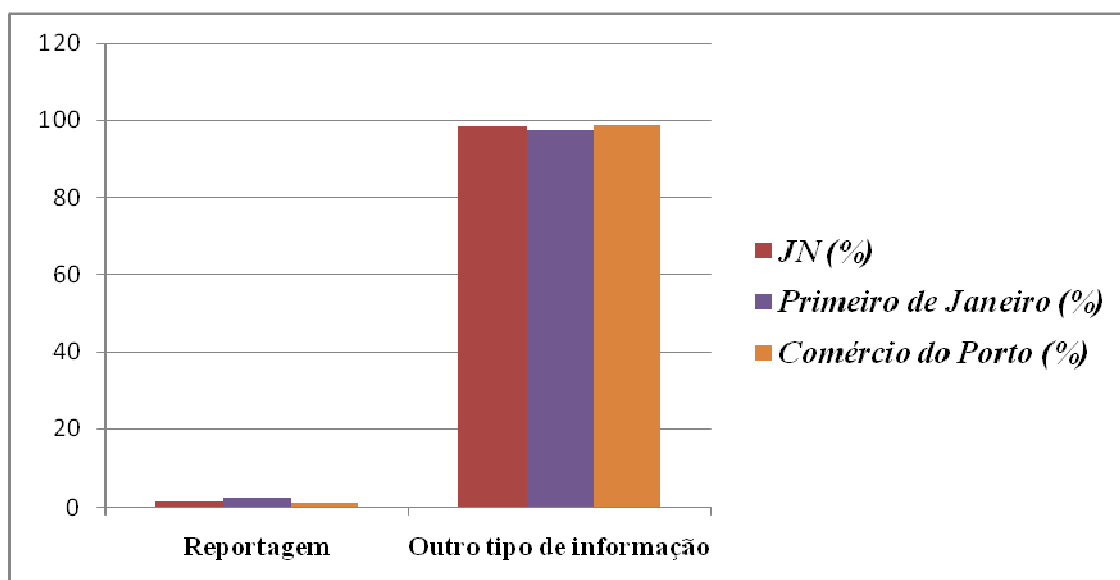


Gráfico 2.2 – Enquadramento da Reportagem relativamente aos restantes géneros jornalísticos – década de 80

Como é possível verificar, nesta década de 80 *O Primeiro de Janeiro* aumentou a produção de reportagens e diminuiu a produção de outro tipo de informação. Também o *Jornal de Notícias* aumentou a percentagem de reportagens, ainda que seja um aumento muito tímido. No entanto, consegue-se perceber que a tendência é a de apostar cada vez mais neste género jornalístico – reportagem. Esta década é como que ainda um novo começo para a imprensa que, por um lado tem muito presente um passado ditatorial e por outro lado um futuro repentino em que tudo tem de acontecer muito rapidamente para que o país e até as empresas de comunicação social possam acompanhar o desenvolvimento de outros países.

Tabela 2.3 – Enquadramento da Reportagem relativamente aos restantes géneros jornalísticos – década de 90

	<i>JN</i>		<i>Primeiro de Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de peças	(%)	Nº de peças	(%)	Nº de peças	(%)
Reportagem	9	1	13	1,5	14	1,9
Outro tipo de informação	877	99	861	98,5	723	98,1

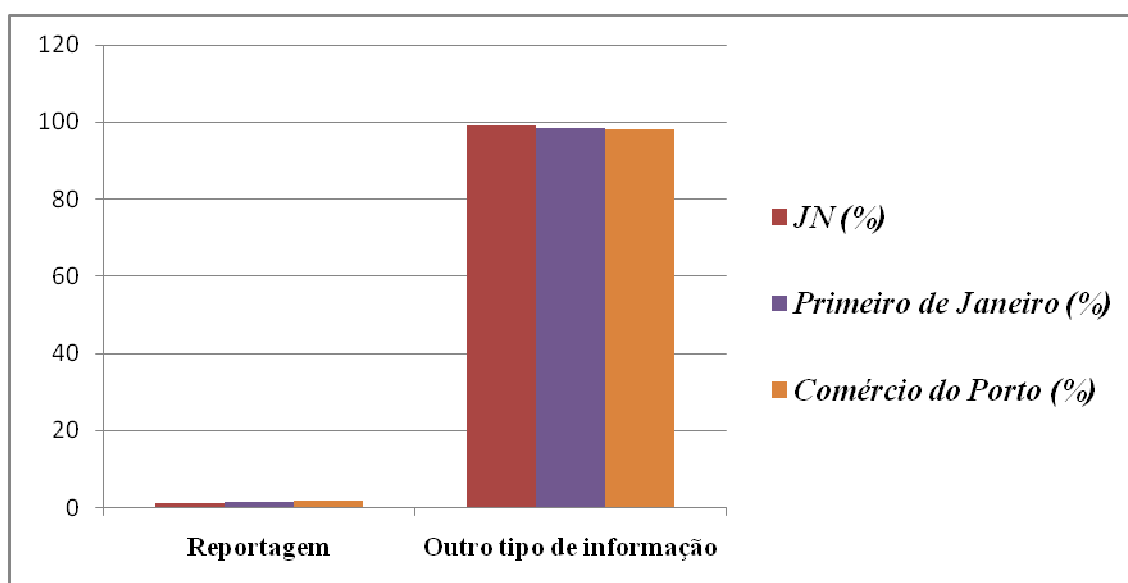


Gráfico 2.3 – Enquadramento da Reportagem relativamente aos restantes géneros jornalísticos – década de 90

Na década de 90 o *Jornal de Notícias* diminuiu a produção de reportagens e aumentou a produção de outro tipo de informação e, embora os restantes jornais em estudo tenham maior percentagem que o *Jornal de Notícias* a aposta em reportagens ainda continua a ser pequena e lenta e apenas o *Comércio do Porto* aumentou a sua percentagem relativamente à década de 80. Tendo em conta que a década de 90 é uma década de apresentação de novas tecnologias e sobretudo, o surgimento em Portugal de canais de televisão independentes (TVI e SIC), talvez haja a necessidade de apresentar a informação com géneros jornalísticos imediatos, como por exemplo a notícia de última hora, aquela que conta a novidade fresca.

Tabela 2.4 – Enquadramento da Reportagem relativamente aos restantes géneros jornalísticos – 2000/2004

	<i>JN</i>		<i>Primeiro de Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de peças	(%)	Nº de peças	(%)	Nº de peças	(%)
Reportagem	2	0,8	2	1,9	1	1,2
Outro tipo de informação	264	99,2	105	98,1	80	98,8

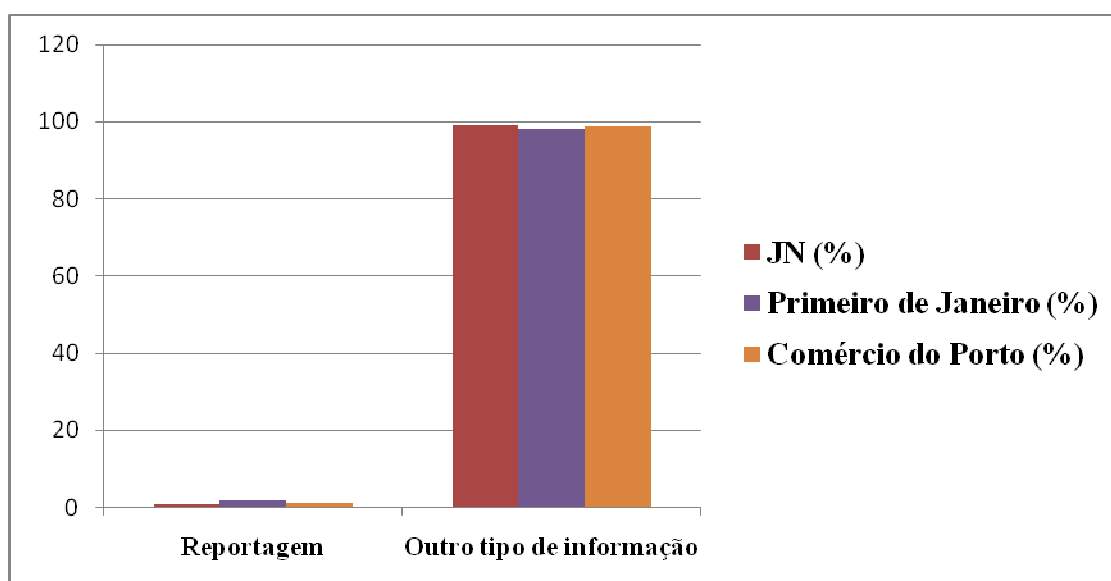


Gráfico 2.4 – Enquadramento da Reportagem relativamente aos restantes géneros jornalísticos – 2000/2004

Nos anos em estudo no início do século XXI importa salientar um aspecto: os anos em estudo são apenas dois (2002 e 2004) com interesse em termos históricos do tema em estudo político-social, explicado na introdução do capítulo III da dissertação. Nesse sentido, é natural, comparando com as restantes décadas, que os números sejam desproporcionais. Ainda assim, dá para destacar *O Primeiro de Janeiro* que, nos dois anos de 2000 em estudo, revela uma maior percentagem na produção de reportagens em relação aos restantes dois jornais do Porto. Mas é de destacar que no início do século XXI em que os jornais se estão a adaptar ao mundo web, as atenções se voltem para a produção digital de géneros jornalísticos.

A tabela e gráfico 3 mostram o total dos 30 anos dos tipos de reportagens mais utilizados pelo *Jornal de Notícias*, *O Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto*. Estes tipos de reportagem estão definidos no capítulo I desta dissertação.

Tabela 3 – Os Tipos de Reportagem verificados no *Jornal de Notícias*, *O Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto* – total dos 30 anos.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de peças	(%)	Nº de peças	(%)
Reportagem Objectiva	10	30,3	16	32	8	22,2
Reportagem Interpretativa	8	24,2	15	30	6	16,7
Reportagem Fria	1	3	4	8	1	2,8
Reportagem de Revista	0	0	0	0	0	0
Reportagem de Sequência	0	0	1	2	0	0
Reportagem Intemporal	0	0	0	0	0	0
Argumentativa	0	0	0	0	1	2,8
No Local	3	9,1	8	16	2	5,5
Quente	2	6,1	1	2	2	5,5
Morna	0	0	0	0	0	0
Sequência	0	0	1	2	0	0
Novelística	0	0	0	0	0	0
Fact-Story	6	18,2	5	10	9	25
Action Story	0	0	0	0	1	2,8
Reportagem Relocalizada	3	9,1	0	0	6	16,7
Reportagem Documental	0	0	0	0	0	0

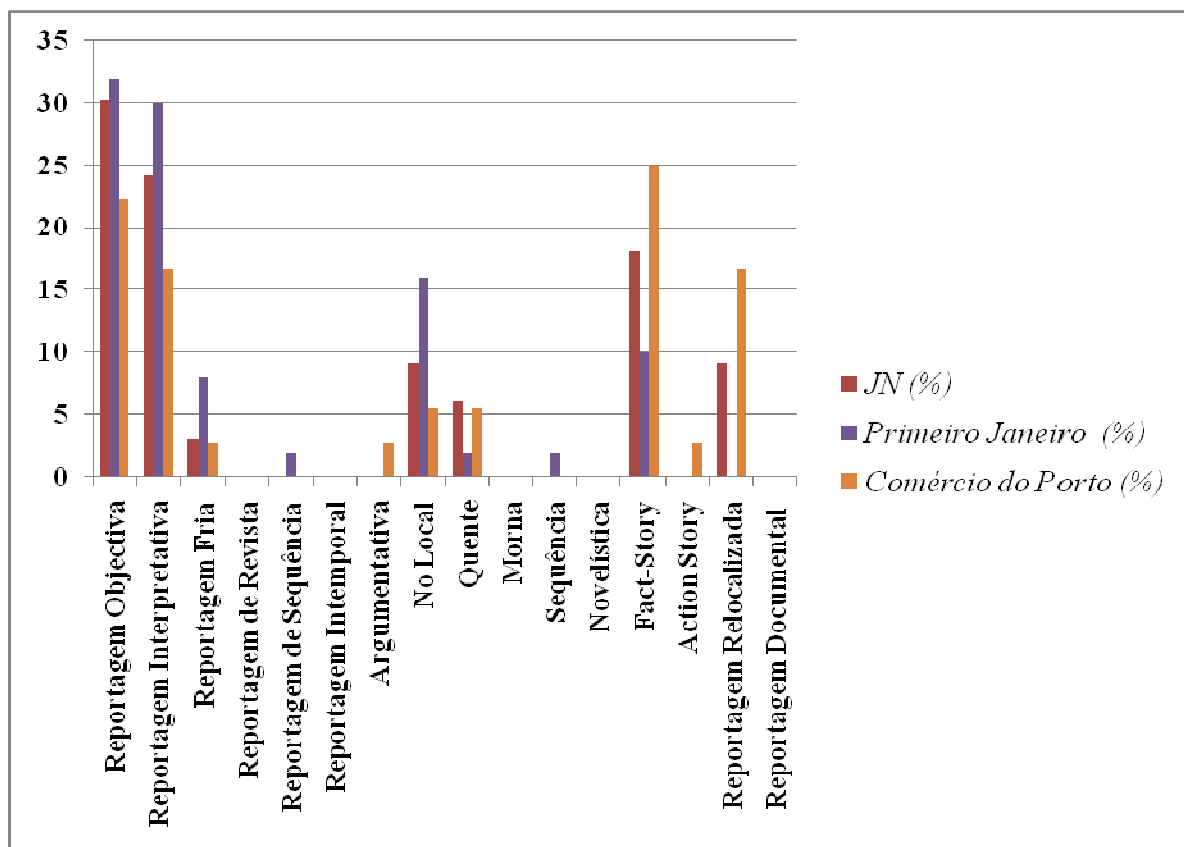


Gráfico 3 – Os Tipos de Reportagem verificados no Jornal de Notícias, O Primeiro de Janeiro e O Comércio do Porto.

Os três jornais voltam-se para a reportagem objectiva como meio de informar os acontecimentos (à excepção do *Comércio do Porto* que equilibra com Fact Story, tendo este tipo de reportagem um pouco mais de destaque), ou seja, apesar de dar mais destaque ao texto do que às fotografias, os três jornais não vão muito além da descrição dos factos e de uma escrita mais objectiva, não se expandem na linguagem, não arriscam assumir uma linguagem mais literária e mais criativa, com mais acção, no entanto, o facto de as reportagens em análise serem sobre o tema Política pode explicar a escolha dos três jornais neste tipo de reportagem, uma vez que o tema adopta um carácter mais sério e que não permite grandes “adjectivos” e metáforas, mas que exige ser mais objectivo para que as reportagens não se tornem dúbias. Logo de seguida os jornais optam pela reportagem interpretativa, também usual em reportagens políticas, em que se faz a interpretação e análise dos factos e dos acontecimentos, como por exemplo, durante as eleições. De destacar, uma vez mais, o facto de *O Comércio do Porto*, fazer uso em escala considerável do tipo de reportagem Fact-story, com relato objectivo dos factos, obedecendo à técnica da pirâmide invertida.

Tabela 3.1 – Os Tipos de Reportagem verificados no Jornal de Notícias, O Primeiro de Janeiro e O Comércio do Porto – década de 70.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de peças	(%)	Nº de peças	(%)
Reportagem Objectiva	4	25	8	30,8	4	23,5
Reportagem Interpretativa	10	62,5	17	65,4	5	29,4
Reportagem Fria	1	6,25	0	0	1	5,9
Reportagem de Sequência	0	0	1	3,8	0	0
Fact-Story	0	0	0	0	1	5,9
Reportagem Relocalizada	1	6,25	0	0	6	35,3

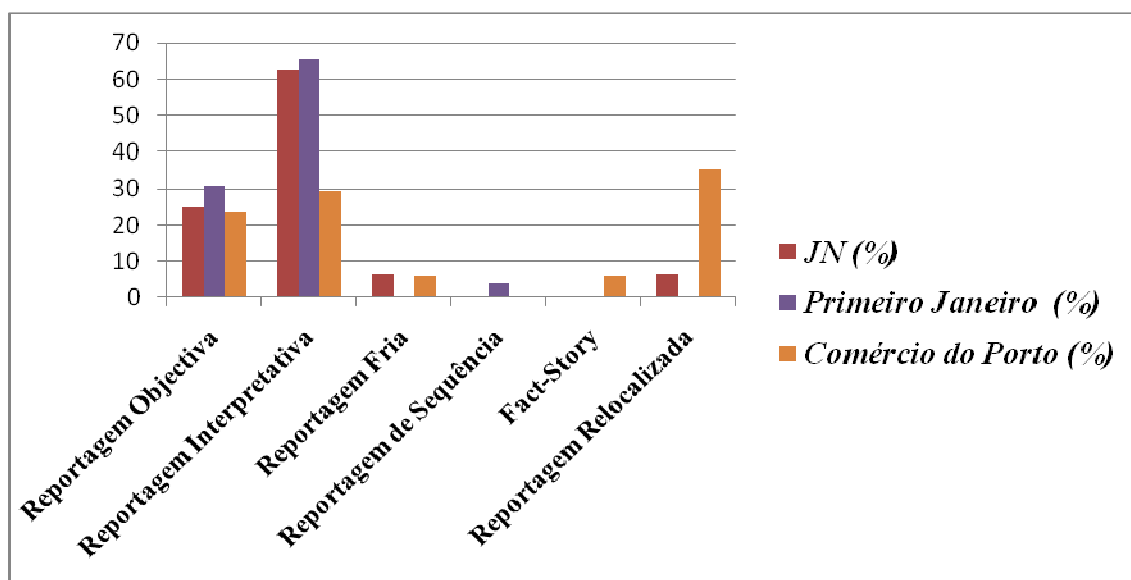


Gráfico 3.1 – Os Tipos de Reportagem verificados no *Jornal de Notícias*, *O Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto* – década de 70.

De salientar que a reportagem interpretativa é o tipo dominante nos três jornais, no entanto, *O Comércio do Porto*, apesar de também dar grande destaque à reportagem interpretativa, dá maior evidência, durante a década de 70, à reportagem relocalizada. Aliás, *O Comércio do Porto* é o jornal que mais varia durante esta década no tipo de reportagem distribuindo as reportagens por objectiva, fact-story e reportagem fria, além da interpretativa e da relocalizada.

Tabela 3.2 – Os Tipos de Reportagem verificados no Jornal de Notícias, O Primeiro de Janeiro e O Comércio do Porto – década de 80.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de peças	(%)	Nº de peças	(%)
Reportagem Objectiva	0	0	0	0	2	18,2
Reportagem Interpretativa	5	55,6	6	50	5	45,4
Argumentativa	0	0	0	0	1	9,1
No Local	2	22,2	5	41,7	1	9,1
Quente	2	22,2	1	8,3	2	18,2

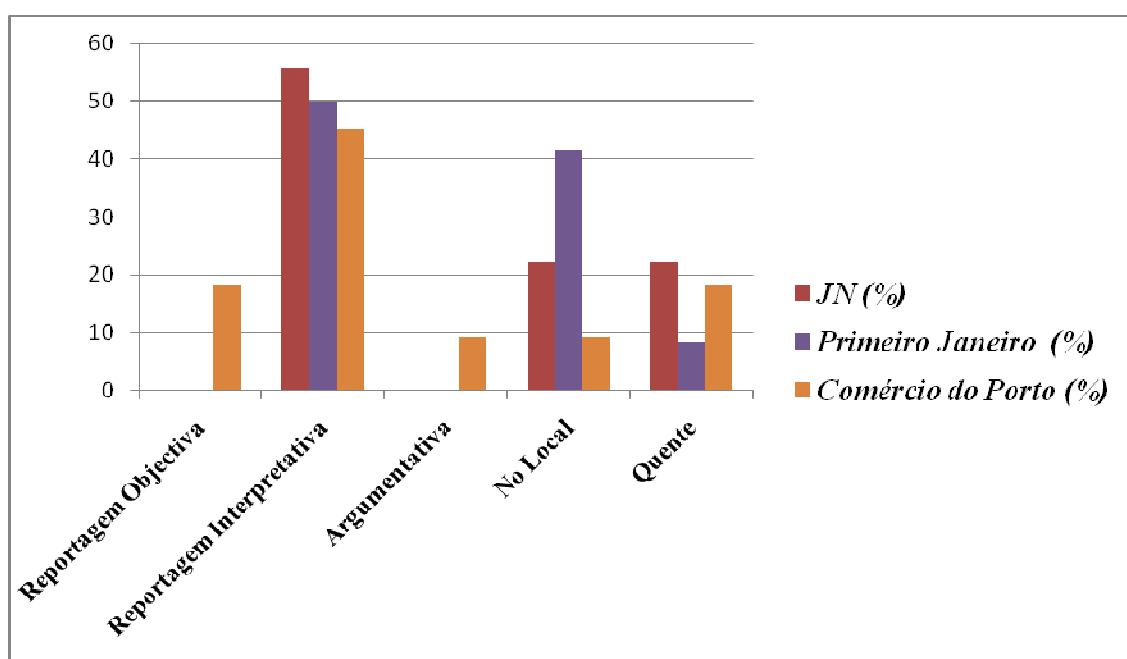


Gráfico 3.2 – Os Tipos de Reportagem verificados no Jornal de Notícias, O Primeiro de Janeiro e O Comércio do Porto – década de 80.

Na década de 80 o tipo de reportagem dominante nos três jornais continua a ser a interpretativa. De salientar que além dos tipos de reportagem quente, no local e interpretativa (comum aos três jornais), uma vez mais *O Comércio do Porto* destaca-se, dividindo as suas reportagens pelos tipos objectiva e argumentativa. *O Primeiro de Janeiro*, a seguir à reportagem interpretativa, dá maior destaque a reportagens no local e o *Jornal de Notícias* divide o segundo lugar pela reportagem no local e quente.

Tabela 3.3 – Os Tipos de Reportagem verificados no Jornal de Notícias, O Primeiro de Janeiro e O Comércio do Porto – década de 90.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de peças	(%)	Nº de peças	(%)
Reportagem Interpretativa	1	16,7	2	20	1	14,3
Action-Story	0	0	0	0	1	14,3
Fact-Story	2	33,3	5	50	4	57,1
No Local	1	16,7	3	30	1	14,3
Reportagem Relocalizada	2	33,3	0	0	0	0

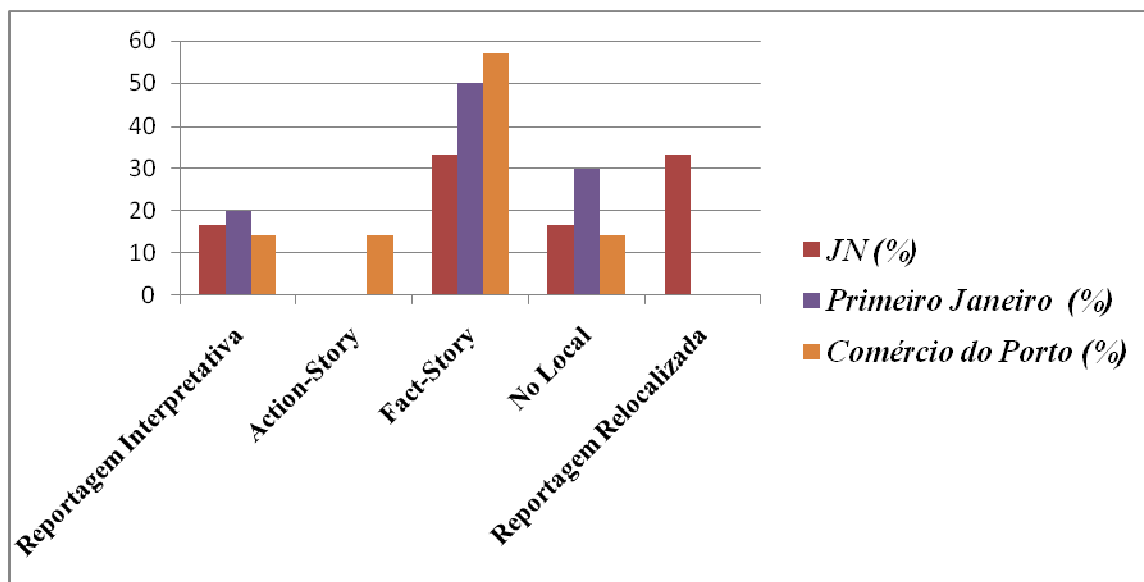
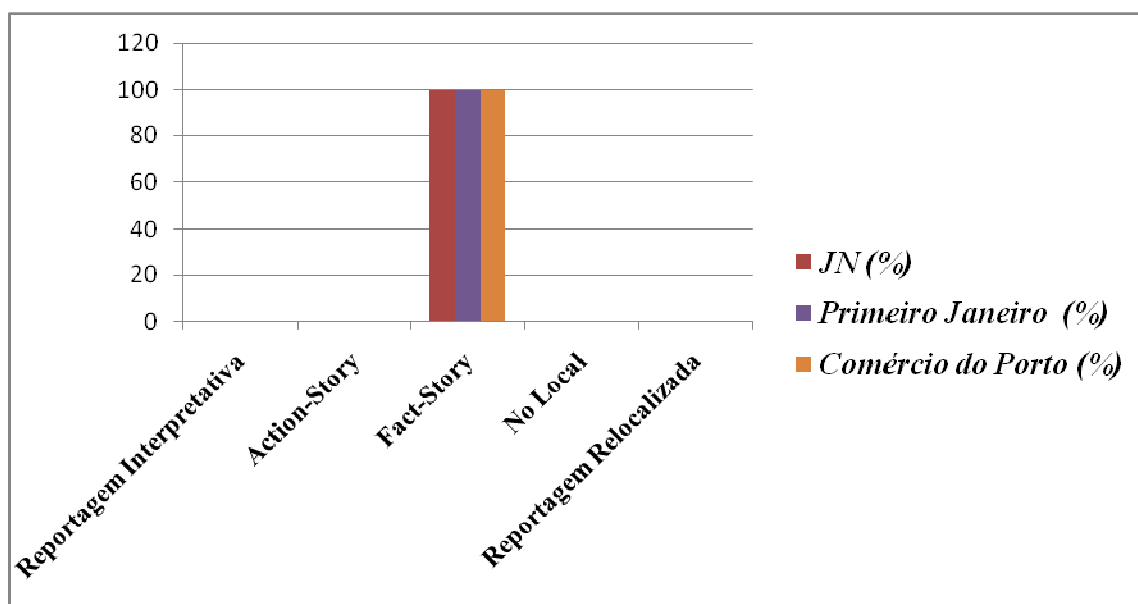


Gráfico 3.3 – Os Tipos de Reportagem verificados no *Jornal de Notícias*, *O Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto* – década de 90.

Durante a década de 90 o tipo de reportagem com mais destaque nos três jornais é o fact-story, mais usado pelo *Comércio do Porto* e *O Primeiro de Janeiro*, uma vez que o *Jornal de Notícias* divide a sua percentagem com a reportagem Relocalizada. Ainda assim, os três jornais já não se focalizam apenas num tipo de reportagem, como nas décadas anteriores, repartindo as reportagens, de forma equilibrada, por vários tipos de reportagem, que não somente a objectiva e a interpretativa. *O Comércio do Porto* sai isolado no uso da action-story.

Tabela 3.4 – Os Tipos de Reportagem verificados no Jornal de Notícias, O Primeiro de Janeiro e O Comércio do Porto – 2000/2004.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de peças	(%)	Nº de peças	(%)
Reportagem Interpretativa	0	0	0	0	0	0
Action-Story	0	0	0	0	0	0
Fact-Story	2	100	1	100	1	100
No Local	0	0	0	0	0	0
Reportagem Relocalizada	0	0	0	0	0	0

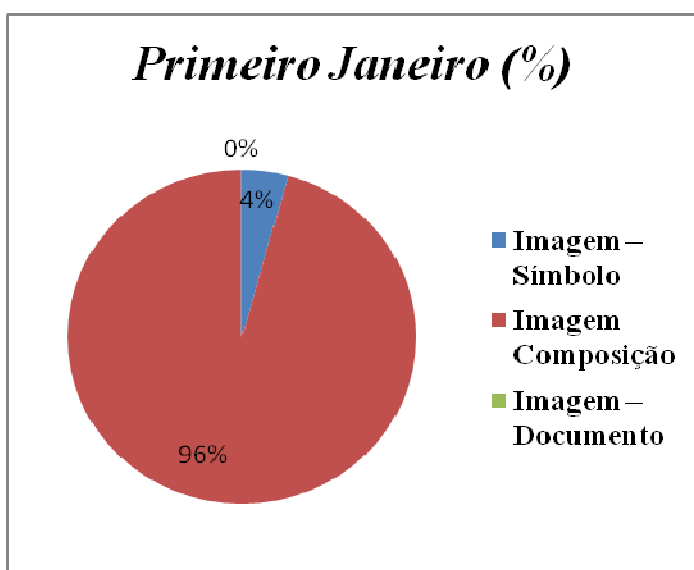
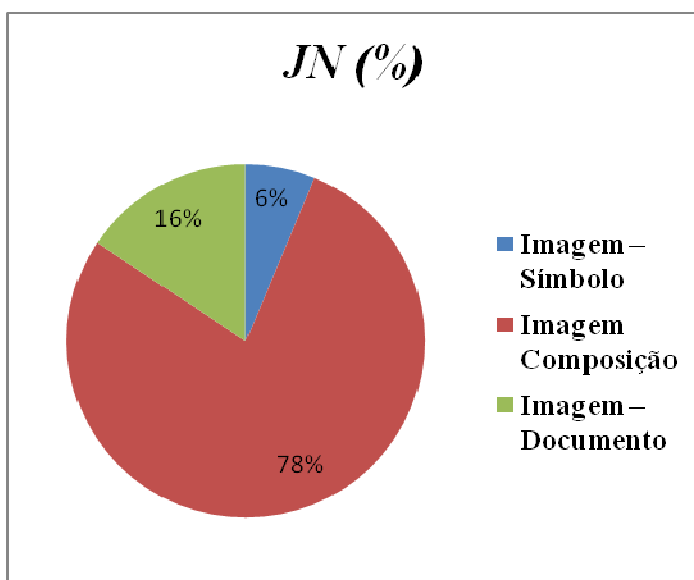
Gráfico 3.4 – Os Tipos de Reportagem verificados no *Jornal de Notícias*, *O Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto* – 2000/2004.

Nas únicas reportagens encontradas em 2002 e 2004 sobre o tema política, verificou-se que o tipo de reportagem adoptado é o Fact-story, nos três jornais e a 100%. Portanto, significa que a tendência da década de 90 se manteve no início do século XXI, nos dois anos estudados (2002 e 2004). Uma vez mais, numa era de novas tecnologias de informação, os factos são os que menos exigem em termos literários, pois é o tipo de reportagem que mais se assemelha à notícia, com a técnica da pirâmide invertida, e deste modo, relatando factos, exige também menos tempo na sua concepção.

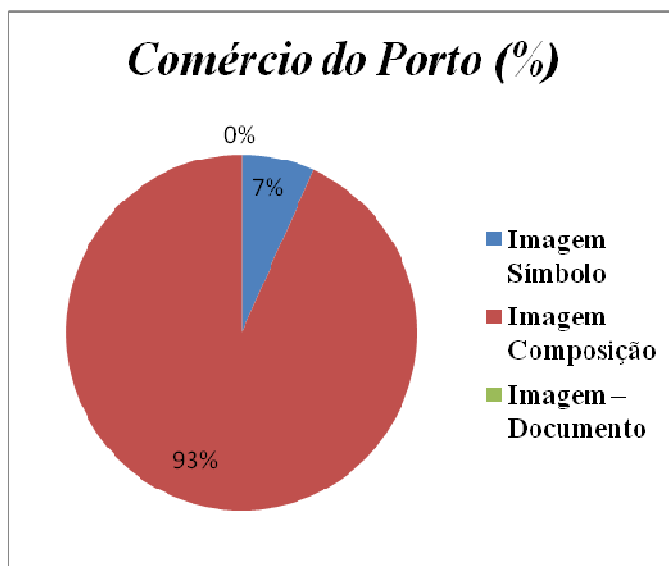
Depois dos tipos de reportagem a tabela e gráfico 4 registam os tipos de fotografias que acompanham as reportagens dos três jornais em estudo.

Tabela 4 – Tipos de Fotografias – total dos 30 anos.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)
Imagem – Símbolo	2	6,3	2	4,3	2	6,7
Imagem Composição	25	78,1	44	95,7	28	93,3
Imagem – Documento	5	15,6	0	0	0	0



A Imagem Composição adquire tanto no *Jornal de Notícias* como no *Primeiro de Janeiro* espaço de destaque, um tipo de imagem mais “artística”, tendo em conta que depende da sensibilidade do fotojornalista para, também ela informar. O *JN* é também o único dos três jornais que cede um espaço confortável à Imagem – Documento, um tipo de fotografia que adquire um grande valor documental, conferindo uma espécie de realidade autenticada.

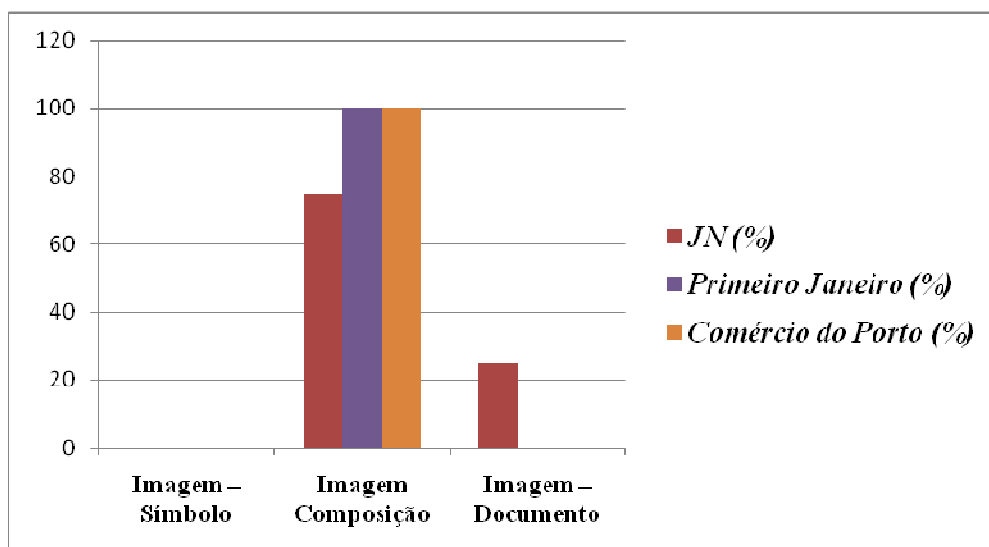


O *Comércio do Porto*, à semelhança dos restantes jornais em estudo, cede espaço considerável à Imagem Composição, seguindo-se a Imagem Símbolo, presente nos outros jornais, preocupa-se em projectar estereótipos.

Gráficos 4 – Tipos de Fotografias.

Tabela 4.1 – Tipos de Fotografias – década de 70.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)
Imagem – Símbolo	0	0	0	0	0	0
Imagem Composição	12	75	24	100	12	100
Imagem – Documento	4	25	0	0	0	0

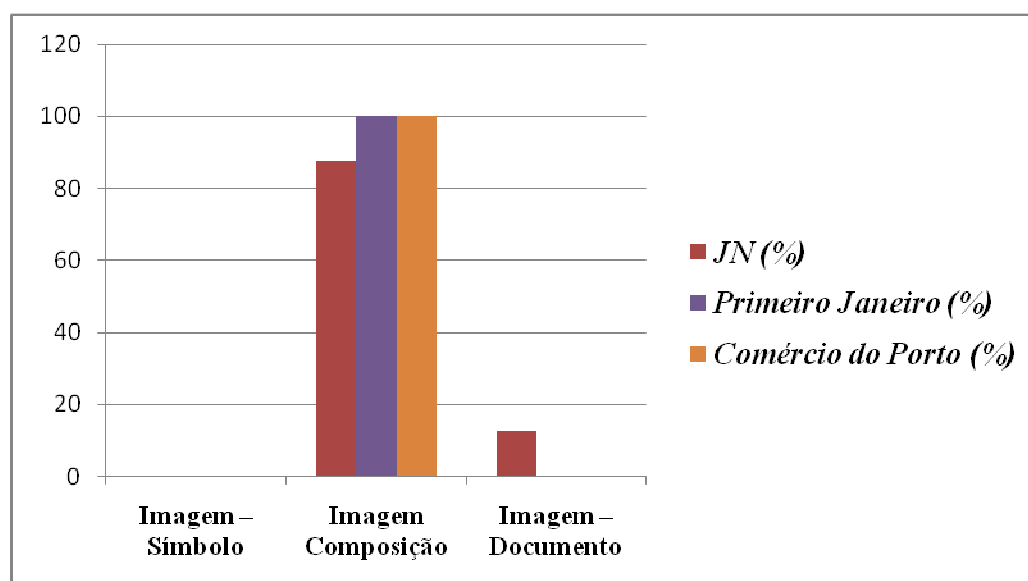


Gráficos 4.1 – Tipos de Fotografias – década de 70.

O tipo de fotografia com total destaque, nos jornais *O Comércio do Porto* e *Primeiro de Janeiro*, durante a década de 70 é a Imagem Composição com uso de 100%. Já o *Jornal de Notícias* divide a sua preferência entre a Imagem Composição e a Imagem-Documento. Já a Imagem-Símbolo fica totalmente esquecida nas peças analisadas, o que, tendo em conta a década em que ocorreu a revolução, altura em que os “sinais” e ícones falariam mais alto, é de estranhar, uma vez que seria de esperar que a Imagem-Símbolo fosse usada como arma para chegar ao leitor.

Tabela 4.2 – Tipos de Fotografias – década de 80.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)
Imagem – Símbolo	0	0	0	0	0	0
Imagem Composição	7	87,5	10	100	11	100
Imagem – Documento	1	12,5	0	0	0	0



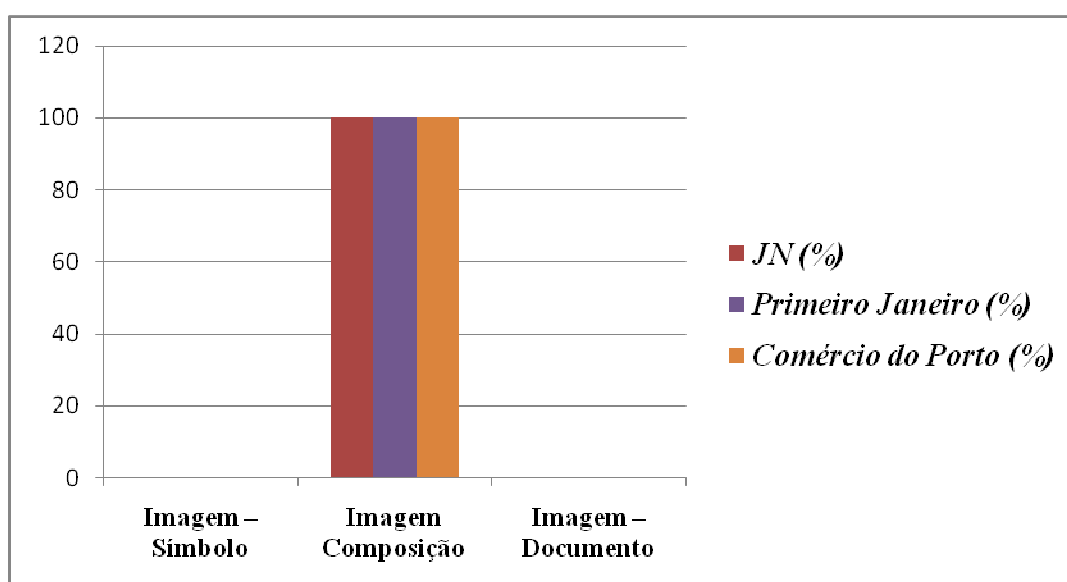
Gráficos 4.2 – Tipos de Fotografias – década de 80.

À semelhança da década de 70, também na de 80 se verifica a tendência dos jornais *O Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto* continua a ser o uso total da Imagem Composição. O *Jornal de Notícias* continua a distribuir a sua tendência pela Imagem Composição e a Imagem-Documento. A Imagem-Documento confere veracidade à

reportagem, uma vez que os documentos concedem uma espécie de realidade autenticada, poderá ser essa a razão da tendência do *Jornal de Notícias*.

Tabela 4.3 – Tipos de Fotografias – década de 90.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)
Imagem – Símbolo	0	0	0	0	0	0
Imagem Composição	6	100	10	100	7	100
Imagem – Documento	0	0	0	0	0	0



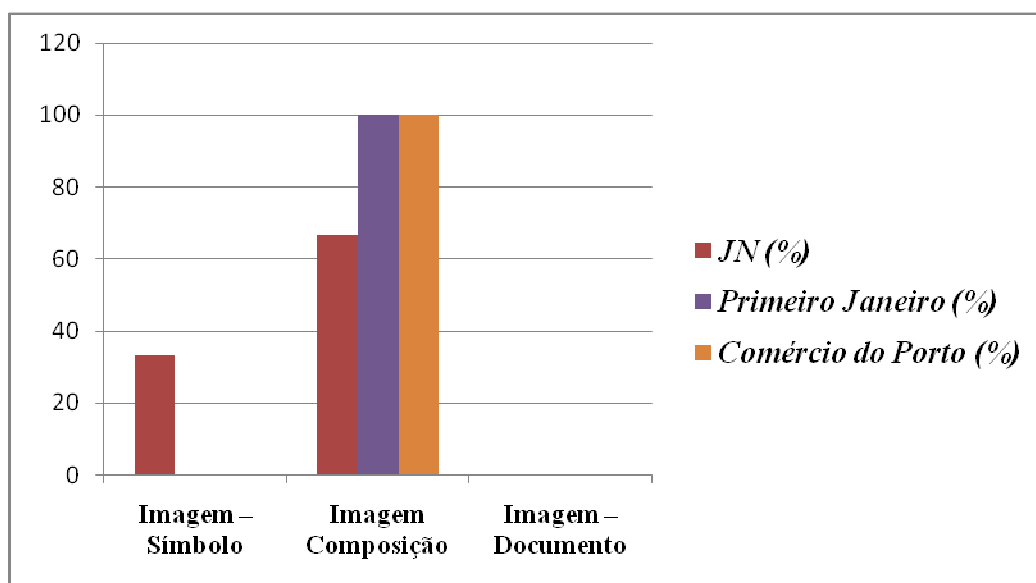
Gráficos 4.3 – Tipos de Fotografias – década de 90.

Na década de 90 os três jornais rendem-se ao uso da imagem composição como suporte ao texto para informar. O *Jornal de Notícias*, que até aqui tinha partilhado a percentagem com a imagem – documento, dedica, nas reportagens alvo deste estudo, a totalidade à imagem composição. Na década de 90 surge a primeira câmara digital, apesar do custo elevado destas câmaras atrasar o uso das mesmas no fotojornalismo, rapidamente começaram a ser “desejadas” pelos repórteres de imagem. Nesse sentido,

se possa explicar que, nesta década, haja um maior número do uso da Imagem Composição (imagem com arte) já que as novas câmaras são muito mais ágeis para o jornalismo.

Tabela 4.4 – Tipos de Fotografias – 2000/2004.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)
Imagem – Símbolo	1	33,3	0	0	0	0
Imagem Composição	2	66,7	1	100	1	100
Imagem – Documento	0	0	0	0	0	0



Gráficos 4.4 – Tipos de Fotografias – 2000/2004.

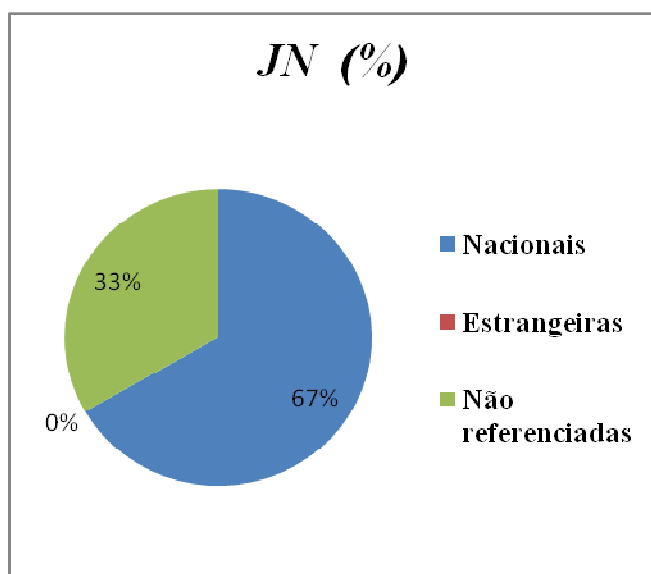
No início do século XXI o *Jornal de Notícias* volta a dividir a sua percentagem, mas desta vez com a imagem – símbolo. Aliás, este jornal foi o único que, à excepção da década de 90, foi partilhando os números com outros tipos de fotografias que não apenas a imagem composição. De resto, os restantes jornais em estudo mantiveram a sua primazia e fidelidade à imagem composição como principal, e único tipo de fotografia usado nas reportagens alvo desta pesquisa. O uso da Imagem – Símbolo pelo

Jornal de Notícias em pleno início do século XXI surge talvez, como resgate de sentimentos de recordação no leitor de tempos passados. Associado ao tema em estudo (político-social) o *Jornal de Notícias* terá talvez uma “intenção” informativa com o uso deste tipo de fotografia.

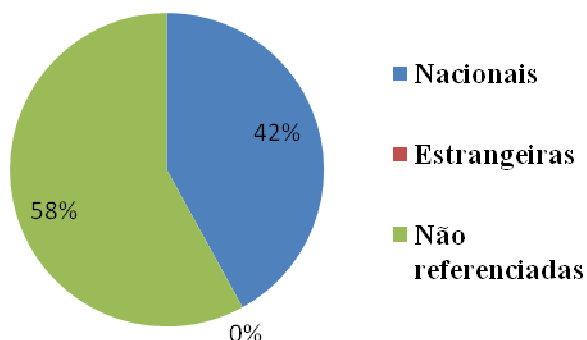
A tabela e gráficos 5 dão conta da naturalidade das fontes, se estas são estrangeiras ou nacionais. A categoria “não referenciadas” surge por dificuldades encontradas em detectar as fontes ao longo das reportagens, uma vez que algumas reportagens não mencionavam directamente as fontes e, reter as fontes com base em intuição do pesquisador seria um risco uma vez que poderia não ser totalmente fiel.

Tabela 5 – Origem das fontes utilizadas para a realização das reportagens – total dos 30 anos.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro de Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)
Nacionais	22	66,7	21	42	21	58,3
Estrangeiras	0	0	0	0	0	0
Não referenciadas	11	33,3	29	58	15	41,7



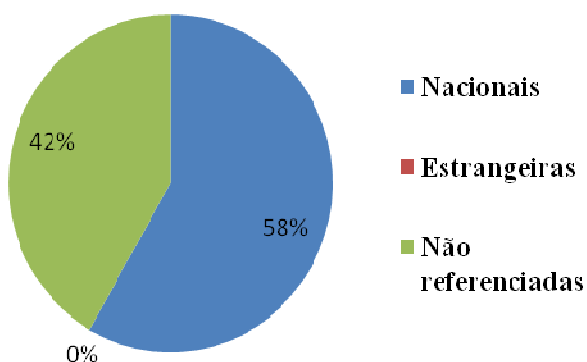
As fontes utilizadas pelo *Jornal de Notícias* são, na sua maioria nacionais e 33% das fontes não são referenciadas nas reportagens em estudo. Não há registo de utilização de fontes estrangeiras

Primeiro de Janeiro (%)

No *Primeiro de Janeiro* mais de metade das fontes não estão referenciadas, uma pequena parte das fontes usadas é de origem nacional e nenhuma de origem estrangeira foi registada durante o período deste estudo.

Quanto ao *Comércio do Porto*, grande parte das fontes é de origem nacional e 42% surge como não referenciada. Não foram registadas fontes estrangeiras nas reportagens em estudo.

O facto de os três jornais não referenciarem, muitas vezes, as suas fontes pode estar relacionado com a confidencialidade das mesmas, frequente em peças de reportagem de Política.

Comércio do Porto (%)

Gráficos 5 – Origem das fontes utilizadas para a realização das reportagens.

Tabela 5.1 – Origem das fontes – década de 70.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro de Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)
Nacionais	8	53,3	0	0	5	29,4
Estrangeiras	0	0	0	0	0	0
Não referenciadas	7	46,7	27	100	12	70,6

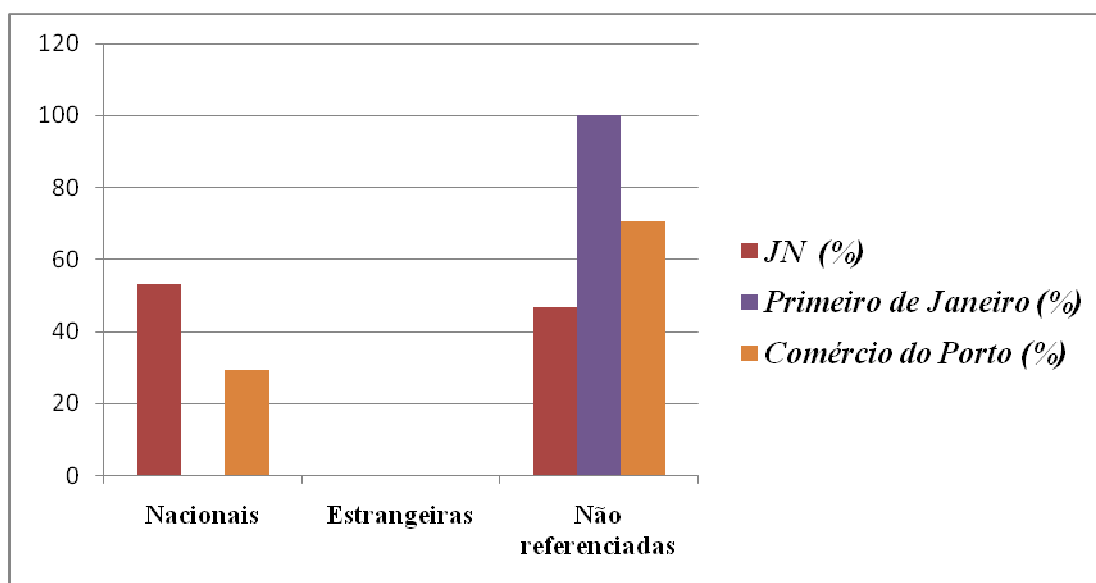


Gráfico 5.1 – Origem das fontes – década de 70.

Na década de 70 *O Comércio do Porto* e *O Primeiro de Janeiro* apresentam maior índice de fontes não referenciadas, aliás, *O Primeiro de Janeiro* apresenta apenas fontes não referenciadas. *O Jornal de Notícias*, durante o período de estudo desta década, apresentou uma maior taxa de fontes mencionadas, mas nacionais, o que não surpreende, tendo em conta que o contexto do tema em estudo diz respeito à vida político-social nacional. Deste modo, nenhum dos jornais refere fontes estrangeiras. Tendo em conta o tema em estudo (política), poderá ser explicável o facto de, durante a década de 70 ainda ser muito primário a exposição das fontes, uma vez que os jornais estiveram muito tempo obrigados à censura e falar de política em jornais seria um risco.

Tabela 5.2 – Origem das fontes – década de 80.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro de Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)
Nacionais	6	66,6	10	83,3	9	81,8
Estrangeiras	0	0	0	0	0	0
Não referenciadas	3	33	2	16,7	2	18,2

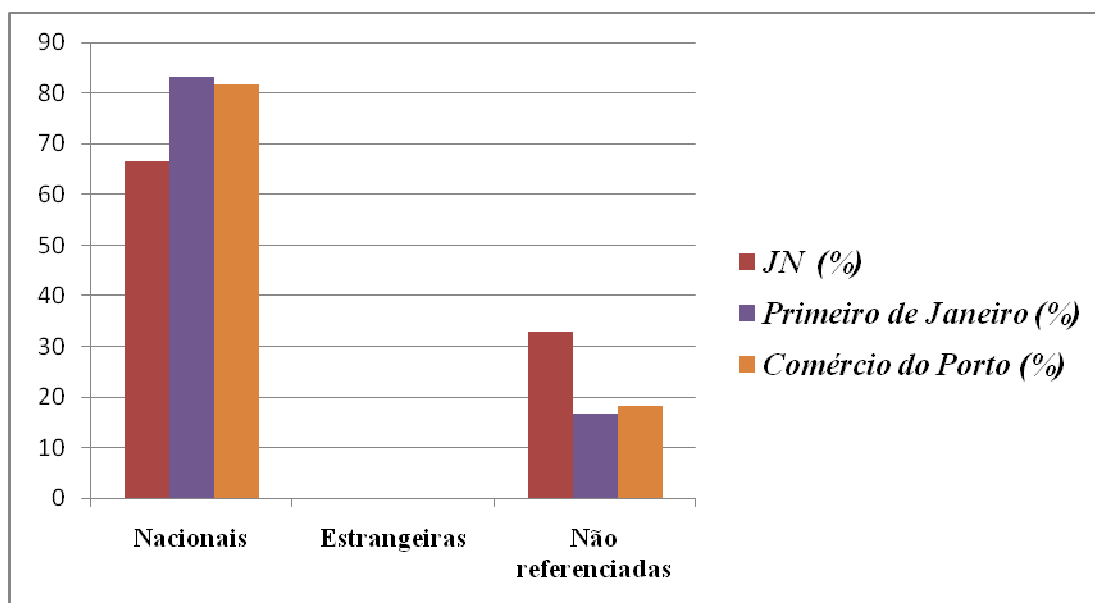


Gráfico 5.2 – Origem das fontes – década de 80.

Nesta década de 80 os três jornais optam por referenciar as fontes, estas são nacionais e, uma vez mais, o *Jornal de Notícias* (JN) destaca-se dos restantes jornais, desta vez nas peças não referenciadas. No entanto, nota-se que, cada vez mais, existe uma necessidade de mencionar as fontes, talvez para conferir credibilidade às peças de reportagem. O *Primeiro de Janeiro* é o jornal cuja transição é a mais destacada, uma vez que na década de 70, 100% das suas fontes não eram mencionadas/referenciadas.

Tabela 5.3 – Origem das fontes – década de 90.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro de Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)
Nacionais	6	100	10	100	6	85,7
Estrangeiras	0	0	0	0	0	0
Não referenciadas	0	0	0	0	1	14,3

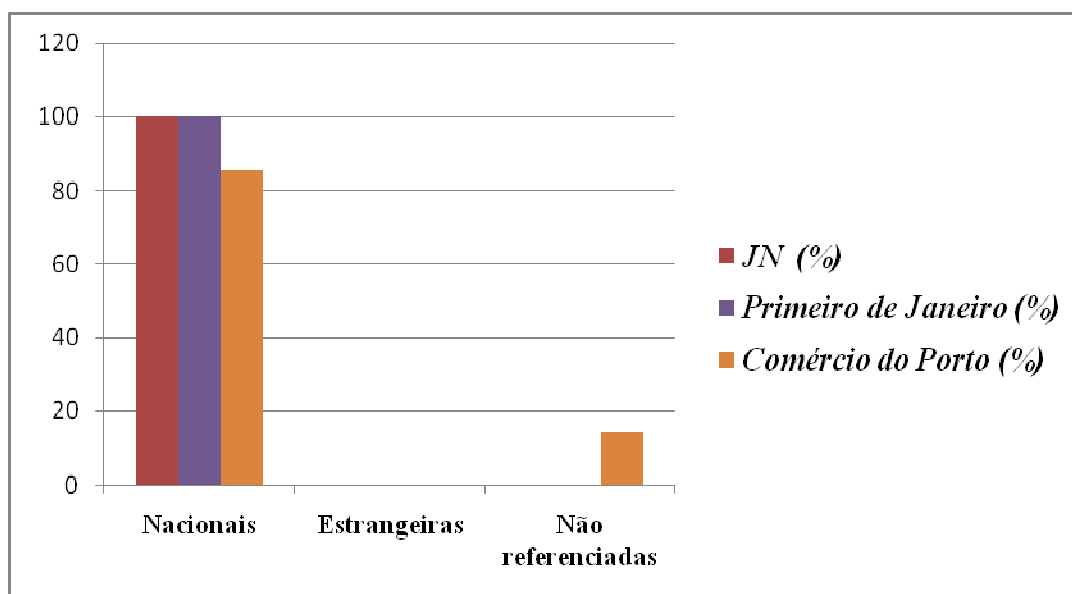


Gráfico 5.3 – Origem das fontes – década de 90.

Na década de 90 os Jornais *O Primeiro de Janeiro* e *Jornal de Notícias* optam por referenciar as suas fontes em todas as peças de reportagem analisadas, a grande evolução é do *Primeiro de Janeiro* que na década de 70 fazia o inverso, não mencionando as suas fontes, pelo menos nas reportagens analisadas. *O Comércio do Porto* ainda divide a sua percentagem por fontes não referenciadas, no entanto, apesar de ser em pouca escala.

Tabela 5.4 – Origem das fontes – 2000/2004.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro de Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)
Nacionais	1	50	0	0	1	100
Estrangeiras	0	0	0	0	0	0
Não referenciadas	1	50	1	100	0	0

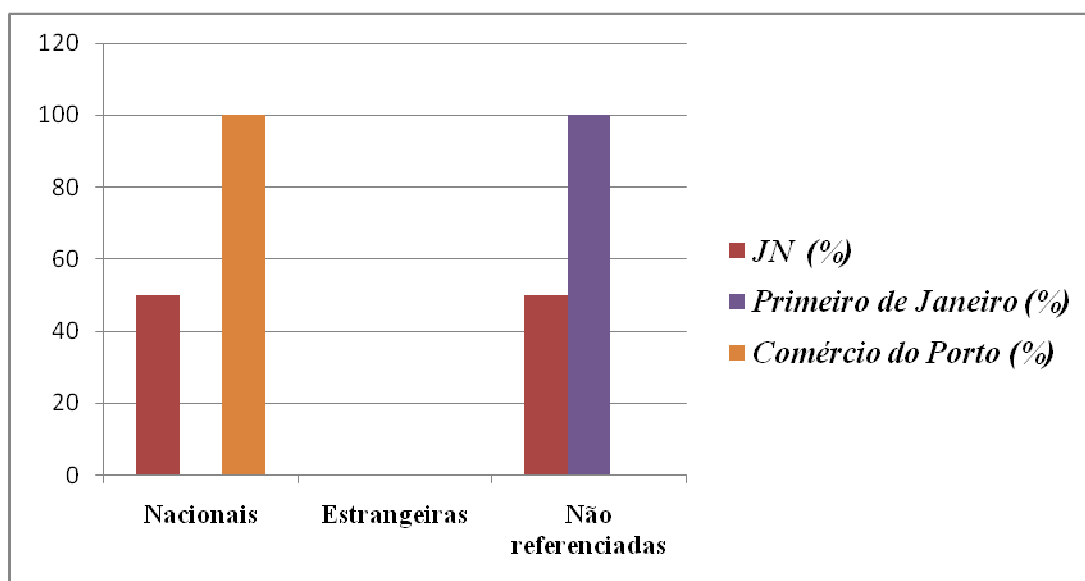


Gráfico 5.4 – Origem das fontes – 2000/2004.

Nos dois anos do início do século XXI em estudo (2002 e 2004) *O Primeiro de Janeiro* volta aos resultados da década de 70, com maior percentagem para fontes não referenciadas, embora nesta época tenha sido encontrada neste jornal, bem como no *Comércio do Porto* (que cita a sua fonte), apenas uma reportagem com o tema político-social, tema deste estudo. Já o *Jornal de Notícias* divide a sua percentagem entre fontes nacionais e fontes não referenciadas.

Além da origem das fontes, estudou-se a tipologia das fontes utilizadas, ou seja, se os três jornais recorrem com mais frequência a fontes internas (do próprio jornal) ou externas. A tabela e gráfico 6 registam a ocorrência ao longo dos 30 anos.

Tabela 6 – Tipos de Fontes utilizadas nas reportagens – total dos 30 anos.

		<i>JN</i>		<i>Primeiro de Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
		Nº de peças	(%)	Nº de peças	(%)	Nº de peças	(%)
Internas	Jornalistas da publicação	2	8,7	6	43	9	41
	Arquivo/Centro de documentação do jornal	3	13	0	0	1	4,5
	Delegações e Correspondentes	0	0	0	0	0	0
Externas	Agências	0	0	0	0	0	0
	Outros órgãos de comunicação social	0	0	1	7,1	0	0
	Entidades oficiais	6	26,1	5	35,7	9	41
	Entidades Não Oficiais	11	47,8	1	7,1	1	4,5
	Contactos pessoais/público em geral	1	4,4	1	7,1	2	9

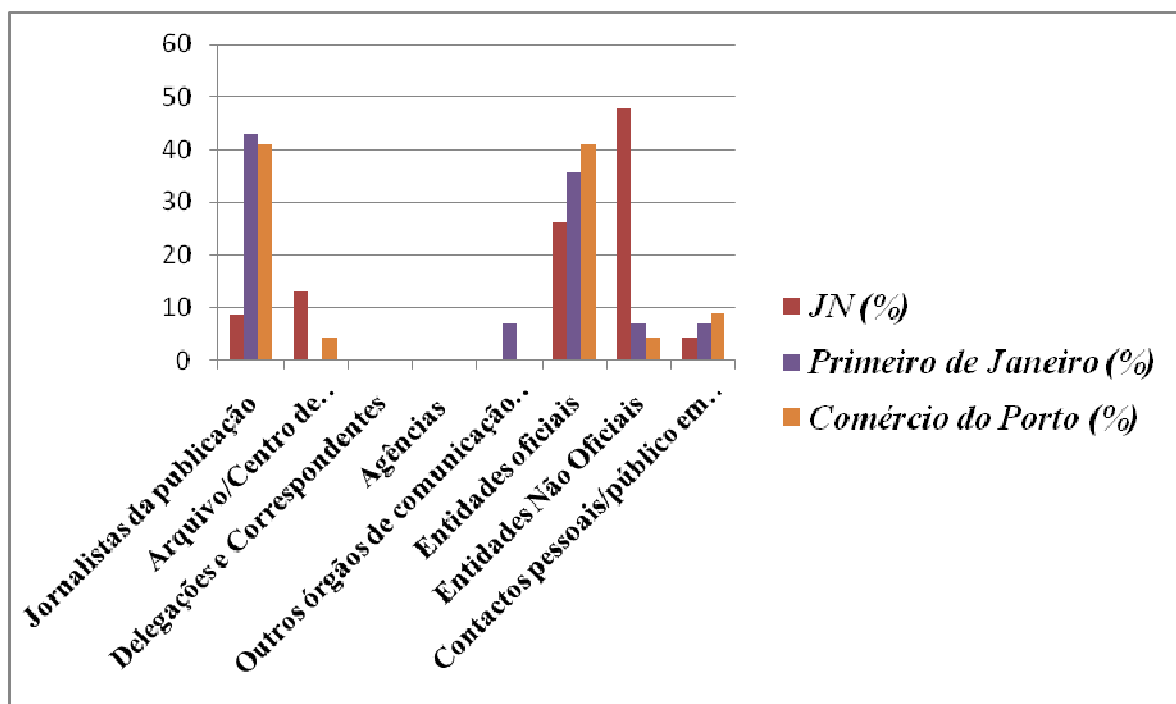


Gráfico 6 – Tipos de Fontes utilizadas nas reportagens – Total dos 30 anos.

Quanto ao tipo de fontes mais utilizadas, o *Jornal de Notícias* dá destaque a Entidades Não Oficiais e Entidades Oficiais. Já *O Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto* dão preferência a Jornalistas da Publicação e Entidades Oficiais. De destacar também, que na generalidade, os três jornais fazem maior uso de fontes externas do que internas. O maior uso de fontes Entidades Oficiais e Entidades Não Oficiais poderá estar relacionado com o tema escolhido para este estudo – Política.

Tabela 6.1 – Tipos de Fontes utilizadas nas reportagens – década de 70.

		<i>JN</i>		<i>Primeiro de Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
		Nº de peças	(%)	Nº de peças	(%)	Nº de peças	(%)
Internas	Jornalistas da publicação	0	0	0	0	1	20
	Arquivo/Centro de documentação do jornal	0	0	0	0	1	20
	Delegações e Correspondentes	0	0	0	0	0	0
Externas	Agências	0	0	0	0	0	0
	Outros órgãos de comunicação social	0	0	0	0	0	0
	Entidades oficiais	4	50	0	0	3	60
	Entidades não oficiais	4	50	0	0	0	0
	Contactos pessoais/público geral	0	0	0	0	0	0

Como é possível verificar na tabela e no gráfico exposto na página seguinte, na década de 70, o *Jornal de Notícias* divide a percentagem entre Entidades oficiais e Entidades não oficiais e *O Comércio do Porto* dá preferência às fontes que são Entidades oficiais dividindo depois o uso pelo Arquivo do jornal e os jornalistas da publicação. *O Primeiro de Janeiro* não apresenta registos de fontes mencionadas nesta década de 70. O tema política permite a maior frequência ao uso de entidades oficiais ou não oficiais. Ainda assim, em plena década de 70, o uso de entidades não oficiais poderia ser um risco, no entanto, o facto de o período desta década – pós 74, em estudo, permite que surja a necessidade dar voz a entidades não oficiais.

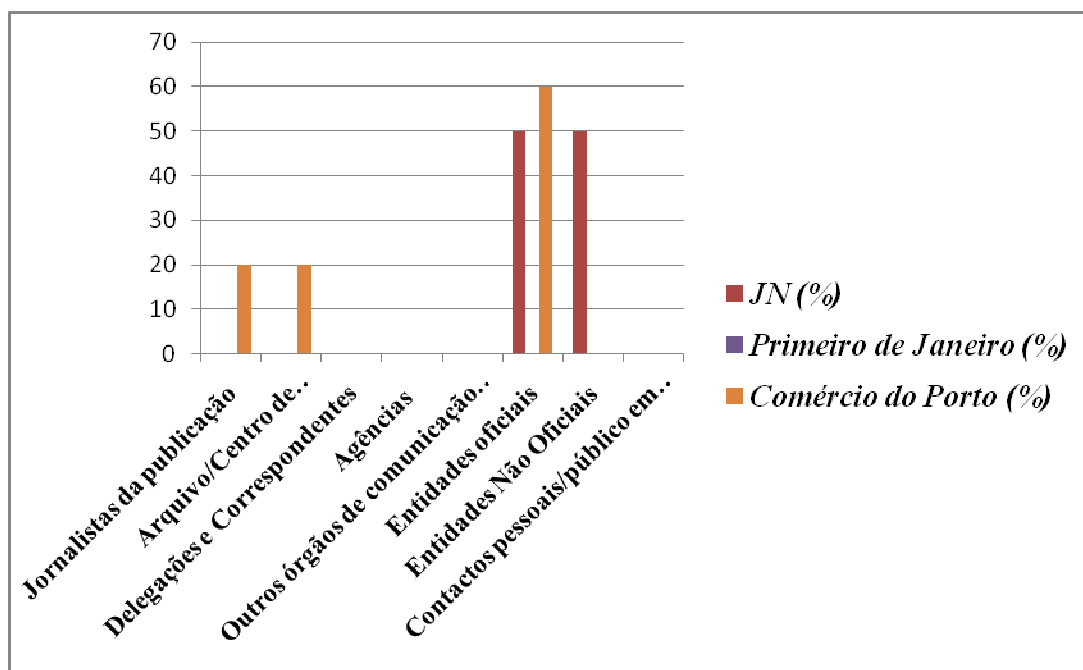


Gráfico 6.1 – Tipos de Fontes utilizadas nas reportagens – década de 70.

Tabela 6.2 – Tipos de Fontes utilizadas nas reportagens – década de 80.

		JN		Primeiro de Janeiro		Comércio do Porto	
		Nº de peças	(%)	Nº de peças	(%)	Nº de peças	(%)
Internas	Jornalistas da publicação	1	12,5	4	66,6	5	50
	Arquivo/Centro de documentação do jornal	0	0	0	0	0	0
	Delegações e Correspondentes	0	0	0	0	0	0
Externas	Agências	0	0	0	0	0	0
	Outros órgãos de comunicação social	0	0	0	0	0	0
	Entidades oficiais	2	25	1	16,7	2	20
	Entidades Não Oficiais	4	50	0	0	1	10
	Contactos pessoais/público em geral	1	12,5	1	16,7	2	20

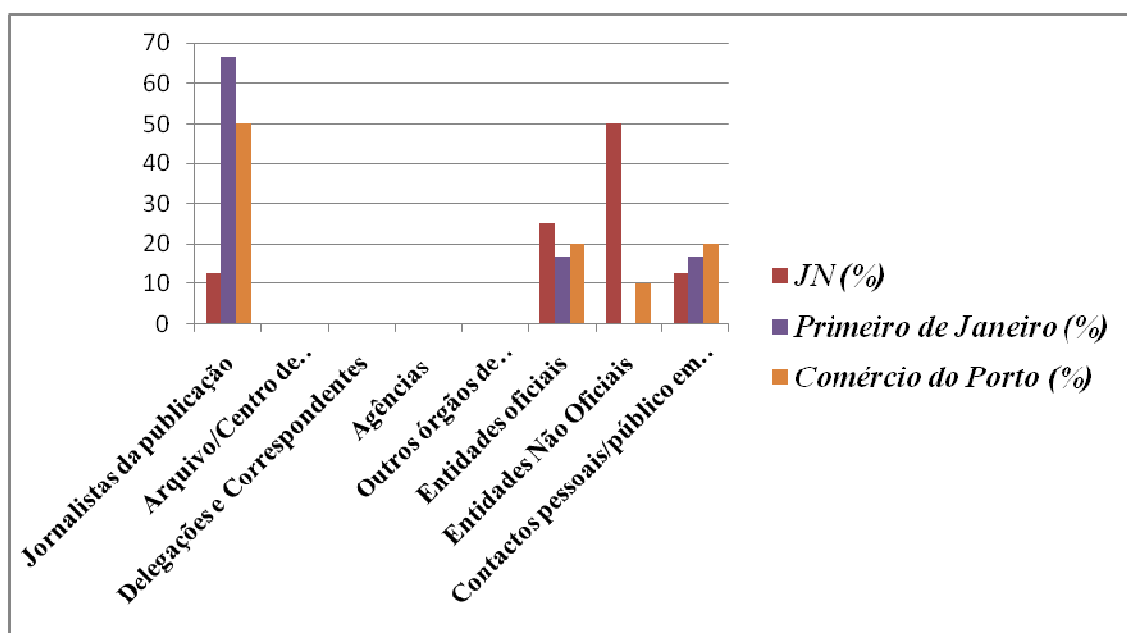


Gráfico 6.2 – Tipos de Fontes utilizadas nas reportagens – década de 80.

Na década de 80 os jornais *O Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto* utilizam como fontes os jornalistas da publicação com maior destaque, seguindo-se as entidades oficiais e os contactos pessoais/público em geral. Já o *Jornal de Notícias* isola-se no uso em grande escala de entidades não oficiais como tipo de fontes de informação, e depois, à semelhança dos restantes jornais, partilha a percentagem entre entidades oficiais, contactos pessoais e jornalistas da publicação. A década de 80 começa a fazer os jornais sentirem que os seus jornalistas têm liberdade para serem eles mesmos as fontes das suas peças. Pois a década de 80 é o início de um caminho para um jornalismo “profissional” em que o jornalista sai para a rua ao serviço da redacção, e que olha para os acontecimentos podendo escrever sobre eles sem recurso a uma fonte externa.

Tabela 6.3 – Tipos de Fontes utilizadas nas reportagens – década de 90.

		<i>JN</i>		<i>Primeiro de Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
		Nº de peças	(%)	Nº de peças	(%)	Nº de peças	(%)
Internas	Jornalistas da publicação	1	14,2	2	22,2	2	33,3
	Arquivo/Centro de documentação do jornal	3	42,9	0	0	0	0
	Delegações e Correspondentes	0	0	0	0	0	0
Externas	Agências	0	0	0	0	0	0
	Outros órgãos de comunicação social	0	0	1	11,1	0	0
	Entidades oficiais	0	0	4	44,4	4	66,7
	Entidades Não Oficiais	3	42,9	1	11,1	0	0
	Contactos pessoais/público em geral	0	0	1	11,1	0	0

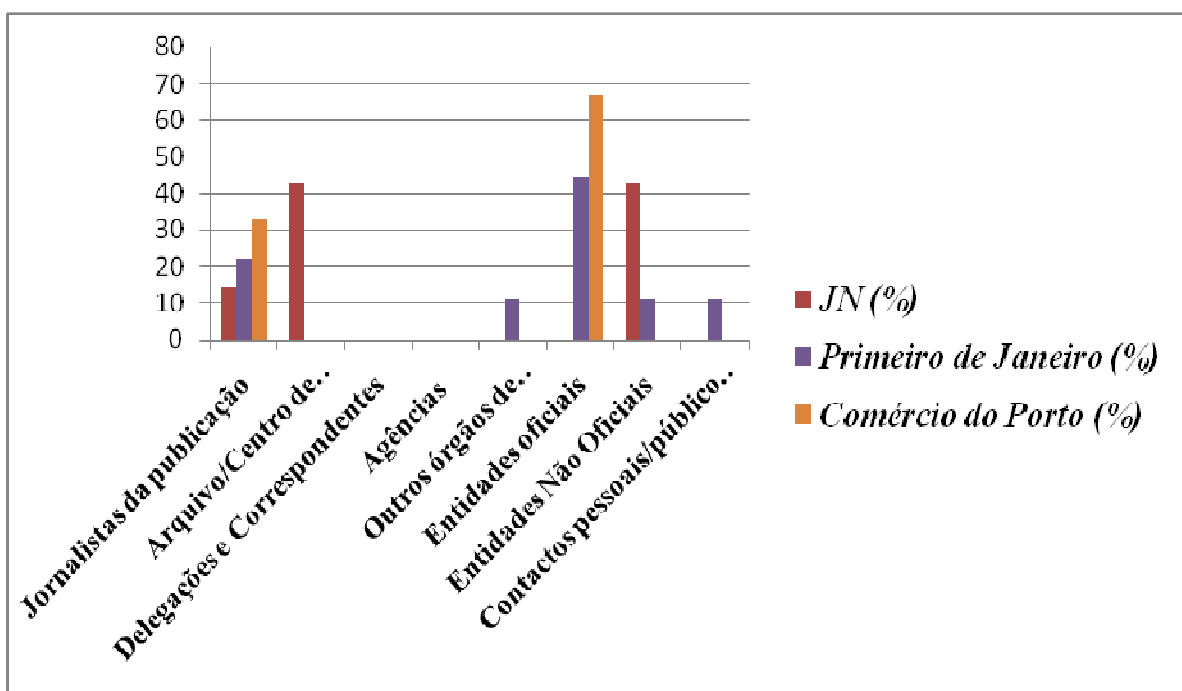


Gráfico 6.3 – Tipos de Fontes utilizadas nas reportagens – década de 90.

Na década de 90 é *O Comércio do Porto* que dá maior destaque às fontes do tipo Entidades oficiais, no entanto, também *O Primeiro de Janeiro* opta por este tipo de fonte. O *Jornal de Notícias* divide-se entre Entidades não oficiais e o arquivo do jornal.

Na década de 90, apesar de ser uma época em que existe a facilidade do uso de múltiplas fontes, o uso do tipo Entidades oficiais ou não oficiais poderá ser explicada pelo facto de estas fontes conferirem mais credibilidade às peças sobre política, uma vez que sustentam a informação.

Tabela 6.4 – Tipos de Fontes utilizadas nas reportagens – 2000/2004.

		<i>JN</i>		<i>Primeiro de Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
		Nº de peças	(%)	Nº de peças	(%)	Nº de peças	(%)
Internas	Jornalistas da publicação	0	0	0	0	1	100
	Arquivo/Centro de documentação do jornal	0	0	0	0	0	0
	Delegações e Correspondentes	0	0	0	0	0	0
Externas	Agências	0	0	0	0	0	0
	Outros órgãos de comunicação social	0	0	0	0	0	0
	Entidades oficiais	0	0	0	0	0	0
	Entidades Não Oficiais	2	100	0	0	0	0
	Contactos pessoais/público em geral	0	0	0	0	0	0

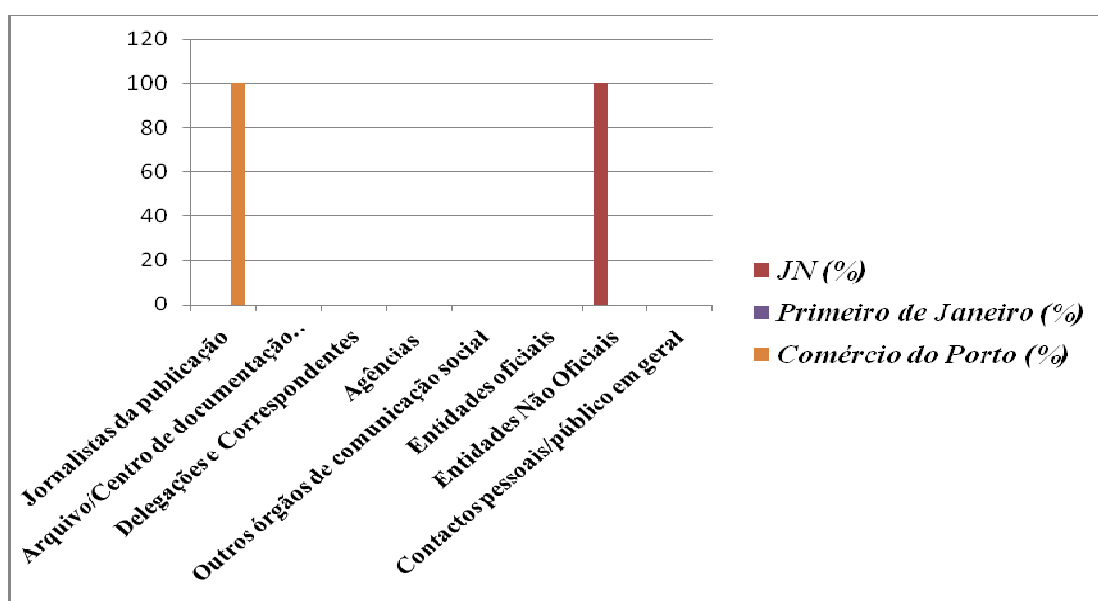


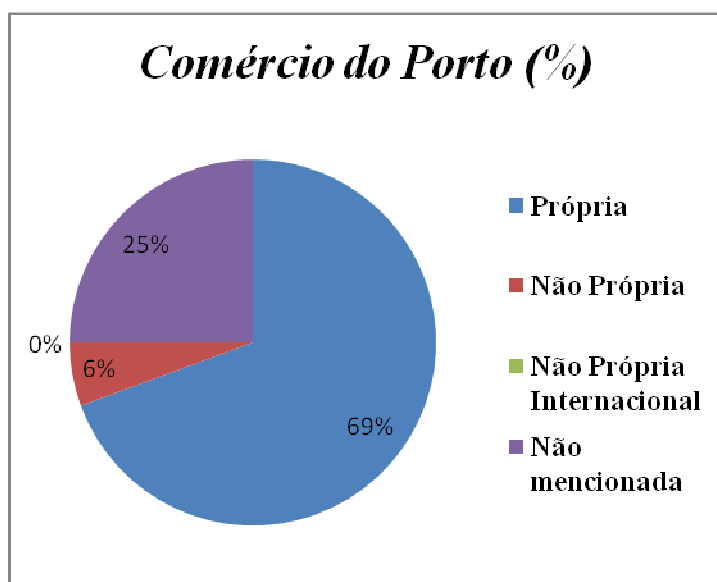
Gráfico 6.4 – Tipos de Fontes utilizadas nas reportagens – 2000/2004.

Entre 2000 e 2004 *O Primeiro de Janeiro* não referencia as suas fontes e *O Comércio do Porto* dá preferência aos jornalistas da publicação. *O Jornal de Notícias* continua a optar por entidades não oficiais como tipo de fontes de informação.

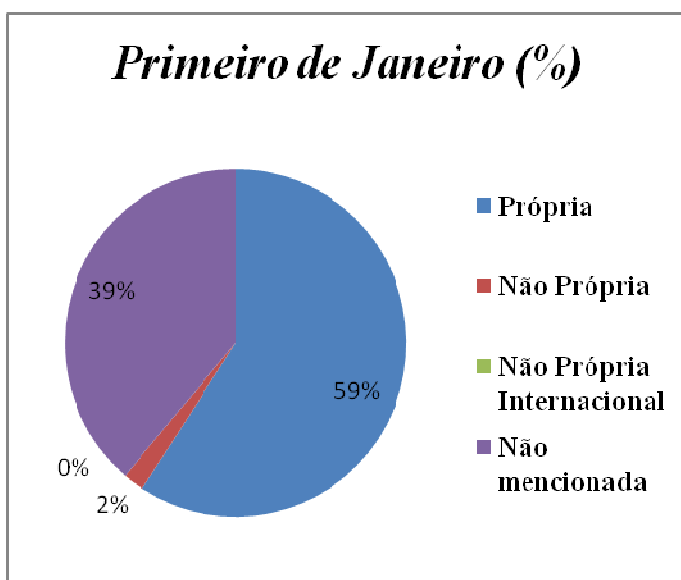
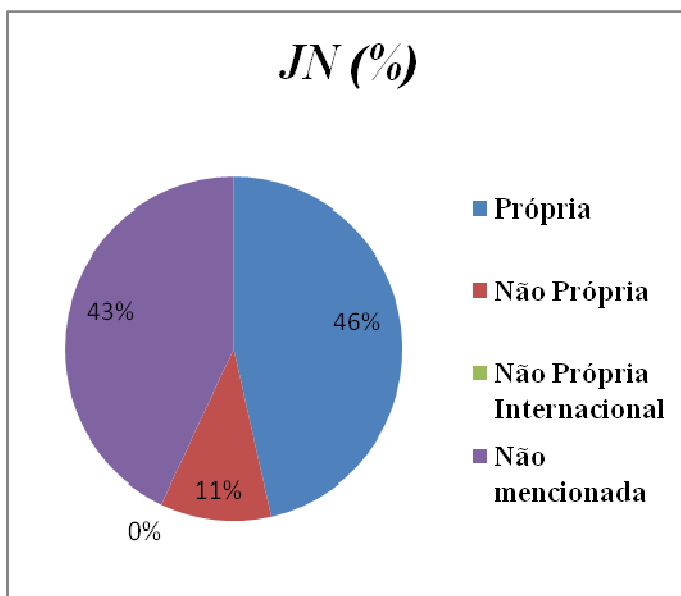
A tabela e gráficos 7 registam a origem das fotografias que acompanham as peças de reportagem em estudo. Se as fotografias são de produção própria, não própria, não própria internacional ou se a origem não é mencionada.

Tabela 7 - Origem das fotografias presentes nas reportagens – total dos 30 anos.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro de Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)
Própria	13	46,4	29	59,2	25	69,4
Não Própria	3	10,7	1	2	2	5,6
Não Própria Internacional	0	0	0	0	0	0
Não mencionada	12	42,9	19	38,8	9	25



O Comércio Porto é dos três jornais que mais demarca a diferença, fazendo uso em grande escala de fotografias de produção própria.

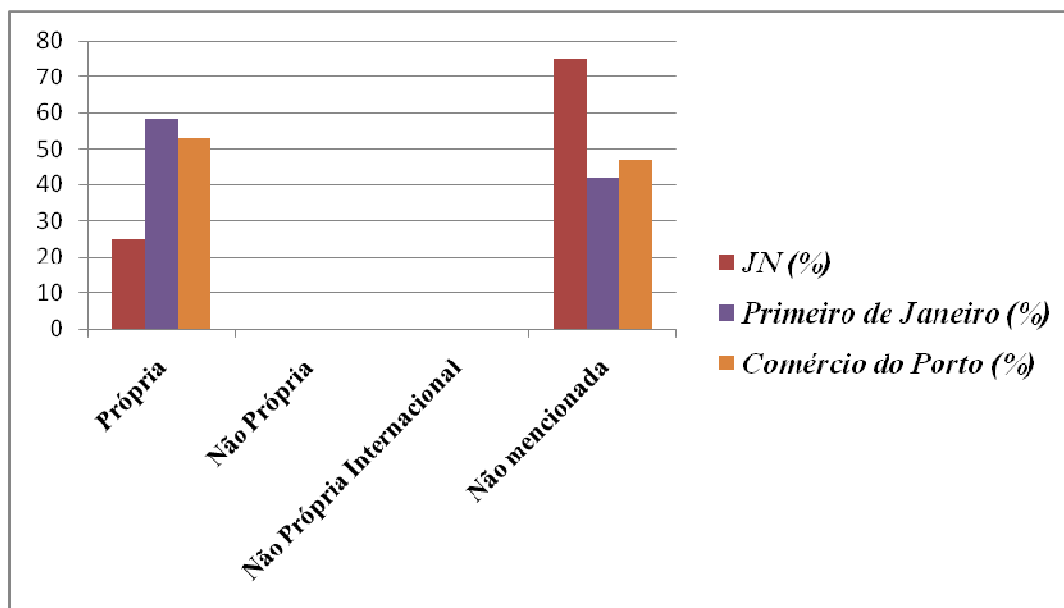


Gráficos 7 – Origem das fotografias presentes nas reportagens.

A origem das fotos é, em grande parte, nos três jornais, de produção própria. No *Jornal de Notícias* não é grande a disparidade entre a utilização de fotos de produção própria e de fotos cuja produção não é mencionada. Ainda assim, o *JN* tem uma percentagem considerável de utilização de fotos de produção não própria. O *Primeiro de Janeiro* uma percentagem mais notável de fotos de produção própria face à não mencionada.

Tabela 7.1 - Origem das fotografias presentes nas reportagens – década de 70.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro de Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)
Própria	3	25	14	58,3	9	52,9
Não Própria	0	0	0	0	0	0
Não Própria Internacional	0	0	0	0	0	0
Não mencionada	9	75	10	41,7	8	47,1

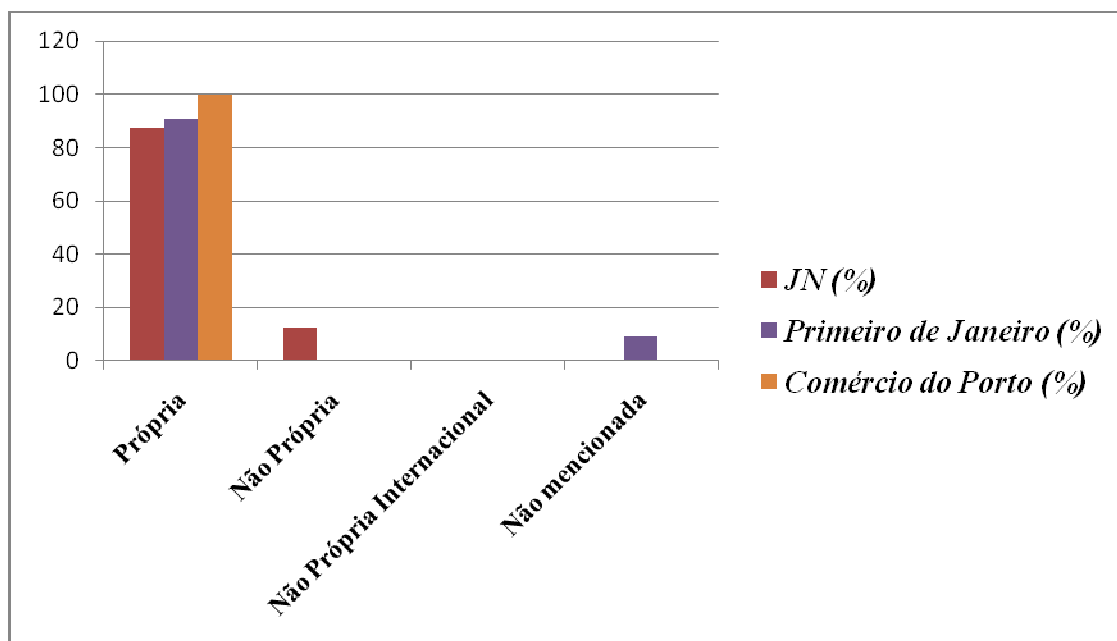


Gráficos 7.1 – Origem das fotografias presentes nas reportagens – década de 70.

Como é possível verificar na tabela e no respectivo gráfico os três jornais dividem-se entre a produção própria das suas fotografias ou a não mencionada. *O Primeiro de Janeiro* é o jornal que se destaca com maior número de peças com fotografias de produção própria. A década de 70, no período de pós-censura, a fotografia começa a sentir que tem espaço para contar história (mostrando-a/documentando-a tal como ela é) nos jornais portugueses, o que até então o regime ditatorial não permitia.

Tabela 7.2 - Origem das fotografias presentes nas reportagens – década de 80.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro de Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)
Própria	7	87,5	10	90,9	11	100
Não Própria	1	12,5	0	0	0	0
Não Própria Internacional	0	0	0	0	0	0
Não mencionada	0	0	1	9,1	0	0

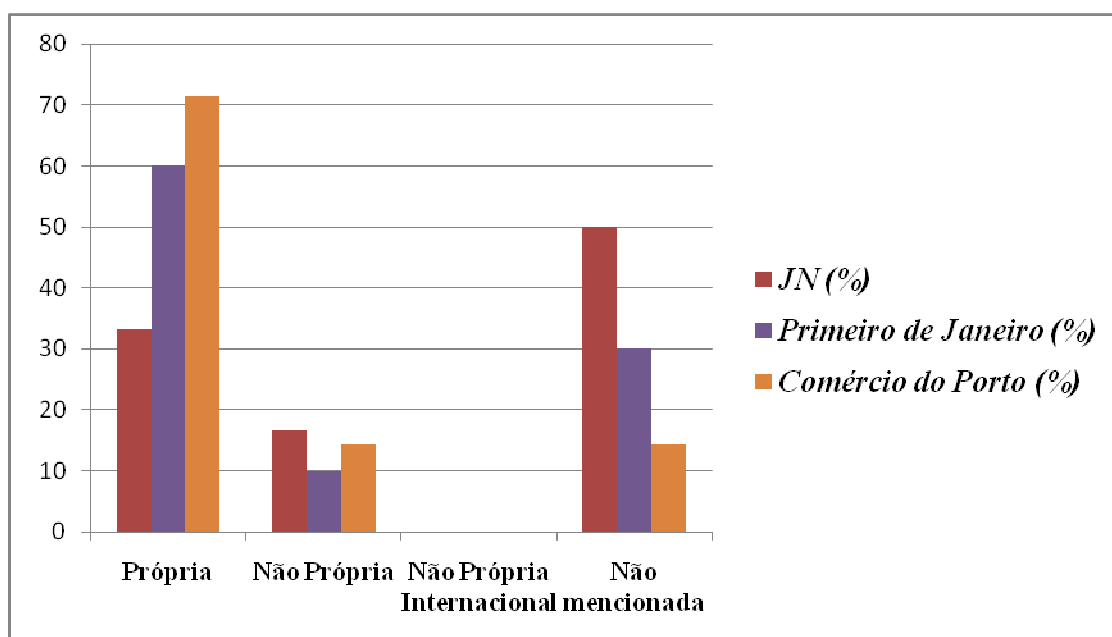


Gráficos 7.2 – Origem das fotografias presentes nas reportagens – década de 80.

Nesta década de 80 os três jornais continuam a dar prioridade a fotos de produção própria, com destaque para *O Comércio do Porto* cuja totalidade incide em fotografias de produção própria. Destaque ainda para o *Jornal de Notícias* que dá indícios da utilização de fotografias de produção independente (freelancer, colaboradores ou agências noticiosas). Apesar de o fotojornalismo existir muito antes da década de 80, a verdade é que ele começa a ganhar força nesta década, devido ao caminho de censura que castrou o fotojornalismo em Portugal. Os anos 80 começam a sugerir criatividade e arte na imagem.

Tabela 7.3 - Origem das fotografias presentes nas reportagens – década de 90.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro de Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)
Própria	2	33,3	6	60	5	71,4
Não Própria	1	16,7	1	10	1	14,3
Não Própria Internacional	0	0	0	0	0	0
Não mencionada	3	50	3	30	1	14,3



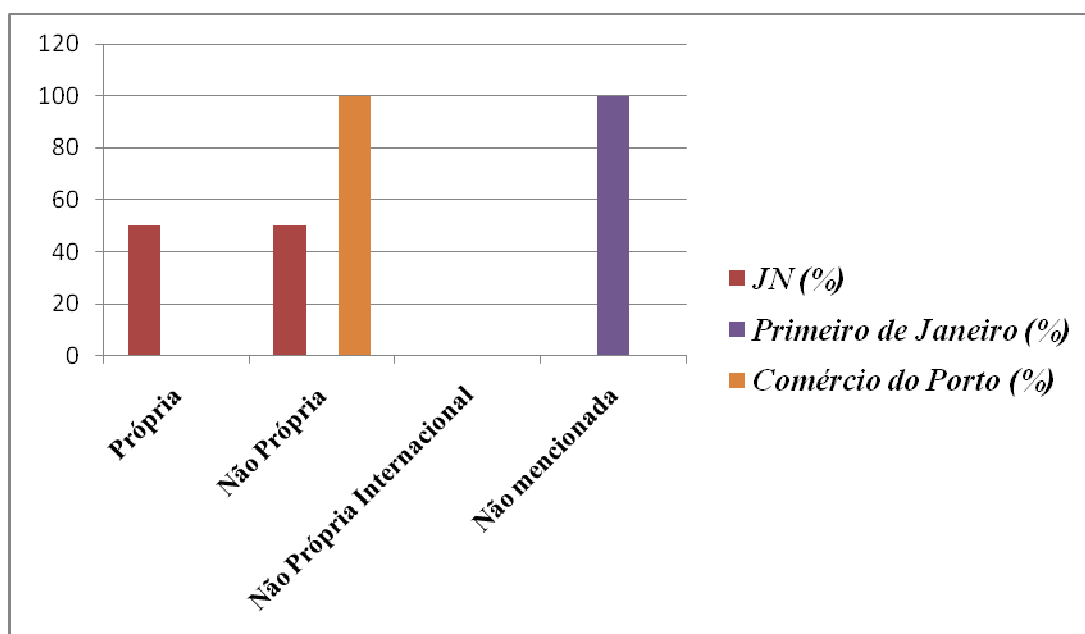
Gráficos 7.3 – Origem das fotografias presentes nas reportagens – década de 90.

De salientar que na década de 90 já os três jornais começam a solicitar trabalhos fotográficos de produção não própria, ou seja, de agências, de fotojornalistas freelancer ou colaboradores. Algo que poderá ser explicado pelo aparecimento de novas tecnologias acessíveis a toda a população, mais nos finais da década de 90, como a fotografia digital e os telemóveis com capacidade para fotografar, permitindo a qualquer cidadão registar imagens de um acontecimento, cedendo-as assim às redações dos jornais. A produção própria, no entanto, continua bem presente, à excepção do *Jornal de Notícias* que dá maioria a fotografias cuja produção não é mencionada.

Tabela 7.4 - Origem das fotografias presentes nas reportagens – 2000/2004.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro de Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)
Própria	1	50	0	0	0	0
Não Própria	1	50	0	0	1	100
Não Própria Internacional	0	0	0	0	0	0
Não mencionada	0	0	1	100	0	0

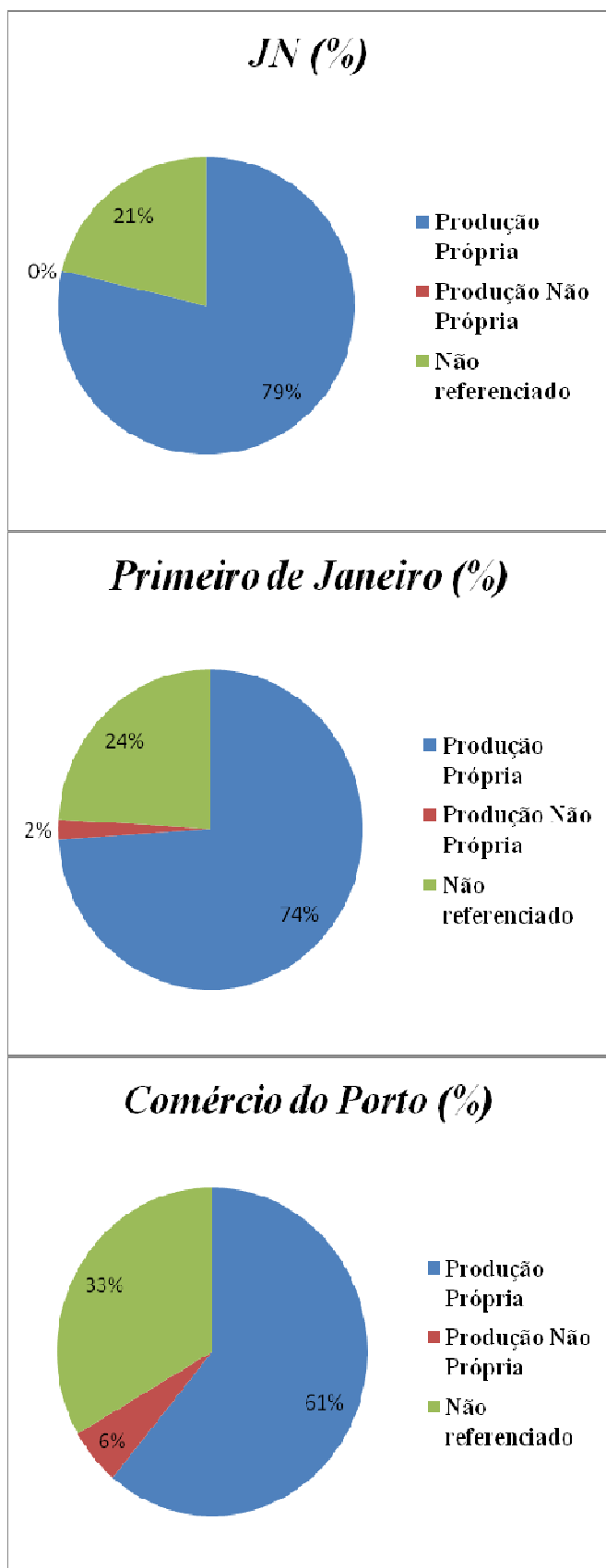
Entre 2000/2004 o *Jornal de Notícias* divide a produção das fotografias das suas reportagens entre produção própria e não própria, com igual proporção. Já *O Primeiro de Janeiro* não menciona a origem das suas fotos e *O Comércio do Porto* dá total destaque a fotografias de produção não própria. Uma tendência que surge nos finais da década de 90 e que aumenta nos inícios do século XXI, pois os telemóveis com câmaras fotográficas permitem a qualquer cidadão ser fotojornalista, registando os momentos de um qualquer acontecimento.



Gráficos 7.4 – Origem das fotografias presentes nas reportagens – 2000/2004.

Tabela 8 – Origem dos textos das reportagens – total dos 30 anos.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro de Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)
Produção Própria	26	78,8	37	74	22	61,1
Produção Não Própria	0	0	1	2	2	5,6
Não referenciado	7	21,2	12	24	12	33,3



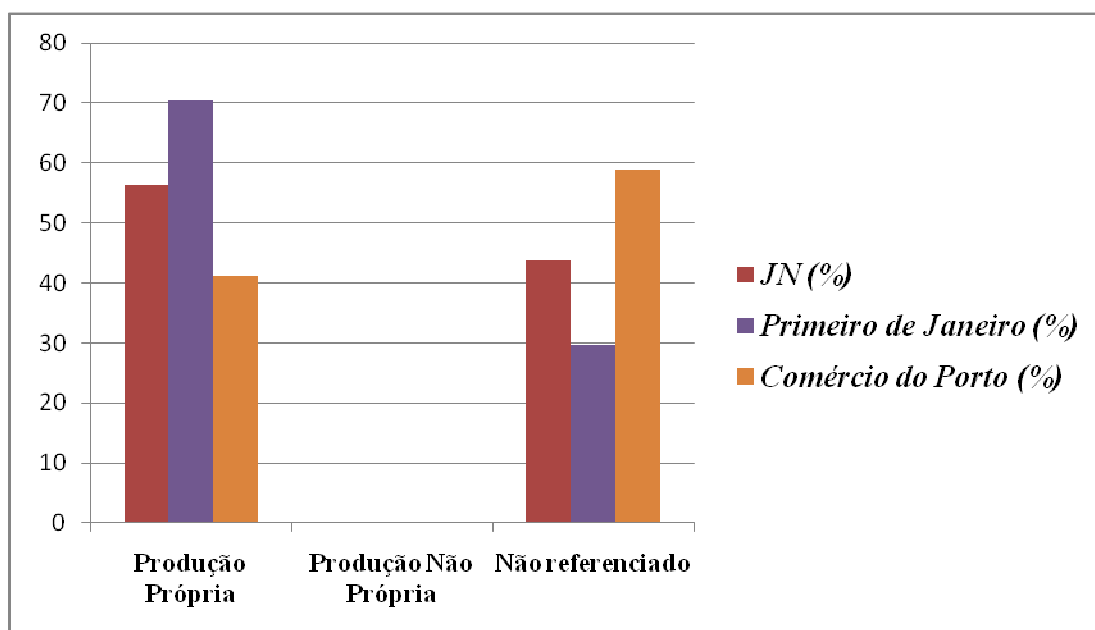
Gráficos 8 – Origem dos textos das reportagens.

Quanto à produção dos textos, o *Jornal de Notícias* dá prioridade a peças de reportagem de profissionais da sua redacção, com 79% de produção própria. As restantes peças surgem como não referenciadas.

O mesmo acontece com a origem dos textos do *Primeiro de Janeiro* e do *Comércio do Porto* que, em larga escala, a produção dos textos é própria, o segundo lugar é destinado à produção não referenciada e, uma ínfima parte é destinada a produção não própria (agências noticiosas ou produção independente), com mais destaque do *Comércio do Porto*.

Tabela 8.1 – Origem dos textos das reportagens – década de 70.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro de Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)
Produção Própria	9	56,3	19	70,4	7	41,2
Produção Não Própria	0	0	0	0	0	0
Não referenciado	7	43,7	8	29,6	10	58,8

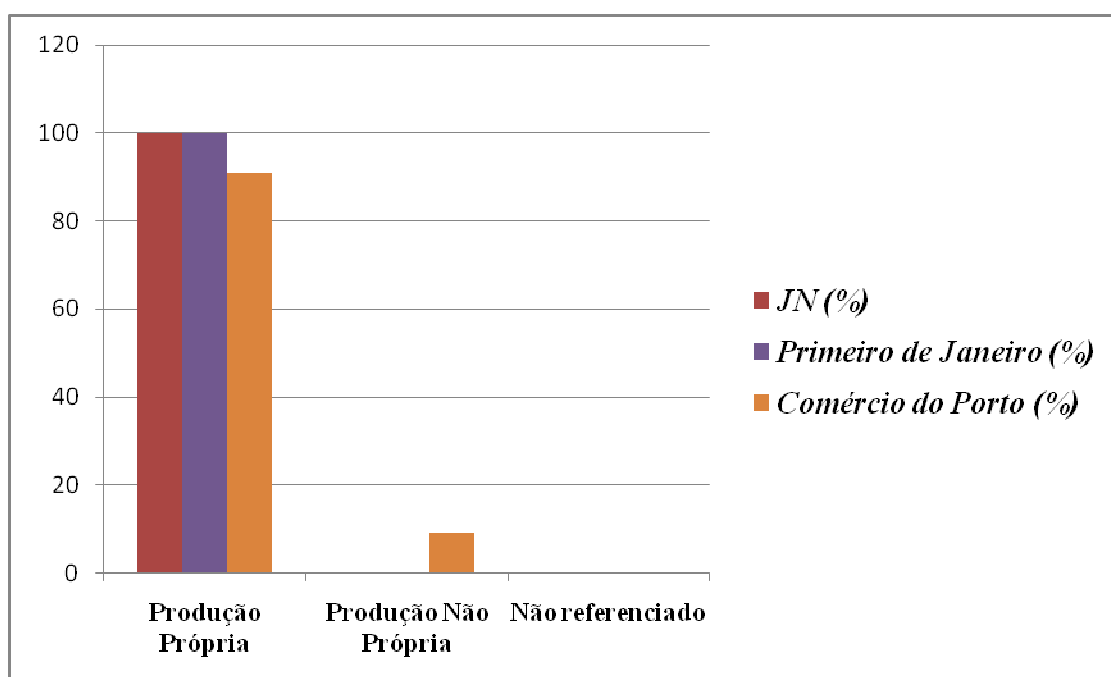


Gráficos 8.1 – Origem dos textos das reportagens – década de 70.

Os três jornais, na década de 70, dividem os seus textos entre a opção de não referenciar a sua origem e a produção própria. *O Comércio do Porto* é o jornal que mais opta por não referenciar a origem dos seus textos. *O Primeiro de Janeiro* e o *Jornal de Notícias* referem com mais frequência, nesta década, a origem dos seus textos, que neste caso é de produção própria. Na década de 70 parece existir receio por parte dos jornais em publicar reportagens de produção não própria, talvez porque as agências noticiosas nesta altura passariam por dificuldades e ajustamentos devido à revolução de 25 de Abril.

Tabela 8.2 – Origem dos textos das reportagens – década de 80.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro de Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)
Produção Própria	9	100	12	100	10	90,9
Produção Não Própria	0	0	0	0	1	9,1
Não referenciado	0	0	0	0	0	0

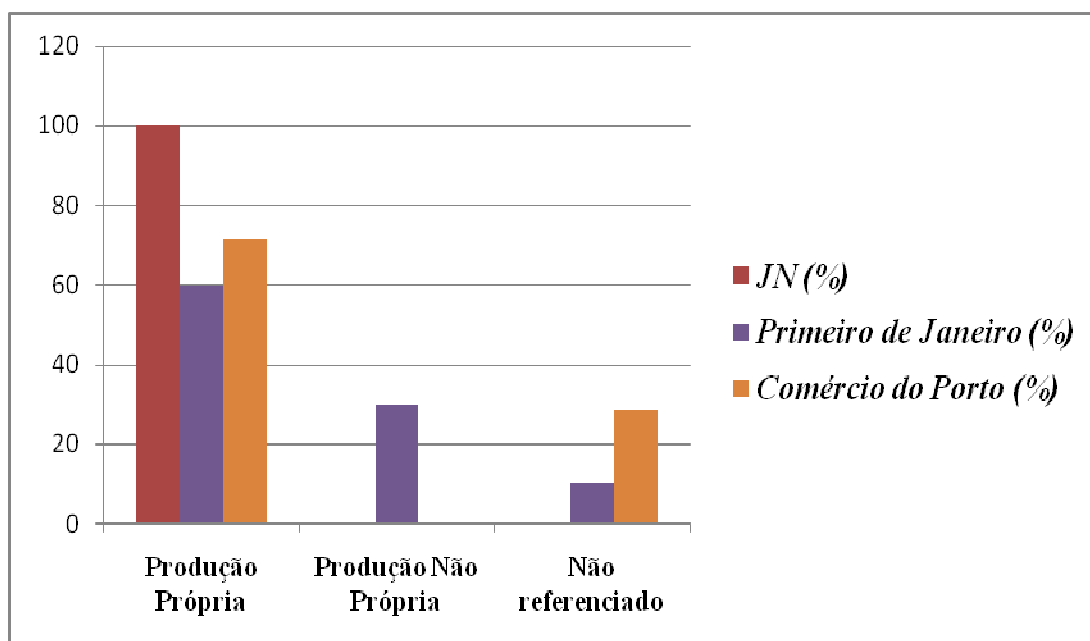


Gráficos 8.2 – Origem dos textos das reportagens – década de 80.

Na década de 80 os três jornais optam por referenciar os seus textos, na sua maioria de produção própria, no caso dos jornais *O Primeiro de Janeiro* e *Jornal de Notícias*, na sua totalidade, e *O Comércio do Porto* cede algum espaço a textos de produção não própria (colaboradores, jornalistas freelancer ou agências noticiosas). Na década de 80, num contexto de crise e atraso resultante de anos de ditadura, os jornais preferem dar uso a peças de reportagem de produção própria, uma vez que a reportagem é um género jornalístico com custos, acaba por existir um aproveitamento de recursos humanos para o desenvolvimento desse trabalho por si só caro.

Tabela 8.3 – Origem dos textos das reportagens – década de 90.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro de Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)
Produção Própria	6	100	6	60	5	71,4
Produção Não Própria	0	0	3	30	0	0
Não referenciado	0	0	1	10	2	28,6

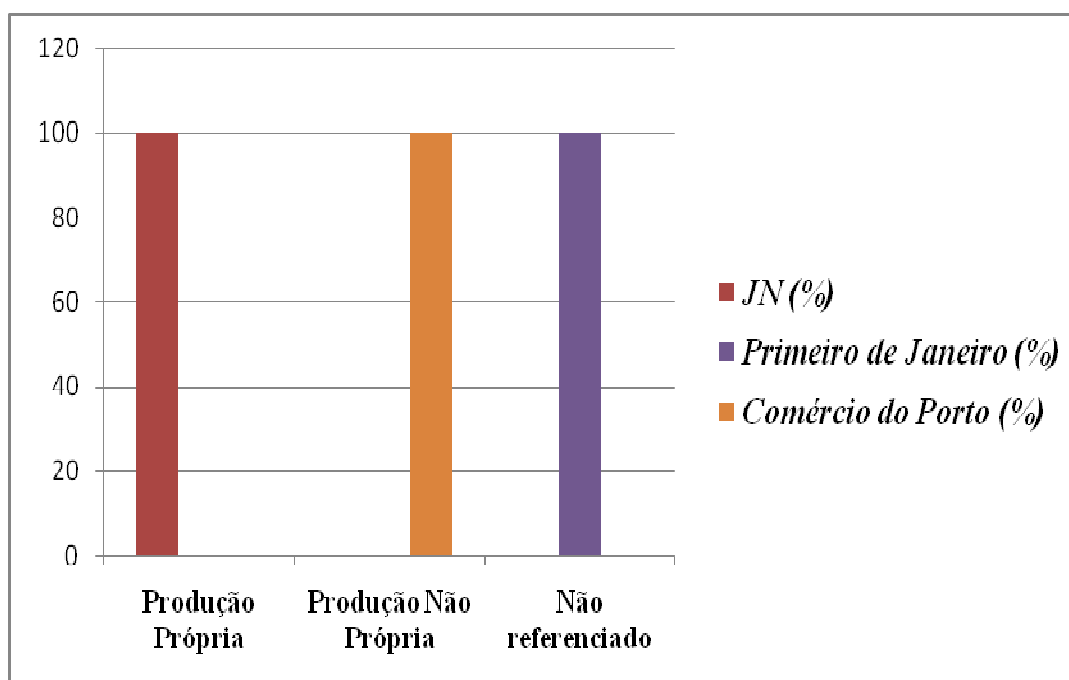


Gráficos 8.3 – Origem dos textos das reportagens – década de 90.

Na década de 90 o *Jornal de Notícias* continua a dar total preferência a textos de produção própria. Já *O Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto* distribuem a produção de textos entre a produção própria e o não referenciado, no entanto, também estes dois jornais dão primazia a textos de produção própria. *O Primeiro de Janeiro* é o jornal que menos faz uso de textos de produção própria. Na década de 90 começam os problemas financeiros deste jornal que culmina com o despedimento, no início da década seguinte, de grande parte dos seus jornalistas. Este facto poderá estar relacionado com a opção do *Primeiro de Janeiro* em utilizar textos de produção não própria.

Tabela 8.4 – Origem dos textos das reportagens – 2000/2004.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro de Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)
Produção Própria	2	100	0	0	0	0
Produção Não Própria	0	0	0	0	1	100
Não referenciado	0	0	1	100	0	0



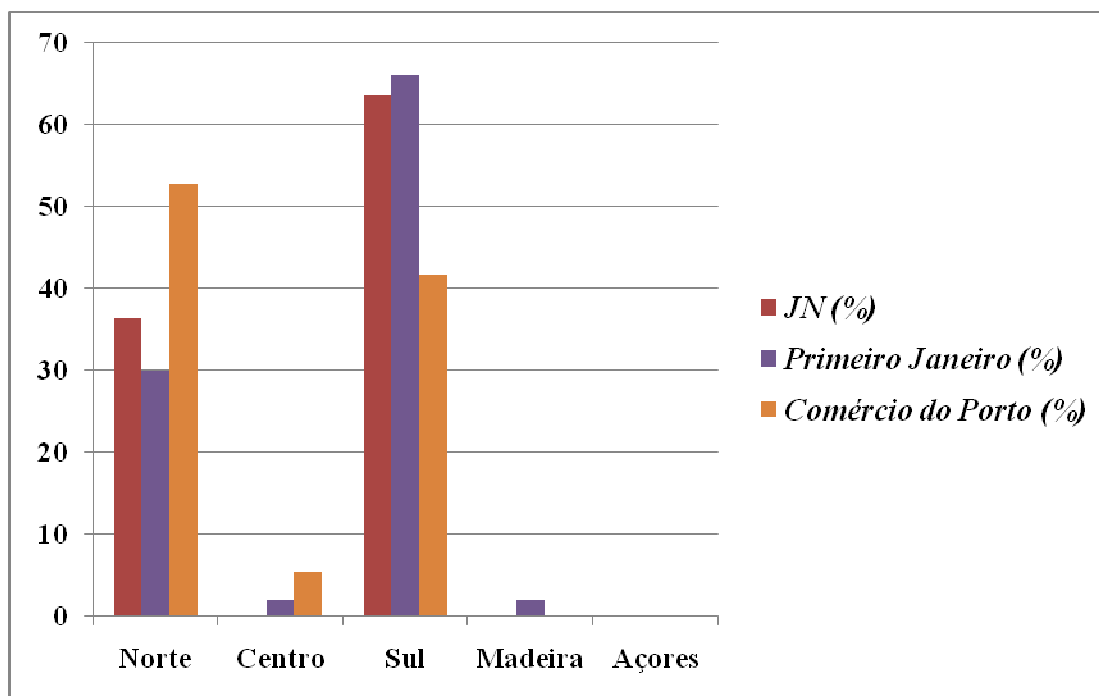
Gráficos 8.4 – Origem dos textos das reportagens – 2000/2004.

A partir de 2000 e até 2004 os três jornais diferem quanto à origem dos textos. O *Jornal de Notícias* continua a preferir textos de produção própria, O *Comércio do Porto* de produção não própria e O *Primeiro de Janeiro* opta por não referenciar a origem dos seus textos. No início do século XXI os jornais O *Comércio do Porto* e O *Primeiro de Janeiro* passam por algumas dificuldades, com o primeiro a acabar por encerrar a actividade e o segundo a despedir muitos dos seus jornalistas, portanto, os resultados quanto a textos das reportagens em estudo de produção não própria e não referenciado poderão estar relacionados com a má fase dos dois jornais.

A tabela e gráfico 9 fazem referência às áreas geográficas mais referenciadas ou alvo de reportagem dos três jornais em estudo. Desta forma, poderá ser analisado se os três jornais (com sede no Porto) dão mais relevância a acontecimentos locais (norte do país ou distrito do Porto).

Tabela 9 – Foco geográfico das reportagens – total dos 30 anos.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)
Norte	12	36,4	15	30	19	52,8
Centro	0	0	1	2	2	5,5
Sul	21	63,6	33	66	15	41,7
Madeira	0	0	1	2	0	0
Açores	0	0	0	0	0	0



Gráficos 9 – Foco Geográfico das reportagens.

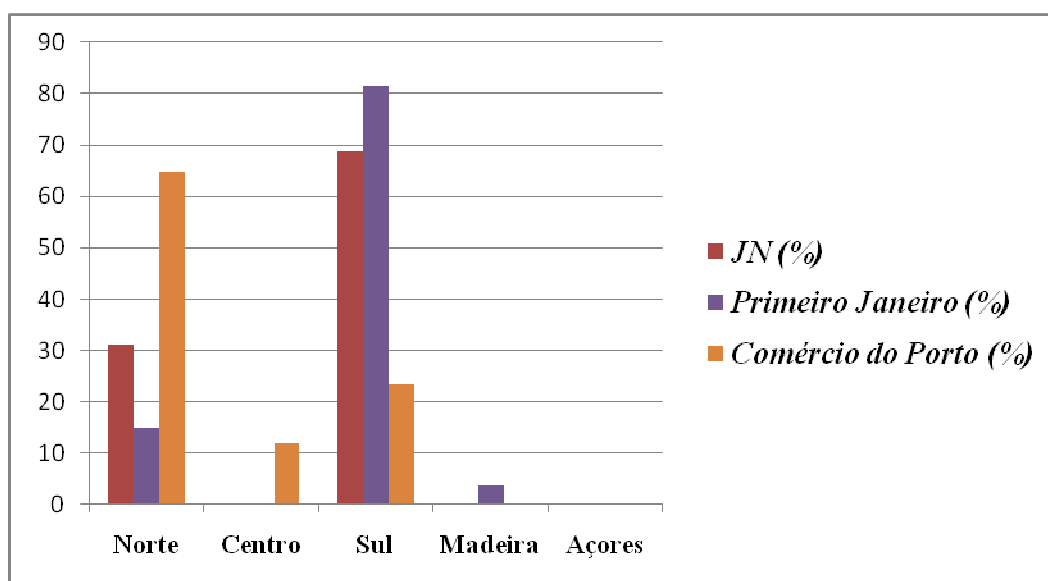
Como é possível verificar tanto na tabela 8 como no respectivo gráfico as reportagens dos jornais *Jornal de Notícias* e *O Primeiro de Janeiro* dão mais destaque aos acontecimentos ocorridos no Sul do país, apesar de serem dois jornais com sede no Porto. *O Comércio do Porto* é o jornal com mais volume de reportagens cujo foco geográfico é o Norte do país e também com alguma incidência, ainda que pequena, no Centro em conjunto com *O Primeiro de Janeiro*, este que é também o único com reportagens cujos acontecimentos ocorreram ou dizem respeito ao Arquipélago da Madeira. O tema em estudo – política – poderá influenciar este resultado, uma vez que grande parte dos acontecimentos políticos, pelo menos de panorama nacional, ocorre em Lisboa.

Tabela 9.1 – Foco geográfico das reportagens – década de 70.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)
Norte	5	31,2	4	14,8	11	64,7
Centro	0	0	0	0	2	11,8
Sul	11	68,8	22	81,5	4	23,5
Madeira	0	0	1	3,7	0	0
Açores	0	0	0	0	0	0

Na década de 70 os jornais *O Primeiro de Janeiro* e *Jornal de Notícias* centram as suas reportagens com o tema político-social no Sul do país, enquanto *O Comércio do Porto* se volta mais para o Norte do país. *O Primeiro de Janeiro* dá, ainda, espaço ao arquipélago da Madeira e *O Comércio do Porto* ao Centro do país. A ter em conta que o tema política pode influenciar a tendência para o Centro e Sul, uma vez que o cenário político nacional se centra nessa zona do país. Além disso, na década de 70 existia ainda um certo afastamento e desnível em termos de acontecimentos e eventos políticos face ao Norte do país.

Ver gráfico na página seguinte.



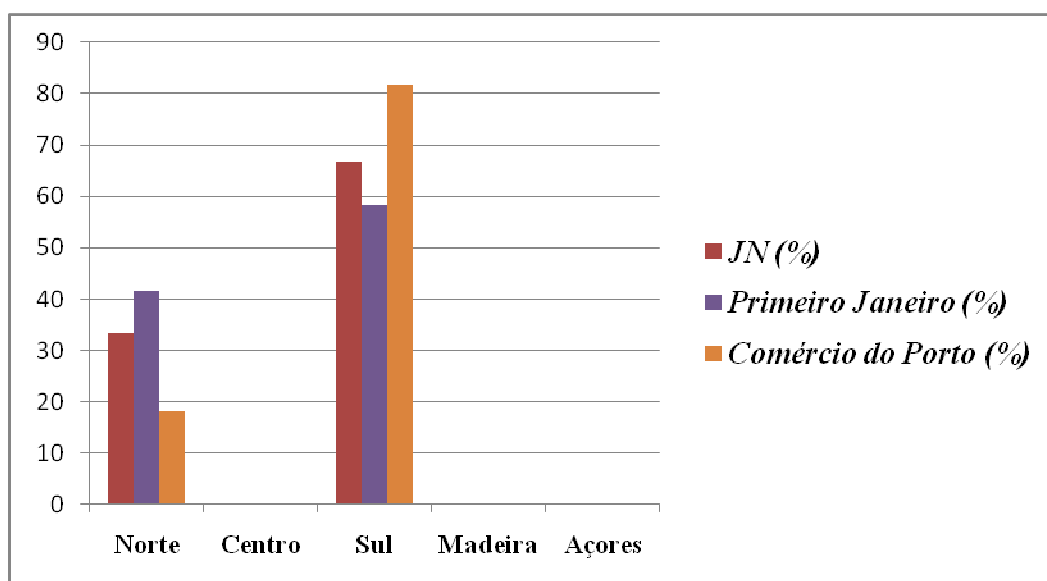
Gráficos 9.1 – Foco Geográfico das reportagens – década de 70.

Tabela 9.2 – Foco geográfico das reportagens – década de 80.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)
Norte	3	33,3	5	41,7	2	18,2
Centro	0	0	0	0	0	0
Sul	6	66,7	7	58,3	9	81,8
Madeira	0	0	0	0	0	0
Açores	0	0	0	0	0	0

Na década de 80 os três jornais são unânimes quanto ao foco geográfico das reportagens. Os três têm maioria em reportagens com foco no Sul do país, sendo que a maior incidência é do jornal *O Comércio do Porto* que, na década de 70, dava prevalência ao Norte do país. Já *O Primeiro de Janeiro*, apesar de dar preferência ao Sul, tem mais percentagem de peças sobre o Norte do país do que os restantes jornais.

Ver gráfico na página seguinte.



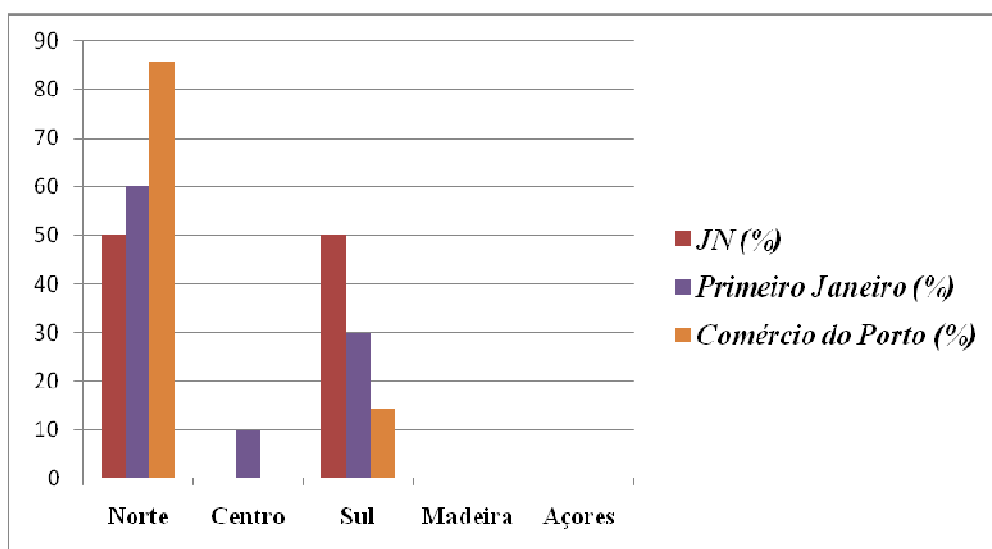
Gráficos 9.2 – Foco Geográfico das reportagens – década de 80.

Tabela 9.3 – Foco geográfico das reportagens – década de 90.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)
Norte	3	50	6	60	6	85,7
Centro	0	0	1	10	0	0
Sul	3	50	3	30	1	14,3
Madeira	0	0	0	0	0	0
Açores	0	0	0	0	0	0

Na década de 90 os três jornais dão maior relevo ao Norte do país nas suas reportagens sobre político-social, com a exceção do *Jornal de Notícias* que divide por igual a sua percentagem com o Sul. Também *O Primeiro de Janeiro* cede uma pequena percentagem ao Sul do país. *O Comércio do Porto* é unânime em dar a maioria ao Norte. Também de destacar que as campanhas políticas e outros eventos políticos começam, na década de 90, a descentralizar-se e a subir para o Norte do país, daí a maior ocorrência de reportagens com foco geográfico no Norte.

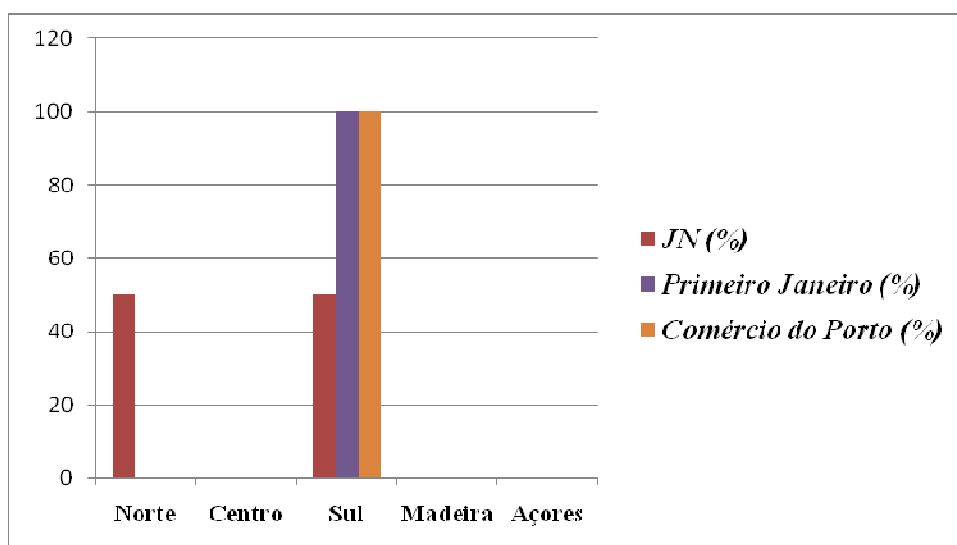
Ver gráfico na página seguinte.



Gráficos 9.3 – Foco Geográfico das reportagens – década de 90.

Tabela 9.4 – Foco geográfico das reportagens – 2000/2004.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)
Norte	1	50	0	0	0	0
Centro	0	0	0	0	0	0
Sul	1	50	1	100	1	100
Madeira	0	0	0	0	0	0
Açores	0	0	0	0	0	0



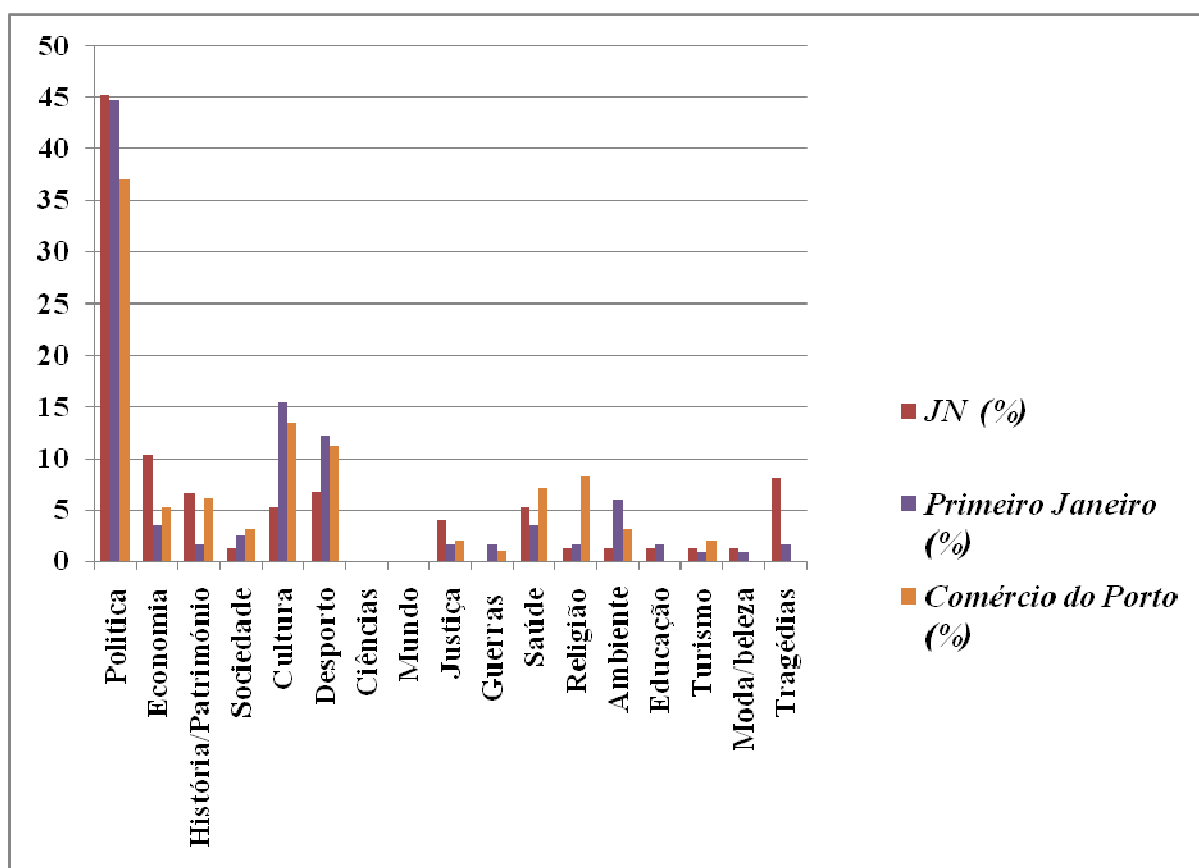
Gráficos 9.4 – Foco Geográfico das reportagens – 2000/2004.

A partir de 2000 e até 2004 é possível verificar que o Sul torna-se o foco dos jornais *O Comércio do Porto* e *O Primeiro de Janeiro*, enquanto o *Jornal de Notícias* divide as atenções entre Norte e Sul. Apesar de, uma vez mais, esta ser uma amostra limitada, uma vez que nos dois anos de 2000 estudados foram registadas poucas reportagens sobre política nos três jornais.

A tabela e gráfico 10 mostram os temas mais abordados pelos jornais em estudo, ou seja, além das reportagens sobre política estudadas, que outras reportagens sobre outros temas foram encontradas.

Tabela 10 – Os temas abordados pelos três jornais nas suas reportagens – total dos 30 anos.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)
Política	34	45,3	52	44,8	36	37,1
Economia	8	10,3	4	3,5	5	5,2
História/Património	5	6,7	2	1,7	6	6,2
Sociedade	1	1,3	3	2,6	3	3,1
Cultura	4	5,3	18	15,5	13	13,4
Desporto	5	6,8	14	12,1	11	11,3
Ciências	0	0	0	0	0	0
Mundo	0	0	0	0	0	0
Justiça	3	4	2	1,7	2	2,1
Guerras	0	0	2	1,7	1	1
Saúde	4	5,3	4	3,5	7	7,2
Religião	1	1,3	2	1,7	8	8,2
Ambiente	1	1,3	7	6	3	3,1
Educação	1	1,3	2	1,7	0	0
Turismo	1	1,3	1	0,9	2	2,1
Moda/beleza	1	1,3	1	0,9	0	0
Tragédias	6	8	2	1,7	0	0



Gráficos 10 – Os temas abordados pelos três jornais nas suas reportagens.

Os temas mais abordados pelos jornais *Jornal de Notícias*, *O Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto*, como pode ser verificado na tabela e no respectivo gráfico, são a Política como tema mais abordado, seguido de Economia no caso do *Jornal de Notícias*, de Cultura e Desporto no caso do *O Primeiro de Janeiro* e do *O Comércio do Porto*. Quanto aos temas Ciências e Mundo estes não foram abordados nos jornais alvo de estudo. *O Comércio do Porto* dá ainda um destaque diferente dos restantes dois jornais ao tema Religião, com uma diferença considerável. Em contrapartida, o *Jornal de Notícias*, aborda o tema Tragédias com uma divergência notável relativamente aos restantes jornais em estudo. O tema Saúde tem direito a um espaço com destaque nos três jornais, bem como o Tema História/Património nos jornais *Jornal de Notícias* e *O Comércio do Porto*.

Tabela 10.1 – Os temas abordados nas reportagens – década de 70.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)
Política	17	70,8	27	84,4	17	85
Economia	2	8,3	0	0	0	0
História/Património	0	0	0	0	0	0
Sociedade	1	4,2	0	0	0	0
Cultura	0	0	1	3,1	1	5
Desporto	1	4,2	2	6,3	0	0
Ciências	0	0	0	0	0	0
Mundo	0	0	0	0	0	0
Justiça	0	0	0	0	0	0
Guerras	0	0	0	0	0	0
Saúde	0	0	0	0	2	10
Religião	0	0	1	3,1	0	0
Ambiente	0	0	1	3,1	0	0
Educação	0	0	0	0	0	0
Turismo	0	0	0	0	0	0
Moda/beleza	0	0	0	0	0	0
Tragédias	3	12,5	0	0	0	0

Como é possível verificar na tabela e no respectivo gráfico na página seguinte, na década de 70 os três jornais dão maior visibilidade a reportagens sobre o tema política. O *Jornal de Notícias* divide ainda a sua percentagem entre economia e tragédias, enquanto *O Comércio do Porto* divide-se entre saúde e cultura, com mais evidência o tema saúde. *O Primeiro de Janeiro* revela também uma atracção pelo tema desporto. De facto, nesta década, tendo em conta o contexto político, este era um dos temas mais desejados, tanto pelos jornais como pelos leitores, que durante tanto tempo estiveram obrigados a escrever e a ler apenas o permitido.

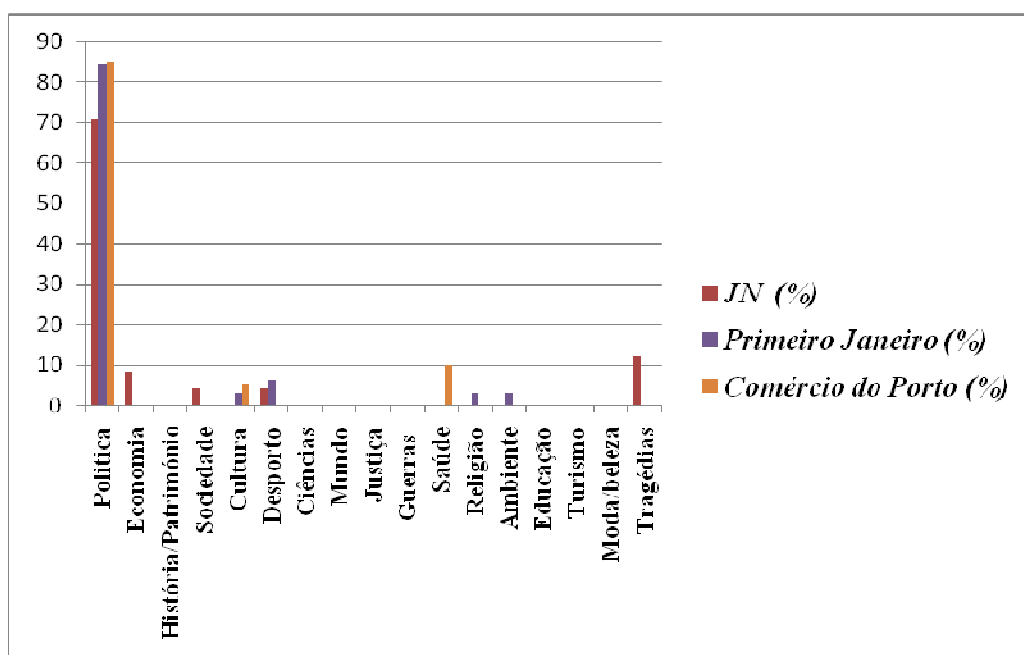


Gráfico 10.1 – Os temas abordados nas reportagens – década de 70.

Tabela 10.2 – Os temas abordados nas reportagens – década de 80.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)
Política	9	37,5	12	27,3	11	36,7
Economia	3	12,5	3	6,8	3	10
História/Património	0	0	1	2,3	0	0
Sociedade	0	0	1	2,3	2	6,7
Cultura	1	4,2	10	22,7	3	10
Desporto	4	16,6	7	15,9	5	16,7
Ciências	0	0	0	0	0	0
Mundo	0	0	0	0	0	0
Justiça	2	8,3	2	4,5	0	0
Guerras	0	0	0	0	1	3,3
Saúde	2	8,3	2	4,5	2	6,7
Religião	0	0	1	2,3	1	3,3
Ambiente	0	0	2	4,5	1	3,3
Educação	1	4,2	1	2,3	0	0
Turismo	0	0	1	2,3	1	3,3
Moda/beleza	1	4,2	0	0	0	0
Tragédias	1	4,2	1	2,3	0	0

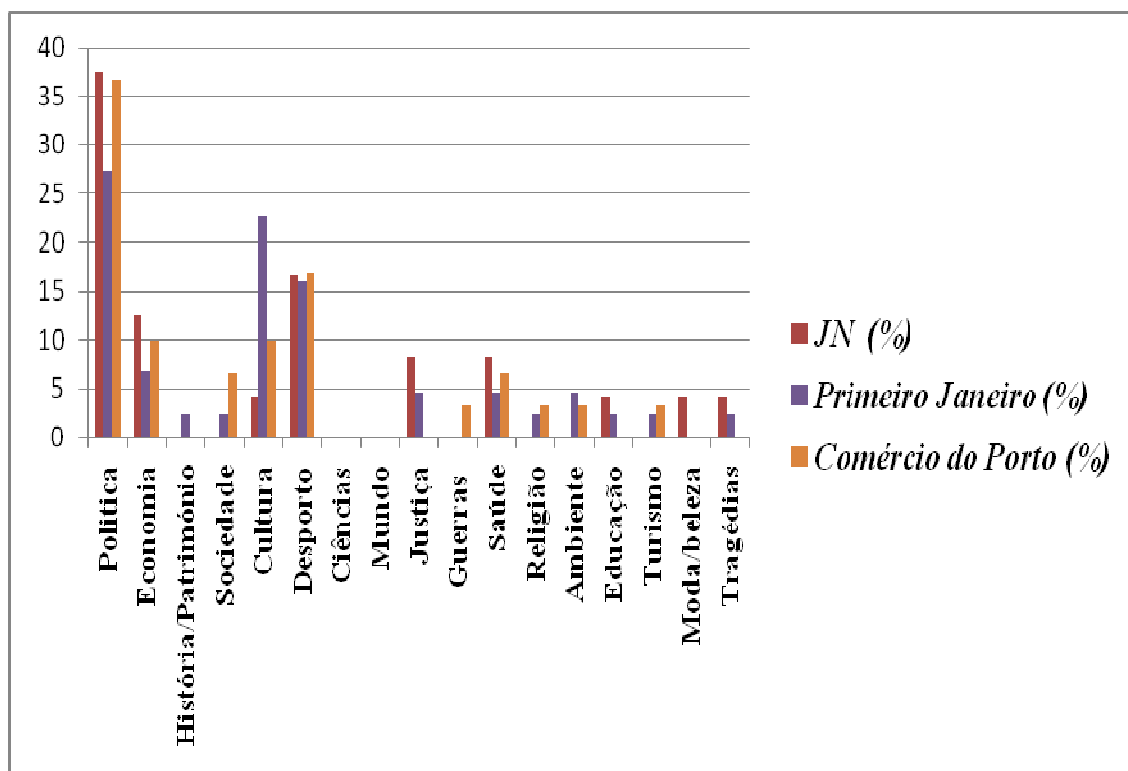


Gráfico 10.2 – Os temas abordados nas reportagens – década de 80.

Na década de 80 começa a surgir a variedade de temas, e os jornais, apesar de cederem ainda muito das suas peças ao tema política, já abordam outros temas como religião, saúde, ambiente, turismo, cultura, economia e desporto, o tema tão almejado pelo *Primeiro de Janeiro* na década de 70 e que é seguido pelo *Comércio do Porto* e *Jornal de Notícias* nesta década. De destacar a distinção que *O Primeiro de Janeiro* faz pelo tema cultura, dedicando um grande número de peças. O *Jornal de Notícias*, a seguir à política, reparte ainda a sua percentagem pelo tema economia. Esta diversidade surge com os interesses dos leitores que começam a sair de um país fechado, e que inicia um caminho no sentido da alfabetização e, portanto, torna-se num leitor mais curioso.

Tabela 10.3 – Os temas abordados nas reportagens – década de 90.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)
Política	6	27,3	12	34,3	7	16,3
Economia	3	13,6	1	2,8	1	2,3
História/Património	0	0	1	2,8	5	11,6
Sociedade	0	0	2	5,7	1	2,3
Cultura	2	9,1	7	20	9	20,9
Desporto	0	0	5	14,3	6	14
Ciências	0	0	0	0	0	0
Mundo	0	0	0	0	0	0
Justiça	0	0	0	0	1	2,3
Guerras	0	0	2	5,7	0	0
Saúde	1	4,6	1	2,8	3	7
Religião	1	4,6	0	0	7	16,3
Ambiente	1	4,6	1	2,8	2	4,7
Educação	0	0	1	2,8	0	0
Turismo	1	4,6	0	0	1	2,3
Moda/beleza	0	0	1	2,8	0	0
Tragédias	2	9,1	1	2,8	0	0

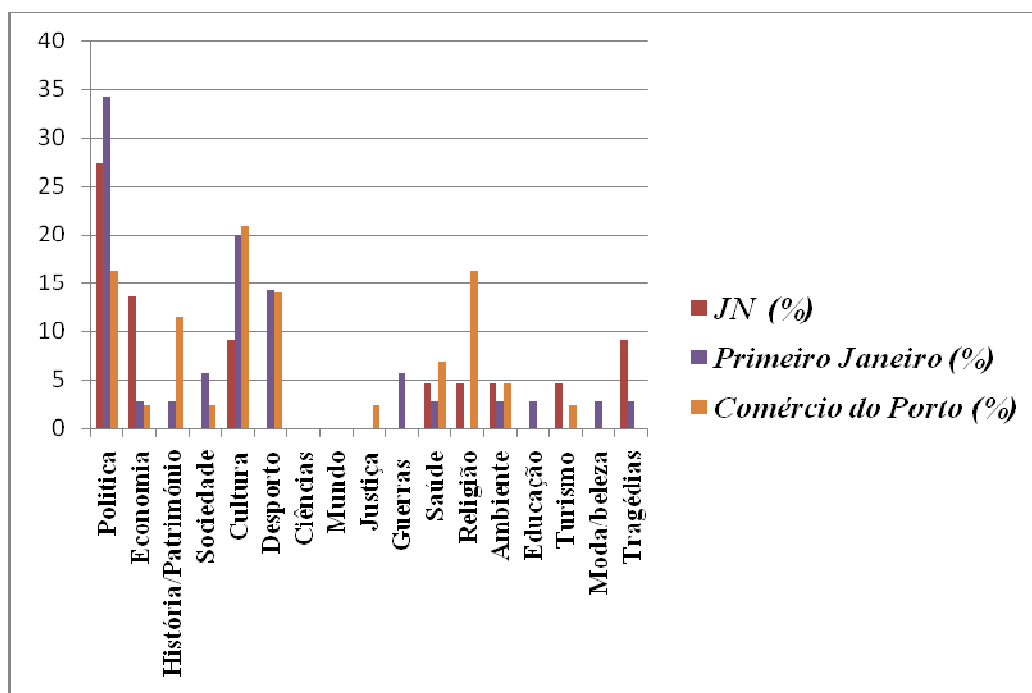


Gráfico 10.3 – Os temas abordados nas reportagens – década de 90.

Política continua a ser, na década de 90, o tema mais abordado pelos jornais *O Primeiro de Janeiro* e *Jornal de Notícias*, no entanto, *O Comércio do Porto* dá maior destaque ao tema cultura e reparte a percentagem pelos temas política e religião. De resto os três jornais repartem de forma mais ou menos coerente as suas peças de reportagem pelos vários temas. A variedade que começa a surgir na década de 80 intensifica-se na década de 90, já que o público-alvo começa também ele a ser mais exigente, e a olhar para outras vertentes do país que não só a política

Tabela 10.4 – Os temas abordados nas reportagens – 2000/2004.

	<i>JN</i>		<i>Primeiro Janeiro</i>		<i>Comércio do Porto</i>	
	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)	Nº de Peças	(%)
Política	2	40	1	20	1	25
Economia	0	0	0	0	1	25
História/Património	0	0	0	0	1	25
Sociedade	0	0	0	0	0	0
Cultura	1	20	0	0	0	0
Desporto	0	0	0	0	0	0
Ciências	0	0	0	0	0	0
Mundo	0	0	0	0	0	0
Justiça	1	20	0	0	1	25
Guerras	0	0	0	0	0	0
Saúde	1	20	1	20	0	0
Religião	0	0	0	0	0	0
Ambiente	0	0	3	60	0	0
Educação	0	0	0	0	0	0
Turismo	0	0	0	0	0	0
Moda/beleza	0	0	0	0	0	0
Tragédias	0	0	0	0	0	0

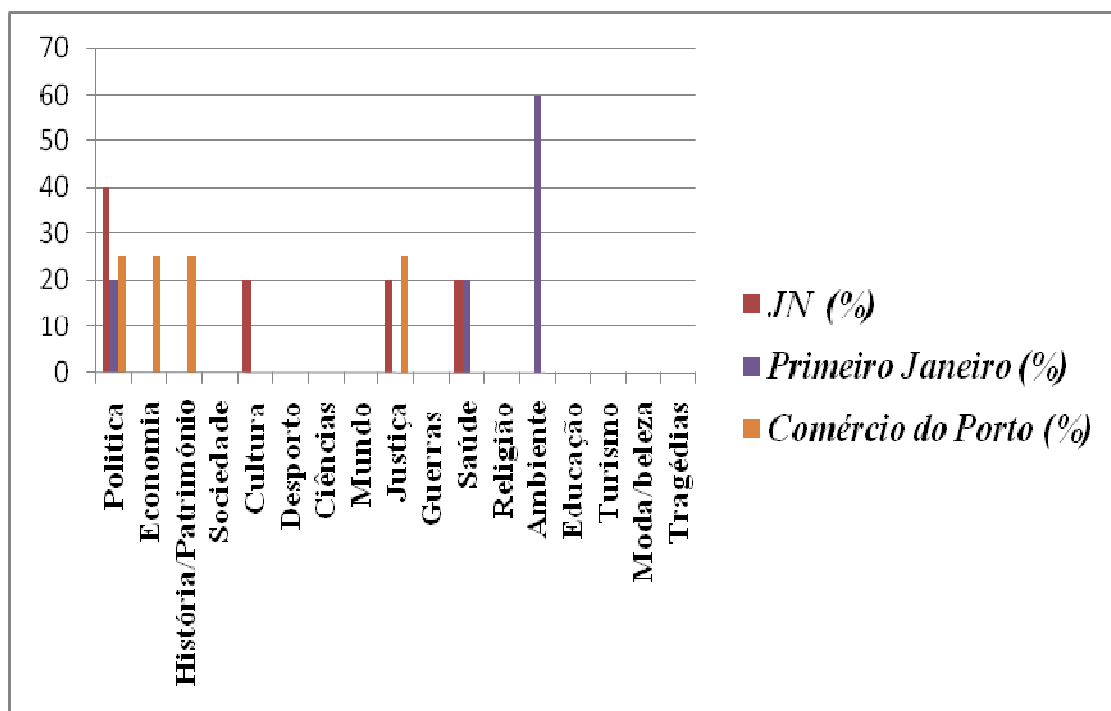


Gráfico 10.4 – Os temas abordados nas reportagens – 2000/2004.

O Jornal de Notícias continua a dar superioridade ao tema política no início do século XXI, repartindo depois o resto da sua atenção pelos temas saúde, cultura e justiça. Ambiente é o tema com mais destaque para *O Primeiro de Janeiro* que partilha depois o resto da sua percentagem pelos temas política e saúde. *O Comércio do Porto* é coeso na distribuição das suas peças pelos temas política, economia, história/património e justiça. De destacar que o tema ambiente, embora tímido, começa a surgir com maior intensidade na década de 90 e a partir de 2000, já que é nesta altura que surgem também as grandes propagandas que lançam a preocupação, e formam uma maior consciencialização com o ambiente.

2.3- Resultados e discussão da análise qualitativa do discurso do Jornal de Notícias, O Primeiro de Janeiro e O Comércio do Porto.

A abordagem qualitativa do discurso é definida como um processo de investigação, neste caso de conteúdos, que pretende analisar sobretudo as formas de comunicação verbal escrita, do texto literário. Aqui, em particular, a análise qualitativa do discurso surge como um estudo de conveniência com o objectivo de analisar o título, lead e corpo das reportagens e o tipo de narrativa praticada (literária ou informativa) dos três jornais alvo de estudo e também das imagens que acompanham as reportagens.

Os objectivos deste estudo qualitativo são os seguintes:

- Identificar o estilo do discurso;
- Analisar as especificidades da narrativa, se elas se orientam para uma narrativa informativa ou literária;
- Procurar detectar a existência de criatividade no estilo da narrativa, analisando títulos, leads e corpos de texto.

Esta análise qualitativa pretende observar e conhecer o estilo adoptado pelo *Jornal de Notícias*, *O Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto*. As perguntas de investigação que orientaram este estudo foram as abaixo explanadas:

- 1) Qual o estilo do discurso?
- 2) Que orientação assumem as reportagens (orientação informativa ou literária)?
- 3) Existe a presença de criatividade na escrita das reportagens?
- 4) Os três jornais procuram um estilo de escrita de sedução?

Deste modo, o estudo qualitativo focou as suas atenções para dois pontos de interesse: análise do estilo dos elementos estruturantes das reportagens (título, lead e corpo de texto) e análise da presença da literatura nas peças de reportagem.

2.3.1 – Os Títulos:

Os títulos têm como função sugerir o que aí vem no corpo da reportagem, ou seja, anunciam o texto jornalístico, devendo ser apelativos e criativos, de modo a captar a atenção do leitor. O título, sendo uma das partes essenciais numa peça de reportagem, pois é exactamente o título que chama o leitor, é uma das partes mais difíceis de construir num texto jornalístico, tendo em conta que será o responsável pelo sucesso na escolha do leitor. Anabela Gradim (200, p. 6) diz:

O título é sempre o mais delicado e o mais difícil de obter numa peça jornalística. Um bom truque consiste em deixá-lo para o fim, para depois de se ter concluído a peça, altura em que o jornalista domina perfeitamente o seu conteúdo. Por vezes isto basta. Ou então fazer uma pausa e pensar noutra coisa depois de terminado o trabalho — uma forma de não menosprezar o poder e a permanente vigília do subconsciente, que às vezes, surpreendentemente, oferece prendas inesperadas.

Neste jogo de atracção entre título e leitor, serve de exemplo a tentativa de conquista entre duas pessoas, em que a parte essencial para uma primeira abordagem é a aparência, o físico é que atrai, aquilo que está à vista e só então descobrimos o resto (o interior). Um jornalista só tem de tirar partido dessa fraqueza do ser humano – deixar-se levar pelas aparências, pois está na sua natureza, é um facto de ordem fisiológica. Os olhos são os primeiros júris, são eles que ordenam a primeira informação ao cérebro e por isso é importante que, o que observamos seja atraente, pois vai passar uma impressão ao nosso cérebro, boa ou má, independentemente do juízo de valor das nossas observações. Em trabalhos jornalísticos, como é o caso da reportagem, os títulos devem ser pequenos para serem fáceis de memorizar e de perceber e devem servir-se de palavras-chave. No entanto, apesar de tentarem captar a atenção do leitor, os títulos não deverão dar a ideia errada do que vai acontecer no resto da reportagem, ou até mesmo, não devem distanciar-se ou distorcer o sentido da verdade da história, pois o leitor vai sentir-se defraudado ao perceber que o título não é verdadeiro. Um título fraudulento acaba por descontextualizar a história que perde interesse para o leitor.

Análise dos títulos:

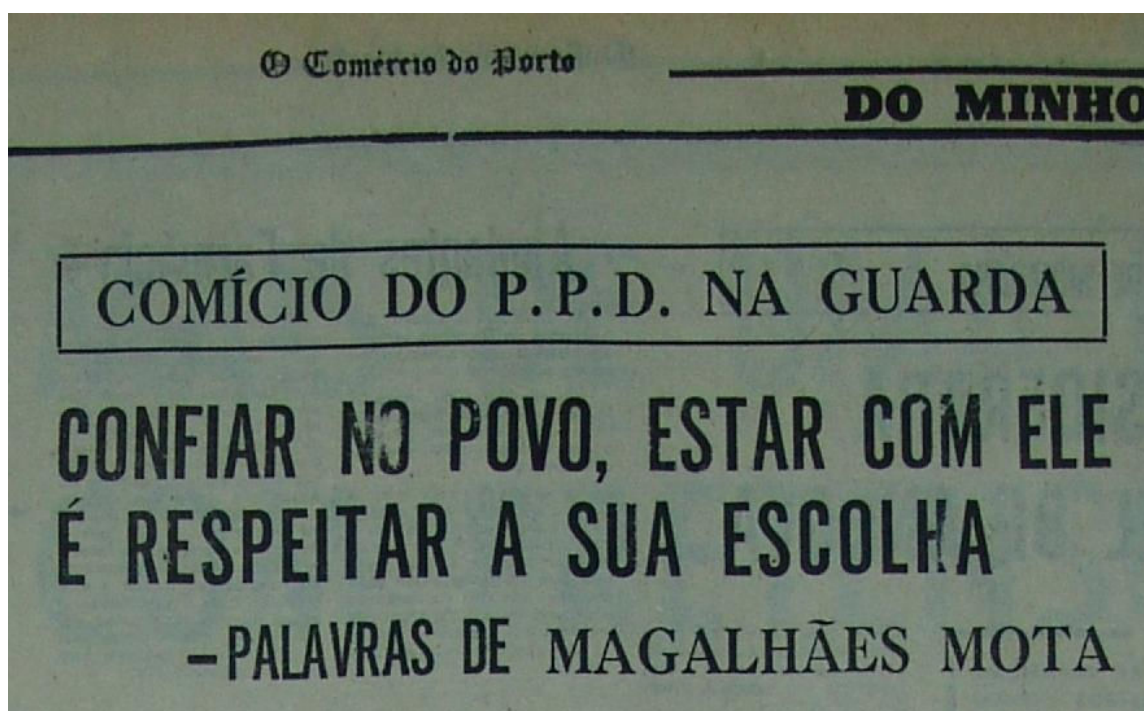
- Década de 70



O Primeiro de Janeiro - 1976. Edição nº 330, Ano 112, p. 5.

Análise:

Uso de título curto que transmite uma certa dose de exclusividade, pois sugere que esta será uma informação em primeira mão, tendo em conta que a candidatura ainda não foi anunciada, mas que o *Primeiro de Janeiro*, aos olhos do leitor, já sabe que está “praticamente decidida”. Dentro deste título existe uma quantidade de atracção, uma vez que as palavras “praticamente decidida” explora o jogo de sedução com o leitor, pois o mesmo fica com vontade de saber o que falta ainda para que fique decidido, o que está a fazer com que Ramalho Eanes ainda não se tenha decidido? São questões que o leitor fará a si mesmo e que quererá ver respondidas no corpo da reportagem. É um título funcional porque utiliza as palavras como chave para abrir e aprimorar os sentidos do leitor. Geralmente a dúvida serve como isco para resgatar a atenção do receptor tendo em conta que a curiosidade é uma das muitas características do ser humano.



O Comércio do Porto – 1975. Edição nº 186, p. 5.

Análise:

Título alargado, ainda assim, sugere, com o subtítulo, que a frase é uma citação do protagonista desta reportagem, conferindo um certo grau de credibilidade ao título. O facto de o título citar o “Povo” cria a ideia de que se dirige a ele, o que pode adquirir com maior facilidade o sucesso esperado, tendo em conta o ano em que é escrito, em que ideologicamente, tudo o que invoque o povo, merece atenção. Aliás, um ano após a revolução de Abril, tudo que indique liberdade e proximidade política com o povo parece um código para um futuro sem opressões. Este título enumera uma lista de coisas que o povo (leitores em geral) quer ouvir, numa fase que sucede o regime ditatorial até então imposto: “Confiar no povo”; “estar com ele (o povo)” e “respeitar a sua escolha”. Tendo em conta o contexto político e social da época, este título é criativo e bastante simbólico.



Jornal de Notícias – 1974. Edição nº 215, p. 3.

Análise:

Este título é de uma reportagem de Janeiro de 1974, portanto, uns meses antes da Revolução dos Cravos, e cujo teor, apesar de conter uma dose comedida de política, é mais social e que mostra o contexto de pobreza da época.

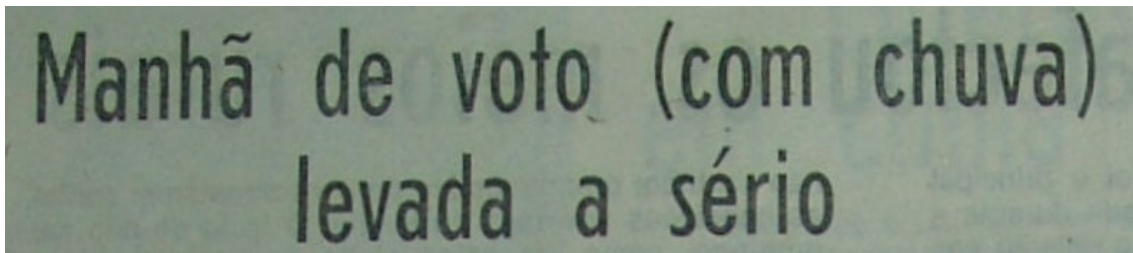
Este título está escrito em forma de enigma e que poderá ter vários significados, no entanto, tendo em conta o contexto da reportagem, que fala de um aglomerado de pessoas residentes no Barredo, uma zona da cidade do Porto, que nutre a esperança prometida de restauro das suas casas ou até mesmo de realojamento. Nesse sentido, o título é quase uma frase feita, daquelas que se ouvem ou se herdaram da avó ou da mãe, uma espécie de ditado popular e, talvez por isso, funcione. Pois os leitores identificam-se com ditados populares, hoje, talvez, cada vez menos, mas há uns anos atrás (precisamente no ano desta reportagem), possivelmente devido à taxa de analfabetismo existente, era uma forma de fazer o leitor entender a mensagem, de modo a que percebessem do que se estava a falar.

O título sugere que a esperança que este povo sente de um dia ver cumprida a promessa política de restauro ou realojamento daquelas famílias, em casas com melhores condições, não signifique que venha a acontecer. No ano e na época em que já quase estalava o regime ditatorial este título é politicamente correcto, mas não deixa de alertar, por palavras subtis.

- Década de 80



O Primeiro de Janeiro – 1980. Edição nº 330, Ano 112, p. 1 (capa).



O Primeiro de Janeiro – 1983. Edição nº 113, Ano 115, p. 10

Análise:

O primeiro é um título cuja reportagem faz capa do jornal e, nesse sentido, e como nesta década se verificou com alguma frequência, o título e o lead surgem na capa com a indicação da página onde estará o desenvolvimento (corpo da reportagem) do restante texto informativo. Pelo contexto, ou seja, a morte do primeiro-ministro português, a forma como se escolhe o título não é de decisão fácil, pois não deve desrespeitar a memória de um homem que tem proximidade (positiva ou negativa, tanto faz) com o povo. Este é um título sem rodeios, objectivo e seco. É a informação sem truques de sedução, sem malabarismos de escrita ou sem segundas intenções, respeitando assim o momento de luto do país.

O segundo título diz respeito a uma reportagem sobre o dia de votos indicando o respeito que os portugueses adquiriram por este acto e dever. O título transmite, ao mesmo tempo, uma certa ironia, com as palavras “levada a sério”, como se fosse, demasiado a sério. Ainda assim, está ainda patente neste título a característica de humor, sugerindo a possibilidade de peripécias que um cenário de chuva pode trazer.

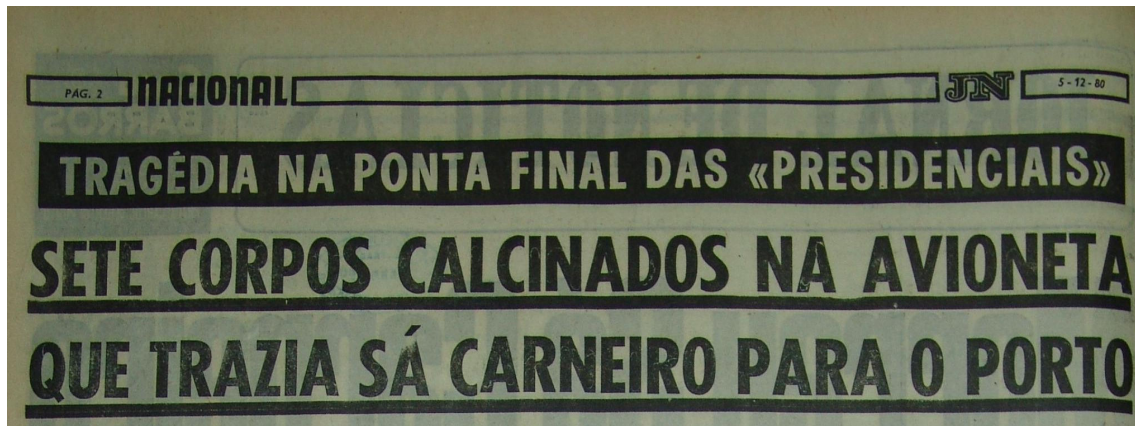


O Comércio do Porto – 1980. Edição nº 123, Ano CXXVI, p. 5.

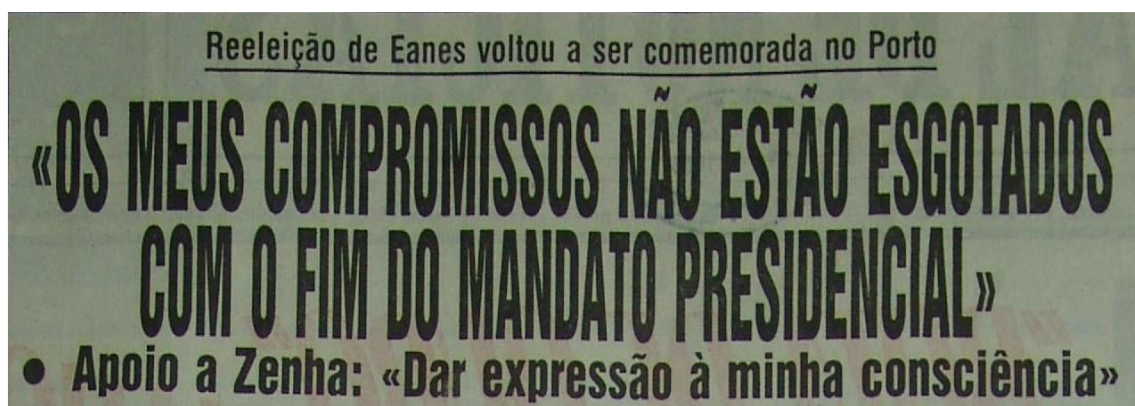
Análise:

Este título diz respeito a uma reportagem sobre as eleições legislativas de 80. Este título é alargado e de difícil memorização e apenas descodificado depois de ler o corpo da reportagem que dá conta de alguns incidentes ocorridos durante o dia de votos. O título indica que, apesar da história política que está para trás e que dominou durante alguns anos, os portugueses conseguiram, mesmo que tenham ocorrido incidentes, adquirir uma postura democrática, como que, a pouco e pouco, vão-se adaptando às regras democráticas. Este título parece resultado de uma avaliação do jornalista, a evitar, uma avaliação do que foi o dia que ele acompanhou e não um relato, que deixa para o corpo de texto ao enunciar os incidentes ocorridos, do acto eleitoral.

A criatividade não é propriamente uma característica deste título que pode apenas funcionar por incitar à curiosidade do leitor em saber que tipo de incidentes ocorreram, ainda assim, o título não sugere à primeira vista, que tenham ocorrido tais tumultos.



Jornal de Notícias – 1980. Edição nº 176, Ano 93, p. 2.



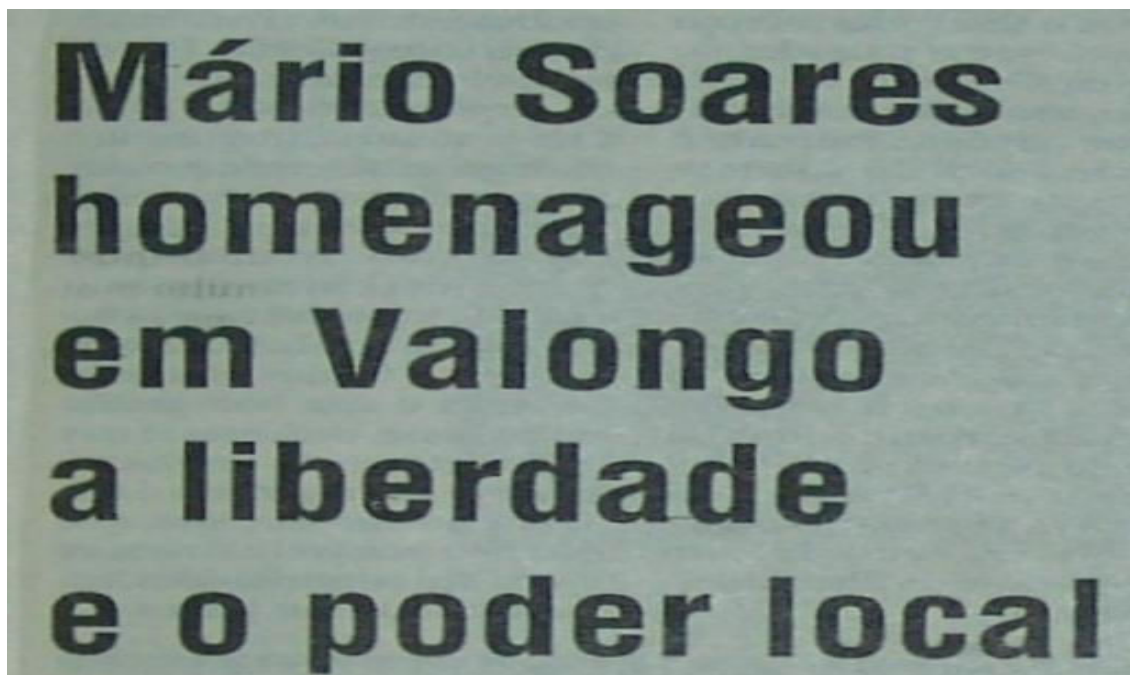
Jornal de Notícias – 1986. Edição nº 217, Ano 98, p. 2.

Análise:

Quanto ao primeiro título, este diz respeito à reportagem sobre a morte de Sá Carneiro, é um título longo e difícil de se distinguir do subtítulo. Transmite demasiada informação para um título, principalmente tendo em conta o tema, que é difícil de digerir pelo público, portanto, torna-se difícil ao leitor processar tanta informação e gerir ao mesmo tempo o choque.

O segundo título faz uso de citação o que coloca a personagem em acção e atribui credibilidade. Começar ou abrir a reportagem com um título com credibilidade é fomentar no leitor a ideia de que o jornalista é fiel aos factos e que toda a reportagem será então um relato fiel do acontecimento.

- Década de 90



O Primeiro de Janeiro – 1992. Edição nº 181, Ano CXXIV, p. 7.

Análise:

Título longo, prática não muito adoptada ao longo das décadas atrás analisadas pelo *Primeiro de Janeiro*, mas que, no entanto, utiliza palavras-chave como “poder local” e “liberdade” para ajudar à memorização e captar, assim, a atenção do leitor. Tirando partido das palavras-chave, o jornalista consegue agarrar não só o leitor local (de Valongo), mas também o leitor a nível nacional, pois a liberdade é um interesse comum.

Tendo em conta o estilo adoptado no corpo de texto desta reportagem (que analisaremos mais à frente), um estilo gracioso e até humorístico, o título não deixa antever essa leveza, assumindo até uma personalidade séria, tendo em conta o jogo de palavras “homenageou”, “liberdade” e “poder local”. Deste modo, o título não é o embrulho perfeito para o que vem dentro, tendo em conta que o estilo do corpo de texto permitia ao título o uso de uma grande dose de criatividade e humor.

Uma agenda repleta de guerrilhas

O Comércio do Porto – 1996. Edição nº 183, Ano CXLII, p. 12.

Análise:

Na década de 90 *O Comércio do Porto* começa a apostar no uso de títulos curtos e com o uso de trocadilhos, adoptando a criatividade e a imaginação na escrita, jogando com as palavras. Este título faz referência à cimeira da Organização de Cooperação e Segurança na Europa (OSCE), onde se reuniram vários estadistas europeus. O título sugere que haverá um ambiente de tumultos políticos quanto a pontos de vista agendados e colocados em cima da mesa para serem discutidos, suscitando interesse e curiosidade: “que tipo de guerrilhas?”. Uma vez mais, um título funcional e simples, característico do tema política que exige uma certa objectividade.

CDS/PP ENTRE A RECONQUISTA DA DIREITA E A VONTADE DE REGRESSO AO PODER

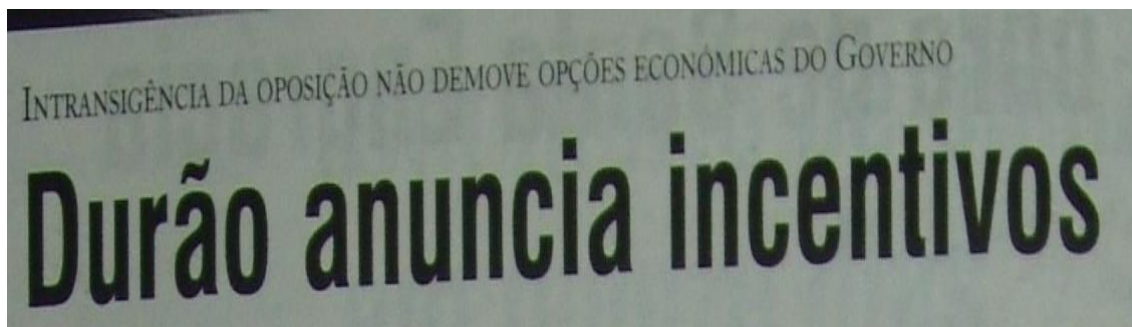
Congresso do partido ratificará a linha de Monteiro, mas tudo pode alterar-se após as legislativas

Jornal de Notícias – 1995. Edição nº 251, Ano 107, p. 4.

Análise:

Na década de 90 o *Jornal de Notícias* mantém a sua fidelidade ao uso de títulos mais longos e descritivos. Ainda assim, o título consegue um bom encadeamento realçando dois desejos do CDS/PP. Mas tendo em conta o que foi realçado por alguns autores na exposição deste ponto (Títulos), visualmente, os títulos longos não são tão apelativos e, muitas vezes, o leitor acaba por mudar a página.

- 2000/2004



O Primeiro de Janeiro – 2002. Edição nº 151, Ano CXXXIV, p. 12.

Análise:

O jornal *O Primeiro de Janeiro* usa bem, ao longo das décadas atrás analisadas, títulos pequenos, mas em 2002, *O Primeiro de Janeiro* mostra que é possível encolher ainda mais os títulos sem que estes deixem de ser criativos e fotográficos, ou seja, fáceis de memorizar. O título é objectivo, sem grandes ilusionismos e directo, ao jeito de um título de uma peça de reportagem sobre política. Ao mesmo tempo é capaz de apelar à curiosidade do leitor que pretende saber que incentivos merecem a atenção de Durão Barroso. O subtítulo acaba por funcionar como peça de um puzzle, adicionando informação ao título e dando conta das opções económicas, ligadas aos incentivos, de Durão Barroso. Além disso, o subtítulo, como peça de puzzle, aproveita o lado humano que se interessa pelas intrigas, ao acrescentar o lado intransigente da oposição, dando conta que existirá um desacordo entre o partido do Governo e os partidos da oposição quanto aos incentivos pensados e anunciados por Durão Barroso.

Trocar escudos por euros ou... a grande aventura

O Comércio do Porto – 2002. Edição nº 214, Ano CXLVIII, p. 6.

Análise:

Este título do *Comércio do Porto* é sugestivo e tenta estimular o lado aventureiro e ousado do leitor. Este título faz referência à introdução do Euro (moeda) nas transacções comerciais no país e em todos os países europeus aderentes. É imaginativo e tem humor, referindo-se às peripécias que poderão surgir nesta façanha que será adaptar-se à nova moeda. O uso das palavras “a grande aventura” sugere uma acção de cinema ou de história de livros, suscitando a fantasia no leitor que é capaz de criar no seu imaginário o seu próprio cenário de “aventura”.

Barroso dirige apelo a eleitores indecisos

Jornal de Notícias – 2002. Edição nº 278, Ano nº 114, p. 18

Análise:

Os títulos do *Jornal de Notícias* atrás analisados são um pouco longos, no entanto, o *Jornal de Notícias* vem adoptando uma postura no sentido de diminuir o uso de palavras, tornando-os mais pequenos. As palavras são também mais simples e mais claras, transmitindo com sucesso e objectividade o seu sentido. É um título que consegue igualmente formular questões no leitor: “como vai convencer os indecisos, que mecanismos vai Durão Barroso usar e que apelos são esses?”. Questões para as quais o leitor vai tentar buscar respostas lendo o corpo de texto da reportagem.

2.3.2 – Os Leads:

Manda a regra que o *lead* é o primeiro parágrafo do texto jornalístico e que nele deve conter a resposta às seis questões: O Quê, Quem, Quando, Onde, Porquê e Como. No entanto Anabela Gradim (2000, p. 2) refere que “as duas últimas questões – Porquê e Como – podem as mais das vezes omitir-se do *lead*, guardando-se para o parágrafo subsequente.”

Os leads são o “chamariz”, o isco para que o leitor morda o anzol. Cabe ao jornalista/repórter o uso da criatividade, pois o facto de conseguir estabelecer uma relação de sedução com o leitor através do lead é meio caminho para o sucesso.

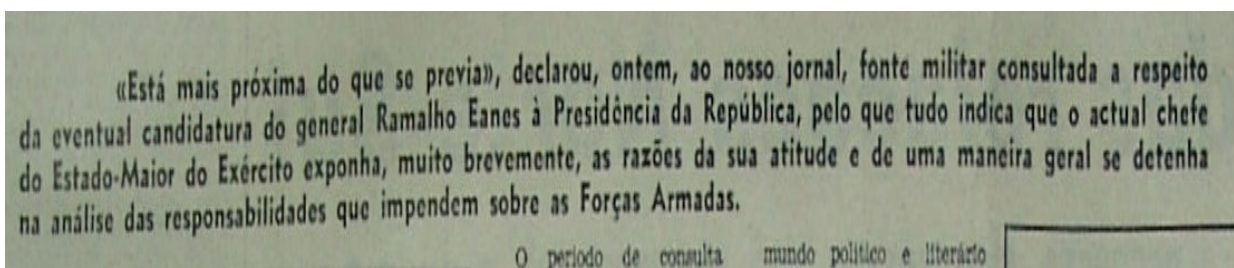
Diz Anabela Gradim (2000, p. 2) que:

Um *lead* bem construído dispensa o leitor apressado de se deter no resto da peça, porque a informação básica mais importante já foi dada; mas se retiver o carácter apelativo é, simultaneamente, o melhor anúncio publicitário que tal peça pode ter – e o leitor quererá lê-la até ao fim. Neste sentido, todo o jornalista sabe da importância que tem a construção de um bom *lead*, e como, obedecendo às regras, é possível investir tempo e cuidado em qualidade e originalidade. *Leads* preguiçosos - chapa quatro - marcam as peças e, com o tempo, marcarão também o jornalista.

A construção do corpo da reportagem e até mesmo do título é feita em função do lead, cujo ângulo ou abordagem do tema do texto jornalístico não pode ser escolhido de ânimo leve, já que determinará toda a redacção do texto. O lead em reportagem não adopta um carácter meramente informativo e noticioso, assume um ambiente simbólico que contextualiza de forma emotiva, criando um clima perfeito que provoque no leitor a vontade de embarcar na viagem que se avizinha no corpo de reportagem. Um lead em reportagem não pode nunca ser monótono, tendo em conta que a reportagem assume mais profundidade e por isso tem uma estrutura escrita mais alargada que os restantes géneros informativos.

Análise dos Leads:

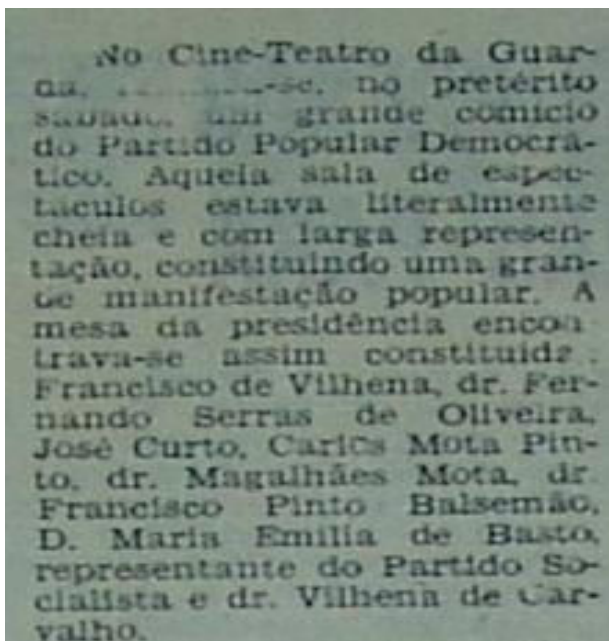
- Década de 70



O Primeiro de Janeiro – 1976. Edição nº 125, p. 5.

Análise:

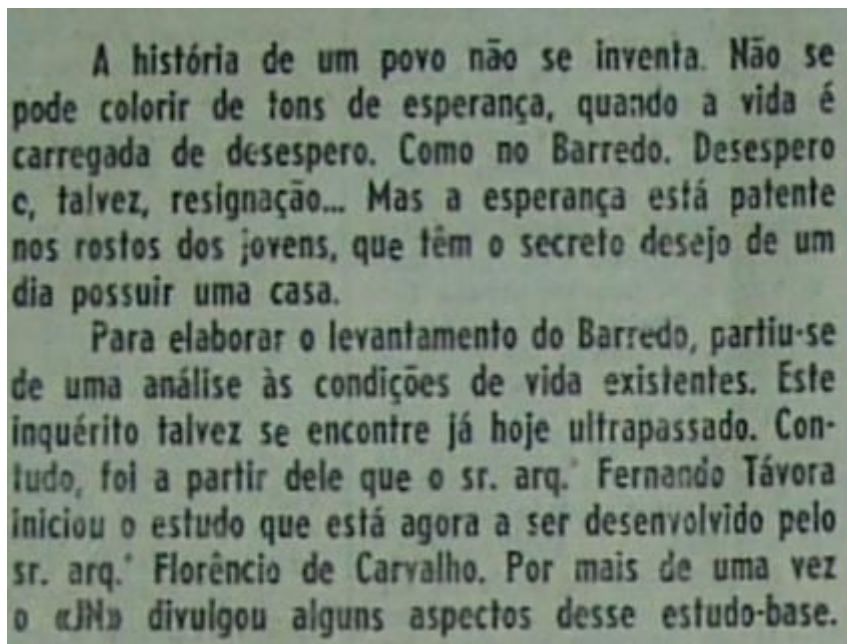
Este é um lead que nasce do título, ou vice-versa, tendo em conta que um complementa o outro sem se repetirem ou comprometerem. Começar um lead com a citação de uma fonte (fonte que o jornal sugere como sendo próxima do general Ramalho Eanes, uma vez que refere ser uma fonte militar) confere uma dose de veracidade à informação e, nesse sentido, pode ser uma mais-valia para alcançar o sucesso a que o lead se propõe, que é o de atrair o leitor para o resto da reportagem. Este é um lead que mistura suspense (vai candidatar-se ou não vai candidatar-se) com quase certezas que o jornal sugere ser o primeiro a obter ao citar a fonte logo no lead da peça de reportagem. Este é um lead que suscita curiosidade temporária no leitor, uma vez que, facilmente, o leitor percebe que não é a fonte que vai expor “as razões da atitude” de Ramalho Eanes nem falar das responsabilidades militares que detém nas Forças Armadas, pois isso cabe precisamente ao próprio Ramalho Eanes e ele não é, apesar de ser a personagem principal desta história, o interveniente, uma vez que esse papel é da fonte de informação. Este lead peca um pouco pelo uso de linguagem desorientada que provoca um certo nível de confusão, além de utilizar palavras (“impendem”) de difícil compreensão para a maioria da população que, tendo em conta o contexto social, económico e político de Portugal em 76, era na sua maioria analfabeta ou, quando muito, de escolaridade limitada.



O Comércio do Porto – 1975. Edição nº 186, p.5.

Análise:

Este é o primeiro parágrafo do corpo da reportagem, uma vez que a estrutura desta reportagem do *Comércio do Porto* suprime o lead, pelo menos, na aparência pela qual é normalmente conhecido. No entanto, diz também a definição mais usual que o lead é o primeiro parágrafo do corpo de texto. Nesse sentido, passemos à sua análise: é um lead introdutório, no entanto pouco informativo, mas que ainda assim consegue responder às questões essenciais: O Quê, Quem, Quando e Onde, o Porquê e Como são deixados para o corpo. Um pouco à semelhança do *Primeiro de Janeiro*, a linguagem utilizada pelo *Comércio do Porto* é também demasiado pesada, faltando-lhe simplicidade, fazendo uso de palavras um pouco eruditas como no “pretérito sábado”. Digamos que a escolha deste tipo de linguagem não facilita a percepção imediata da informação e, nesse sentido, é um lead que não funciona. É ainda demasiado enunciativo, uma vez que apresenta uma vasta lista de nomes que, muitos deles, assim à primeira vista, podem não significar nada para o leitor.



Jornal de Notícias – 1974. Edição nº 215, p.3.


Análise:

Este é um lead emotivo e simbólico, típico da época em que foi escrito - Janeiro de 1974, meses antes da madrugada onde ocorreu a Revolução dos Cravos a 25 de Abril que libertou Portugal do regime ditatorial e a imprensa da censura. Este lead do *Jornal de Notícias* é um lead feito para entrar no íntimo do leitor, uma vez que é recheado de simbolismo que alerta o povo para uma realidade que não aquela que muitas vezes Salazar impunha que os jornais pincelassem. A mensagem reside precisamente na primeira frase “A história de um povo não se inventa”, ou seja, mesmo que não se fale dela, ela existe, está lá e é real. E continua com uma descrição simbólica que obriga o imaginário do leitor a formar uma mescla de cores que, de alguma forma, reflecte a realidade daquele país do antes 25 de Abril: “Não se pode colorir de tons de esperança (verde), quando a vida é carregada de desespero (cinzento)”. Este é de facto um lead bastante literário, criativo, simbólico e emotivo, com uma linguagem bastante acessível e que talvez reflecte o possível objectivo do jornal: falar à população em geral e não apenas a uma elite política, religiosa ou economicista.

• Década de 80

Um vento de tragédia varreu ontem, ao princípio da noite, Portugal de ponta a ponta, quando a Televisão, interrompendo o programa de propaganda eleitoral, deu uma notícia tão inesperada e lacónica como brutal no impacto: «Francisco Sá Carneiro morreu».

O Primeiro de Janeiro – 1980. Edição nº 330, Ano 112, P. 1.

LEGISLATIVAS 83 

Manhã de voto (com chuva) levada a sério

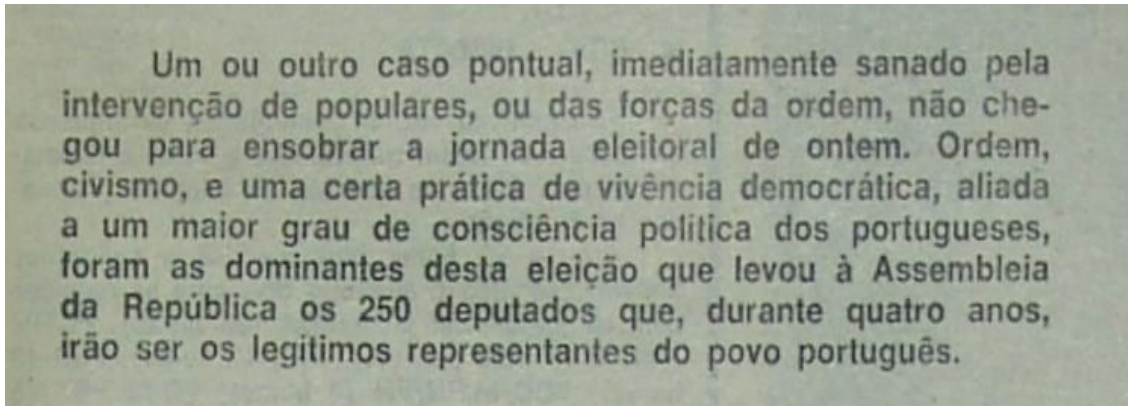
Segunda-feira de votos com chuva. Uma cidade diferente. Um velho burgo que vai às urnas por dever, por esperança e mesmo por teimosia *pra ver s'isto arranca duma vez*. Dez eleições em oito anos e o dito contrapolítico: *É sempre a mesma coisa!* Chuva em dia de votos, logo pela manhã, mas mesmo assim o dever é para cumprir e, de boa saúde, enfatiado por causa daquelas cólicas no figado, com uma perna engessada ou com as duas *impanzinadas*, o eleitor lá foi.

O Primeiro de Janeiro – 1983. Edição nº 113, Ano 115, p.10.

Análise:

O primeiro lead é de leitura rápida e horizontal, de fácil percepção, para evitar erros de interpretação dado a delicadeza do assunto abordado. Este lead diz quase numa única frase (grande é certo), tendo em conta que apenas tem um ponto final, toda a informação que no fundo se resume a isto: “Francisco Sá Carneiro morreu”. O lead indica, assim, a vontade de contar de uma só lufada, todo o turbilhão de um país depois de perder o seu primeiro-ministro. Este lead utiliza palavras-chave que fixam a memória do leitor ao assunto: “notícia (...) inesperada (...) lacónica (...) brutal (...) impacto”. Não é fácil encontrar um ângulo de abordagem de um assunto tão pesado como a morte do primeiro-ministro de um país, uma vez que não deve ser confuso para não criar dúvidas, não deve ser ofensivo, pois as emoções do leitor estão “à flor da pele” e também não deve ser pesado para não chocar ainda mais o leitor.

O segundo lead apresenta um contexto literário, criativo e até humorístico. Em forma de conto ou relato começa por contextualizar o leitor no tempo “segunda-feira de votos” e acrescenta o pormenor descritivo “com chuva” e continua numa narrativa descritiva “uma cidade diferente”. Toda a linguagem é descritiva e bastante novelística, recriando um cenário cinematográfico. A linguagem assume, ao contrário da década de 70, uma forma mais simples e bastante próxima até do popularucho, utilizando frases calão escritas da mesma forma como são pronunciadas pelos populares, como por exemplo: “pra ver s'isto arranca duma vez”. Além disso, enuncia um número de pandemias comuns ao povo português e com as quais este se identifica: “enfasiado por causa daquelas cólicas no fígado, com uma perna engessada ou com duas impanzinadas (...)”. Este lead aproxima o leitor do seu contexto social, conseguindo desta forma captar a sua atenção e transforma um assunto sério como as eleições legislativas e a política numa leitura leve e com humor.



O Comércio do Porto – 1980. Edição nº 123, Ano CXXVI, p.5.

Análise:

Este é um lead descritivo que avança com a exposição daquilo que foi o dia das eleições e surge quase em jeito de manual de boas maneiras políticas para o povo português, utilizando palavras como “Ordem, civismo, e uma certa dose de prática de vivência democrática” evocando ainda, num período pós 25 de Abril, o “maior grau de consciência política dos portugueses”, quase sugerindo que só agora os portugueses começam a saber e a conhecer os seus deveres políticos enquanto cidadãos. Um lead bastante literário, apelativo e que não deixa de ter a sua função informativa, colocando o leitor no resto da história (corpo da reportagem).

Comparando com a década de 70 o *Comércio do Porto* evoluiu no sentido de utilizar uma linguagem mais acessível a todos os leitores, mas que ainda assim, consegue ser mais técnica em relação, por exemplo, ao *Primeiro de Janeiro*. A linguagem roça o literário, adjectivando episódios de eventual desordem que acabaram por não prejudicar ou ameaçar o dia eleitoral. São esses episódios que acabam por despertar o interesse ao leitor que quer saber que incidentes aconteceram nos vários pontos do país do dia de votos.

O primeiro-ministro, Francisco Sá Carneiro, o ministro da Defesa Nacional, Adelino Amaro da Costa, e o chefe de gabinete do primeiro-ministro, António Patrício Gouveia, pereceram ontem à noite num acidente de aviação a menos de 500 metros do aeroporto da Portela, em Lisboa, quando o bimotor em que viajavam para o Porto embateu num prédio e se incendiou. No acidente pereceram ainda a mulher do primeiro-ministro, Snu Abecassis, a esposa do ministro da Defesa, Maria Manuela Vaz Pires, e dois pilotos, de apelidos Moutinho de Albuquerque e Alfredo de Sousa.

Jornal de Notícias – 1980. Edição nº 176, Ano 93, p. 2.

Celebração de aniversário em mandato presidencial, o almoço-convívio (afinal de homenagem) da CNARPE a Ramalho Eanes foi, no momento que se vive, uma jornada em que se demonstrou inequívoco e formal apoio ao candidato Salgado Zenha, e oportunidade para, como nunca antes, Ramalho Eanes ter um discurso em que o homem de Estado se plasmou com o cidadão interveniente. Dir-se-ia mesmo que, ponderadas as palavras, se trata da transmissão de toda uma praxis no mais alto cargo que um português pode assumir.

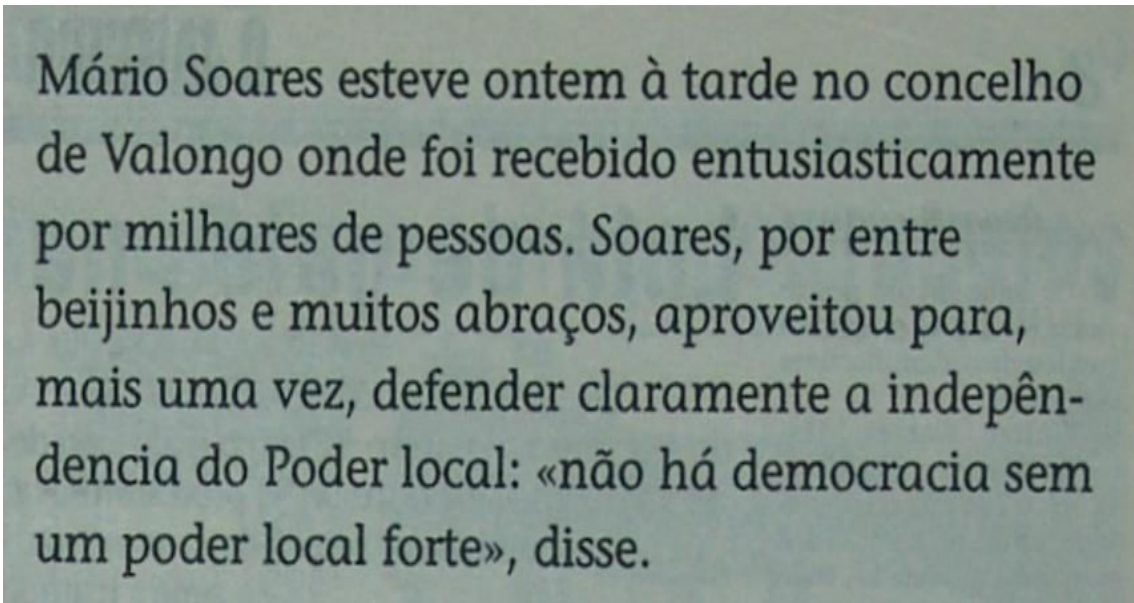
Jornal de Notícias – 1986. Edição nº 217, Ano 98, p. 2.

Análise:

O primeiro lead é bastante comedido e técnico, que respeita o princípio das questões que devem surgir no primeiro parágrafo, começando por enunciar os nomes das vítimas, entre eles Francisco Sá Carneiro. O lead limita-se a contar, sem rodeios ou truques de linguagem, o sucedido. Não se esbate em palavras-chave ou em choques, mas o relato pretende ser fiel ao acontecimento.

O segundo lead é bastante interpretativo (roçando o opinativo) e metafórico. O *Jornal de Notícias* assume neste lead uma mudança na linguagem em relação ao lead analisado na década da 70, fazendo uso de uma escrita mais erudita, no entanto, ainda não houve tempo de evolução com a mudança política de 74 e, quase uma década depois, em 80 o país ainda não saiu do analfabetismo, pelo que ainda é arriscado um tipo de escrita culta, podendo não ser ainda entendida pela maioria da população.

- Década de 90

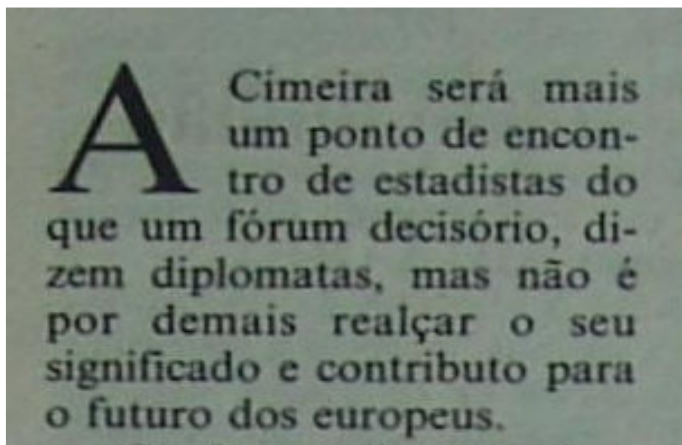


Mário Soares esteve ontem à tarde no concelho de Valongo onde foi recebido entusiasticamente por milhares de pessoas. Soares, por entre beijinhos e muitos abraços, aproveitou para, mais uma vez, defender claramente a independência do Poder local: «não há democracia sem um poder local forte», disse.

O Primeiro de Janeiro – 1992. Edição nº 181, Ano CXXIV, p. 7.

Análise:

A mudança na linguagem é visível ao longo das décadas para o *Primeiro de Janeiro* que tem feito um caminho no sentido de leads com escrita simples e de fácil percepção, sem necessidade do leitor recorrer a uma segunda leitura. Este lead é funcional, perspicaz e simples, coloca o personagem – Mário Soares – no meio do povo “por entre beijinhos e abraços” falando de Poder Local. Este recurso aos beijinhos e abraços do povo não é inocente, uma vez que é o recurso utilizado pelo jornalista para relançar o assunto mais abordado por Mário Soares na visita a Valongo que foi o Poder Local, algo que interessa ao leitor.



O Comércio do Porto – 1996. Edição nº 183, Ano CXLII, p. 12.

Análise:

Este lead é pequeno e simples, sem manobras de diversão literária. *O Comércio do Porto* mantém constante a sua forma de escrever e construir leads, com uma forte componente meramente informativa, objectiva e coerente. Faz uma observação com base em declaração de supostos estadistas, embora não revele que estadistas são, o que pode suscitar dúvidas se é uma nota do jornal ou se é feita com o apoio de eventuais declarações de estadistas. O que, por outro lado, pode suscitar no leitor a curiosidade de ir confirmar se, no corpo do texto, essa dúvida pode ser dissipada e, se sim, que diplomatas consideram que esta cimeira seja apenas um encontro de estadistas e que não decida nada relativamente ao futuro dos europeus e porque é que os diplomatas pensam isso, e de que forma poderia contribuir para melhorar o futuro da Europa. A verdade é que, muitas vezes, um lead simples e pequeno, também pode ser eficaz e obter sucesso, basta é abordar o ângulo certo.

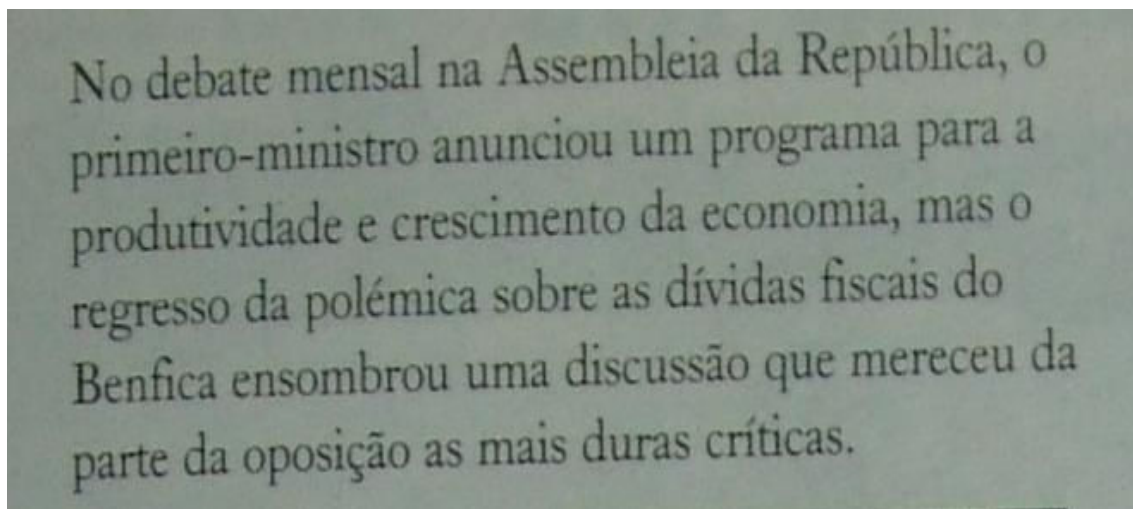
*A cruzada pela ética
em política (contra
a corrupção e o clientelismo)
e a bandeira da preservação
da soberania nacional
no quadro da União Europeia,
serão duas das principais
linhas programáticas
que o CDS/PP se prepara
para ratificar
no seu congresso.
Um congresso que,
para os "populares",
surge em pleno momento
de optimismo, após Cavaco
Silva ter transmitido
à Nação a "boa nova"
de se afastar do combate.
E só Durão Barroso é visto
com alguma apreensão,
desde os dirigentes, até às bases.*

Jornal de Notícias – 1995. Edição nº 251, Ano 107, p. 4.

Análise:

Embora não pareça, este consegue ser um lead com uma grande carga simbólica, apesar de camuflada, mas que conduz o leitor ao sentido geral da peça da reportagem e do assunto nela abordado. Tendo em conta que o CDS/PP é um partido inspirado pela democracia cristã, a utilização de palavras como “cruzada” assume um significado mais imponente, conferindo-lhe o sentido de um combate obstinado assumido para marcar a posição soberana do partido relativamente aos assuntos que serão abordados no congresso do CDS/PP. Além de “cruzada”, é ainda usada uma outra palavra com conotação cristã como “boa-nova”, como se fosse anunciada não a chegada do messias, mas a partida do indesejado Cavaco Silva que “se afasta do combate”, e, uma vez mais, a conotação da palavra combate a uma guerra declarada pela posição do CDS/PP face a outro partido democrático. O *Jornal de Notícias* mantém assim a sua característica mais voltada para uma escrita mais literata e com sentidos mais formais, mas também bastante simbólicos.

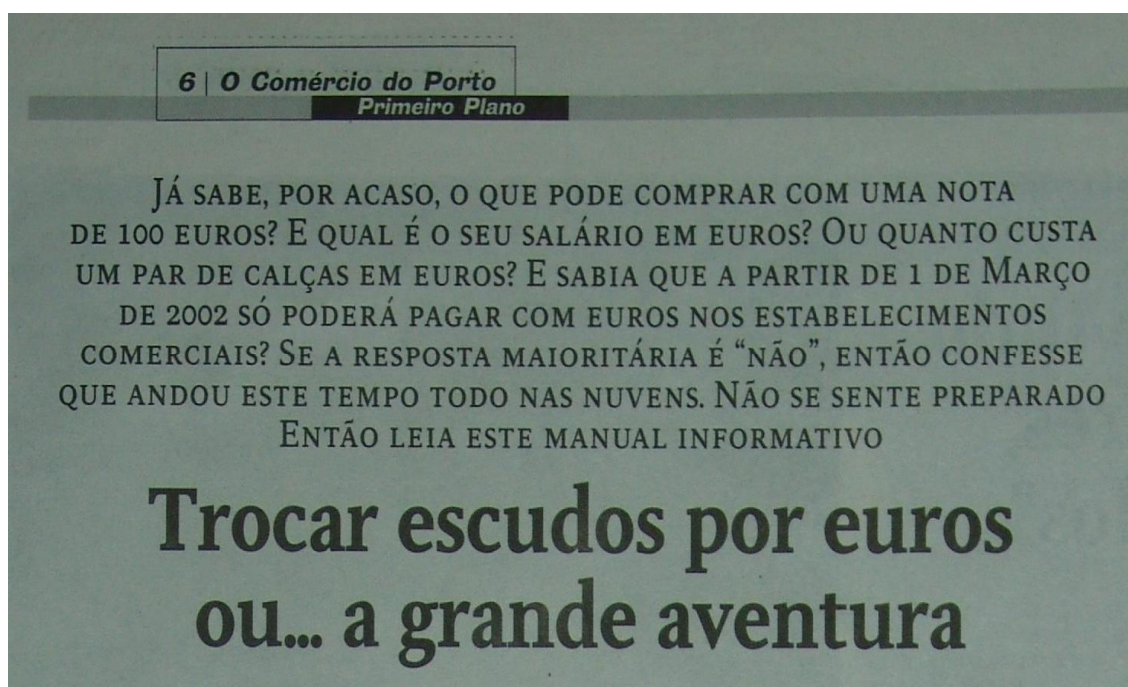
- 2000/2004



O Primeiro de Janeiro – 2002. Edição nº 151, Ano CXXXIV, p. 12.

Análise:

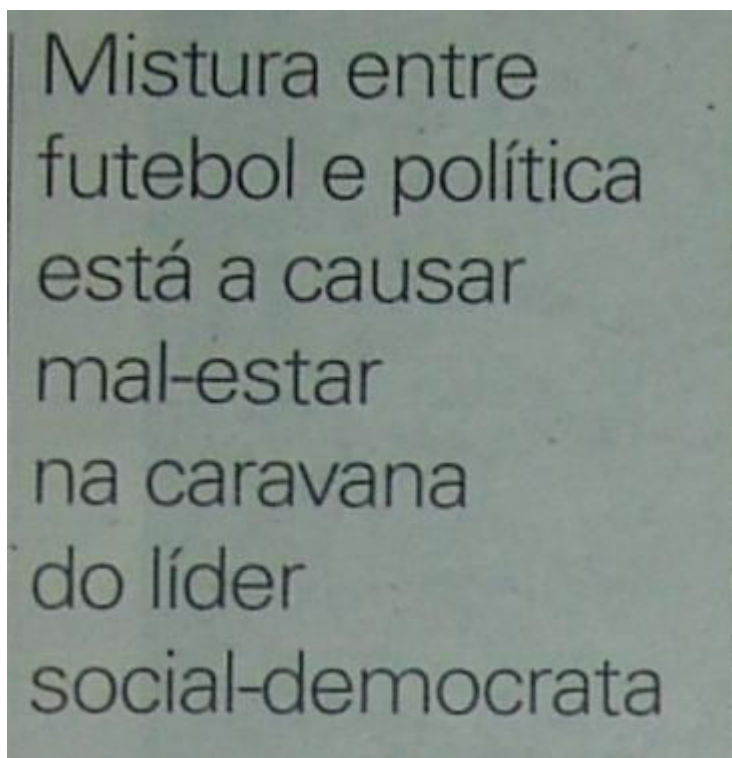
Lead interpretativo, típico de peças cujo tema versa sobre política. *O Primeiro de Janeiro* mantém, assim, a sua estrutura quanto ao uso da linguagem, simples e clara, conferindo ao lead um cariz objectivo, não correndo riscos de interpretações erradas, que às vezes em política é muito perigoso. Realça o facto de a Assembleia da República ter dado prioridade à polémica sobre as dívidas fiscais do Benfica em detrimento do programa anunciado pelo primeiro-ministro para a produtividade e crescimento da economia. Este relevo é feito sem dramatismos, nem ironias, o lead apenas informa, promovendo interesse ao leitor, pois as polémicas e discussões são sempre pratos muito apetecíveis para o público da imprensa.



O Comércio do Porto – 2002. Edição nº 214, Ano CXLVIII, p. 6.

Análise:

Este lead enumera um conjunto de questões comuns aos portugueses na altura da mudança do Escudo para o Euro. A reportagem explora questões tão básicas como as actividades do nosso dia-a-dia e de que forma será afectado o nosso quotidiano, são factos que interessam ao leitor serem decodificados. Este é um lead simples e básico, com uma criatividade ao jeito da escrita publicitária, que fala directamente ao leitor começando por perguntar “Já sabe, por acaso, (...)?” (...) então confesse que andou este tempo todo nas nuens. Não se sente preparado?”. Falar directamente ao leitor é quase como que uma chamada de atenção que, muitas vezes, funciona e com êxito, principalmente se o tema ajudar a prender o leitor, uma vez que este em particular diz respeito a cada português. Além disso, o repórter/jornalista assume aquela peça não como uma reportagem informativa, mas antes como um manual, indicando que aquela reportagem se assemelha aos livretes informativos dos electrodomésticos ou peças electrónicas, indicando as etapas que colocará, neste caso, a economia do país a funcionar.



Jornal de Notícias – 2002. Edição nº 278, Ano 114, p. 18.

Análise:

Lead pequeno e básico, é uma abertura interessante para a reportagem, uma vez que destaca, a polémica mistura entre futebol e política, dois ingredientes explosivos para prender a atenção do leitor. Aliás, da caravana social-democrata poderia salientar-se, quase de certeza muitas outras coisas que terão sido feitas ou ditas pelo candidato, no entanto, o jornalista/repórter sabe que, além de ser um assunto polémico e na ordem do dia, é também funcional do ponto de vista de conquista do leitor.

O *Jornal de Notícias* mantém, quase sempre, em equilíbrio a sua estrutura inicial na construção de um lead relativamente ao tipo de linguagem utilizada, sem cair no exagero do popularucho, mas também sem usar palavras de difícil compreensão, mas de entendimento imediato a toda a população.

2.3.3 – Os Corpos de reportagem:

Em jornalismo existe sempre a necessidade de um certo afastamento entre factos e opinião, entre objectividade e a narração à moda da novela. Procura-se sempre um distanciamento de modo a que a presença do jornalista/repórter não seja notada.

O corpo é o desenvolvimento da reportagem onde são desvendados os mistérios suscitados no título e no lead, revelados os resultados da pesquisa e investigação que a reportagem obriga, sempre suportados por citações dos entrevistados ou fontes de informação, colocando-se as falas entre aspas. A linguagem deve ser atraente, misteriosa e pode até encostar no poético e conter preocupação estilística, mas não pode perder a objectividade, a clareza e sobretudo o cariz informativo. O corpo deve conter marcas do discurso da 1ª pessoa, apesar do jornalista não se poder confundir com “personagem principal”, pois ele é somente um observador, mas os vestígios da 1ª pessoa fazem o leitor sentir que existe realismo na história, que existe proximidade e até mesmo identificação.

O corpo da reportagem é acompanhado pela imagem, a fotografia ou ilustrações, são o suporte visual que permite ao leitor observar o cenário e o ambiente do acontecimento, bem como os intervenientes, e confrontá-los com o cenário já criado na sua imaginação.

A ter em atenção é a forma como o jornalista fecha o corpo da reportagem. Como em qualquer história, o leitor gosta de um final com sabor e não insípido, sem emoção ou, pelo menos, que nos fique na lembrança. O jornalista não pode e nem precisa inventar um final, basta que guarde uma cartada para jogar no desfecho, que tenha criatividade na forma como encerra a sua reportagem, pois assim como o título ou o lead incentivam o leitor a ler o resto da reportagem, o final tem o mesmo grau de importância, pois será ele a última impressão na lembrança do leitor e, quanto mais fascinante, mais dificilmente sairá da memória do leitor.

Análise dos corpos de reportagem

• Década de 70



O Primeiro de Janeiro – 1976. Edição nº 125, p. 5.

Análise:

O corpo de texto traz informação adicional ao título e ao lead sem o repetir. Omite a presença do jornalista que se limita a relatar factos com a ajuda de apoio nas fontes de informação, neste caso militares e também com a posição dos partidos quanto ao apoio a Eanes. Ao longo do corpo da reportagem não é emitida opinião do jornalista, conferindo desta forma, a um carácter fidedigno e não tendencioso à reportagem.

Usaram da palavra: Francisco de Vilhena, delegado da Juventude do distrito, dr. José Valério Couto, D. Maria de Basto, dr. Fernando Serras de Oliveira, Júlio Caldas, Carlos Mota Pinto, dr. Francisco Pinto Balsemão e, no final, o ministro sem pasta, dr. Magalhães Mota, que, a dada altura, afirmou:

«Faz anos que os democratas deste distrito, que, muitas vezes, quando conseguem fazer as suas reuniões, grupos de pessoas, para tal industriadas, com os seus «slogans», para tal armadas por quem as dirige e orientava, vinham impedir o seu esclarecimento, ou seja, o contacto com o público. Amigos, hoje podemos recordar esse feito, podemos tomar consciência do que é a democracia e do que é o oposto da democracia, na tentativa de, pela violência, pela opção, esconder a falta de argumentos, fonte da razão. Amigos, vale a pena meditar nestas coisas, porque creio que elas facilitam a escolha de quem é autenticamente democrata. Eu, que por várias vezes tenho falado das singularidades da vida política portuguesa, poderia dizer que uma delas é concretizar o facto tornado banal de, mesmo ao nível de conversas de café, as pessoas procurarem respostas ideológicas para problemas concretos. É altura de afirmarmos, com muita clareza, que val sendo tempo de os partidos se definirem no concreto

Análise:

Este corpo de texto inicia com um primeiro parágrafo demasiado carregado de nomes que poderão entediar o leitor e, além disso, recomeça o segundo parágrafo com uma citação demasiado longa, que a dada altura, poderá até levar o leitor a esquecer quem será o autor daquela citação, mantendo sempre a mesma estratégia até ao final da peça. Ainda assim, o corpo do texto traça uma linha correspondente ao título e lead.

Este corpo de texto segue muito “ao colo” das palavras dos intervenientes, quando poderia ser mais um relato do acontecimento, do ambiente vivido, das situações ocorridas, e não um encaixe de citações. Talvez, tendo em conta o contexto político da época, muito em cima do 25 de Abril, existisse receio de avançar com uma escrita mais observadora do que apenas passiva.

O Comércio do Porto – 1975. Edição nº 186, p.5.

Desa'ojas as pessoas que ali vivem — e quase todas estão mais ou menos interessadas nisso — e, de certeza, tarefa relativamente fácil. O difícil reside precisamente nas obras de restauro. Para além de ser desejo manter a traça arquitectónica, há que desenvolver um trabalho intenso e moroso, que consiste em transformar as dependências únicas em casas com um mínimo de condições indispensáveis. Basta atentarmos em que apenas 45 % das habitações têm cozinha (40 % das quais, ao fim do dia, são transformadas em quartos de dormir) e só 30 % instalações sanitárias próprias. Todo o contexto, realmente, obriga a uma atitude eficaz por parte dos dirigentes. Mas lembremo-nos de que já há 20 anos (!) se falava em remodelar o Barredo...

Casas muito altas, a cair de velhas, juntas, perto umas das outras, onde em quase todas se respira um ar viciado, doentio. A média de idades da gente que ali vive ronda os 25 anos. Ora «um povo não se embala como uma criança» e não deve a Câmara Municipal anunciar benesses que não possam concretizar-se.

Jornal de Notícias – 1974. Edição nº 215, p.3.

Análise:

Este corpo de texto atractivo, fala dos problemas sociais sem se esbater numa linguagem contida, relatando os factos como são, sem se esquecer de mostrar o espaço físico envolvente aos factos. Este texto tem uma linguagem limpa e acessível a todos os contextos sociais, muito embora, deva atingir com mais sucesso, um tecido social mais debilitado, dada a possível proximidade de situações, no entanto, sem cair em relatos exagerados de falsos moralismos ou lamechas, este texto conquista outros tecidos sociais, suscitando o sentimento de solidariedade.

Este texto, apesar de não ser opinativo, apresenta uma visão crítica, deixando até o aviso à autarquia: “(...) não deve a Câmara Municipal anunciar benesses que não possam concretizar-se.” Algo inusitado, tendo em conta o ano da sua publicação.

• Década de 80

(CONTINUADO DA PÁG. 1)
Lumbrales de Sá Carneiro morreu num desastre de aviação juntamente com sua mulher, Sr.ª Abecassis, Adelfino Amaro da Costa e mulher, António Patrício Gouveia, chefe de gabinete do primeiro-ministro, e, ainda, os dois pilotos do avião em que o grupo acabaria de fazer-se à viagem para o Porto.

O pequeno avião deslocara do aeroporto da Portela às 20 horas e 17 minutos, a caminho do Porto, onde Francisco Sá Carneiro e Adelfino Amaro da Costa tomariam parte num comício de apoio a Soares Carneiro; às 20 horas e 18 minutos, um minuto depois, era o impácto num prédio da Charneca do Lumiar, a explosão e o incêndio. Quando apareceram os corpos de um socorro inútil, não se sabia, ainda, quem eram os passageiros do bimotor sinistrado.

Pouco tempo depois, vinha a revelação violenta, ao dar-se Francisco Sá Carneiro como passageiro do aparelho calcinado. A Televisão deu a notícia e o País — sem lugar para distinções de carácter ideológico — estremeceu de sincero horror. Francisco Sá Carneiro representava, para os que lutavam a seu lado como para os que o combatiam, um político de invulgar estatura e

um homem subjugante: aos 46 anos de idade, afirmara-se como o líder incontestável de milhões de pessoas e encarnava, por si só, toda uma filosofia política, todo um cariz partidário, toda uma ânsia de caminho. Para muitos, prosélitos ou adversários, Sá Carneiro era mais do que um homem, era o espírito de um partido, era, ele próprio, o partido.

A tragédia adquiria traços mais vinculados ao estalar, fulminantemente, em plena campanha para as eleições presidenciais. Uma campanha que tinha, inequivoca, poderosa, avassaladora, a marca de Sá Carneiro, autêntico e venerado *Deus ex-machina* de um partido, de uma coligação, de um grande número de portugueses. A dor súbita não se exprime com facilidade — mas muita gente chorou, num misto de estupefacção e de pânico interior, sob o golpe terrível.

Chegava ao fim, em tragédia, a vida de um homem cujos passos foram, não poucas vezes, sobressaltados pelo drama, ora da doença, ora de acidentes de viação, o último dos quais, ainda que de breves consequências, registado, aquando da sua viagem oficial, em Maio deste ano, à Inglaterra; então, um acidente que envolveu os carros da comitiva portuguesa, no percurso entre o aeroporto de Heathrow e a cidade de Londres, afec-

to a coluna do primeiro-ministro português e forçou ao seu afastamento episódico dos negócios do Executivo. Francisco Sá Carneiro era, entretanto, um homem determinado, combativo, que ajeitava o destino de frente. Sempre assim foi, como político, desde os tempos em que, na chamada «ala liberal» da Assembleia Nacional, se impunha, pelo fogo jovem do seu ardor, pela precisão, veemência e coragem das suas intervenções, numa casa onde a política era quase um hábito sem emoções.

Antes como depois do 25 de Abril, Francisco Manuel Lumbrales de Sá Carneiro manteve a coerência de um pensamento, a fidelidade a um ideal, a obstinação num combate. Podemos, hoje — e numa análise que transcende a emoção circunstancial —, evocar, já, Sá Carneiro como um dos grandes homens do Estado neste Portugal de oito séculos. Combatente de ideias, Francisco Sá Carneiro usava as suas próprias com uma paixão só superável pela sua límpida sagacidade de político. Apaniguados e adversários guardarão dele, para sempre, uma imagem de

A CUSTO

O Primeiro de Janeiro — 1980. Edição nº 330, Ano 112, P. 1.

Análise:

Este texto é cuidado na descrição da morte de uma figura emblemática para o país, retirando assim a tragédia das linhas escritas. No entanto, aborda um certo destino a que Sá Carneiro estaria destinado, ao relembrar os acidentes a que já esteve sujeito. O texto obedece à técnica da pirâmide, começando por contar logo o que aconteceu, desfiando depois o acessório.

Os portugueses, ontem, «acordaram» mais cedo. A percentagem de votantes, ao fim da primeira hora da abertura das urnas, registava já um índice elevado.

Com o correr da manhã, os números registados, nas diversas mesas de voto foram subindo, tendo-se atingido, em alguns casos, valores de 50 por cento de votos entrados. Também as horas tradicionais de almoço foram aproveitadas por alguns milhares de cidadãos para votar. A experiência de anos anteriores, contribuiu para a não aglomeração junto das secções de voto, tendo-se a população espalhado, ao longo das 11 horas de urnas abertas, gradualmente, pelas 325 mesas existentes no Porto.

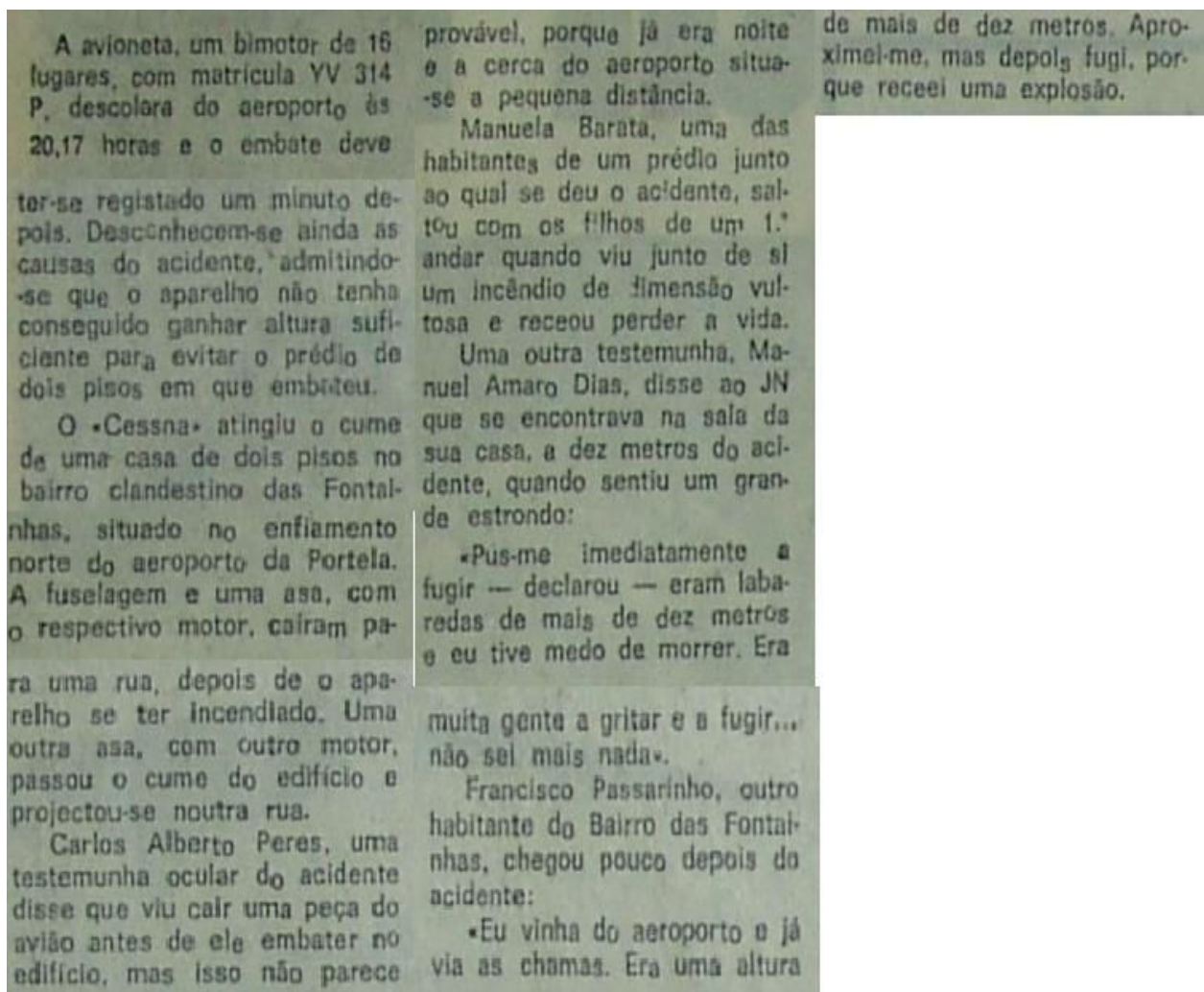
Perto do fim da tarde, fazendo horas para o início da «grande noite», esperando os primeiros resultados, as ruas foram-se enchendo, como vem sendo hábito em actos electorais anteriores, de pequenos grupos trocando ideias, tecendo comentários, adiantando resultados.

**CAFES DA «BAIXA»
FECHADOS**

O Comércio do Porto – 1980. Edição nº 123, Ano CXXVI, p.5.

Análise:

Começar um corpo de texto com algo comum a todos – “os portugueses” – é uma forma interessante de tentativa de captura de atenção para a reportagem. Este texto aborda a jornada das eleições de uma forma descontraída, relatando os passos dos portugueses nesse dia. O jornalista poderia limitar-se a falar de números, percentagens de votos ao longo do dia, mas a sua criatividade encaminhou-o para o lado observador. Foi contando as acções dos portugueses com o “acordaram mais cedo” e “com o correr da manhã” para ir introduzindo números e percentagens ao texto, fazendo com que o leitor o leia sem sequer se dar conta que os números estão lá.



Jornal de Notícias – 1980. Edição nº 176, Ano 93, p. 2.

Análise:

Depois de dada a notícia (Sá Carneiro morreu), através do título e do lead, o corpo de texto começa por contextualizar, falando das características da avioneta que transportava o primeiro-ministro Sá Carneiro e calculando o possível momento em que a avioneta embateu. Utiliza e confronta depoimentos de algumas testemunhas do acidente, tornando o cenário mais real e, ao mesmo tempo, o jornalista não se perde em demasiadas descrições que podem tornar a reportagem muito cansativa. As testemunhas dão ainda várias perspectivas do acontecimento, tornando a reportagem mais interessante e dinâmica.

O recinto escolhido foi o do Mercado de Ferreira Borges, no Porto, vasto espaço que mal comportou tantos convivas que, vibrantemente, aplaudiram os pontos mais significativos dos discursos pronunciados. De entre a multidão, muitos vultos da vida política e intelectual, como sejam Herminio Martinho, prof. Henrique de Barros, Medeiros Ferreira, coronel Vitor Alves, Filomena Cabral, José Rodrigues, David Mourão-Ferreira, António Arnault, Silva Costa, José Carlos de Vasconcelos e Magalhães Mota, nomeadamente.

Cerca das 13,15 horas, entravam o general Ramalho Eanes e Manuela Eanes, acolhidos com enorme ovação. Antes, Salgado Zenha tinha sido alvo de idênticos aplausos.

Praticamente, toda a reunião se passou num ambiente de euforia. À entrada, tonitruante, dos «Mareantes do Douro» foi aplaudida, como também uma intervenção do «Duque». Raul Solnado fez a leitura de telegramas e saudações enviadas por Cunha Leal, prof. dr. Rui Alarcão, Fialho Gouveia, Noémia Delgado, prof. Jorge Miranda e outros vultos de notoriedade nacional. Na

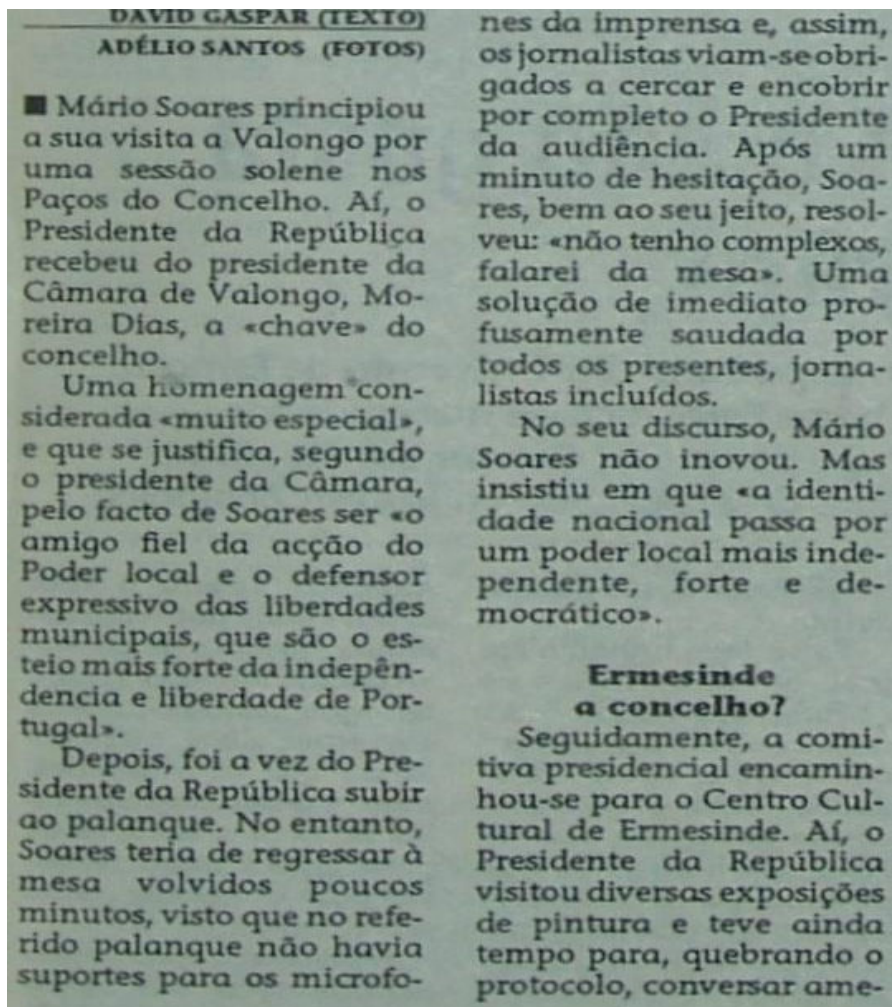
Análise:

Uma vez mais o texto começa por contextualizar o leitor no espaço e no tempo: “Mercado Ferreira Borges, no Porto” e “Cerca das 13,15 horas (...)”. Apresenta depois as personagens e os protagonistas ao falar dos “vultos da vida política” e da chegada do “general Ramalho Eanes e Manuela Eanes ” e de Salgado Zenha, candidato apoiado pelo então presidente da República.

O corpo de texto consegue ser mais claro que o lead a ele correspondente e acima já analisado, com uma linguagem mais acessível, mais perto do leitor e num estilo muito mais observador, relatando as características do ambiente de festa de candidatura de Salgado Zenha “(...) toda a reunião se passou num ambiente de euforia”.

Jornal de Notícias – 1986. Edição nº 217, Ano 98, p. 2.

• Década de 90



O Primeiro de Janeiro – 1992. Edição nº 181, Ano CXXIV, p. 7.

Análise:

O texto é fiel ao título e lead, expondo o dia de visita do Presidente da República a Valongo, chamando o leitor para os pormenores como por exemplo: “(...) Soares teria de regressar à mesa volvidos poucos minutos, visto que no referido palanque não havia suportes para os microfones (...) bem ao seu jeito Soares resolveu «não tenho complexos, falarei da mesa».” Esta situação não tem especial relevância no contexto que levava Mário Soares a Valongo (falar do poder local), no entanto, o jornalista sentiu necessidade de a partilhar com o leitor.

Conforme disseram fontes diplomáticas, será uma oportunidade única para dezenas de governantes ficarem a conhecer-se melhor e mesmo para encetar novas formas de relacionamento e aplanar divergências.

Constitui, acima de tudo, um fórum de análise e preparação do novo pilar de defesa europeu e da cooperação na luta pela paz e defesa dos Direitos do Homem na Europa, mas também no norte de África e Próximo Oriente.

O alargamento da NATO e a sua nova estrutura, a situação na Bósnia, a ameaça do extremismo islâmico, a pacificação entre israelitas e árabes, a democratização no leste europeu e ex-URSS são temas a abordar na Cimeira.

Mas, a presença simultânea de governantes de países como Turquia e Grécia e Israel e Egipto, vai propiciar, certamente, a realização de contactos bilaterais com vista a desanuviar situações de tensão.

No que concerne ao problema da NATO, o Kremlin, pela voz dos mais altos responsáveis, nomeadamente do primeiro-ministro, Viktor Tchernomirdin, reiterou a intenção de «evitar o alargamento e exigir a limitação do papel da Aliança no futuro sistema de segurança da Europa».

A Rússia, frisou, exige que a Organização de Cooperação e Segurança na Europa (OSCE) tenha um papel-chave na «arquitectura» da segurança europeia.

Análise:

Aqui o leitor é introduzido de imediato no assunto, em que é, desde logo, esclarecido de que esta Cimeira não passa de um encontro para os governantes conversarem e conhecerem-se melhor e que não será decisiva. Ainda assim, o texto é apelativo, uma vez que a linguagem é atingível e os factos são apresentados com bastante clareza. O jornalista enumera de forma sucinta os temas que serão abordados durante a Cimeira e dos possíveis desentendimentos entre estruturas governamentais, sem no entanto, ampliar o grau da realidade, não prejudicando o seu carácter enquanto mero observador.

O Comércio do Porto – 1996. Edição nº 183, Ano CXLII, p. 12.

Terça-feira, 17 horas, Hotel Altis, em Lisboa – Manuel Monteiro prepara-se para apresentar aos jornalistas o teor da sua moção de estratégia ao 13º Congresso Nacional do CDS/PP, que abrirá no próximo sábado, juntando cerca de 900 delegados de quase todos os pontos do país. A fórmula "popular", a nível estatutário – que combina o número de filiados por distrito com os resultados eleitorais do partido nessas mesmas regiões –, contudo, não permitiu fugir ao tradicional peso esmagador das grandes áreas metropolitanas nos congressos. Dos delegados já eleitos, ou inscritos, uma centena são de Lisboa e mais de 70 do Porto.

Enfim, com poucos ou muitos delegados provenientes das zonas mais rurais de Portugal, o facto importante é que os dados estão já lançados e nada faz prever qualquer alteração significativa na equipa dirigente de Manuel Monteiro até às eleições legislativas.

Jornal de Notícias – 1995. Edição nº 251, Ano 107, p. 4.

Análise:

Relato completo do local, do horário e dos protagonistas e das suas ambições, dando a possibilidade ao leitor de observar, tal como o jornalista observou, o cenário onde decorre toda a acção. Este pequeno excerto demonstra os protagonistas do CDS-PP “O jovem e aguerrido presidente”; “os históricos” e “As «bases populares» ” e fala da ambição do partido e o propósito do 13º Congresso Nacional do CDS-PP “a cruzada pela ética e contra a corrupção”. Este parece ser um relato épico dos acontecimentos. O primeiro parágrafo do texto contextualiza o leitor de forma simples e embarca-o na viagem ao 13º Congresso Nacional do CDS/PP.

• 2000/2004

Durão Barroso tentou marcar o debate logo na sua intervenção inicial com a apresentação de um plano para melhorar a competitividade do sector produtivo nacional, programa que será explicado com maior detalhe pelo ministro da Economia, Carlos Tavares, na próxima semana.

Como principal novidade, o plano prevê “uma reserva fiscal para o investimento”, em que as empresas exportadoras, a partir de 2003, poderão reservar 20 por cento da sua colecta de IRC para aplicação nos dois anos seguintes em novos investimentos.

Durão Barroso anunciou ainda novas fases das privatizações da Portucel, Galp, EDP e EPAL, assim como a preparação de privatizações no sector das águas do IPE, na ANA, TAP, entre outras, a par da criação de uma nova autoridade de concorrência.

Mais à frente, o primeiro-ministro disse que haverá uma reformulação do Programa Operacional da Economia, a entrada no Parlamento de uma nova lei da imigração já na próxima semana e a apresentação, até 15 de Setembro, do traçado definitivo do TGV em conexão com a Espanha.

Análise:

Este é um texto sem truques de linguagem, ou seja, que não utiliza metáforas ou coloridos para se tornar mais atraente aos olhos do leitor, pois o assunto a abordar não permite que isso aconteça de ânimo leve. Ainda assim, este texto descreve de forma inteligente o debate na Assembleia da República, com um toque simples, expõe de forma “nua e crua” os temas levados a debate por Durão Barroso.

O Primeiro de Janeiro – 2002. Edição nº 151, Ano CXXXIV, p. 12.

A partir de hoje, o euro é a moeda legal. Porém, ainda pode utilizar os escudos em seu poder para efectuar pagamentos. Sempre que possível, os comerciantes farão o troco em euros, retirando assim os escudos de circulação.

(Atenção: ao pagar através de cartão, cheques ou transferências, só poderá utilizar euros). Deste modo, é mais fácil pagar sempre que possível em euros a partir de hoje, a fim de evitar pagamentos em escudos e trocos em euros (e permitindo assim que os comerciantes disponham de moedas de euros). A partir de agora, é bom começar já a pagar com notas e moedas de euros. Não troque os seus escudos durante os primeiros dias de 2002 no seu banco ou no Banco de Portugal. Dispõe de vários meses para o fazer no seu banco (informe-se sobre os possíveis limites ou pré-avisos necessários) e de um prazo mais dilatado se o fizer no Banco de Portugal. Caso não troque as notas e moedas de escudos até 1 de Março deste ano, poderá fazê-lo até 30 de Junho nos balcões das instituições de crédito e tesourarias da Fazenda Pública e até 31 de Dezembro deste ano na sede, filial, delega-

Onde encontrar notas e moedas de euros?

Se tiver adquirido o kit de moedas de euros em Dezembro de 2001, em Janeiro já disporá de algumas moedas,

Se levantar dinheiro no balcão do seu banco, em estações de correios ou em caixas automáticas receberá notas de euros. Se ainda efectuar pagamentos em escudos, receberá, em princípio, o troco em euros. Pode trocar directa e gratuitamente no seu banco todas as moedas e notas de escudos que estejam em seu poder. A partir de Março, o euro é a única moeda que pode utilizar para efectuar pagamentos.

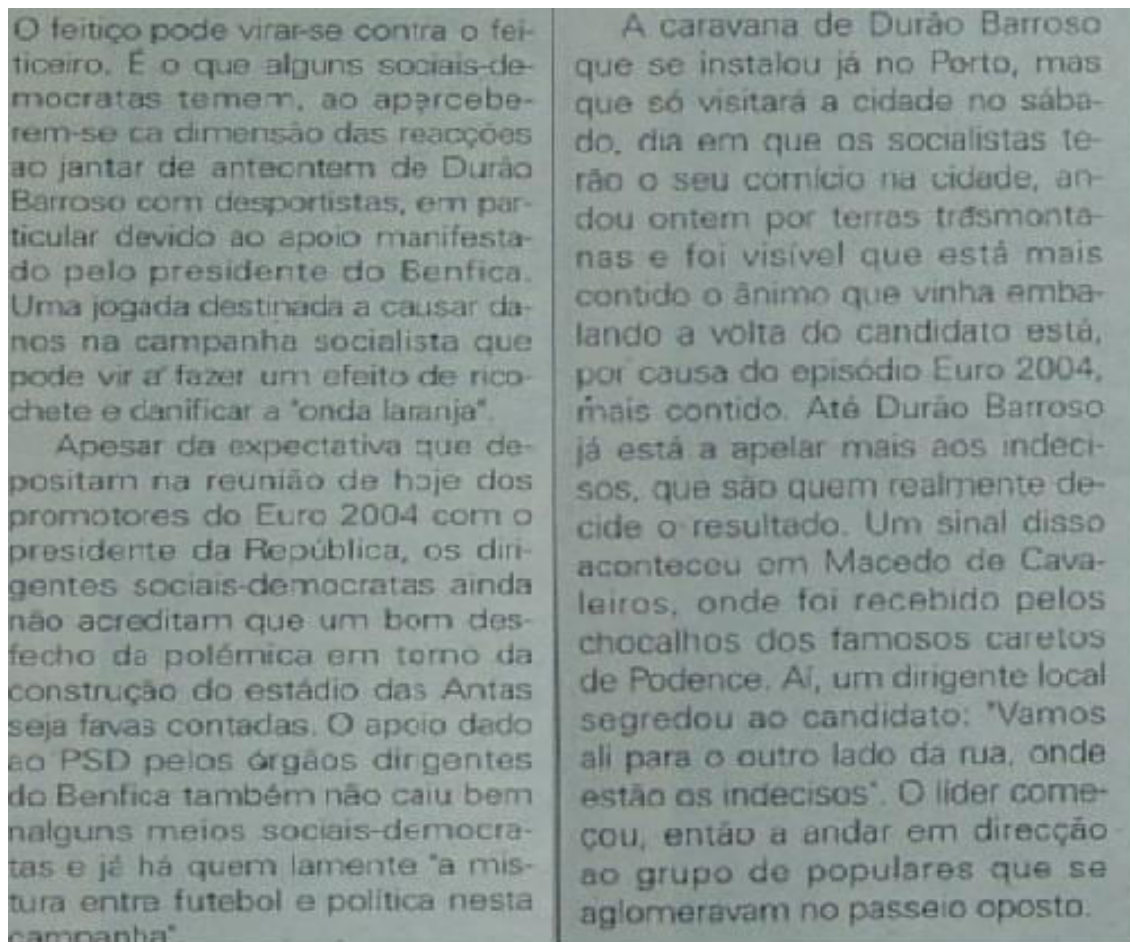
As contas bancárias ou contas postais

A maior parte das suas contas (correntes, de poupança ...) já terá sido convertida a partir de hoje. Esta conversão não exige qualquer intervenção da sua parte e consiste unicamente em converter os antigos montantes em escudos para montantes em euros, aplicando as regras legais de conversão. Porém, lembre-se que a partir de hoje, o euro será a única moeda autorizada para pagamentos escriturais. No entan-

O Comércio do Porto – 2002. Edição nº 214, Ano CXLVIII, p. 6.

Análise

Esta reportagem, como já foi referido, apresenta-se em jeito de manual de utilização, neste caso da moeda euro, um pouco à semelhança dos manuais que acompanham os materiais electrónicos. Aborda todos os ângulos possíveis, desde as questões básicas do dia-a-dia, até à forma como trocar os escudos por euros no banco e a relação dos mesmos com o cliente nesta transição. Em termos de linguagem não há muito mais a fazer, tendo em conta que, numa situação como esta, uma vez que a linguagem deve ser directa para não complicar ainda mais a compreensão do leitor nesta troca de moeda.



Jornal de Notícias – 2002. Edição nº 278, Ano 114, p. 18.

Análise:

É um texto criativo e com movimento, de leitura ligeira e até humorada. Nota-se a presença de uma escrita de diário: “(...) reacções ao jantar de anteontem (...) A caravana de Durão Barroso que se instalou já no Porto, mas que só visitará a cidade no sábado (...), andou ontem por terras transmontanas (...)”. Esta é uma forma de contar ao leitor os dias de comício do partido, de uma forma mais animada e movimentada, contornando o relato moroso.

2.3.4 – Reportagem e Literatura

A reportagem é a ligação entre o Jornalismo e Literatura, uma ligação que resulta como uma relação perfeita: o Jornalismo empresta o cariz informativo e realidade e a literatura contribui com a humanização, a emotividade e o semblante poético.

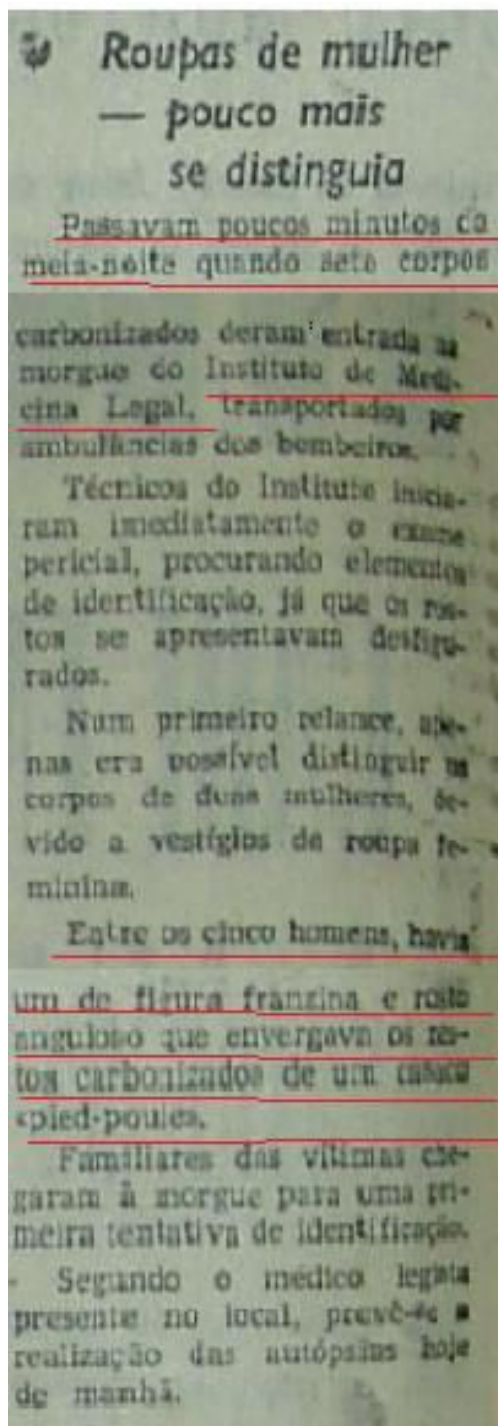
Aliás, a reportagem é, em algumas ocasiões, comparada ao conto (género literário), em que é escolhido um contexto – personagem, ambiente – para abordar um tema que tenha interesse público.

O jornalista/repórter é sujeito, durante o tempo de investigação, a mergulhar no ambiente do acontecimento, a seguir os passos dos envolvidos, a viver ou observar as suas experiências e depois contar aos leitores. O autor de um livro, muitas vezes para criar personagens baseia-se em experiências reais e propõe-se a viver as experiências das pessoas que escolhe para suas personagens.

O que aproxima reportagem e literatura é a exigência no trabalho de pesquisa e de investigação, a necessidade de vivenciar experiências para melhor poder contá-las aos leitores. Um jornalista ou um escritor que vive de perto emoções e sentimentos não podem escondê-los dos seus escritos e, a forma como abordam os acontecimentos acaba por ser mais poética e enfatizada.

Nos exemplos escolhidos é possível perceber a necessidade do jornalista em contar tudo o que viu e o que viveu. Usando a cronologia, a descrição do espaço, os adjectivos, as metáforas, o suspense e o mistério. Há, por parte dos três jornais em estudo, o uso de personagens (reais), mesmo quando elas não são a notícia, ou seja, quando não são a parte essencial da informação.

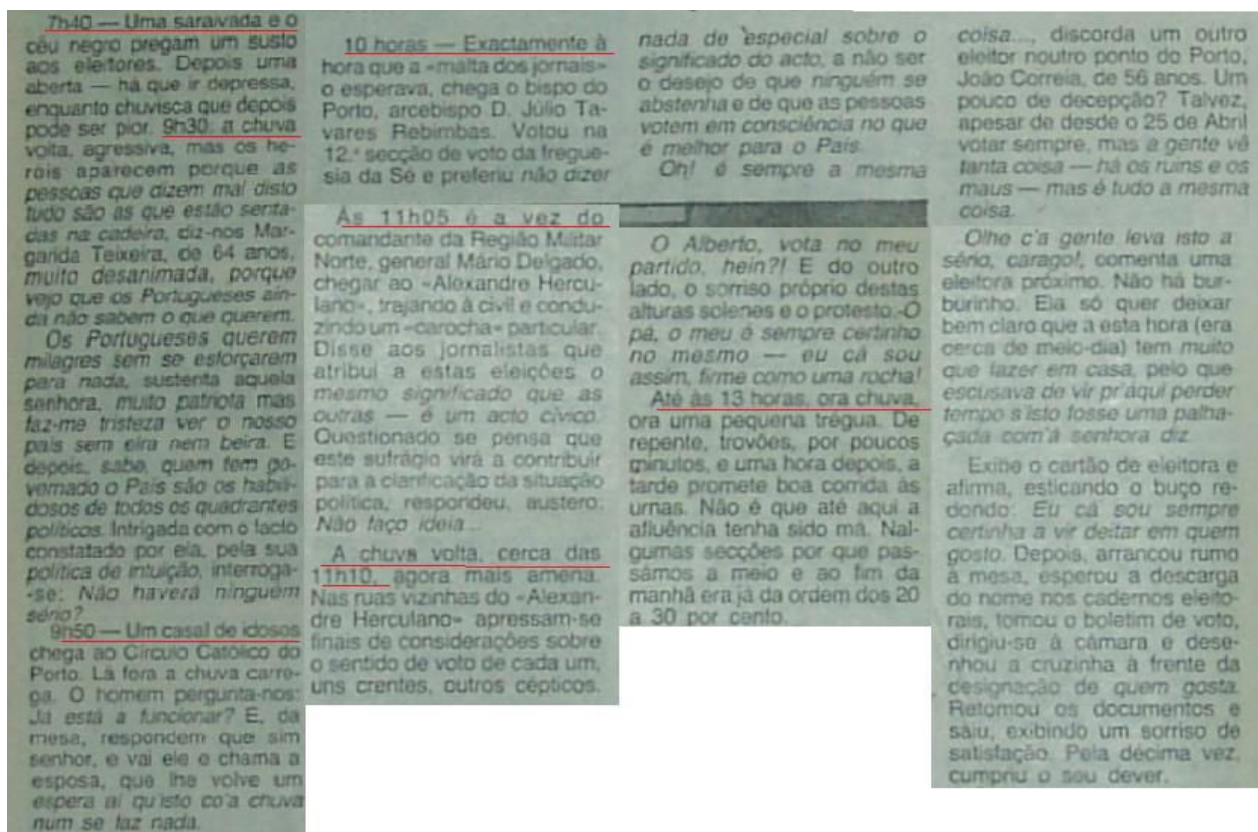
Análise dos excertos:



Jornal de Notícias – 1980. Edição nº 176, Ano 93, p. 2.

Análise:

O leitor é colocado no espaço e no tempo: “Instituto de Medicina Legal” e “passavam poucos minutos da meia-noite”. Típico de uma narrativa literária, permitindo ao leitor uma visualização da cena, a recriação de todo o cenário no seu imaginário. O jornalista cria suspense em volta da identidade dos corpos, dando pistas ao leitor sobre quem poderá ser um dos corpos masculinos, descrevendo: “figura franzina e rosto anguloso (...) que envergava (...) casaco «pied-poule». Poderia ser Francisco Sá Carneiro. É criado um ambiente de terror e mistério em volta do cenário: “meia-noite”, “corpos carbonizados” e “os restos se apresentavam desfigurados”. Além disso, toda a descrição da cena é típica de um romance policial ou de acção, pois a descrição permite a ideia de movimento e de agitação, através de palavras como “transportados por ambulâncias” e “(...) iniciaram imediatamente o exame pericial”.

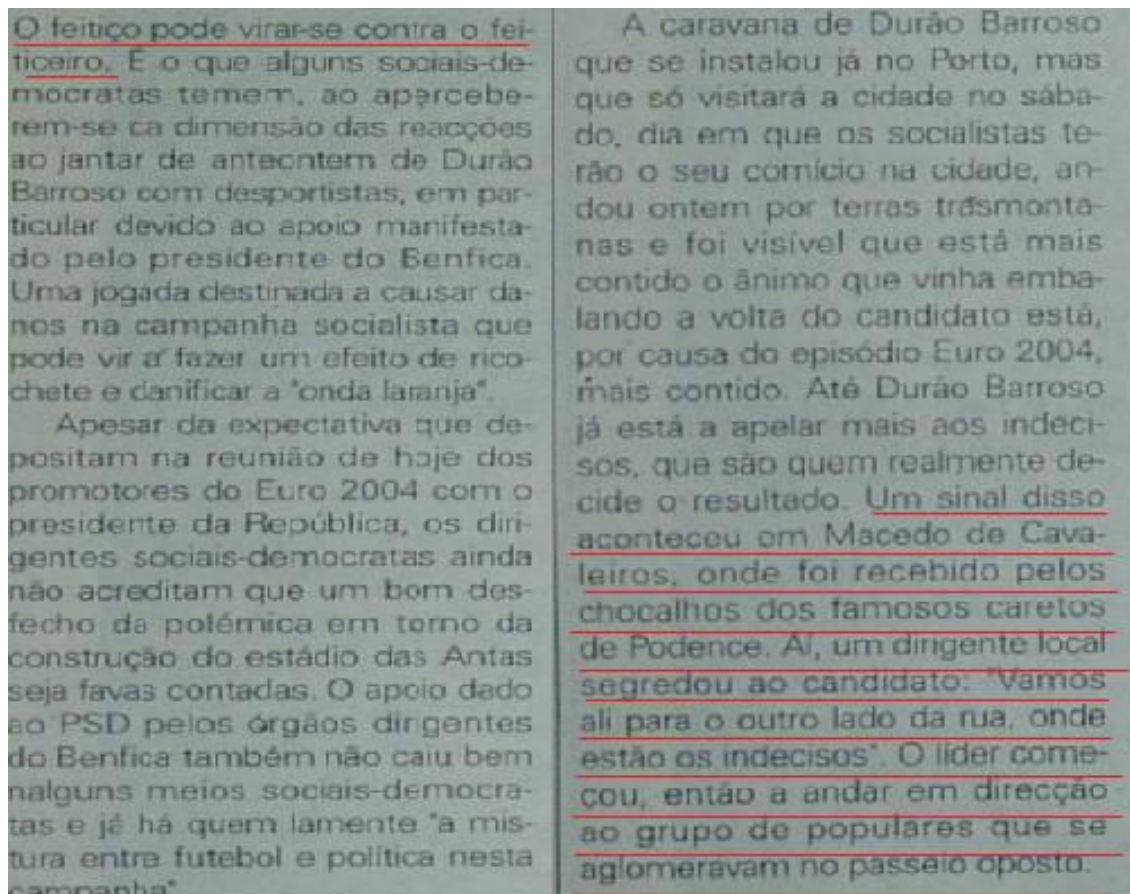


O Primeiro de Janeiro – 1983. Edição nº 113, Ano 115, p.10.

Análise:

O uso de horário, de contextualização do tempo como se tratasse de um diário, típico de uma narrativa literária, marcando o compasso de um dia normal de eleições: “7h40 – Uma saraivada e o céu negro (...) 9h30, a chuva volta (...) 11h50 – Um casal de idosos (...) 10h – Exactamente à hora (...) 11h05 é a vez do comandante (...) A chuva volta, cerca das 11h10 (...) Até às 13h, ora chuva, ora uma pequena trégua”.

O uso de metáforas e adjectivos como “saraivada”, “céu negro”, “heróis aparecem”, “uma pequena trégua” aliado ao uso do compasso das horas, leva o leitor num embarque, como se estivesse a ler um conto com suspense até ao final em que, a qualquer hora, em qualquer momento, algo de extraordinário possa vir a acontecer. Outro factor que aproxima este tipo de linguagem da literatura é o uso de personagens como o “casal de idosos”, a “malta dos jornais”, o “Bispo do Porto” e os testemunhos que aparecem citados como que a conferir realismo a esta história.



Jornal de Notícias – 2002. Edição nº 278, Ano 114, p. 18.

Análise:

Fala da campanha de Durão Barroso para as eleições legislativas. O uso de frases chave como: “o feitiço pode virar-se contra o feiticeiro” (este quase em jeito de ditado popular, em formato metafórico); “efeito ricochete”; “«ondas» laranja”, torna a leitura mais ligeira. O jornalista dá também um ar mais leve à reportagem introduzindo humor falando do encontro de Durão Barroso com os chocalhos dos caretos de Podence, figura típica de Macedo de Cavaleiros. Aliás, a frase “feitiço contra o feiticeiro” envolve precisamente o leitor no espírito destas personagens de Macedo de Cavaleiros que parecem figuras animadas de feiticeiros, dando a ideia de inspiração, de uma espécie de fábula ou de lenda. Neste texto é ainda criado mistério com os segredos soprados ao ouvido do candidato “(...) segredou ao candidato (...)”. “O líder começou, então, a andar...” Este “começou, então” dá a sensação de continuidade da acção, roçando o relato de uma história.

Terça-feira, 17 horas, Hotel Altis, em Lisboa – Manuel Monteiro prepara-se para apresentar aos jornalistas o teor da sua moção de estratégia ao 13º Congresso Nacional do CDS/PP, que abrirá no próximo sábado, juntando cerca de 900 delegados de quase todos os pontos do país. A fórmula "popular", a nível estatutário – que combina o número de filiados por distrito com os resultados eleitorais do partido nessas mesmas regiões –, contudo, não permitiu fugir ao tradicional peso esmagador das grandes áreas metropolitanas nos congressos. Dos delegados já eleitos, ou inscritos, uma centena são de Lisboa e mais de 70 do Porto.

Enfim, com poucos ou muitos delegados provenientes das zonas mais rurais de Portugal, o facto importante é que os dados estão já lançados e nada faz prever qualquer alteração significativa na equipa dirigente de Manuel Monteiro até às eleições legislativas.

Jornal de Notícias – 1995. Edição nº 251, Ano 107, p. 4.

Análise:

Uma vez mais é de realçar neste texto a preocupação de localizar o leitor no espaço e no tempo: “Terça-feira, 17 horas, Hotel Altis, em Lisboa (...)” e introduz a personagem “(...) Manuel Monteiro prepara-se para (...)”. Em reportagens sobre política a criatividade, muitas vezes, poderá ficar mais descompensada na abordagem ao tema, talvez pelo cariz mais sério que política assume junto da opinião pública, ainda assim, há indícios, nos textos analisados, que aproximam a escrita jornalística da literatura.



O Comércio do Porto – 1980. Edição nº 123, Ano CXXVI, p.5.

Análise:

Este texto mistura um relato mais descritivo na primeira coluna, expondo os factos como eles são, decorridos durante o dia de eleições, com um relato mais leve e criativo na segunda coluna e que, depois, se expande até ao fim da peça. É essa criatividade que aproxima este texto da escrita literária com exemplos como este: “As ruas da «baixa» portuense (...) coloriram-se assim, mais uma vez, de gente expectante e faladora (...)”. É o uso de metáforas que traz mais beleza à escrita jornalística, conferindo-lhe uma certa excelência, conquistando a vontade do leitor em não tirar os olhos das palavras. Estas metáforas são uma herança da literatura.

2.3.5 – A Fotografia nas reportagens

A fotografia surge como suporte à reportagem, de modo a conferir-lhe autenticidade, já que o leitor, através da imagem, pode visualizar melhor a acção, o local ou até mesmo as personagens envolvidas na reportagem.

Dizem os autores Frederico Tavares e Paulo Vaz (2005, p. 125) que:

Na mídia impressa em geral, actualmente, a fotografia é a forma de representação visual mais utilizada. Para além dos recursos gráficos (*layout*, tipografia, cores, etc.), a fotografia salta aos nossos olhos como mensagem, como texto visualmente relevante e carregado de sentido. A fotografia não está ali por acaso. Ela tem uma função, aparece em um formato, possui uma intenção.

Aliás tem surgido, com cada vez mais intensidade, o uso da fotoreportagem por parte, mais das revistas, do que propriamente dos jornais. Este é um modo mais atraente de contar a história, tendo em conta que existem os chamados leitores preguiçosos ou ocupados que não têm tempo de ler os enormes textos das reportagens, mas que, com a fotografia, podem fazer uma leitura horizontal rápida e, mesmo assim, ficar informado sobre determinado acontecimento.

Jorge Pedro Sousa (2002, p. 78) fala do enquadramento, planos e composição da fotografia:

O **enquadramento** corresponde ao espaço da realidade visível representado na fotografia. Como é óbvio, é o fotógrafo que dita o enquadramento. Se a uma fotografia amputarmos parte do seu espaço visual, falamos em **reenquadramento**. Reenquadrar uma fotografia é um gesto frequente em fotojornalismo, pois assim pode concentrar-se a atenção do observador no motivo e retirar da imagem elementos que desviem o olhar do que é importante. Os reenquadramentos podem fazer-se quer em laboratório (processo antiquado), quer usando meios informáticos (processo actual).

Sousa (2002, p. 79) explica como ler e compreender os planos:

- **Planos gerais:** os planos gerais são planos abertos, fundamentalmente informativos, e servem, principalmente, para situar o observador, mostrando uma localização concreta.

São muito usados para fotografar paisagens e eventos de massas (as pessoas podem diluir-se no conjunto, mas podem também parecer personagens colectivas, com personalidade, forma e peso). Os planos gerais também podem servir, por exemplo, para fotografias em que o próprio cenário é a “personagem” (como o peso dos arranha-céus sobre as pessoas);

- **Planos de conjunto:** planos gerais mais fechados, onde se distinguem os intervenientes da acção e a própria acção com facilidade e por inteiro;

- **Plano médio:** os planos médios servem para relacionar os objectos/sujeitos fotográficos, aproximando-se de uma visão “objectiva” da realidade; um plano médio mais aberto pode considerar-se um **plano de três quartos** ou **plano americano**; um plano médio mais fechado pode considerar-se um **plano próximo**.

- **Grande plano:** os grandes planos enfatizam particularidades (um rosto, uma janela...), sendo frequentemente mais expressivos do que informativos, embora também sejam menos polissémicos do que os planos gerais, já que estes últimos possuem mais elementos para consumo do observador. Quando o grande plano é muito fechado, denomina-se **muito grande plano** ou **plano de pormenor**.

Sousa (2002, p.79/80) distingue ainda:

Além dos planos, é preciso tomar em consideração os **ângulos de tomada de imagem**, ou seja, o ângulo que a máquina fotográfica forma com a superfície. Os ângulos de captação de imagem também se materializam no plano. Daí as designações “plano normal”, “plano picado” e “plano contrapicado”:

- **Plano normal:** a tomada da imagem faz-se paralelamente à superfície, oferecendo uma visão “objectivante” sobre a realidade representada na fotografia;

- **Plano picado:** a tomada de imagem faz-se de cima para baixo, tendendo a desvalorizar o motivo fotografado;

- **Plano contrapicado:** a tomada de imagem faz-se de baixo para cima, tendendo a valorizar o motivo fotografado.

Acima de tudo, como refere Ricardo Correia (2006, p. 17)

“(...) o fotojornalista tem que ter a capacidade intuitiva e sentido de oportunidade de fazer disparar a máquina no momento certo, sob pena de não conseguir captar uma imagem que se quer distinta das outras.”

Abdias Pinheiro Filho (2003, p. 2) distingue uma hierarquia dos componentes:

“Os grupos da divisão dos componentes são basicamente três:

1. – Os componentes vivos: os humanos e os animais;
2. – Os componentes móveis: certos fenómenos e elementos naturais;
3. – Os componentes fixos: os objectos de toda forma.

Há uma relação hierárquica entre esses componentes que constitui a regra fundamental da escrita fotográfica. Essa hierarquia dá-se no processo de leitura da fotografia. O componente vivo domina os outros, tendo como variante a sua intensidade e a sua supremacia emocional. Os componentes móveis dominam sobre os fixos, independente de tamanho. Esse conhecimento assegura à fotografia uma feitura fácil, rápida e eficaz. Temos alguns casos: quando os componentes vivos ocuparem um espaço reduzido na foto, passando a ser um grafema. Quando a representação do componente fixo não for habitual e force o interesse do leitor.”

Não é por acaso que o ditado “uma imagem vale mais do que mil palavras” fez sempre referência à importância da fotografia comparada com o texto escrito, aliás, o trabalho funciona na perfeição quando nenhum dos dois é usado em exagero, pois o texto ficaria nu sem a mensagem da fotografia e a fotografia diria pouco se não tivesse como suporte o texto que informa e contextualiza sobre o que se está a visualizar. Nesse sentido, uma boa reportagem não contém um desfiar de palavras a ocupar páginas inteiras de jornais, pois estas não funcionariam visualmente, porque de imediato se tornaria aborrecido aos olhos do leitor e muito pouco sedutor.

Uma vez mais, como refere Abdias Pinheiro Filho (2003, p. 3): “A ação da leitura de uma fotografia desencadeia reações emocionais mais espontâneas e quase sempre mais intensas que a leitura de um texto literário, causada pela forma como é escrita e apresentada essa informação visual.”

Análise das fotografias das reportagens em estudo:

- Década de 70



O Primeiro de Janeiro – 1976. Edição nº 125, p. 5.

Análise:

Aqui é utilizado um plano de conjunto em que são mostrados os intervenientes da acção (personagens da história) Ramalho Eanes e a esposa e a restante acção (o povo). Esta imagem, e até a própria legenda, incitam a uma espécie de pré-campanha de Ramalho Eanes, preparando, quem sabe, assim a sua candidatura a Presidente da República. Nesta foto distingue-se facilmente uma selecção da componente viva/humana.



Esta imagem foi captada numa casa do Largo do Terreirão. Observa-se arranjo e limpeza. Contudo, esta não é a real face do Barredo!



A sr.ª Odete Alves vive com o marido e sete filhos num barracão que alindou «conforme as posses». É uma única divisão, que, à noite, fica dividida por biombos. Mas enquanto os seus dormem em camas desmontáveis, outros pernhoitam sobre enxada e outros ainda até sobre jornais velhos... O Barredo é um infinito submundo que deve acabar urgentemente.

Jornal de Notícias – 1974. Edição nº 215, p.3.

Análise:

Tanto a primeira como a segunda fotografia contêm indícios da componente viva (na primeira uma menina e na segunda imagem uma mulher), no entanto, tendo em conta o contexto desta reportagem, sobre a requalificação prometida e não concretizada pela autarquia do Porto das casas daquele bairro, o mais natural seria usar planos das casas deterioradas. Isto vai de encontro ao explicado na introdução por Abdias Pinheiro Filho, que afirma que “o componente vivo domina os outros, tendo como variante a sua intensidade e a sua supremacia emocional”. É utilizado um plano médio, de modo a relacionar o sujeito com o objecto (o morador com a casa em que vive) mostrando assim as condições de habitabilidade. Quanto ao enquadramento, tanto na primeira como na segunda fotografia, o componente vivo (pessoas) não surge no centro, deixando passar, assim, desta forma, a ideia de que o essencial é precisamente o interior das casas onde estão a ser fotografadas essas pessoas. Esta técnica serve para destacar o objectivo do fotojornalista que, através do enquadramento extrai o essencial, sem no entanto, excluir qualquer interveniente.

O enquadramento da fotografia, bem utilizado, ajuda o leitor a prestar atenção no contexto de toda a imagem, percebendo melhor o assunto nela retratada. Obrigando a olhar para um todo, para os detalhes de todo o quadro e não apenas para o interveniente.

• Década de 80



O Primeiro de Janeiro – 1980. Edição nº 330, Ano 112, P. 1.

Análise:

Este é o conjunto de fotografias que integra a reportagem do *Primeiro de Janeiro* sobre a morte do primeiro-ministro Sá Carneiro. Estas são fotografias contidas, um pouco à semelhança do texto, excluindo o cenário de terror e pânico, normal de um acidente com vítimas mortais. Estas fotografias deixam, assim, a mensagem da memória do homem que era Sá Carneiro e a saudade. Além de Sá Carneiro surge também a foto de Amaro da Costa, então Ministro da Defesa. Os dois surgem em grandes planos, em situações de desempenho das respectivas funções, deixando assim, a marca do que representavam para Portugal. Uma das fotografias (a terceira a contar de cima para baixo e da direita para a esquerda), apresenta aliás um enquadramento do primeiro-ministro do lado direito, mostrando o símbolo da Assembleia da República.

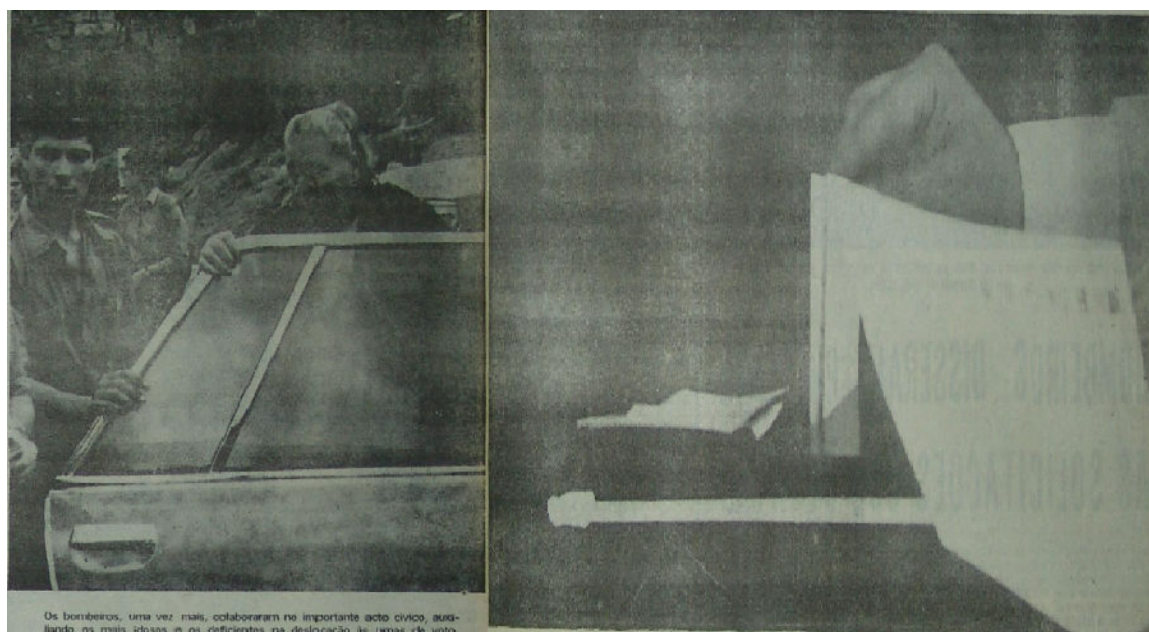
Uma vez mais prevalece os componentes vivos em substituição dos componentes fixos que seriam o mais esperado de utilizar, com imagens do local do acidente, da avioneta, enfim, com um conjunto de objectos fixos que dariam a imagem da dimensão do acidente.



O Primeiro de Janeiro – 1983. Edição nº 113, Ano 115, p.10.

Análise:

Este conjunto de fotografias diz respeito à reportagem do *Primeiro de Janeiro* sobre o dia de eleições e está carregado de componentes vivos. Quase na sua totalidade são usados planos de conjunto, que deixa ver toda a cena sem destacar particularidades. Nas três primeiras fotos os intervenientes são cidadãos comuns no acto de voto. Nas últimas três imagens são apresentados em destaque personalidades da vida política, militar e religiosa.



O Comércio do Porto – 1980. Edição nº 123, Ano CXXVI, p.5.

Análise:

Estas duas fotografias dizem respeito à reportagem do *Comércio do Porto* sobre as eleições legislativas. A primeira apresenta componentes vivos, num plano médio, mostrando a importância deste dia com a presença dos bombeiros no auxílio dos idosos e deficientes, como refere a própria legenda e a imagem corresponde ao texto que fala de “Uma certa prática de vivência democrática”, prática que ao longo de todo o texto é reportada, observada e analisada.

A segunda fotografia apresenta um grande plano do acto de voto, esta é uma foto simbólica, que tem como objectivo engrandecer a responsabilidade de colocar o papel de voto na urna, um acto comum a todos os portugueses, principalmente se tivermos em conta a época destas eleições, era a quarta vez que os portugueses elegiam os seus representantes na Assembleia da República depois do 25 de Abril de 1974 e, portanto, já com uma “certa prática” e com um certo reconhecimento do acto eleitoral. Esta imagem apresenta uma grande dimensão de expressividade, tendo em conta que consegue passar de forma bastante forte o seu conteúdo informacional – um dia que se resume ao acto de votar.



O general Ramalho Eanes no local do acidente, onde de imediato procurou inteirar-se daquilo que lhe deu a origem.



Soares Carneiro junto do local da tragédia

Jornal de Notícias – 1980. Edição nº 176, Ano 93, p. 2.



Jornal de Notícias – 1980. Edição nº 176, Ano 93, p. 2.

Análise:

O ângulo de abordagem, em termos de conteúdo, das fotografias do *Jornal de Notícias* em relação ao mesmo tema – a morte de Sá Carneiro – é diferente do jornal *Primeiro de Janeiro*. As três fotografias mostram o local do acidente e não há nenhuma fotografia a lembrar a figura de Sá Carneiro. Os planos são planos de conjunto, planos abertos que demonstram vários pormenores e a amplitude do acontecimento, com exceção da segunda fotografia, que demonstra um grande plano de Soares Carneiro, candidato à Presidência da República pelo partido de Sá Carneiro, um plano que destaca (ou pretende destacar) a cara de consternação do candidato. Os dois jornais são semelhantes apenas nos componentes utilizados, uma vez mais, componentes vivos.



Jornal de Notícias – 1986. Edição nº 217, Ano 98, p. 2.

Análise:

As duas fotografias dizem respeito ao almoço de campanha de Salgado Zenha às eleições presidenciais de 1986, candidato apoiado por Ramalho Eanes, o então presidente da República. A primeira foto mostra Salgado Zenha de perfil, a discursar para os apoiantes da sua candidatura, é uma fotografia que apresenta um plano de conjunto, cujo enquadramento destaca à esquerda o candidato, deixando no centro ou no total preenchimento da imagem o aglomerado de pessoas que o acompanham e apoiam. Uma vez mais, os componentes vivos são os componentes escolhidos como intervenientes da imagem.

A segunda fotografia mostra, também de perfil, Ramalho Eanes, exibindo uma escultura como se fosse um prémio. Esta fotografia revela uma segunda interpretação, uma vez que funciona, aos olhos do leitor, como uma imagem de um vencedor exibindo a taça, conferindo assim um carácter fortemente simbólico a esta fotografia. O facto de os dois mais altos intervenientes surgirem, em fotos separadas, mas ambos de perfil, poderá suscitar várias interpretações, no entanto, cada pessoa pode fazer a sua, deixando assim, essa tarefa para o leitor.

• Década de 90



A inauguração da «escola da liberdade».



Como sempre, a população acorreu em grande número para ver o PR.

O Primeiro de Janeiro – 1992. Edição nº 181, Ano CXXIV, p. 7.

Análise:

As duas fotografias dizem respeito à reportagem sobre a visita de presidente da República Mário Soares a Valongo com o objectivo de enaltecer e dilatar o Poder Local.

A primeira foto mostra um grande plano do presidente da República no momento descerra a placa de inauguração da “escola da liberdade” e a sua figura não surge centrada (enquadramento banal e típico da fotografia), mas antes no plano direito da fotografia, dando a sensação de um plano contrapicado, destacando a placa e diminuindo a imagem de Mário Soares.

A segunda fotografia apresenta um plano conjunto de Mário Soares com os restantes intervenientes desfilando e cumprimentando o povo em cerimónia oficial de visita. O plano parece ser um plano picado (foto tirada de cima para baixo) de modo a enquadrar toda a acção, diminuindo a presença das personagens, apanhando todo o ambiente envolvente.

Nas duas fotografias é privilegiado de novo o componente vivo como conteúdo para contextualizar a mensagem.

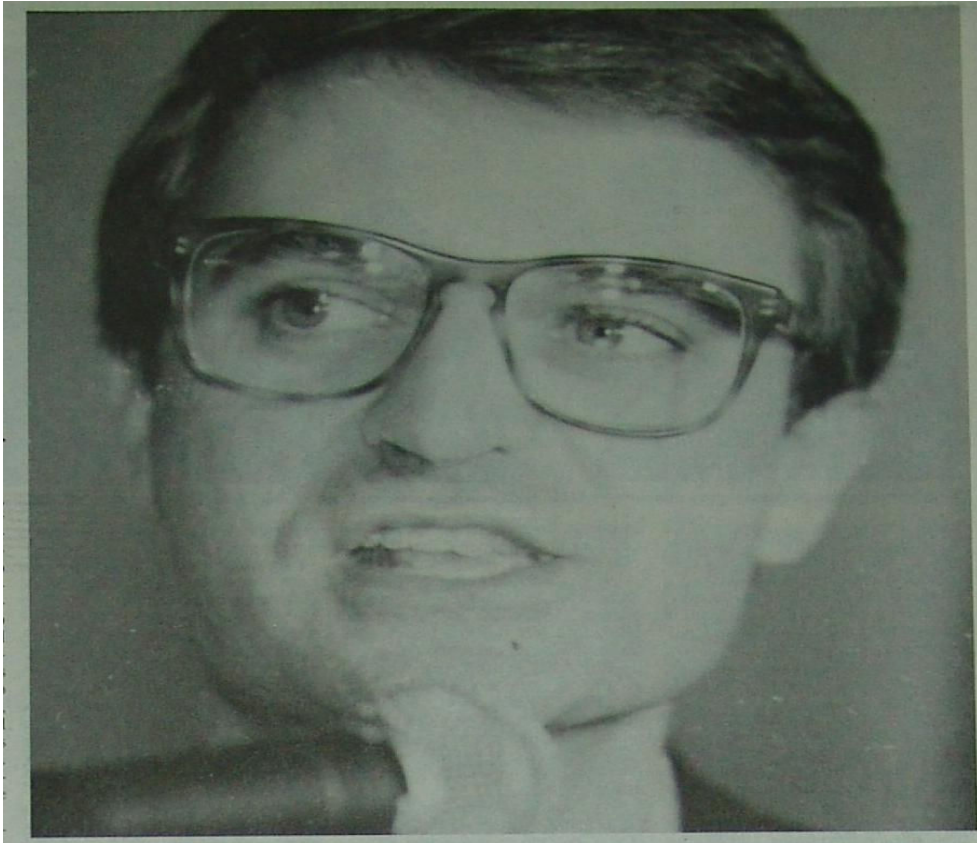


O Comércio do Porto – 1996. Edição nº 183, Ano CXLII, p. 12.

Análise:

Esta fotografia integra a reportagem do *Comércio do Porto* sobre a Cimeira da Organização de Cooperação e Segurança na Europa.

A imagem é apresentada em plano de conjunto com componentes fixos, em que surge o Centro Cultural de Belém, local onde decorrerá a Cimeira e com a imagem das bandeiras dos países europeus interessados e intervenientes neste encontro. Quanto ao enquadramento, nota-se uma ligeira descentralização do objecto a ser fotografado (edifício do Centro Cultural de Belém) com o propósito de agarrar as duas bandeiras do lado esquerdo da foto. Isto deixa a sensação de que o objecto principal e com destaque na fotografia serão as bandeiras que representam o respectivos países.



Jornal de Notícias – 1995. Edição nº 251, Ano 107, p. 4.

Análise:

Grande plano de Manuel Monteiro durante o Congresso do CDS/PP. A fotografia surge ao jeito de imagem de cartaz de campanha eleitoral, com o rosto do principal candidato pelo CDS/PP. Aliás, nesta altura, Manuel Monteiro era o rosto do CDS/PP, portanto, bastava a sua imagem, o seu rosto para identificar o partido. Pode assumir-se assim, esta fotografia como imagem simbólica, representante de um partido político.

Os componentes apresentados são os componentes vivos.

• 2000/2010



Durão anunciou plano para melhorar o sector produtivo nacional
O Primeiro de Janeiro – 2002. Edição nº 151, Ano CXXXIV, p. 12.

Análise:

Esta foto diz respeito à reportagem sobre o debate mensal na Assembleia da República e a polémica sobre dívidas fiscais do Benfica. Esta foto apresenta um plano médio, tentando focar e centralizar Durão Barroso a discursar sobre o programa de produtividade e crescimento da economia e, ao mesmo tempo, deixa ver os restantes intervenientes (que surgem como imagem de fundo) e as suas reacções ao anúncio do respectivo programa. Este plano permite, assim, “espreitar” o ambiente da Assembleia da República. Os componentes presentes nesta fotografia são os componentes vivos.



O Comércio do Porto – 2002. Edição nº 214, Ano CXLVIII, p. 6.

Análise:

Os componentes presentes nesta fotografia, que integra a reportagem sobre a entrada da moeda Euro em Portugal, são os componentes fixos. Esta foto surge ao jeito de documento, fazendo parecer um mapa cujas mãos, presentes na foto, tentam situar o leitor, dando-lhe a sensação de ser uma foto orientadora. Um mapa/documento que ilustra as notas de Euro e o câmbio para o Euro da moeda respectiva de cada país exposto do lado direito da fotografia. Esta imagem apresenta um plano de conjunto – um plano aberto, capaz de numa só fotografia, passar tanta informação ao leitor.



EM MACEDO DE CAVALEIROS, os famosos caretos de Podence fizeram a festa para o líder social-democrata
Jornal de Notícias – 2002. Edição nº 278, Ano 114, p. 18.

Análise:

Estas duas fotografias integram a reportagem sobre a campanha de Durão Barroso no Norte do país, nomeadamente no Porto e Macedo de Cavaleiros. A primeira fotografia mostra os intervenientes num grande plano, salientando os rostos e meio corpo, para mostrar o abraço de Durão Barroso a Menezes, numa demonstração de relação de harmonia dentro do partido.

A segunda fotografia é tirada durante a visita a Macedo de Cavaleiro e regista o momento de humor registado no corpo de texto, em que Durão Barroso é “engolido” pelos “Caretos de Podence” (figuras típicas e maliciosas de Trás-os-Montes). Esta imagem consegue assim complementar o texto e registar o momento mais espirituoso desta campanha de Durão Barroso. A fotografia surge em grande plano, apertado e fechado, de modo a conseguir agarrar a reacção facial de Durão Barroso à batida súbita destes “Caretos de Podence”, ao mesmo tempo a foto tenta inserir na imagem os restantes protagonistas – os caretos e uma popular.

Em jeito de conclusão desta leitura das fotografias que integram as reportagens escolhidas para esta análise qualitativa, interessa salientar que das 28 fotografias analisadas, apenas três apresentam componentes fixos, ou seja, objectos de toda forma, e 25 apresentam componentes vivos, quer isto dizer, que a maioria das fotografias mostra pessoas, personagens das reportagens, os intervenientes que povoam as histórias contadas.

Conclusão:

No decurso desta investigação foi desenvolvido um estudo teórico com base numa revisão bibliográfica tendo como objectivo esmiuçar a reportagem enquanto género jornalístico, quanto à sua tipologia, à sua história e ao seu futuro. E é com ele que se vai começar por traçar as conclusões a que esta investigação chegou:

- Não é possível concluir com certezas se a reportagem é, de facto, a arma secreta para que a imprensa escrita se mantenha de pé no futuro. No entanto, ao longo da revisão bibliográfica e com a sustentação teórica deste trabalho é possível verificar que muitos autores realçam a importância e as capacidades da reportagem enquanto género jornalístico como meio de atrair os leitores, devido à sua personalidade criativa e habilidade de aprofundamento dos factos. Ainda assim, no estudo de caso é possível verificar que, em trinta anos de passado de três jornais do Porto, a reportagem não é um género privilegiado, acabando por deter uma ínfima percentagem em número de peças relativamente a outros géneros jornalísticos. A única conclusão a retirar é que na teoria tudo indica que a reportagem poderá ser um género de excelência para resgatar o interesse do leitor pelos jornais impressos, mas na prática a história da imprensa escrita (sobretudo a estudada neste caso) parece não “investir” muito na reportagem como base sustentável.
- Através da sustentação teórica foi possível perceber que na era do Webjornalismo e dos webjornais, em que muitos dos géneros foram reinventados e outros acabaram mesmo por desaparecer, a reportagem poderá ter um ponto de interesse maior, uma vez que permite o uso de mecanismos que suportem a sua criatividade, como a imagem animada (vídeos), o som, a infografia, a volatilidade da informação que permite ao leitor escolher o que quer ler e a hipertextualidade que permite dentro de um mesmo tema de reportagem, abordar vários subtemas relacionados com o enfoque da reportagem

e que têm interesse para os vários tipos de leitores. A globalização transformou a nossa cultura e com ela a forma de informar sobre o mundo. Cada vez mais os meios de comunicação social vão surgindo mais especializados e os meios tradicionais têm de encontrar caminhos para seguir, senão lado a lado, ao mesmo passo que os modernos. A reportagem, por permitir ao espectador um acesso mais real do acontecimento, poderá ser o caminho certo para levar a imprensa escrita ao encontro com o sucesso, por permitir, como se verificou na base teórica deste trabalho, um aprofundar dos acontecimentos, por poder ser mais expansiva na descrição dos factos, por poder dar algo de diferente que os outros meios não dão.

- A pesquisa e enquadramento histórico da reportagem permitiram saber como surge este género jornalístico, como tem sido tratado até aos dias de hoje e que necessidades justificam, além do seu aparecimento, a sua evolução no presente e no futuro.
- As tipologias explicadas na base teórica deste trabalho ajudam a compreender a variedade da técnica que este género contém para informar, para ser criativo e assim se “multiplicar” para atingir o êxito final – localizar o leitor no tempo e no espaço da acção.

O segundo capítulo deste trabalho, o estudo do *Jornal de Notícias*, *O Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto*, permitiu ver a evolução quanto ao uso, num passado não muito longínquo, da reportagem nas páginas destes três jornais. Podem ser respondidas as questões como:

- 1) Que espaço, em número de peças dão os três jornais à reportagem?
- 2) A reportagem assume importância relativamente a outros géneros jornalísticos?

O espaço, em número de peças, dado à reportagem adquire uma percentagem muito pequena relativamente aos restantes géneros jornalísticos, o que permite responder à

segunda questão, que a reportagem assume uma importância diminuta para os três jornais em estudo relativamente aos restantes géneros jornalísticos. Ainda no estudo de caso foi possível analisar o discurso, no âmbito qualitativo, perceber que existe uma aproximação com a narrativa literária embora, sempre mais contida, tendo em conta que os excertos das reportagens em análise dizem respeito ao tema Política e, nesse sentido, exige uma dose de seriedade que os restantes temas não exigem. Portanto, os textos são escritos com uma dose de criatividade temperada, que incita à curiosidade, mas que não é desregrada para não deixar de ser imparcial e, sobretudo, para não permitir duplos sentidos, que geralmente podem ser perigosos, quando se trata de política.

Bibliografia:

Acuña, Celso José Garza, 2003. *Vigencia del relato como sentido de la realidad: análisis de reportajes históricos*. Madrid. Universidad Complutense de Madrid, Facultad de Ciencias de La Información.

Araújo, Matilde Rosa Lopes de, 1946. *A Reportagem como género – Génese do Jornalismo através da constante histórico – literária*. Lisboa. Faculdade de Letras.

Arranz, Fermín Galindo. *Reportagem*. Disponível em <http://pt.wikipedia.pt/jornalismo-lister>

Azevedo, José (2009). *Metodologias qualitativas. Análise do discurso*. Porto. Universidade do Porto. Faculdade de Letras.

Barbosa, Suzana (2005). *Banco de dados como metáfora para o jornalismo digital de terceira geração*. Disponível em <https://bocc.ufp.pt/pag/barbosa-suzana-banco-dados-metafora-para-jornalismo-digital-terceira-geracao.pdf>

Bertocchi, Daniel (2005). *Géneros jornalísticos em espaços digitais*. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/bertocchi-daniela-generos-jornalisticos-espacos-digitais.pdf>

Boucher, Jean-Dominique (2004). *Técnicas de Jornalismo, A Reportagem Escrita*. Paris, Editorial Inquérito.

Campos, Jorge (1994). *A Caixa Negra*. Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa.

Canavilhas, João (2006). *Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada*. Covilhã, Universidade da Beira Interior.

Cordeiro, Ricardo (2006). *Fotografia publicitária e fotografia jornalística: pontos em comum*. Covilhã, Universidade da Beira Interior.

Correia, João Carlos (2008). *Jornalismo: História, Teoria e Metodologia. Perspectivas Luso Brasileiras*. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

Crato, Nuno (1983). *Comunicação Social – A Imprensa*. Lisboa, Editorial Presença.

Dicionários Académicos. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto, Porto Editora.

Dines, Alberto (2007). *Lições Contemporâneas, A lengalenga apocalíptica do fim da imprensa escrita*. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=432IMQ001>

Fidalgo, Joaquim (2000). *Novos desafios para a imprensa escrita e para o jornalismo*. Porto, Universidade do Minho, Centro de Estudos de comunicação e Sociedade.

Filho, Abdias Pinheiro (2003). *O Texto Fotográfico e Sua Leitura*. Belém, Movendo Idéias, v8, n.14.

Franceschini, Felipe (2004). *Notícia e reportagem: sutis diferenças*. Rio de Janeiro, Comum, v.9 - nº 22.

Fontcuberta, Mar de (1999). *A Notícia, pistas para compreender o mundo*. Lisboa, Notícias Editorial.

Godinho, Jacinto (2009). *As Origens da Reportagem – Imprensa*. Lisboa, Livros Horizonte.

Gradim, Anabela (2000). *Manual de Jornalismo, Livro de Estilo do Urbi et Orbi*. Covilhã, Universidade da Beira Interior, Instituto da Comunicação social.

Grijelmo, Álex (2001). *El Estilo del Periodista*. Madrid. Taurus.

Guillén, María Isabel Cintas (2001). *Un Liberal ante la Revolución: Cuatro reportajes de Manuel Chaves Nogales*. Sevilla. Secretariado de Publicaciones Universidade de Sevilla.

Jornal de Notícias. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2010. [Consult. 2010-03-05]. Disponível em www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$jornal-de-noticias](http://www.infopedia.pt/$jornal-de-noticias)>

Kindermann, Conceição Aparecida (2003). A Reportagem Jornalística no Jornal do Brasil: desvendando as variantes do Género. Tubarão. Universidade do Sul de Santa Catarina.

Letria, José Jorge e Goulão, José (1982). *Noções de Jornalismo*. Lisboa, Livros Horizonte.

Maanen, John Van (1979). *Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface*. Administrative Science Quarterly, vol. 24, nº 4.

Mielniczuk, Luciana (2001). *Características e implicações do jornalismo na Web*. Disponível em http://www.cesnors.ufsm.br/professores/chmoraes/comunicacao-digital/13-2001_mielniczuk_caracteristicasimplicacoes.pdf

Oliveira, Renata (2008). *O futuro da imprensa escrita*. Disponível em <http://gargalo.wordpress.com/o-futuro-da-imprensa-escrita-2/>

Parrat, Sónia Fernández (2001). *A Reportaxe de Prensa en Galicia (1960-2000)*. Santiago de Compostela, Facultade de Ciencias da Información.

Pope, Catherine; Mays, Nick (1995). *Reaching the parts other methods cannot reach: an introduction to qualitative methods in health and health service service reaserch*. British Medical Journal.

Queiroz, Eça (1867). *Crónica*. Disponível em <http://www.imultimedia.pt/museuvirtpress/ecaqueiroz/eca.html#cronica>.

Queiroz, Luís Ricardo Silva (2006). *Pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa: Perspectivas para o campo da etnomusicologia*. João Pessoa. Universidade Federal de Paraíba.

Quintero, Alejandro Pizarroso (1994). *Historia de la Prensa*. Madrid, Editorial Centro de estudios Ramón Areces.

Ribas, Beatriz (2006). *O contexto digital e os géneros jornalísticos: considerações sobre a retórica da narrativa na Web*. Disponível em http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2006_ribas_sbpjor_portoalegre_narrativa.pdf

Ricardo, Daniel (1989). *Manual do Jornalista*. Lisboa, Cadernos O Jornal.

Seixas, Lia (2009). *Redefinindo os Géneros Jornalísticos. Proposta de novos critérios de classificação*. Covilhã, Livros LabCom.

Sousa, Jorge Pedro (1994). *Fotojornalismo*. Porto, Universidade Fernando Pessoa.

Sousa, Jorge Pedro (1999). *As Notícias e os seus Efeitos, As “Teorias” do Jornalismo e dos Efeitos Sociais dos Media Jornalísticos*. Porto, Universidade Fernando Pessoa.

Sousa, Jorge Pedro (2002). *Fotojornalismo. Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa*. Porto, disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf>

Sousa, Jorge Pedro (2004). *Introdução à Análise do Discurso Jornalístico Impresso*. Florianópolis, Letras Contemporâneas – Oficina Editorial.

Sousa, Jorge Pedro (Org.) (2008). *Jornalismo: História, Teoria e Metodologia. Perspectivas Luso Brasileiras*. Porto, Universidade Fernando Pessoa

Souza, Marcelo Freire Pereira de; Carreiro, Rodrigo (2009). *Áudio slideshow como formato para reportagens multimídia: primeiras aproximações*. Curitiba, trabalho apresentado no XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1297-1.pdf>

Traquina, Nelson (Org.) (1993) — *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"*. Lisboa, Vega.

Traquina, Nelson (2002). *O que é Jornalismo*. Lisboa, Quimera Editores.

